

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO
JOSÉ EDUARDO BRAGA

VEGÉCIO
COMPÊNDIO DA
ARTE MILITAR

VEGÉCIO

COMPÊNDIO DA ARTE MILITAR

TRADUÇÃO DE
JOÃO GOUVEIA MONTEIRO E
JOSÉ EDUARDO BRAGA

ESTUDO INTRODUTÓRIO, COMENTÁRIOS E
NOTAS DE
JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

PREFÁCIO DE
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensauc@ci.uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

Aldina de Almeida Santos

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

GC - Gráfica de Coimbra, Lda

ISBN

978-989-8074-87-4

ISBN Digital

978-989-26-0501-2

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0501-2>

DEPÓSITO LEGAL

294902/09

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

© OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2004

Vegetius - Epitoma Rei Militaris.

Was originally published by arrangement with Oxford University Press

© MAIO 2009, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO	11
ESTUDO INTRODUTÓRIO	15
I. O EXÉRCITO ROMANO	15
1. A singularidade da máquina de guerra romana e as fontes para o seu estudo.....	15
2. O exército romano nos seus primórdios	23
3. A configuração geral do exército romano – o modelo de Augusto	29
<i>A Guarnição de Roma</i>	31
<i>O Exército das províncias</i>	33
<i>A Marinha</i>	36
4. Do recrutamento militar à reforma: uma vida (militar) bem preenchida	37
<i>A evolução do recrutamento</i>	37
<i>A condição militar</i>	40
<i>O treino militar</i>	44
5. O armamento ao serviço de um modelo táctico bem definido	46
<i>O armamento</i>	46
<i>O modelo táctico</i>	54
6. As principais etapas da evolução do exército imperial romano e o seu enquadramento estratégico	64
II. VEGÉCIO E A <i>EPITOMA REI MILITARIS</i>	87
1. O Autor	87
2. A obra	91
3. As fontes, o método de trabalho e os objectivos	99
4. A saga da <i>Epitoma</i> ao longo dos séculos	108
<i>A tradição manuscrita</i>	109

<i>Traduções e tradutores</i>	113
<i>Proprietários da Epitoma</i>	120
<i>Leitores e leituras – mil razões para conhecer Vegécio</i>	122
5. Vegécio em Portugal	133
III. APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO	149
IV. NOTAS DO ESTUDO INTRODUTÓRIO	153
COMPÊNDIO DA ARTE MILITAR, DE FLÁVIO VEGÉCIO RENATO (VERSÃO BILINGUE).....	171
Livro I	173
Livro II	213
Livro III.....	253
Livro IV	333
NOTAS DA TRADUÇÃO	383
ANEXOS	489
I. ÍNDICE TEMÁTICO	491
II. TÁBUA CRONOLÓGICA.....	517
III. BIBLIOGRAFIA.....	525
IV. NOTAS DOS ANEXOS	531
MAPA	533

COMPÊNDIO DA ARTE MILITAR

DE FLÁVIO VEGÉCIO RENATO

(VERSÃO BILINGUE)

**FLAVII VEGETI RENATI
VIRI ILLUSTRIS COMITIS
EPITOMA REI MILITARIS
LIBRI NUMERO QUATTUOR
INCIPIUNT FELICITER**

Primus liber electionem edocet iuniorum, ex quibus locis vel quales milites probandi sint aut quibus armorum exercitiis imbuendi.

Secundus liber veteris militiae continet morem, ad quem pedestris institui possit exercitus.

Tertius liber omnia artium genera quae terrestri proelio necessaria videntur exponit.

Quartus liber universas machinas quibus vel oppugnantur civitates vel defenduntur enumerat; navalis quoque belli praecepta subnectit.

In omni autem proelio non tam multitudo et virtus indocta quam ars et exercitium solent praestare victoriam.

**O COMPÊNDIO DA ARTE MILITAR DE
FLÁVIO VEGÉCIO RENATO,
VARÃO ILUSTRE E CONDE,
EM NÚMERO DE QUATRO LIVROS,
COMEÇA EM HORA FELIZ**

O primeiro livro ensina a selecção dos jovens, de que lugares ou que tipo de soldados devem ser aprovados, ou por meio de que exercícios devem ser treinados.

O segundo livro contém a tradição do antigo exército, segundo a qual um exército pedestre pode ser constituído.

O terceiro livro expõe todos os tipos de artes que parecem necessárias ao combate terrestre.

O quarto livro enumera todas as máquinas com as quais as cidades ou são atacadas ou são defendidas; e ainda acrescenta os preceitos da guerra naval.

Na verdade, em todo o tipo de combate, não é tanto a multidão e a coragem sem instrução que costumam dar a vitória, mas a arte e o treino.

INCIPIUNT CAPITULA LIBRI PRIMI

- I. Romanos omnes gentes sola armorum exercitatione vicisse
- II. Ex quibus regionibus tirones legendi sint
- III. Utrum ex agris an ex urbibus utiliores sint tirones
- IIII. Cuius aetatis tirones probandi sint
- V. Qua statura iuniores probandi sint
- VI. Ex vultu et positione corporis agnosci in eligendo qui meliores possint esse tirones
- VII. Cuius artis tirones vel eligendi sint vel respuendi
- VIII. Quando tirones signandi sint
- VIIII. Ad gradum militarem et cursum et saltum exercendos tirones
- X. Ad usum natandi exercendos tirones
- XI. Quemadmodum ad scuta viminea vel ad palos antiqui exercebant tirones
- XII. Non caesim sed punctim ferire docendos tirones
- XIII. Armaturam docendos tirones
- XIIII. Tirones exercendos ad missilia iacienda
- XV. Sagittis diligenter tirones imbuendos
- XVI. Ad iactandos lapides fundis exercendos tirones
- XVII. De exercitio plumbatarum
- XVIII. Quemadmodum ad ascendendos equos tirones exercendi sint
- XVIIII. Ad portandum pondus exercendos tirones
- XX. Quo armorum genere usi sint antiqui
- XXI. De munitione castrorum
- XXII. In qualibus locis constituenda sint castra
- XXIII. Quali specie castra delinianda sint
- XXIIII. Quo genere munienda sint castra
- XXV. Quemadmodum munienda sint castra cum hostis immineat

COMEÇAM OS CAPÍTULOS DO LIVRO PRIMEIRO

- I. Os Romanos venceram todos os povos pelo simples exercício das armas.
- II. De que zonas os recrutas devem ser escolhidos.
- III. Se são mais úteis os recrutas dos campos ou das cidades.
- IV. Com que idade os recrutas devem ser aprovados.
- V. Com que estatura os jovens devem ser aprovados.
- VI. Como reconhecer na seleção que recrutas podem ser melhores a partir da sua figura e da postura física.
- VII. De que profissão os recrutas devem ser escolhidos ou rejeitados.
- VIII. Quando é que os recrutas devem ser marcados.
- IX. Como exercitar os recrutas na marcha militar, na corrida e no salto.
- X. Como exercitar os recrutas no hábito de nadar.
- XI. De que modo os antigos exercitavam os recrutas com escudos de vime e nos postes.
- XII. Os recrutas devem ser ensinados a ferir de ponta e não de talho.
- XIII. Os recrutas devem ser ensinados a fazer a *armatura*.
- XIV. Como exercitar os recrutas no arremesso dos mísseis.
- XV. Como instruir diligentemente os recrutas no arremesso de setas.
- XVI. Como exercitar os recrutas no lançamento de pedras com fundas.
- XVII. Sobre o treino com dardos revestidos de chumbo.
- XVIII. De que modo os recrutas devem ser treinados a montar os cavalos.
- XIX. Como exercitar os recrutas a transportar pesos.
- XX. Que tipo de armas usavam os antigos.
- XXI. Sobre a construção de acampamentos.
- XXII. Em que locais devem ser construídos os acampamentos.
- XXIII. De que forma os acampamentos devem ser delineados.
- XXIV. De que forma devem ser fortificados os acampamentos.
- XXV. De que maneira devem ser fortificados os acampamentos quando o inimigo está por perto.

XXVI. Quemadmodum exerceantur tirones ut in acie ordines et intervalla custodiant

XXVII. Quantum spatium ire vel redire debeant vel quotiens in mense exerceri cum educuntur milites ambulatum

XXVIII. De adhortatione rei militaris Romanaeque virtutis

Antiquis temporibus mos fuit bonarum artium studia mandare litteris atque in libros redacta offerre principibus, quia neque recte aliquid inchoatur nisi post Deum faverit imperator neque quemquam magis decet vel meliora scire vel plura quam principem, cuius doctrina omnibus potest prodesse subiectis. Quod Octavianum Augustum ac bonos dehinc principes libenter habuisse frequentibus declaratur exemplis. Sic regnantium testimoniis crebuit eloquentia dum non culpatur audacia.

Hac ego imitatione compulsus dum considero clementiam vestram ausibus litterarum magis ignoscere posse quam ceteros, tanto inferiorem me antiquis scriptoribus esse vix sensi, licet in hoc opusculo nec verborum concinnitas sit necessaria nec acumen ingenii sed labor diligens ac fidelis, ut quae apud diversos historicos vel armorum disciplinam docentes dispersa et involuta celantur pro utilitate Romana proferantur in medium.

De dilectu igitur atque exercitatione tironum per quosdam gradus et titulos antiquam consuetudinem conamur ostendere, non quo tibi, imperator invicte, ista videantur incognita, sed ut quae sponte pro rei publicae salute disponis agnoscas olim custodisse Romani imperii conditores et in hoc parvo libello quicquid de maximis rebus semperque necessariis requirendum credis invenias.

I. Romanos omnes gentes sola armorum exercitatione vicisse:

Nulla enim alia re videmus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militiae.

XXVI. De que modo devem ser treinados os recrutas de forma a preservar os alinhamentos e os espaçamentos na formação de batalha.

XXVII. Que distância devem percorrer, na ida e na volta, e quantas vezes por mês devem ser treinados os soldados quando são levados para marchar.

XXVIII. Sobre a exortação da arte militar e da coragem romanas.

Nos tempos antigos, existiu o costume de mandar oferecer aos imperadores as obras das artes liberais compostas sob a forma de livros. Porque nada é empreendido correctamente a não ser que, depois de Deus, também o imperador o tenha favorecido, e porque nem é muito conveniente que alguém saiba mais ou melhor do que o imperador, cuja sabedoria pode ser útil a todos os súbditos. Que Octávio Augusto e os bons imperadores depois dele a tiveram de bom grado, isso é mostrado por inúmeros exemplos. Assim, a eloquência propagou-se por meio dos testemunhos dos que governavam, ao mesmo tempo que a audácia não era censurada.

Compelido por este exemplo, enquanto penso que Vossa Clemência é capaz de perdoar mais do que outros as ousadias das letras e que a custo percebi que sou em muito inferior aos antigos escritores, é lícito que nesta obrzinha não sejam necessárias, nem a harmonia das palavras, nem a subtileza do espírito, mas sim um trabalho diligente e fiel, para que aquelas matérias que estão encerradas, dispersas e escondidas junto de diversos autores históricos e junto daqueles que ensinam a disciplina das armas sejam apresentadas em público, em benefício dos Romanos.

Por conseguinte, tentamos mostrar por partes e capítulos qual o costume antigo sobre a escolha e o treino dos recrutas. Não que para ti, Imperador Invicto, estes assuntos pareçam desconhecidos, mas para que tu reconheças aquelas matérias que outrora os fundadores do Império Romano conservaram e que tu tens à tua disposição de livre vontade, em prol do bem-estar da República, e para que encontres neste pequeno livrinho o que quer que seja que tu acreditas que deve ser procurado sobre os temas mais importantes e sempre necessários.

I. Os Romanos venceram todos os povos pelo simples exercício das armas:

Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o Mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos

quid enim adversus Gallorum multitudinem paucitas Romana valuisset? Quid adversus Germanorum proceritatem brevitatis potuisset audere? Hispanos quidem non tantum numero sed et viribus corporum nostris praestitisse manifestum est; Afrorum dolis atque divitiis semper impares fuimus; Graecorum artibus prudentiaque nos vinci nemo dubitavit. Sed adversus omnia profuit tironem sollerter eligere, ius, ut ita dixerim, armorum docere, cotidiano exercitio roborare, quaecumque evenire in acie atque in proeliis possunt omnia in campestri meditatione praenosceri, severe in desides vindicare. Scientia enim rei bellicae dimicandi nutrit audaciam: nemo facere metuit quod se bene didicisse confidit. Etenim in certamine bellorum exercitata paucitas ad victoriam promptior est, rudis et indocta multitudo exposita semper ad caedem.

II. Ex quibus regionibus tirones legendi sint:

Rerum ordo deposcit ut ex quibus provinciis vel nationibus tirones legendi sint prima parte tractetur.

Constat quidem in omnibus locis et ignavos et strenuos nasci, sed tamen et gens gentem praecedit in bello et plaga caeli ad robur non tantum corporum sed etiam animorum plurimum valet; quo loco ea quae a doctissimis hominibus comprobata sunt non omittam. Omnes nationes quae vicinae sunt soli, nimio calore siccitas, amplius quidem sapere sed minus habere sanguinis dicunt ac propterea constantiam ac fiduciam comminus non habere pugnandi, quia metuunt vulnera qui exiguum sanguinem se habere noverunt. Contra septentrionales populi, remoti a solis ardoribus, inconsultiores quidem sed tamen largo sanguine redundantes, sunt ad bella promptissimi. Tirones igitur de temperatioribus legendi sunt plagis, quibus et copia sanguinis suppetat ad vulnerum mortisque contemptum et non possit deesse prudentia, quae et modestiam servat in castris et non parum prodest in dimicatione consiliis.

acampamentos e pela experiência do exército. Na verdade, o que é que teria valido a escassez romana contra a multidão dos Gauleses? O que é que teria podido ousar a baixa estatura romana face à elevada estatura dos Germanos? É manifesto que os Hispanos foram superiores aos nossos, não só pelo número, mas também pelas forças dos corpos; nós sempre fomos inferiores às manhas e às riquezas dos Africanos. Ninguém duvidou de que nós fomos vencidos pelas artes e pelo engenho dos Gregos. Mas contra tudo isto foi útil escolher habilmente o recruta, foi útil ensinar as regras, para me exprimir assim, das armas, foi útil fortificar pelo exercício diário, foi útil antecipar em trabalho de campo tudo o que pode acontecer na linha de batalha e nos combates e foi útil castigar severamente a negligência. Com efeito, o conhecimento da arte da guerra alimenta a audácia de lutar: ninguém receia fazer aquilo que acredita ter aprendido bem. E, na verdade, nas disputas bélicas, um reduzido número de homens exercitados está mais apto para a vitória, enquanto a multidão rude e inculta está sempre exposta ao massacre.

II. De que zonas os recrutas devem ser escolhidos:

A ordem dos assuntos exige que se trate, na primeira parte, de que províncias ou nações devem ser escolhidos os recrutas.

Na verdade, ainda que se reconheça que, em todos os lugares, nascem quer homens cobardes, quer corajosos, contudo não só uma nação é superior a outra na guerra, mas também a zona terrestre influencia a robustez, não apenas dos corpos, como também dos espíritos; eu não omitirei, neste passo, aqueles aspectos que foram reconhecidos por homens cultíssimos. Dizem que todas as nações que são vizinhas do sol, ressequidas pelo calor excessivo, têm, na verdade, mais inteligência, mas têm menos sangue e, por causa disso, não têm a firmeza e a confiança de lutar corpo-a-corpo porque receiam as feridas, uma vez que sabem que têm pouco sangue. Pelo contrário, os povos setentrionais, afastados dos ardores do sol e, na verdade, irreflectidos, tendo contudo sangue em abundância, estão prontíssimos para a guerra. Portanto, devem ser escolhidos nas regiões temperadas os recrutas cuja abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, mas também aos quais não falte a prudência, que não só conserva a disciplina no acampamento mas que também não é de menos utilidade às decisões no combate.

III. Utrum ex agris an ex urbibus utiliores sint tirones:

Sequitur ut utrum de agris an de urbibus utilior tiro sit requiramus.

De qua parte numquam credo potuisse dubitari aptiorem armis rusticam plebem, quae sub divo et in labore nutritur, solis patiens, umbrae neglegens, balnearum nescia, deliciarum ignara, simplicis animi, parvo contenta, duratis ad omnem laborum tolerantiam membris, cui gestare ferrum, fossam ducere, onus ferre, consuetudo de rure est.

Interdum tamen necessitas exigit etiam urbanos ad arma compelli; qui ubi nomen dedere militiae primum laborare, decurrere, portare pondus et solem pulveremque ferre condiscant, parvo victu utantur et rustico, interdum sub divo interdum sub papilionibus commorentur. Tunc demum ad usum erudiantur armorum, et si longior expeditio emergit in agrariis plurimum detinendi sunt proculque habendi a civitatis inlecebris, ut eo modo et corporibus eorum robur accedat et animis.

Nec inficiandum est post urbem conditam Romanos ex civitate profectos semper ad bellum, sed tunc nullis voluptatibus, nullis deliciis frangebantur; sudorem cursu et campestri exercitio collectum natans iuventus abluebat in Tiberi; idem bellator, idem agricola, genera tantum mutabat armorum; quod usque adeo verum est ut aranti Quintio Cincinnato dictaturam constet oblatam.

Ex agris ergo supplendum robur praecipue videtur exercitus. Nescioquomodo enim minus mortem timet qui minus deliciarum novit in vita.

IV. Cuius aetatis tirones probandi sint:

Nunc qua aetate milites legi conveniat exploremus. Et quidem, si antiqua consuetudo servanda est, incipientem pubertatem ad dilectum cogendam nullus ignorat; non enim tantum celerius sed etiam perfectius imbibuntur quae discuntur a pueris. Deinde militaris alacritas, saltus et cursus ante temptandus est quam corpus aetate pigrescat; velocitas enim est quae percepto exercitio strenuum efficit bellatorem. Adulescentes

III. Se são mais úteis os recrutas dos campos ou das cidades:

Em seguida, devemos investigar se é mais útil um recruta do campo ou da cidade.

Sobre este ponto, creio que nunca pôde duvidar-se de que o povo dos campos era mais apto para as armas¹, povo que se cria ao ar livre e no trabalho, suportando o sol e desprezando a sombra, desconhecedor dos banhos e ignorante dos prazeres, de espírito simples e satisfeito com pouco, com os membros endurecidos e capazes de tolerar todo o tipo de trabalho e para quem manejar o ferro, abrir um fosso ou carregar um fardo são hábitos da vida no campo.

Contudo, a necessidade por vezes exige que também habitantes das cidades sejam recrutados; estes, assim que tenham dado o nome para o serviço militar, devem aprender bem a trabalhar, a manobrar, a carregar pesos e a suportar o sol e o pó, devem adoptar uma alimentação parca e simples e devem acampar ora ao ar livre, ora em tendas. Só então, devem ser treinados no uso das armas e, se surgir uma campanha mais longa, devem ser destacados o mais tempo possível em postos avançados nos campos e devem ser mantidos longe das seduções da cidade, para que, deste modo, a robustez impregne não só os seus corpos mas também os seus espíritos.

Nem se deve negar que, depois da fundação da sua cidade², os Romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhuns prazeres, por nenhuns luxos; a juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava³.

Por conseguinte, parece que a solidez do exército deve provir essencialmente dos campos. Na verdade, sem eu saber bem porquê, teme menos a morte aquele que conhece menos prazeres ao longo da vida.

IV. Com que idade os recrutas devem ser aprovados:

Examinemos agora com que idade convém que os soldados sejam escolhidos. Com efeito, se é de conservar o costume antigo, então ninguém ignora que a juventude, no início da puberdade, deve ser compelida ao recrutamento⁴. Na verdade, o que é aprendido pelos rapazes é assimilado não só mais rapidamente mas sobretudo mais perfeitamente. Depois, o ardor militar, o salto e a corrida, devem ser experimentados antes que o corpo amoleça com a idade; com

legendi sunt, sicut ait Sallustius; nam 'simul ac iuventus belli patiens erat in castris per laborem usum militiae discebant'. Melius enim est ut exercitatus iuvenis causetur aetatem nondum advenisse pugnandi quam doleat praeterisse. Habeat etiam spatium universa discendi; neque enim parva aut levis ars videtur armorum, sive equitem sive peditem sagittarium velis imbuere sive scutatum, armaturae numeros omnes omnesque gestus docere, ne locum deserat, ne ordines turbet, ut missile et destinato ictu et magnis viribus iaciat, ut fossam ducere, sudes scienter figere noverit, tractare scutum et obliquis ictibus venientia tela deflectere, plagam prudenter vitare, audacter inferre. Huic taliter instituto tironi pugnare adversus quoslibet hostes in acie formido non erit sed voluptas.

V. Qua statura iuniores probandi sint:

Proceritatem tironum ad incomam scio semper exactam, ita ut senos pedes vel certe quinos et denas uncias inter alares equites vel in primis legionum cohortibus probarentur. Sed tunc erat amplior multitudo, et plures militiam sequebantur armatam; necdum enim civilis pars florentiorem abduxerat iuventutem. Si ergo necessitas exigit, non tam staturae rationem convenit habere quam virium. Et ipso Homero teste non fallimur, qui Tydeum minorem quidem corpore sed fortiorem armis fuisse significat.

VI. Ex vultu et positione corporis agnosci in eligendo qui meliores possint esse tirones:

Sed qui dilectum acturus est vehementer intendat ut ex vultu, ex oculis, ex omni conformatione membrorum, eos eligat qui implere valeant bellatores. Namque non tantum in hominibus sed etiam in equis et canibus virtus multis declaratur indiciis, sicut doctissimorum hominum disciplina comprehendit; quod etiam in apibus Mantuanus auctor dicit esse servandum:

efeito, a velocidade é que, adquirido o treino, torna o guerreiro intrépido. Os adolescentes devem ser escolhidos tal como diz Salústio: “logo que os jovens eram capazes de suportar a guerra, eles aprendiam no acampamento, pelo seu trabalho, a prática militar”⁵. Na verdade, é melhor que o jovem adolescente alegue que a idade de combater ainda não chegou do que lamente que ela já passou. Ele deve ter também tempo para aprender tudo; com efeito, a arte da guerra parece não ser pequena nem ligeira se se quiser instruir um cavaleiro, ou um arqueiro-peão, ou um soldado de infantaria com escudo e ensinar todos os trâmites e movimentos da *armatura*⁶, para que ele não abandone o lugar, nem perturbe as linhas, para que lance o míssil não só com pontaria, mas também com grande força, para que saiba cavar um fosso e espetar habilmente estacas, para que saiba manejar o escudo, desviar com gestos oblíquos os projecteis que chegam, evitar prudentemente um golpe e atacar com audácia. Para este recruta assim treinado, lutar contra qualquer tipo de inimigo em formação de batalha será não um terror, mas um prazer.

V. Com que estatura os jovens devem ser aprovados:

Eu sei que a altura dos recrutas foi sempre aferida pela altura-padrão, de tal forma que eles fossem admitidos com seis pés ou pelo menos com cinco pés e dez polegadas entre os cavaleiros das alas ou nas primeiras coortes das legiões⁷. Mas então o número de jovens era maior e muitos seguiam a carreira militar; na verdade, a vida civil ainda não tinha desviado dela a juventude mais promissora. Portanto, se a necessidade o exige, convém ter em consideração não tanto o critério da estatura, mas sim o da força. E nós não estamos errados, pois assim o testemunha o próprio Homero, ao declarar que Tideu⁸, embora fosse mais pequeno de corpo, era contudo mais forte nas armas.

VI. Como reconhecer na selecção que recrutas podem ser melhores a partir da sua figura e da postura física:

Mas aquele que tenciona fazer um recrutamento deve estar muito atento para escolher, a partir do rosto, dos olhos e da configuração dos membros, aqueles que valha a pena ocupar como soldados. O facto é que, não só nos homens mas também nos cavalos e nos cães, a qualidade é denunciada por muitos indícios, tal como a doutrina de homens muito instruídos ensina; e o autor mantuano⁹ diz que até nas abelhas isso se deve observar:

Nam duo sunt genera: hic melior, insignis et ore
et rutilus clarus squamis, ille horridus alter
desidia latamque trahens inglorius alvum.

Sit ergo adulescens Martio operi deputandus vigilantibus oculis,
erecta cervice, lato pectore, umeris musculosis, valentibus brachiis,
digitis longioribus, ventre modicus, exilior clunibus, suris et pedibus
non superflua carne distentis sed nervorum duritia collectis. Cum haec
in tirone signa deprenderis, proceritatem non magnopere desideres.
Utilius est enim fortes milites esse quam grandes.

VII. Cuius artis tirones vel eligendi sint vel respuendi:

Sequitur ut cuius artis vel eligendi vel penitus repudiandi sint milites
indagemus.

Piscatores aucupes dulciarios linteones omnesque qui aliquid tractasse
videbuntur ad gynaecea pertinens longe arbitror pellendos a castris;
fabros ferrarios carpentarios macellarios et cervorum aprorumque
venatores convenit sociare militiae. Et hoc est in quo totius rei publicae
salus vertitur, ut tirones non tantum corporibus sed etiam animis
praestantissimi deligantur. Vires regni et Romani nominis fundamentum
in prima dilectus examinatione consistunt.

Nec leve hoc putetur officium aut passim quibuscumque mandandum;
quod apud veteres inter tam varia genera virtutum in Sertorio praecipue
constat esse laudatum. Iuventus enim cui defensio provinciarum, cui
bellorum est committenda fortuna, et genere, si copia suppetat, et moribus
debet excellere. Honestas enim idoneum militem reddit, verecundia, dum
prohibet fugere, facit esse victorem. Quid enim prodest si exerceatur
ignavus, si pluribus stipendiis moretur in castris? Numquam exercitus
proficit tempore cuius in probandis tironibus claudicarit electio. Et
quantum usu experimentisque cognovimus, hinc tot ubique ab hostibus
inlatae sunt clades, dum longa pax militem incuriosius legit, dum
honestiores quique civilia sectantur officia, dum indicti possessoribus
tirones per gratiam aut dissimulationem probantium tales sociantur

“Pois, existem duas espécies: uma, mais nobre, de aspecto magnífico
E resplandecente com rutilantes malhas; outra, sombria
A arrastar sem glória e com preguiça o enorme ventre”.

Portanto, o adolescente que deve ser destinado ao trabalho de Marte deve ter olhos vigilantes, cabeça erguida, peito largo, ombros musculados, braços fortes, dedos bem longos, estômago pequeno, ancas bastante estreitas, pernas e pés despojados de gorduras e fortalecidos pela dureza dos músculos. Quando se reconhecerem estes sinais num recruta, não se deve procurar muito uma elevada estatura. Com efeito, é mais útil que os soldados sejam fortes do que altos.

VII. De que profissão os recrutas devem ser escolhidos ou rejeitados:

Em seguida, devemos investigar de que profissão os soldados devem ser escolhidos ou completamente rejeitados.

Pescadores, passarinheiros, pasteleiros, tecelões e todos aqueles que parecerem trabalhar em alguma actividade feminina julgo, sem dúvida alguma, que devem ser afastados dos acampamentos; ferreiros, carpinteiros, carnicheiros e caçadores de veados e de javalis, esses convém juntar ao exército. E é nisto que reside a segurança de toda a república: que sejam escolhidos recrutas excelentíssimos não só pelos seus corpos, mas também pelos seus espíritos. A força da autoridade e o fundamento do povo romano baseiam-se numa primeira avaliação no momento do recrutamento.

E não se julgue esta uma tarefa fácil ou que deva ser confiada indiferentemente a qualquer um; tarefa que, entre os antigos, se reconhece ter sido louvada antes de mais em Sertório¹⁰, entre um tão variado tipo de virtudes. Na verdade, a juventude, a quem a defesa das províncias e a quem a sorte das guerras devem ser confiadas, deve ser excelente não só pelo nascimento, se a abundância o permitir, mas também pelos costumes. Com efeito, a dignidade gera um soldado excelente, e o sentimento de vergonha, na medida em que o proíbe de fugir, faz dele um vencedor. O que é que na verdade se aproveita em treinar um cobarde, quando ele permanece no acampamento à custa de muitos soldos? Nunca o exército tem proveito quando o respectivo recrutamento falha na selecção dos mancebos. E tal como sabemos pela prática e pela experiência, é a partir dessa causa que tantas derrotas foram causadas pelos nossos inimigos em toda a parte, quando

armis quales domini habere fastidiunt. A magnis ergo viris magnaue diligentia idoneos eligi convenit iuniores.

VIII. Quando tirones signandi sint:

Sed non statim punctis signorum inscribendus est tiro delectus verum ante exercitio pertemptandus, ut utrum vere tanto operi aptus sit possit agnosci. Et velocitas in illo requirenda videtur et robur, et utrum armorum disciplinam ediscere valeat, utrum habeat confidentiam militarem. Plerique enim, quamvis non improbables videantur in specie, tamen experimentis comprobantur indigni. Repudiandi ergo minus utiles et in locum eorum strenuissimi subrogandi sunt. In omni enim conflictu non tam prodest multitudo quam virtus.

Signatis itaque tironibus per cotidiana exercitia armorum est demonstranda doctrina. Sed huius rei usum dissimulatio longae securitatis abolevit. Quem invenias qui docere possit quod ipse non didicit? De historiis ergo vel libris nobis antiqua consuetudo repetenda est. Sed illi res gestas et eventus tantum scripsere bellorum, ista quae nunc quaerimus tamquam nota linquentes. Lacedaemonii quidem et Athenienses aliique Graecorum in libros rettulere complura quae tactica vocant, sed nos disciplinam militarem populi Romani debemus inquirere, qui ex parvissimis finibus imperium suum paene solis regionibus et mundi ipsius fine distendit. Haec necessitas compulit evolutis auctoribus ea me in hoc opusculo fidelissime dicere quae Cato ille Censorius de disciplina militari scripsit, quae Cornelius Celsus, quae Frontinus perstringenda duxerunt, quae Paternus, diligentissimus iuris militaris assertor, in libros redegit, quae Augusti et Traiani Adrianique constitutionibus cauta sunt. Nihil enim mihi auctoritatis assumo sed horum quos supra rettuli quae dispersa sunt velut in ordinem epitomata conscribo.

uma longa paz deu azo a uma escolha mais negligente dos soldados, quando os jovens mais ilustres seguiam os cargos civis e quando os mancebos que, indicados pelos proprietários por meio de favor ou desleixo dos recrutadores, se juntavam ao exército eram de tal espécie que até os seus senhores tinham repugnância em tê-los¹¹. Em conclusão, convém que sejam escolhidos por grandes homens e com grande cuidado os jovens mais capazes.

VIII. Quando é que os recrutas devem ser marcados:

O recruta escolhido não deve ser imediatamente marcado com as picadas distintivas¹², mas deve ser testado primeiro no treino militar, para que se possa perceber se, na verdade, está apto para tamanha função. Parece que devem ser requeridas nele não só a velocidade, mas também a robustez e, ainda, se vale a pena aprender a arte das armas, se ele tem confiança para ser militar. Com efeito, embora pelo seu aspecto a maior parte pareça susceptível de ser aprovada, a experiência do treino revela-a contudo como inadequada. Portanto, devem ser rejeitados os menos úteis e devem ser escolhidos para o lugar deles os mais capazes. Na verdade, em todo o tipo de conflitos, não aproveita tanto a quantidade quanto a coragem.

Assim, deve mostrar-se aos recrutas já marcados a ciência das armas por meio de exercícios diários. Mas a negligência provocada por um longo período de segurança aboliu o uso desta prática. Conhece-se alguém que possa ensinar aquilo que ele próprio não aprendeu? Portanto, devemos recuperar o antigo costume, a partir dos livros de História ou de outros. Mas estes narram somente as façanhas e as peripécias das guerras, deixando de lado como conhecidos estes assuntos que nós agora investigamos. Na verdade, os Lacedemónios¹³, os Atenienses e outros Gregos expuseram muitas matérias em livros a que dão o nome de *tactica*, mas nós devemos pesquisar o sistema militar do povo romano, que alargou o seu império a partir de territórios pequeníssimos quase até às regiões do sol e aos confins do próprio Mundo. Esta necessidade obrigou-me, consultados os autores, a dizer o mais fielmente possível neste opúsculo aquelas coisas que o célebre Catão-o-Censor escreveu sobre o sistema militar, aquilo que Cornélio Celso e Frontino pensaram que devia ser exposto, aquilo que Paterno, um defensor zelosíssimo do direito militar, redigiu em livros, aquilo que foi estabelecido pelas constituições de Augusto, de Trajano e de Adriano¹⁴. Com efeito, eu não me arrego nenhuma autoridade, apenas organizo sob a forma de resumos as matérias daqueles que acima referi e que se encontram dispersas.

VIII. Ad gradum militarem et cursum et saltum exercendos tirones:

Primis ergo meditationum auspiciis tirones militarem edocendi sunt gradum. Nihil enim magis in itinere vel in acie custodiendum est quam ut omnes milites incedendi ordinem servant, quod aliter non potest fieri nisi assiduo exercitio ambulare celeriter et aequaliter discant. Periculum enim ab hostibus semper gravissimum sustinet divisus et inordinatus exercitus. Militari ergo gradu viginti milia passuum horis quinque dumtaxat aestivis conficienda sunt. Pleno autem gradu, qui citatior est, totidem horis viginti quattuor milia peragenda sunt. Quicquid addideris iam cursus est, cuius spatium non potest definiri.

Sed et cursu praecipue adsuefaciendi sunt iuniores, ut maiore impetu in hostem procurrant, ut loca oportuna celeriter cum usus advenerit occupent vel adversariis idem facere volentibus praeoccupent, ut ad explorandum alacriter pergant, alacrius redeant, ut fugientium facilius terga comprehendant.

Ad saltum etiam, quo vel fossae transiliuntur vel impediens aliqua altitudo superatur, exercendus est miles, ut cum eiusmodi difficultates evenerint possint sine labore transire.

Praeterea in ipso conflictu ac dimicatione telorum bellator cum cursu saltuque veniens adversarii praestringit oculos mentemque deterret priusque plagam infligit quam ille ad cavendum vel ad resistendum certe se praeparet. De exercitio Gnaei Pompei Magni Sallustius memorat ‘cum alacribus saltu, cum velocibus cursu, cum validis vecte certabat’. Neque enim ille aliter potuisset par esse Sertorio nisi seque et milites frequentibus exercitiis praeparasset ad proelia.

X. Ad usum natandi exercendos tirones:

Natandi usum aestivis mensibus omnis aequaliter debet tiro condiscere. Non enim semper pontibus flumina transeuntur, sed et cedens et insequens natare cogitur frequenter exercitus. Saepe repentinis imbribus vel nivibus solent exundare torrentes, et ignorantia non solum ab hoste sed etiam ab ipsis aquis discrimen incurrit. Ideoque Romani veteres,

IX. Como exercitar os recrutas na marcha militar, na corrida e no salto:

Assim, os recrutas devem aprender a marcha militar no princípio da sua formação. Pois nada deve ser mais acautelado na coluna de marcha ou na linha de batalha do que todos os soldados manterem a ordem de progressão, o que só pode acontecer se aprenderem por meio de um treino regular a caminhar rápida e uniformemente. Na verdade, um exército dividido e desordenado corre sempre um perigo gravíssimo perante os inimigos. Portanto, em marcha militar, devem ser percorridos vinte mil passos¹⁵ em cinco horas, pelo menos de Verão. Mas, em marcha com passo acelerado, que é mais rápida, nas mesmas horas devem ser percorridos vinte e quatro mil passos¹⁶. O que quer que seja que se acrescente a isto já é passo de corrida, cujo alcance não pode ser pré-determinado.

Mas os jovens devem ser habituados principalmente à corrida, para que avancem contra o inimigo com um ímpeto maior, para que, quando a necessidade surgir, ocupem rapidamente as posições convenientes, ou para que se antecipem aos adversários desejosos de fazer o mesmo, para que realizem velozmente os trabalhos de exploração e para que deles regressem ainda mais rapidamente, para que apanhem mais facilmente os inimigos em fuga.

O soldado deve ainda ser treinado no salto, por meio do qual os fossos são ultrapassados ou algum obstáculo impeditivo é superado, para que, quando dificuldades deste tipo surgirem, eles as possam ultrapassar sem esforço.

Para além disso, nos próprios embates e batalhas, o guerreiro que utiliza armas de arremesso, ao avançar em corrida e em salto, confunde o olhar e aterroriza a mente do adversário, e atinge-o antes que o inimigo esteja minimamente preparado para o evitar ou para lhe resistir. Salústio lembra, sobre a prática de Gneu Pompeu Magno, que “ele rivalizava com os ágeis no salto, com os velozes na corrida, com os fortes na luta”¹⁷. Com efeito, nem ele poderia ter estado à altura de Sertório¹⁸ se ele próprio e os seus soldados não se tivessem preparado, por meio de exercícios frequentes, para os combates.

X. Como exercitar os recrutas no hábito de nadar:

Todo o recruta deve aprender igualmente, durante os meses do Verão, o hábito de nadar. Na verdade, nem sempre os rios são atravessados por pontes, pelo que o exército, ao avançar e ao retirar, é frequentemente obrigado a nadar. Muitas vezes, os rios transbordam por causa de chuvas ou de neves repentinas, e a ignorância da arte de nadar origina um grave perigo, que sobrevém não só do inimigo como

quos tot bella et continuata pericula ad omnem rei militaris erudiverant artem, campum Martium vicinum Tiberi delegerunt in quo iuventus post exercitium armorum sudorem pulveremque dilueret ac lassitudinem cursus natandi labore deponeret. Non solum autem pedites sed et equites ipsosque equos vel lixas, quos galliarios vocant, ad natandum exercere percommodum est, ne quid imperitis cum necessitas incumbit eveniat.

XI. Quemadmodum ad scuta viminea vel ad palos antiqui exercebant tirones:

Antiqui, sicut invenitur in libris, hoc genere exercuere tirones: scuta de vimine in modum cratium corrotundata texebant ita ut duplum pondus cratis haberet quam scutum publicum habere consuevit, itemque clavas ligneas duplicis aequae ponderis pro gladiis tironibus dabant, eoque modo non tantum mane sed etiam post meridiem exercebantur ad palos. Palorum enim usus non solum militibus sed etiam gladiatoribus plurimum prodest, nec umquam aut harena aut campus invictum armis virum probavit nisi qui diligenter exercitatus docebatur ad palum. A singulis autem tironibus singuli pali defigebantur in terram ita ut nutare non possent et sex pedibus eminent; contra illum palum tamquam contra adversarium tiro cum crate illa et clava velut cum gladio se exercebat et scuto, ut nunc quasi caput aut faciem peteret, nunc a lateribus minaretur, interdum contenderet poplites et crura succidere, recederet adsultaret insiliret, quasi praesentem adversarium, sic palum omni impetu, omni bellandi arte temptaret. In qua meditatione servabatur illa cautela ut ita tiro ad inferendum vulnus insurgeret ne qua parte ipse pateret ad plagam.

XII. Non caesim sed punctim ferire docendos tirones:

Praeterea non caesim sed punctim ferire discebant. Nam caesim pugnantes non solum facile vicere sed etiam derisere Romani. Caesa

das próprias águas. Por este motivo, os antigos Romanos, educados por tantas guerras e perigos continuados em todo o tipo de conhecimento da arte militar, escolheram o Campo de Marte, vizinho do rio Tibre, no qual a juventude, após o treino das armas, poderia lavar o suor e o pó e poderia aliviar o cansaço da corrida pela prática da natação. Mas é conveniente exercitar na natação não só os peões mas também os cavaleiros e os próprios cavalos e ainda os serventes, a que chamam *galliarios*, para que não aconteça nada aos inexperientes, quando a necessidade surgir¹⁹.

XI. De que modo os antigos exercitavam os recrutas com escudos de vime e nos postes:

De acordo com o que se lê nos livros, os antigos treinavam os recrutas desta forma: teciam escudos de vime arredondados à maneira de grades, de forma a que cada um tivesse de peso duas vezes mais do que costuma ter o escudo comum²⁰ e davam também aos recrutas, em vez de gládios²¹, maças de madeira igualmente com o dobro do peso; e, deste modo, treinavam contra os postes, não apenas pela manhã mas também depois do meio-dia²². Com efeito, o treino contra os postes é extremamente útil não só aos soldados como também aos gladiadores: nunca a arena ou o campo de batalha revelam um homem invencível nas armas, salvo aquele que, cuidadosamente exercitado, foi instruído no poste. Cada um dos postes era espetado no chão por cada um dos recrutas, de tal modo que não pudesse abanar e se elevasse seis pés²³ acima do solo. Contra este poste, da mesma maneira que contra um adversário, o recruta exercitava-se com aquele escudo de vime e com a maça, como se treinasse com o gládio e com o escudo comum, ora para procurar atingir o poste como a uma cabeça ou a um rosto, ora para o ameaçar pelos flancos, para por vezes tentar golpear os joelhos e as pernas, para recuar, para avançar, para saltar contra este poste como se de um adversário real se tratasse, para deste modo atacar o poste com todo o ardor e com toda a arte de combater. Neste treino, usava-se de uma tal cautela, de modo a que quando o recruta atacasse para infligir um golpe, não se expusesse ele próprio a um ferimento em alguma parte do seu corpo.

XII. Os recrutas devem ser ensinados a ferir de ponta e não de talho:

Além disso, os recrutas aprendiam a ferir não de talho, mas com a ponta. Na verdade, os Romanos não só venceram facilmente como até se riram dos que

enim, quovis impetu veniat, non frequenter interficit, cum et armis vitalia defendantur et ossibus; at contra puncta duas uncias adacta mortalis est; necesse est enim ut vitalia penetret quicquid immergitur. Deinde, dum caesa infertur, brachium dextrum latusque nudatur; puncta autem tecto corpore infertur et adversarium sauciat antequam videat. Ideoque ad dimicandum hoc praecipue genere usos constat esse Romanos.

Dupli autem ponderis illa cratis et clava ideo dabantur ut cum vera et leviora tiro arma sumpsisset velut graviore pondere liberatus securior alacriorque pugnaret.

XIII. Armaturam docendos tirones:

Praeterea illo exercitii genere quod armaturam vocant et campidoctoribus traditur imbuendus est tiro; qui usus vel ex parte servatur. Constat enim etiam nunc in omnibus proeliis armaturas melius pugnare quam ceteros. Ex quo intellegi debet quantum exercitatus miles inexercitato sit melior, cum armatura utcumque eruditi reliquos contubernales suos bellandi arte praecedant.

Ita autem severe apud maiores exercitii disciplina servata est ut et doctores armorum duplis remunerarentur annonis et milites qui parum in illa prolusione profecerant pro frumento hordeum cogerentur accipere nec ante eis in tritico redderetur annona quam sub praesentia praefecti legionis tribunorum vel principiorum experimentis datis ostendissent se omnia quae erant in militari arte complere.

Nihil enim neque firmitus neque laudabilius neque felicius est re publica in qua abundant milites eruditi. Non enim vestium nitor vel auri argenti gemmarumque copiae hostes aut ad reverentiam nostram aut ad gratiam inclinant, sed solo terrore subiguntur armorum. Deinde in aliis rebus, sicut ait Cato, si quid erratum est, potest postmodum corrigi: proeliorum delicta emendationem non recipiunt, cum poena statim sequatur errorem;

golpeavam de talho. Com efeito, o corte com o gume, venha com que força vier, raramente mata, uma vez que os órgãos vitais são protegidos quer pelas armas defensivas quer pelos ossos; mas, pelo contrário, uma estocada que penetre duas polegadas²⁴ é fatal; na verdade, o que quer que seja que se enterre no corpo tem como consequência necessária atingir os órgãos vitais. Por outro lado, enquanto o golpe de talho é desferido, o braço e o flanco direitos ficam desguarnecidos; porém, a estocada é desferida com o corpo protegido e fere o adversário antes de ele se aperceber disso. Por estes motivos, é sabido que os Romanos usaram principalmente este modo para lutar.

Eram dados, por isso, ao recruta aquele escudo de vime e aquela maça com o peso a dobrar, para que, ao pegar nas armas verdadeiras e mais leves, ele lutasse mais seguro e mais ágil, como que liberto da carga mais pesada.

XIII. Os recrutas devem ser ensinados a fazer a *armatura*:

Além disso, o recruta deve ser acostumado naquele gênero de exercício a que chamam *armatura*, o qual é transmitido pelos *campidoctores*²⁵; trata-se de um costume que, em parte, ainda se conserva. Na verdade, é sabido que, mesmo agora, os soldados instruídos na *armatura* lutam melhor do que os restantes em todos os combates. O que permite perceber como é melhor o soldado treinado do que o não treinado, visto que, por pouco instruídos que sejam na prática da *armatura*, são superiores aos seus restantes camaradas na arte de combater.

Além disso, a disciplina do treino militar foi conservada entre os nossos antepassados tão severamente que não só os mestres de armas²⁶ eram remunerados com o dobro da anona²⁷, como também os soldados que tinham progredido pouco nesta aprendizagem eram obrigados a aceitar cevada em vez de trigo, e nem a anona lhes era restabelecida em trigo antes que tivessem mostrado, na presença do prefeito da legião, dos tribunos ou dos oficiais superiores, por meio de provas concretas, que eles preenchiam todos os requisitos exigidos pela arte militar.

Na verdade, nada é nem mais sólido, nem mais louvável, nem mais salutar do que um Estado em que abundam os soldados instruídos. Com efeito, a magnificência das vestes ou as riquezas em ouro, em prata e em jóias, não levam os inimigos nem ao respeito nem à amizade para connosco; eles são submetidos apenas pelo terror das armas. E, em outras matérias, tal como diz Catão, se se cometeu algum erro, isso pode ser corrigido mais tarde; já os erros em combate não admitem emenda, visto que o castigo se segue imediatamente ao erro; pois aqueles que

nam aut confestim pereunt qui ignave imperiteque pugnaverint aut in fugam versi victoribus ultra pares esse non audent.

XIIII. Tirones exercendos ad missibilia iacienda:

Sed ad inceptum revertor. Tiro qui cum clava exercetur ad palum hastilia quoque ponderis gravioris quam vera futura sunt iacula adversum illum palum tamquam adversus hominem iactare compellitur. In qua re armorum doctor attendit ut magnis viribus hastile contorqueat, ut destinato ictu vel in palum vel iuxta dirigat missile. Eo enim exercitio et lacertis robur adcrecit et iaculandi peritia atque usus adquiritur.

XV. Sagittis diligenter tirones imbuendos:

Sed prope tertia vel quarta pars iuniorum, quae aptior potuerit repperiri, arcubus ligneis sagittisque lusoriis illos ipsos exercenda est semper ad palos. Et doctores ad hanc rem artifices eligendi et maior adhibenda sollertia ut arcum scienter teneant, ut fortiter impleant, ut sinistra fixa sit, ut dextra cum ratione ducatur, ut ad illud quod feriendum est oculus pariter animusque consentiat, ut sive in equo sive in terra rectum sagittare doceantur. Quam artem et disci opus est diligenter et cotidiano usu exercitioque servari.

Quantum autem utilitatis boni sagittarii in proeliis habeant et Cato in libris de disciplina militari evidenter ostendit et Claudius pluribus iaculatoribus institutis atque perdoctis hostem cui prius impar fuerat superavit. Africanus quidem Scipio, cum adversus Numantinos, qui exercitus populi Romani sub iugum miserant, esset acie certaturus, aliter se superiorem futurum esse non credidit nisi in omnibus centuriis lectos sagittarios miscuisset.

XVI. Ad iactandos lapides fundis exercendos tirones:

Ad lapides vero vel manibus vel fundis iaciendos exerceri diligenter convenit iuniores. Fundarum usum primi Balearium insularum habitatores

lutaram cobarde e desastradamente, ou morrem de imediato ou, postos em fuga, não ousam voltar a enfrentar os rivais que os venceram.

XIV. Como exercitar os recrutas no arremesso dos mísseis:

Mas regresso ao assunto. O recruta que é treinado com a maça deve também ser obrigado a lançar contra o poste, tal como se fosse contra um homem, hastes com um peso maior do que aquele que os verdadeiros dardos terão. Neste exercício, o mestre de armas está atento a que o recruta lance a haste com grande força e a que ele arremesse o míssil com pontaria contra o poste, ou muito perto dele. Com efeito, por meio deste exercício, não só aumenta a robustez dos braços, como também se adquire a perícia e a experiência de lançar.

XV. Como instruir diligentemente os recrutas no arremesso de setas:

Mas aproximadamente a terça ou a quarta parte dos jovens que conseguir revelar-se mais apta deve ser regularmente treinada com arcos de madeira e com réplicas de setas contra aqueles postes. Para este exercício, devem ser escolhidos instrutores especializados e deve ser empregue uma grande destreza para que os recrutas segurem o arco²⁸ com sabedoria, para que o armem energicamente, para que a mão esquerda permaneça firme e para que a direita seja conduzida adequadamente, para que a vista e o espírito convirjam em relação àquilo que deve ser atingido, para que sejam ensinados a atirar setas com desembaraço, quer a cavalo quer a pé. É necessário que esta arte não só seja aprendida cuidadosamente, mas também que seja conservada pela prática e pelo exercício quotidianos.

Não só Catão, nos seus livros sobre a arte militar²⁹, como também Cláudio quando, instituídos e ensinados muitos lançadores de dardos, venceu um inimigo em relação ao qual tinha anteriormente sido inferior, mostraram com clareza quanta utilidade têm os bons arqueiros nos combates³⁰. Na verdade, Cipião Africano, quando se preparava para enfrentar os Numantinos em batalha, os quais tinham submetido os exércitos do povo romano, não acreditou que seria possível superiorizar-se-lhes a não ser que misturasse arqueiros seleccionados em todas as centúrias³¹.

XVI. Como exercitar os recrutas no lançamento de pedras com fundas:

Convém treinar diligentemente os jovens a lançar pedras, quer com as mãos quer com fundas. Diz-se que os habitantes das ilhas Baleares não só descobriram

et invenisse et ita perite exercuisse dicuntur ut matres parvos filios nullum cibum contingere sinerent nisi quem ex funda destinato lapide percussissent. Saepe enim adversum bellatores cassidibus catafractis loricisque munitos teretes lapides de funda vel fustibalo destinati sagittis sunt omnibus graviores, cum membris integris letale tamen vulnus importent et sine invidia sanguinis hostis lapide ictus intereat. In omnibus autem veterum proeliis funditores militasse nullus ignorat. Quae res ideo ab universis tironibus frequenti exercitio discenda est quia fundam portare nullus est labor. Et interdum evenit ut in lapidosi locis conflictus habeatur, ut mons sit aliquis defendendus aut collis; et ab oppugnatione castellorum sive civitatum lapidibus barbari fundisque pellendi sunt.

XVII. De exercitio plumbatarum:

Plumbatarum quoque exercitatio, quos mattiobarbulos vocant, est tradenda iunioribus. Nam in Illyrico dudum duae legiones fuerunt quae sena milia militum habuerunt quae quod his telis scienter utebantur et fortiter Mattiobarbuli vocabantur. Per hos longo tempore strenuissime constat omnia bella confecta, usque eo ut Diocletianus et Maximianus, cum ad imperium pervenissent, pro merito virtutis hos Mattiobarbulos lovianos atque Herculianos censuerint appellandos eosque cunctis legionibus praetulisse doceantur. Quinos autem mattiobarbulos insertos scutis portare consuerunt, quos si oportune milites iactent prope sagittariorum scutati imitari videntur officium. Nam hostes equosque consauciant priusquam non modo ad manum sed ad ictum missibilibus potuerit perveniri.

XVIII. Quemadmodum ad ascendendos equos tirones exercendi sint:

Non tantum autem a tironibus sed etiam ab stipendiosis militibus salitio equorum districte est semper exacta, quem usum usque ad hanc

em primeiro lugar o uso das fundas como também as utilizaram com tal perícia que as mães não permitiam aos filhos mais pequenos que tocassem em qualquer alimento a não ser naquele que tivessem atingido com uma pedra projectada por uma funda. Com efeito, muitas vezes, contra guerreiros protegidos com capacetes³², com catafractas e com lorigas³³, pedras polidas arremessadas por uma funda ou por um fustíbalo³⁴ são mais prejudiciais do que qualquer tipo de setas, uma vez que, deixando os membros intactos, provocam contudo um ferimento mortal no inimigo, que morre sem derramamento de sangue, só com a pancada da pedra. Também ninguém ignora que os fundibulários tomaram parte em todos os combates dos antigos. Esta prática deve, por isso, ser aprendida por todos os recrutas por meio de um treino frequente, porque transportar a funda não dá trabalho nenhum. E acontece, por vezes, que o combate se trava em locais rochosos, que um monte qualquer ou uma colina têm de ser defendidos, ou que os bárbaros têm de ser afastados do ataque a fortes e a cidades por meio de pedras e de fundas³⁵.

XVII. Sobre o treino com dardos revestidos de chumbo:

Também o treino com os dardos de chumbo³⁶, a que dão o nome de *mattiobarbuli*³⁷, deve ser ministrado aos jovens. De facto, na Ilíria, existiram outrora duas legiões de seis mil soldados e que eram chamadas *Mattiobarbuli*, porque utilizavam hábil e energicamente estes projecteis. Consta que, durante muito tempo, todas as guerras foram resolvidas de uma forma muito decidida por elas, ao ponto de Diocleciano e Maximiano, ao chegar ao poder³⁸, decretarem que estes *Mattiobarbuli*, devido ao seu valor, fossem chamados *Ioviani* e *Herculiani*, de tal maneira que se julgou que eles as preferiam a todas as outras legiões. Além disso, costumavam transportar cinco *mattiobarbuli* metidos dentro dos escudos, os quais, sendo arremessados pelos soldados no tempo devido, fazem com que os escudeiros de infantaria quase pareçam imitar o ofício dos arqueiros. Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo-a-corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes mísseis.

XVIII. De que modo os recrutas devem ser treinados a montar os cavalos:

Saber montar um cavalo deve ser sempre exigido com rigor, não só aos recrutas mas também aos que já são soldados experientes, costume esse que

aetatem, licet iam cum dissimulatione, pervenisse manifestum est. Equi lignei hieme sub tecto, aestate ponebantur in campo; supra hos iuniores primo inermes, dum consuetudo proficeret, deinde armati cogeantur ascendere. Tantaque cura erat ut non solum a dextris sed etiam a sinistris partibus et insilire et desilire condiscerent, evaginosos etiam gladios vel contos tenentes. Hoc idem assidua meditatione faciebant, scilicet ut in tumultu proelii sine mora ascenderent qui tam studiose exercebantur in pace.

XVIII. Ad portandum pondus exercendos tirones:

Pondus quoque baiulare usque ad sexaginta libras et iter facere gradu militari frequentissime cogendi sunt iuniores, quibus in arduis expeditionibus necessitas imminet annonam pariter et arma portandi. Nec hoc credatur esse difficile si usus accesserit; nihil enim est quod non assidua meditatio facillimum reddat. Quam rem antiquos milites factitavisse Vergilio ipso teste cognoscimus, qui ait

non secus ac patriis acer Romanus in armis
iniusto sub fasce viam cum carpit et hosti
ante expectatum positus stat in agmine castris.

XX. Quo armorum genere usi sint antiqui:

Locus exigit ut quo armorum genere vel instruendi vel muniendi sint tirones referre temptemus. Sed in hac parte antiqua penitus consuetudo deleta est; nam licet, exemplo Gothorum et Alanorum Hunnorumque, equitum arma profecerint, pedites constat esse nudatos. Ab urbe enim condita usque ad tempus divi Gratiani et catafractis et galeis muniebatur pedestris exercitus. Sed cum campestris exercitatio interveniente negligentia desidiaque cessaret, gravia videri arma coeperunt quae raro milites induebant; itaque ab imperatore postulant primo catafractas, deinde cassides se refundere. Sic detectis pectoribus et capitibus congressi contra Gothos milites nostri multitudine sagittariorum saepe deleti sunt; nec post tot clades, quae usque ad tantarum urbium excidia

manifestamente chegou até à nossa época, ainda que negligenciado. Costumavam colocar-se cavalos de madeira debaixo de um tecto, no Inverno, ou no campo de treino, durante o Verão; os jovens eram obrigados a subir para cima deles, em primeiro lugar sem armas, até que se habituassem, e depois armados. E tanto era o cuidado que aprendiam não só a montar como a desmontar, quer do lado direito quer do lado esquerdo, empunhando ainda gládios desembainhados ou varas. Eles praticavam isto por meio de um exercício regular, sem dúvida para que os que eram treinados com tanta aplicação em tempo de paz montassem sem demora na agitação do combate³⁹.

XIX. Como exercitar os recrutas a transportar pesos:

Os jovens também devem ser muito frequentemente obrigados a carregar um peso até 60 libras⁴⁰ e a fazer um percurso em marcha militar, pois em expedições difíceis surge a necessidade de eles carregarem ao mesmo tempo a anona e as armas⁴¹. E nem se julgue que isto é difícil, se o hábito se instalar; com efeito, nada existe que um treino constante não torne facilíssimo. Que os antigos soldados costumavam fazer isto, nós sabemos-lo, tendo como testemunha o próprio Virgílio, que diz:

“Tal como quando o fogoso Romano, com as armas pátrias,
Debaixo de uma dura carga se põe em marcha e, instalado o acampamento,
Se perfila diante do inimigo na linha de batalha, sem ele o esperar”⁴².

XX. Que tipo de armas usavam os antigos:

O contexto exige agora que tentemos mencionar com que tipo de armas os recrutas devem ser equipados e protegidos. A este respeito, o costume antigo foi completamente apagado; pois ainda que, a exemplo dos Godos, dos Alanos e dos Hunos, as armas dos cavaleiros tenham melhorado, sabemos contudo que os peões ficaram desguarnecidos. Na verdade, desde a fundação de Roma até à época do divino Graciano⁴³, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas mas também por capacetes⁴⁴. Mas porque, instaladas a incúria e a preguiça, o exercício no campo acabou, aquelas armas que os soldados raramente utilizavam começaram a parecer um fardo; e assim, pedem ao imperador para devolverem em primeiro lugar as catafractas e, depois, os capacetes. Deste modo, desguarnecidos os peitos e as cabeças, os nossos soldados, enviados contra os Godos, foram muitas

pervenerunt, cuiquam curae fuit vel catafractas vel galeas pedestribus reddere. Ita fit ut non de pugna sed de fuga cogitent qui in acie nudi exponuntur ad vulnera. Quid enim pedes sagittarius sine catafracta, sine galea, qui cum arcu scutum tenere non potest, faciat? Quid ipsi draconarii atque signiferi, qui sinistra manu hastas gubernant, in proelio facient, quorum et capita nuda constat et pectora? Sed gravis pediti lorica videtur et galea fortasse raro meditati, fortasse raro arma tractanti; ceterum cotidianus usus non laborat, etiam si onerosa gestaverit. Sed illi qui laborem in portandis veteribus munimentis armorum ferre non possunt detectis corporibus et vulnera sustinere coguntur et mortes et, quod est gravius, aut capi aut certe fuga rem publicam prodere. Sic, dum exercitia laboremque declinant, cum maximo dedecore trucidantur ut pecudes.

Unde enim apud antiquos murus dicebatur pedestris exercitus nisi quod pilatae legiones praeter scuta etiam catafractis galeisque fulgebant, usque eo ut sagittarii sinistra brachia manicis munirentur, pedites autem scutati praeter catafractas et galeas etiam ferreas ocreas in dextris cruribus cogerentur accipere? Sic erant muniti illi qui in prima acie pugnantes principes, in secunda hastati, in tertia triarii vocabantur. Sed triarii genibus positos solebant intra scuta subsidere, ne stantes vulnerarentur venientibus telis et cum necessitas postulasset tamquam requieti vehementius invaderent hostes; a quibus constat saepe factam esse victoriam, cum hastati illi et qui priores steterant interissent.

Erant tamen apud veteres inter pedites qui dicebantur levis armatura, funditores et ferentarii, qui praecipue in cornibus locabantur et a quibus pugnandi sumebatur exordium; sed hi et velocissimi et exercitatissimi legebantur, nec erant admodum multi, qui cedentes, si proelii necessitas

vezes aniquilados pelo grande número de arqueiros; e mesmo depois de tantas derrotas, que resultaram na destruição de tantas cidades, não foi sequer motivo de preocupação para ninguém devolver as catafractas e os capacetes aos soldados de infantaria. Isso faz com que aqueles que, desguarnecidos, estão expostos às feridas na linha de combate, pensem mais em fugir do que em lutar. O que é que, com efeito, poderá fazer o arqueiro a pé sem catafracta nem capacete, ele que não pode segurar o escudo ao mesmo tempo que o arco? E o que farão no combate os próprios *draconarii*⁴⁵ e os *signiferi*⁴⁶, que conduzem os estandartes com a mão esquerda, sabendo-se que não só as suas cabeças como também os seus peitos estão desprotegidos? A loriga e o capacete parecem talvez pesados a um peão que se exercite raramente e que também raramente se adestre com as armas; mas a prática quotidiana previne a sobrecarga, ainda que se use um equipamento pesado. Porém, aqueles que não conseguem aguentar o esforço de transportar as antigas armas de defesa, desguarnecidos os corpos ficam destinados não só a serem feridos como a serem mortos, ou, o que é mais grave, a serem capturados ou a traírem o Estado através da fuga. Assim, ao mesmo tempo que recusam os treinos e o trabalho, são liquidados como gado com a máxima desonra.

Por que motivo, com efeito, entre os antigos, o exército de infantaria era chamado de “muro”, a não ser porque as legiões em formação compacta resplandeciam por causa não só dos escudos mas também das catafractas e dos capacetes, a ponto de os arqueiros protegerem os braços esquerdos com braçais e de os peões munidos de escudos serem obrigados a utilizar grevas⁴⁷ de ferro nas pernas direitas, para além das catafractas e dos capacetes? Assim estavam protegidos aqueles que, lutando na primeira linha, eram chamados *principes*, na segunda linha *bastati* e na terceira linha *triarii*⁴⁸. Mas os *triarii* costumavam estar de joelho no chão atrás dos escudos, para não correrem o risco de, permanecendo de pé, serem feridos pelos projecteis que sobrevinham, e também para que, chegado o momento e achando-se repousados, atacassem mais fortemente os inimigos; é sabido que a vitória foi muitas vezes alcançada por eles, após os *bastati* e os que tinham estado na linha da frente terem tombado.

Entre os antigos existiam contudo, no seio da infantaria, os que eram chamados de infantaria ligeira, *funditores* e *ferentarii*, os quais eram colocados principalmente nas alas e pelos quais o início do combate era desencadeado. Estes eram escolhidos entre os mais velozes e mais treinados, e nem sequer eram muitos; caso a necessidade do combate os obrigasse a isso, recuavam e

compulisset, inter principia legionum recipi solebant, ita ut acies immota consisteret.

Usque ad praesentem prope aetatem consuetudo permansit ut omnes milites pilleis, quos Pannonicos vocant, ex pellibus uterentur; quod propterea servabatur ne gravis galea videretur in proelio homini qui gestabat aliquid semper in capite.

Missilibus autem quibus utebatur pedestris exercitus pila vocabantur, ferro subtili trigono praefixa unciarum novem sive pedali, quod in scuto fixum non possit abscidi et lorica scienter ac fortiter directum facile perrumpit. Cuius generis apud nos iam rara sunt tela; barbari autem scutati pedites his praecipue utuntur, quas bebras vocant, et binas etiam ac ternas in proeliis portant.

Sciendum praeterea, cum missilibus agitur, sinistros pedes in ante milites habere debere; ita enim vibrandis spiculis vehementior ictus est. Sed cum ad pilam, ut appellant, venit et manu ad manum gladiis pugnatur, tunc dextros pedes in ante milites habere debent, ut et latera eorum subducantur ab hostibus, ne possint vulnus accipere, et proximior dextra sit, quae plagam possit inferre.

Instruendos igitur ac protegendos omni antiquo armorum genere constat esse tirones. Necesse est enim ut dimicandi acriorem sumat audaciam qui munito capite vel pectore non timet vulnus.

XXI. De munitione castrorum:

Castrorum quoque munitionem debet tiro condiscere. Nihil enim neque tam salutare neque tam necessarium invenitur in bello; quippe, si recte constituta sunt castra, ita intra vallum securi milites dies noctesque peragunt, etiam si hostis obsideat, quasi muratam civitatem videantur secum ubique portare. Sed huius rei scientia prorsus intercidit; nemo enim iam diu ductis fossis praefixisque sudibus castra constituit. Sic diurno vel nocturno superventu equitum barbarorum multos exercitus scimus frequenter afflictos. Non solum autem considentes sine castris ista patiuntur, sed cum in acie casu aliquo coeperint cedere munimenta castrorum quo se recipiant non habent et more animalium inulti

costumavam ser recebidos entre as linhas da frente das legiões, de tal forma que a formação de batalha permanecesse firme.

Quase até à presente época, permaneceu o costume de todos os soldados usarem barretes de pele, a que chamam “panónicos”; costume esse que se manteve para que, em combate, o capacete não parecesse pesado ao homem habituado a usar sempre alguma coisa na cabeça.

Além disso, a infantaria usava dardos que eram chamados de *pila*⁴⁹, providos de um fino triângulo de ferro de nove polegadas ou um pé⁵⁰, o qual, espetado num escudo, não podia ser arrancado e que, arremessado com perícia e com força, facilmente penetrava uma loriga. Entre nós, armas de arremesso deste tipo são já raras; mas os peões bárbaros munidos de escudo preferem-nas, chamando-lhes *bebrae*⁵¹, e levam duas ou três para os combates.

Além disso, é sabido que, quando se luta com armas de arremesso, os soldados devem ter o pé esquerdo à frente; com efeito, desta maneira, o impacto dos dardos arremessados é mais forte. Mas quando se chega à fase a que chamam *ad pilam* e se luta corpo-a-corpo com gládios, então os soldados devem ter o pé direito adiantado, para esconder do inimigo os flancos, de modo a não serem feridos, e para que a mão direita, a que cabe infligir o golpe, esteja mais próxima do adversário.

Portanto, é reconhecido que os recrutas devem ser equipados e protegidos por todo o tipo de armas antigas. Na verdade, é forçoso que aquele que, com a cabeça e o peito protegidos, não receia ser ferido, sinta uma coragem redobrada no combate.

XXI. Sobre a construção de acampamentos⁵²:

O recruta também deve aprender bem a construir os acampamentos. Na verdade, nada é considerado tão útil nem tão necessário na guerra; com efeito, se o acampamento foi bem construído, então os soldados passam os dias e as noites tão seguros dentro da paliçada que, ainda que o inimigo os cerque, parecem transportar para toda a parte consigo uma cidade amuralhada. No entanto, o conhecimento desta arte extinguiu-se por completo, pois há já muito tempo que ninguém constrói um acampamento rasgando fossos e cravando estacas. Nós sabemos, por isso, que muitos exércitos foram frequentemente atormentados pela súbita chegada, de dia ou de noite, de cavaleiros bárbaros. Mas eles não sofrem só estes revezes instalando-se sem acampamento fortificado; também quando,

cadunt, nec prius moriundi finis fit quam hostibus voluntas defuerit persequendi.

XXII. In qualibus locis constituenda sint castra:

Castra autem, praesertim hoste vicino, tuto semper facienda sunt loco, ut lignorum et pabuli et aquae suppetat copia, et si diutius commorandum sit loci salubritas eligatur. Cavendum etiam ne mons sit vicinus aut altior locus qui ab adversariis captus possit officere. Considerandum ne torrentibus inundari consueverit campus et hoc casu vim patiatur exercitus.

Pro numero autem militum vel impedimentorum munienda sunt castra, ne maior multitudo constipetur in parvis neve paucitas in latioribus ultra quam oportet cogatur extendi.

XXIII. Quali specie castra delinianda sint:

Interdum autem quadrata, interdum trigona, interdum semiotunda, prout loci qualitas aut necessitas postulaverit, castra facienda sunt. Porta autem quae appellatur praetoria aut orientem spectare debet aut illum locum qui ad hostes respicit, aut si iter agitur illam partem debet attendere ad quam est profecturus exercitus; intra quam primae centuriae, hoc est cohortes, papiliones tendunt et dracones et signa constituunt. Decumana autem porta quae appellatur post praetorium est, per quam delinquentes milites educuntur ad poenam.

XXIII. Quo genere munienda sint castra:

Castrorum autem diversa triplexque munitio est. Nam si nimia necessitas non premit, caespites circumciduntur e terra et ex his velut murus instruitur, altus tribus pedibus supra terram, ita ut in ante sit fossa de qua levati sunt caespites; deinde tumultuaria fossa fit lata pedes novem, alta pedes septem. Sed ubi vis acrior imminet hostium, tunc legitima fossa ambitum convenit munire castrorum, ita ut duodecim

por um motivo qualquer, começam a recuar da linha de batalha sem terem a protecção de um acampamento fortificado para onde possam retirar, eles caem como animais, sem possibilidade de desforra, e o fim da matança só acontece quando falta aos inimigos a vontade para continuar a perseguir-los.

XXII. Em que locais devem ser construídos os acampamentos:

Ora, os acampamentos devem ser sempre montados num local seguro, especialmente quando o inimigo está por perto, e de modo a que haja sempre lenha, pastos e água à disposição; se tiver de se permanecer durante mais tempo, deve escolher-se um local salubre. Deve ainda evitar-se que haja um monte por perto, ou um local mais alto que, capturado pelos adversários, possa ser prejudicial. Deve acautelar-se que o terreno não seja inundado por torrentes e, se for esse o caso, que o exército não sofra com essa circunstância.

Mas os acampamentos devem ser construídos na proporção do número de soldados e de bagagens para que uma grande multidão não se acumule num pequeno espaço ou para que um pequeno número de soldados não seja obrigado a espalhar-se mais do que convém ao ocupar um grande espaço.

XXIII. De que forma os acampamentos devem ser delineados:

Entretanto, os acampamentos devem fazer-se, ora quadrados, ora triangulares, ora semi-circulares, conforme a natureza ou as exigências do lugar determinarem. Mas a porta que é chamada *praetoria* deve estar voltada para oriente ou para aquele lugar onde se encontram os inimigos; ou ainda, se se está em marcha, deve estar voltada na direcção à qual o exército há-de avançar; do lado de dentro desta porta, as primeiras centúrias, isto é as coortes, montam as tendas e colocam os dragões e as insígnias. E a porta que é chamada *decumana* e pela qual os soldados faltosos são levados para o castigo fica atrás do pretório.

XXIV. De que forma devem ser fortificados os acampamentos:

Além disso, a fortificação dos acampamentos comporta três formas diferentes. Na verdade, se não existe um risco premente, são arrancados torrões da terra e com eles é erguido como que um muro com a altura de três pés⁵³ acima do solo, de modo a que, à sua frente, fique o fosso do qual foi extraída a terra; em seguida, dá-se à vala improvisada uma largura de nove pés e uma profundidade de sete pés⁵⁴. Mas quando uma força mais aguerrida dos inimigos se aproxima,

pedes lata sit et alta sub linea, sicut appellant, pedes novem; supra autem saepibus hinc inde factis quae de fossa egesta fuerit terra congeritur et crescit in altum quattuor pedes. Sic fit ut sit tredecim pedibus alta et duodecim lata; supra quam sudes de lignis fortissimis, quas milites portare consueverant, praefiguntur. Ad quod opus ligones rastra qualos aliaque utensilium genera habere convenit semper in promptu.

XXV. Quemadmodum munienda sint castra cum hostis immineat:

Sed facile est absentibus adversariis castra munire, verum si hostis incumbat tunc omnes equites et media pars peditum ad propulsandum impetum ordinantur in acie, reliqui post ipsos ductis fossis muniunt castra, et per praeconem indicatur quae centuria prima, quae secunda, quae tertia, opus omne compleverit. Post hoc a centurionibus fossa inspicitur ac mensuratur et vindicatur in eos qui negligentius fuerint operati. Ad hunc ergo usum instituendus est tiro, ut cum necessitas postulaverit sine perturbatione et celeriter et caute possit castra munire.

XXVI. Quemadmodum exerceantur tirones ut in acie ordines et intervalla custodiant:

Nihil magis prodesse constat in pugna quam ut assiduo exercitio milites in acie dispositos ordines servent, necubi contra quam expedit aut conglobent agmen aut laxent. Nam ut constipati perdunt spatia pugnandi et sibi invicem impedimento sunt, ita rariores atque interlucentes aditum perrumpendi hostibus praestant; necesse est autem statim metu universa confundi si intercisa acie ad dimicantium terga hostis accesserit. Producendi ergo tirones sunt semper ad campum et secundum matriculae ordinem in aciem dirigendi, ita ut primo simplex extensa sit acies, ne quos sinus, ne quas habeat curvaturas, ut aequali legitimoque spatio miles distet a milite. Tunc praecipiendum ut subito duplicent aciem, ita ut in ipso impetu is ad quem respondere solent ordo servetur. Tertio

então convém fortificar o perímetro do acampamento com um verdadeiro fosso, de modo a que tenha uma largura de doze pés e uma profundidade de nove pés “abaixo da linha”, tal como dizem⁵⁵; mas, em cima, a terra extraída do fosso é amontoada de um lado e do outro, formando uma parede com mais quatro pés de altura. Daqui resulta que o fosso fique com uma altura total de treze pés e uma largura de doze⁵⁶; ao cimo, são cravadas estacas de madeira muito fortes que os soldados costumam transportar. Para esta obra, convém ter sempre a postos enxadas, ancinhos, cestos e outros géneros de utensílios.

XXV. De que maneira devem ser fortificados os acampamentos quando o inimigo está por perto:

É fácil fortificar acampamentos na ausência dos adversários; contudo, se o inimigo ameaça, então todos os cavaleiros e metade dos peões são dispostos em linha de batalha para repelir o ataque, e os restantes, atrás daqueles, fortificam o acampamento por meio da escavação de fossos. E é anunciado por um arauto que centúria terminou todo o trabalho em primeiro lugar, em segundo e em terceiro. Depois disto, o fosso é inspeccionado e medido pelos centuriões e são castigados aqueles que tiverem trabalhado de uma forma mais negligente. Portanto, o recruta deve ser instruído nesta prática para que, quando a necessidade o exigir, possa fortificar o acampamento sem perturbação, não só rápida mas também prudentemente.

XXVI. De que modo devem ser treinados os recrutas de forma a preservar os alinhamentos e os espaçamentos na formação de batalha:

É sabido que nada é mais útil em combate do que os soldados conservarem, por meio de um treino regular, as suas fileiras na formação de batalha para que em nenhuma parte se amontoem ou se dispersem, contrariamente aquilo que é vantajoso. Pois estando apertados, eles ficam sem espaço para combater e são um estorvo uns para os outros; e, quando mais espaçados e intervalados, oferecem aos inimigos a possibilidade de abrir uma brecha; ora, é forçoso que tudo se deixe perturbar imediatamente pelo medo se, rompida a formação, o inimigo se aproximar das costas dos combatentes. Portanto, os recrutas devem ser regularmente levados para o campo de treinos e devem ser dispostos em formação de batalha segundo a ordem de incorporação de modo a que, em primeiro lugar, a linha seja única e alongada e a que não tenha nenhuma saliências nem

praecipiendum ut quadratam aciem repente constituent, quo facto in trigonum, quem cuneum vocant, acies ipsa mutanda est; quae ordinatio plurimum prodesse consuevit in bello. Iubetur etiam ut instruant orbis, quo genere, cum vis hostium interruperit aciem, resisti ab exercitatus militibus consuevit, ne omnis multitudo fundatur in fugam et grave discrimen immineat. Haec si iuniores assidua meditatione perceperint facilius in ipsa dimicatione servabunt.

XXVII. Quantum spatium ire vel redire debeant vel quotiens in mense exerceri cum educuntur milites ambulatum:

Praeterea et vetus consuetudo permansit et divi Augusti atque Adriani constitutionibus praecavetur ut ter in mense tam equites quam pedites educantur ambulatum; hoc enim verbo hoc exercitii genus nominant. Decem milia passuum armati instructique omnibus telis pedites militari gradu ire ac redire iubebantur in castra, ita ut aliquam itineris partem cursu alacriore conficerent. Equites quoque divisi per turmas armatique similiter tantum itineris peragebant, ita ut ad equestrem meditationem interdum sequantur, interdum cedant et recursu quodam impetus reparent. Non solum autem in campis sed etiam in clivosis et arduis locis et descendere et ascendere utraque acies cogeatur, ut nulla res vel casu prorsus pugnantibus posset accidere quam non ante boni milites assidua exercitatione didicissent.

XXVIII. De adhortatione rei militaris romanaeque virtutis:

Haec fidei ac devotionis intuitu, imperator invicte, de universis auctoribus qui rei militaris disciplinam litteris mandaverunt in hunc libellum enucleata congeSSI, ut in dilectu atque exercitatione tironum si quis diligens velit existere ad antiquae virtutis imitationem facile corroborare possit exercitum. Neque enim degeneravit in hominibus Martius calor nec effetae sunt terrae quae Lacedaemonios, quae

curvas para que assim um soldado diste de outro um espaço idêntico e regular. Depois disso, ordena-se subitamente que eles dobrem a linha, de tal modo que a ordem que costumam assegurar seja mantida no combate real. Em terceiro lugar, ordena-se que constituam repentinamente uma formação em rectângulo⁵⁷, posto o que a linha deve ser transformada num triângulo, a que chamam “cunha”⁵⁸; esta formação costuma ser muito útil na guerra. Ordena-se ainda que formem círculos, por meio dos quais, quando a força dos inimigos rompe a formação, os soldados experientes costumam resistir, evitando que o grosso do exército se ponha em fuga e incorra num grave perigo. Se os recrutas aprenderem estes movimentos por meio de um exercício regular, aplicá-los-ão mais facilmente no combate real.

XXVII. Que distância devem percorrer, na ida e na volta, e quantas vezes por mês devem ser treinados os soldados quando são levados para marchar:

Além disso, não só permaneceu o antigo costume como é determinado pelas constituições do divino Augusto e de Adriano que, três vezes por mês, quer cavaleiros quer peões sejam levados para marchar; na verdade, designam este tipo de exercício pela palavra “ambulatium”. Ordena-se que os soldados de infantaria, armados e equipados com todo o tipo de armas, marchem dez mil passos⁵⁹ e que, depois, regressem ao acampamento de tal forma que façam uma parte do percurso em passo de corrida, mais vivo. Também os cavaleiros, divididos em turmas e armados, percorriam a mesma distância, de maneira a, num exercício equestre, ora avançarem ora recuarem e a, numa manobra inversa, retomarem a carga. Contudo, ambas as formações eram obrigadas a avançar e a recuar, tanto em terrenos planos como em lugares íngremes e difíceis, para que nem por obra do acaso os combatentes tivessem de enfrentar uma situação que, por meio de um treino frequente, os bons soldados não tivessem aprendido antes.

XXVIII. Sobre a exortação da arte militar e da coragem romanas:

Eu compilei a sùmula disto tudo neste livrinho com fidelidade e dedicação, ó Imperador Invicto, a partir de todos os autores que reduziram a escrito a ciência da arte militar para que, se alguém quiser mostrar-se diligente na selecção e no treino dos recrutas, possa facilmente reforçar o exército pela imitação das antigas virtudes. Na verdade, nem o ardor de Marte arrefeceu nos homens, nem as terras que geraram Lacedemónios, Atenienses, Mársios, Samnitas, Pelignos e até os

Athenienses, quae Marsos, quae Samnites, quae Paelignos, quae ipsos progenuere Romanos. Nonne Epiri armis plurimum aliquando valuerunt? Nonne Macedones ac Thessali superatis Persis usque ad Indiam bellando penetrarunt? Dacos autem et Moesos et Thracas in tantum bellicosos semper fuisse manifestum est ut ipsum Martem fabulae apud eos natum esse confirmet. Longum est si universarum provinciarum vires enumerare contendam, cum omnes in Romani imperii dicione consistant. Sed longae securitas pacis homines partim ad delectationem otii, partim ad civilia transduxit officia. Ita cura exercitii militaris primo neglegentius agi, postea dissimulari, ad postremum olim in oblivionem perducta cognoscitur. Nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum viginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique victores otio et armorum desuetudine enervaverit ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent. Tot itaque consulibus, tot ducibus, tot exercitibus amissis, tunc demum ad victoriam pervenerunt cum usum exercitiumque militare condiscere potuerunt. Semper ergo legendi et exercendi sunt iuniores. Vilius enim constat erudire armis suos quam alienos mercede conducere.

próprios Romanos se esgotaram. Então os Epirotas não valeram outrora muito pelas armas? Então os Macedónios e os Tessálios, vencidos os Persas, não avançaram até à Índia combatendo? É manifesto que Dácios, Mésios e Trácios sempre foram altamente belicosos de tal forma que as lendas afirmam que o próprio Marte nasceu entre eles. Seria fastidioso eu pretender enumerar as capacidades militares de todas as províncias, uma vez que todas elas se acham reunidas sob o domínio do Império Romano. Mas a segurança proporcionada por um longo período de paz conduziu os homens, em parte, ao prazer do ócio e, em parte, às carreiras civis. Assim, o cuidado com o treino militar foi, em primeiro lugar, encarado de uma forma mais negligente, depois abandonado, e, por último, há muito tempo que caiu no esquecimento, conforme se sabe. E que ninguém se admire que isto tenha acontecido na época precedente, sabendo-se que, depois da Primeira Guerra Púnica, se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabituação das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal⁶⁰. E assim, depois de tantos cônsules, de tantos generais e de tantos exércitos perdidos, só alcançaram de novo a vitória quando conseguiram aprender a prática e o treino militares. Por isso, os recrutas devem ser sempre seleccionados e treinados. Na verdade, sabe-se que é mais barato treinar os seus soldados nas armas do que contratar estrangeiros a soldo.

INCIPIUNT CAPITULA LIBRI SECUNDI

- I. In quot genera dividatur res militaris
- II. Quid inter legiones et auxilia intersit
- III. Quae causa exhauriri fecerit legiones
- IIII. Quotenas legiones antiqui ad bellum duxerint
- V. Quemadmodum legio constituatur
- VI. Quot cohortes in una sint legione, item quot milites in una cohorte sint
- VII. Nomina et gradus principiorum legionis
- VIII. Nomina eorum qui antiquos ordines duxerunt
- VIIII. De officio praefecti legionis
- X. De officio praefecti castrorum
- XI. De officio praefecti fabrorum
- XII. De officio tribuni militum
- XIII. De centuriis atque vexillis peditum
- XIIII. De turmis equitum legionariorum
- XV. Quemadmodum legionum acies instruantur
- XVI. Quemadmodum triarii vel centuriones armentur
- XVII. Commissa pugna gravem armaturam stare pro muro

- XVIII. Nomina militum et gradus in scutis eorum aversis scribenda

- XVIIII. Praeter corporis robur notarum vel computandi artem in tironibus eligendam
- XX. Donativi partem dimidiam debent apud signa milites sequestrare servandam
- XXI. In legione ita fieri promotiones ut per omnes cohortes transeant qui promoventur
- XXII. Quid inter tubicines et cornicines et classicum intersit
- XXIII. De exercitatione militum

COMEÇAM OS CAPÍTULOS DO LIVROS SEGUNDO

- I. Em quantos ramos se divide a arte militar.
- II. Qual a diferença entre legiões e tropas auxiliares.
- III. Qual a causa da decadência das legiões.
- IV. Quantas legiões é que os antigos levavam para a guerra.
- V. Como é constituída uma legião.
- VI. Quantas coortes há numa legião e quantos soldados há numa coorte.
- VII. Títulos e graus dos oficiais de uma legião.
- VIII. Títulos daqueles que comandavam as antigas centúrias.
- IX. Sobre o cargo do prefeito da legião.
- X. Sobre o cargo do prefeito do acampamento.
- XI. Sobre o cargo do prefeito dos engenheiros.
- XII. Sobre o cargo do tribuno dos soldados.
- XIII. Sobre as centúrias e as insígnias da infantaria.
- XIV. Sobre as turmas de cavaleiros das legiões.
- XV. Como se dispõe a legião em linha de batalha.
- XVI. Como são armados os *triarii* e os centuriões.
- XVII. Iniciado o combate, a infantaria pesada apresenta-se como se fosse um muro.
- XVIII. Os nomes e os graus dos soldados devem ser escritos na parte interior dos escudos.
- XIX. Além da robustez física, deve ter-se em conta, na escolha dos recrutas, a aptidão para contar e para fazer anotações por escrito.
- XX. Os soldados devem depositar junto das insígnias metade do seu soldo como poupança.
- XXI. Na legião, as promoções são feitas de forma a que os que são promovidos transitem por todas as coortes.
- XXII. Qual é a diferença entre tocadores de *tuba*, de *cornu* e de *classicum*.
- XXIII. Sobre o treino dos soldados.

XXIII. Exempla adhortationum exercitii militaris de aliis artibus tracta
XXV. Enumeratio ferramentorum vel machinarum legionis

Instituta maiorum partis armatae plenissime clementiam vestram peritissimeque retinere continuis declaratur victoriis ac triumphis, siquidem indubitata adprobatio artis sit rerum semper effectus. Verum tranquillitas tua, imperator invicte, altiore consilio quam mens poterat terrena concipere ex libris antiqua desiderat, cum ipsam antiquitatem factis recentibus antecedit. Igitur cum haec litteris breviter comprehendere maiestati vestrae non tam discenda quam recognoscenda praeciperer, certavit saepius devotio cum pudore. Quid enim audacius quam domino ac principi generis humani, domitori omnium gentium barbararum, aliquid de usu ac disciplina insinuare bellorum, nisi forte quod ipse iussisset fieri, quod ipse gessisset? Et rursus tanti imperatoris non oboedire praeceptis plenum sacrilegii videbatur atque periculi. Miro itaque more in parendo audax factus sum dum metuo videri audacior si negassem. Ad quam temeritatem praecedens me indulgentiae vestrae perennitas animavit. Nam libellum de dilectu atque exercitio tironum dudum tamquam famulus optuli, non tamen culpatus abscessi; nec formido iussum adgredi opus cum spontaneum cessit inpune.

I. In quot genera dividatur res militaris:

Res igitur militaris, sicut Latinorum egregius auctor carminis sui testatur exordio, armis constat et viris. Haec in tres dividitur partes, equites pedites classem. Equitum alae dicuntur ab eo quod ad similitudinem alarum ab utraque parte protegant acies; quae nunc vexillationes vocantur a velo, quia velis, hoc est flammulis, utuntur. Est et aliud genus equitum qui legionarii vocantur propterea quod conexi sunt legioni; ad quorum exemplum ocreati sunt equites instituti. Classis item duo genera sunt, unum liburnarum, aliud lusoriarum. Equitibus campi, classibus maria

XXIV. Exemplos de incentivo ao exercício militar retirados de outras artes.

XXV. Enumeração de ferramentas e máquinas da legião.

Revelou-se por sucessivas vitórias e triunfos que Vossa Clemência conserva de uma forma muito completa e muito hábil os ensinamentos dos antepassados sobre a arte militar, se é que, na verdade, o resultado dos acontecimentos é sempre uma comprovação irrefutável da sabedoria. Na verdade, Vossa Serenidade, ó Imperador Invicto, deseja ensinamentos antigos dos livros com uma vontade mais forte do que uma mente terrena pode conceber, uma vez que ela ultrapassa a própria antiguidade por feitos recentes. Portanto, como me fosse ordenado resumir o mais possível por escrito, para Vossa Majestade, certos assuntos, não tanto para os ensinar como para os relembra, a dedicação entrou muitas vezes em conflito com a timidez. Na verdade, o que é que há de mais audacioso do que fazer saber ao Senhor e Príncipe da raça humana, vencedor de todas as nações dos bárbaros, algo acerca da prática e da matéria das guerras, a não ser porque ele próprio tivesse ordenado que se fizesse aquilo que ele mesmo já tinha feito? E, por outro lado, parecia cheio de sacrilégio e de perigo não obedecer às ordens de tão grande imperador. E assim, de uma forma surpreendente, eu tornei-me audaz ao obedecer, receando parecer ainda mais audaz ao recusar. A esta temeridade moveu-me a precedente constância da Vossa indulgência. Pois eu, como um modesto servidor, apresentei recentemente um livrinho acerca do recrutamento e do treino dos mancebos, e, apesar disso, escapei sem censura; não receio, por isso, cumprir a ordem de empreender uma obra que, quando era espontânea, surgiu sem punição.

I. Em quantos ramos se divide a arte militar:

A arte militar, tal como afirma o notável escritor latino no início do seu poema⁶¹, consiste em armas e em homens. Ela está dividida em três partes: cavalaria, infantaria e marinha. As alas dos cavaleiros são assim chamadas porque, à semelhança de asas, protegem as linhas de batalha de um e do outro lado; chama-se-lhes agora *vexillationes* a partir de *velum* porque usam estandartes⁶², isto é, flâmulas. Existe ainda um outro gênero de cavaleiros, chamados legionários porque estão associados à legião, a exemplo dos quais foram instituídos os cavaleiros guarnecidos de grevas⁶³. Há igualmente dois tipos de marinha: uma,

vel flumina, peditibus colles, urbes, plana et abrupta servantur. Ex quo intellegitur magis rei publicae necessarios pedites, qui possunt ubique prodesse; et maior numerus militum sumptu et expensa minore nutritur.

Exercitus ex re ipsa atque opere exercitii nomen accepit, ut ei numquam liceret oblivisci quod vocabatur.

Verum ipsi pedites in duas divisi sunt partes, hoc est in auxilia et legiones. Sed auxilia a sociis vel foederatis gentibus mittebantur; Romana autem virtus praecipue in legionum ordinatione praepollet. Legio autem ab eligendo appellata est, quod vocabulum eorum desiderat fidem atque diligentiam qui milites probant. In auxiliis minor, in legionibus longe amplior consuevit militum numerus adscribi.

II. Quid inter legiones et auxilia intersit:

Denique Macedones Graeci Dardani phalanges habuerunt, ut in una phalange armatorum octo milia censerentur. Galli atque Celtiberi pluresque barbarae nationes catervis utebantur in proelio, in quibus erant sena milia armatorum. Romani legiones habent, in quibus singulis sena milia, interdum amplius, militare consuerunt.

Quid autem inter legiones et auxilia interesse videatur expediam. Auxiliares cum ducuntur ad proelium, ex diversis locis, ex diversis numeris venientes nec disciplina inter se nec notitia nec affectione consentiunt; alia instituta, alius inter eos est usus armorum. Necesse est autem tardius ad victoriam pervenire qui discrepant antequam dimicent. Denique, cum in expeditionibus plurimum prosit omnes milites unius praecepti significatione converti, non possunt aequaliter iussa complere qui ante pariter non fuerunt. Tamen haec ipsa si sollemnibus diversisque exercitiis prope cotidie roborentur non mediocriter iuvant. Nam legionibus semper auxilia tamquam levis armatura in acie iungebantur, ut in his proeliandi magis adminiculum esset quam principale subsidium. Legio autem propriis cohortibus plena cum gravem armaturam, hoc est principes hastatos triarios antesignanos, item levem armaturam, hoc est

de liburnas⁶⁴, a outra, de navios ligeiros⁶⁵. As planícies são guardadas pelos cavaleiros, os mares e os rios pelas frotas, os montes, as cidades e os locais planos e escarpados pelos peões. De onde se depreende que os mais necessários ao Estado são os peões, que podem ser úteis em todo o lado; e, com efeito, um maior número deste tipo de soldados é sustentado por um encargo e uma despesa menores.

O exército recebeu o seu nome da própria palavra e do acto do “exercício” para que nunca lhe fosse permitido esquecer porque se chamava assim.

Os próprios peões foram divididos em duas partes, isto é em tropas auxiliares e legiões. As tropas auxiliares eram supridas pelos aliados e pelos povos federados; contudo, na organização das legiões, predomina a força romana. A legião é assim chamada a partir da palavra “eleger”, porque esta designação exige a boa fé e o zelo daqueles que aprovam os soldados. Costumava atribuir-se um número menor de soldados às tropas auxiliares e um outro, bem maior, às legiões.

II. Qual a diferença entre legiões e tropas auxiliares:

Os Macedónios, os Gregos e também os Dárdanos⁶⁶ tiveram falanges, de modo que numa falange se contavam oito mil homens armados. Os Gauleses e os Celtiberos e numerosas nações bárbaras utilizavam hordas em combate, nas quais havia seis mil homens armados. Os Romanos têm legiões, em cada uma das quais costumam combater seis mil homens, por vezes mais.

Vou explicar o que diferencia as legiões das tropas auxiliares. Quando são conduzidas para o combate, as tropas auxiliares, vindas de diversos lugares e de diversas unidades, não partilham entre si nem a disciplina, nem o conhecimento pessoal, nem a maneira de ser; entre elas, os hábitos e o uso das armas são diferentes. Ora, forçoso é que alcancem mais tarde a vitória aqueles que não estão de acordo antes de combater. Em suma, uma vez que é muito útil nas campanhas que todos os soldados se movimentem segundo indicação de um só comando, não podem cumprir ordens uniformemente aqueles que anteriormente não estiveram juntos. Contudo, estas mesmas tropas podem ser uma boa ajuda se se fortalecerem quase todos os dias por meio dos habituais e diversificados exercícios. Com efeito, as tropas auxiliares eram sempre associadas às legiões na linha de batalha, como uma infantaria ligeira, de tal forma que, junto daquelas, eram mais um apoio ao combate do que as principais tropas de reserva. Mas quando a legião se

ferentarios sagittarios funditores ballistarios, cum proprios et sibi insitos equites legionarios hisdem matriculis teneat, cum uno animo parique consensu castra muniat, aciem instruat, proelium gerat, ex omni parte perfecta, nullo extrinsecus indigens adiumento, quantamlibet hostium multitudinem superare consuevit. Documentum est magnitudo Romana, quae semper cum legionibus dimicans tantum hostium vicit quantum vel ipsa voluit vel rerum natura permisit.

III. Quae causa exhauriri fecerit legiones:

Legionum nomen in exercitu permanet hodieque, sed per negligentiam superiorum temporum robur infractum est, cum virtutis praemia occuparet ambitio et per gratiam promoverentur milites, qui promoveri consueverant per laborem. Deinde contubernalibus completis stipendiis per testimoniales ex more dimissis non sunt alii substituti. Praeterea necesse est aliquantos morbo debilitari atque dimitti, aliquantos deserere vel diversis casibus interire, ut nisi annis singulis, immo singulis paene mensibus, in recedentium locum iuniorum turba succedat, quamvis copiosus exhauriatur exercitus. Est et alia causa cur attenuatae sint legiones: magnus in illis labor est militandi, graviora arma, plura munera, severior disciplina. Quod vitantes plerique in auxiliis festinant militiae sacramenta percipere, ubi et minor sudor et maturiora sunt praemia.

Cato ille Maior, cum et armis invictus esset et consul exercitus saepe duxisset, plus rei publicae credidit profuturum si disciplinam militarem conferret in litteras; nam unius aetatis sunt quae fortiter fiunt, quae vero pro utilitate rei publicae scribuntur aeterna sunt. Idem fecerunt alii complures, sed praecipue Frontinus, divo Traiano ab eiusmodi comprobatus industria. Horum instituta, horum praecepta, in quantum valeo, strictim fideliterque signabo. Nam cum easdem expensas faciat et diligenter et neglegenter exercitus ordinatus, non solum praesentibus

encontra preenchida com as suas próprias coortes, com infantaria pesada (isto é os *principes*, os *hastati*, os *triarii* e os *antesignani*) e com infantaria ligeira (isto é os *ferentarii*, os *sagittarii*, os *funditores* e os *ballistarii*)⁶⁷, e, por fim, quando tem também cavaleiros legionários próprios integrados nos mesmos arrolamentos, se fortificar o acampamento com um só espírito e de comum acordo, se dispuser o exército em linha de batalha e se travar combate, sendo perfeita em todos os aspectos e não tendo necessidade de nenhuma ajuda de fora, a legião costuma vencer qualquer número de inimigos. A prova disto é a grandeza do Estado romano, o qual, combatendo sempre com legiões, venceu tantos inimigos quantos quis, ou quantos a natureza das situações o permitiu.

III. Qual a causa da decadência das legiões:

O nome de “legião” subsiste no exército ainda hoje, mas a solidez dos tempos passados foi minada pela negligência, visto que a ambição ocupou o lugar da recompensa do mérito e foram promovidos pelo favor os soldados que costumavam ser promovidos pelo esforço. Por outro lado, completado o serviço militar pelos soldados e licenciados estes por meio de certificados, segundo era costume, não foram substituídos por outros⁶⁸. Além disso, forçoso é que alguns se encontrem debilitados pela doença e sejam desmobilizados, que alguns desertem ou morram de diversos males, de tal forma que o exército, ainda que numeroso, definha, a não ser que uma grande quantidade de recrutas entre para o lugar dos que foram saindo todos os anos e até quase todos os meses⁶⁹. Existe ainda uma outra causa para o enfraquecimento das legiões: nelas, o esforço do serviço militar é grande, as armas são mais pesadas, as tarefas são em maior número e a disciplina é mais severa. Para evitar isto, muitos acorrem a prestar o juramento nas tropas auxiliares, onde não só o suor é menor mas onde também as recompensas chegam mais depressa.

O grande Catão-o-Antigo, que não era apenas invicto pelas armas mas que tinha também chefiado muitas vezes os exércitos como cônsul, acreditou que seria mais útil ao Estado se ele resumisse por escrito a arte militar; na verdade, pertencem a uma única época as acções que são praticadas corajosamente, mas aquilo que é escrito em proveito do Estado torna-se eterno. O mesmo fizeram muitos outros, mas principalmente Frontino, reconhecido pelo divino Trajano pelo seu labor nesta matéria⁷⁰. Apresentarei sucinta e fielmente, na medida que me for possível, os ensinamentos e preceitos deles. Pois uma vez que um exército organizado,

sed etiam futuris saeculis proficit si provisione maiestatis tuae, imperator Auguste, et fortissima dispositio reparetur armorum et emendetur dissimulatio praecedentum.

III. Quotenas legiones antiqui ad bellum duxerint:

In omnibus auctoribus invenitur singulos consules adversum hostes copiosissimos non amplius quam binas duxisse legiones additis auxiliis sociorum; tanta in illis erat exercitatio, tanta fiducia, ut cuivis bello duae legiones crederentur posse sufficere. Quapropter ordinationem legionis antiquae secundum normam militaris iuris exponam. Quae descriptio si obscurior aut impolitior videbitur, non mihi sed difficultati ipsius rei convenit imputari. Attento itaque animo saepius relegenda sunt, ut memoria intellegentiaque valeant comprehendere. Necesse est enim invictam esse rem publicam cuius imperator militari arte percepta quantos voluerit facit exercitus bellicosos.

V. Quemadmodum legio constituatur:

Diligenter igitur lectis iunioribus animis corporibusque praestantibus, additis etiam exercitiis cotidianis quattuor vel eo amplius mensum, iussu auspiciisque invictissimi principis legio formatur. Nam victuris incute punctis milites scripti, cum matriculis inseruntur, iurare solent, et ideo militiae sacramenta dicuntur. Iurant autem per Deum et Christum et Sanctum Spiritum et per maiestatem imperatoris, quae secundum Deum generi humano diligenda est et colenda. Nam imperator cum Augusti nomen accepit, tamquam praesenti et corporali Deo fidelis est praestanda devotio et impendendus pervigil famulatus; Deo enim vel privatus vel militans servit cum fideliter eum diligit qui Deo regnat auctore. Iurant autem milites omnia se strenue facturos quae praeceperit imperator, numquam deserturos militiam nec mortem recusaturos pro Romana re publica.

seja cuidadosa seja negligentemente, tem as mesmas despesas, é útil não só para os tempos presentes como para os tempos futuros se, por providência de Vossa Majestade, ó Imperador Augusto, não apenas uma organização bem sólida das armas for restaurada, mas também se se corrigir o desleixo dos antecessores.

IV. Quantas legiões é que os antigos levavam para a guerra:

Em todos os autores se lê que cada um dos côsules conduzia contra inimigos numerosíssimos não mais do que duas legiões mais as tropas auxiliares dos aliados; tão grande era o treino entre eles, tal era a confiança, que se acreditava que duas legiões podiam ser suficientes para qualquer guerra⁷¹. Assim, apresentarei a organização da legião antiga segundo as normas do direito militar. Se esta descrição parecer bastante obscura ou grosseira, convém que isso seja atribuído, não a mim, mas à dificuldade do próprio tema. E, assim, estes assuntos devem ser relidos várias vezes com o espírito atento para que possam ser assimilados por meio da memória e da inteligência. Forçoso é, na verdade, que o Estado cujo imperador, conhecedor da arte militar, faz quantos exércitos aguerridos quiser, permaneça invencível.

V. Como é constituída uma legião:

Portanto, escolhidos cuidadosamente recrutas superiores em espírito e em corpo, e acrescentados ainda exercícios diários por quatro ou até mais meses, a legião é constituída por ordem e sob os auspícios do príncipe muito invicto. Com efeito, os soldados, marcados na pele com picadas de forma duradoura, quando são inseridos nos registos, costumam prestar juramentos que, por esse motivo, são chamados “sacramentos” do serviço militar⁷². Também juram por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo e pela majestade do imperador, a qual, a seguir a Deus, deve ser estimada e honrada pelo género humano. Pois como o imperador recebeu o nome de “Augusto”, deve ser-lhe prestada uma devoção fiel e deve ser-lhe consagrada uma submissão sem limites, tal qual a Deus, presente e corpóreo; com efeito, quer o particular, quer o militar servem a Deus quando estimam fielmente aquele que reina com a autoridade de Deus⁷³. Os soldados também juram que farão esforçadamente tudo o que o imperador ordenar, que nunca desertarão do exército, e que não recusarão a morte em benefício do Estado romano.

VI. Quot cohortes in una sint legione, item quot milites in una cohorte sint:

Sciendum autem est in una legione decem cohortes esse debere. Sed prima cohors reliquas et numero militum et dignitate praecedit. Nam genere atque institutione litterarum viros electissimos quaerit. Haec enim suscipit aquilam, quod praecipuum signum in Romano est semper exercitu et totius legionis insigne; haec imagines imperatorum, hoc est divina et praesentia signa, veneratur. Habet pedites mille centum quinque, equites loricatorum centum triginta duos, et appellatur cohors miliaria. Haec caput est legionis; ab hac, cum pugnandum est, prima acies incipit ordinari. Secunda cohors habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex, et appellatur cohors quingentaria. Tertia cohors similiter habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex, sed in hac cohorte tertia validiores probari moris est, quia in media acie consistit. Cohors quarta habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex. Cohors quinta habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex; sed et quinta cohors strenuos desiderat milites, quia sicut prima in dextro ita quinta in sinistro ponitur cornu. Hae quinque cohortes in prima acie ordinantur. Sexta cohors habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex; in ipsa quoque enucleati ascribendi sunt iuniores, quia in secunda acie post aquilam et imagines cohors sexta consistit. Cohors septima habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex. Cohors octava habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex; sed et ipsa animosos desiderat viros, quia in secunda acie consistit in medio. Cohors nona habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex. Cohors decima habet pedites quingentos quinquaginta quinque, equites sexaginta sex; et ipsa bonos consuevit accipere bellatores, quia in secunda acie sinistrum possidet cornum.

His decem cohortibus legio plena fundatur, quae habet pedites sex milia centum, equites septingentos triginta. Minor itaque numerus armatorum in una legione esse non debet; maior autem interdum esse consuevit si non tantum unam cohortem sed etiam alias miliarias fuerit iussa suscipere.

VI. Quantas coortes há numa legião e quantos soldados há numa coorte:

É sabido que numa legião devem existir dez coortes. Mas a primeira coorte precede, quer em número de soldados quer em prestígio, as restantes. Na verdade, ela procura os homens mais excelentes quanto ao nascimento e quanto à instrução literária. Com efeito, esta primeira coorte toma a seu cargo a águia, que é sempre a principal e mais importante insígnia no exército romano e em toda a legião; esta coorte venera as imagens dos imperadores, isto é, as insígnias divinas e favoráveis⁷⁴. Ela tem 1105 soldados de infantaria, 132 cavaleiros couraçados e chama-se coorte *miliaria*. Esta é a cabeça da legião; é a partir dela, quando chega o momento de combater, que a primeira linha começa a ser organizada. A segunda coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros, e chama-se coorte *quingentaria*. A terceira coorte tem igualmente 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros, mas nesta terceira coorte é costume admitir os mais fortes, porque ela toma posição no meio da linha. A quarta coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros. A quinta coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros, mas também ela requer soldados corajosos, porque, tal como a primeira coorte, é colocada na ala direita, assim a quinta coorte o é na ala esquerda. Estas cinco coortes são ordenadas na primeira linha. A sexta coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros; também nela devem ser integrados recrutas capazes, porque esta sexta coorte toma posição na segunda linha, atrás da águia e das imagens. A sétima coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros. A oitava coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros e também ela requer homens corajosos, porque toma posição no centro da segunda linha. A nona coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros. A décima coorte tem 555 soldados de infantaria e 66 cavaleiros e também ela costuma receber bons guerreiros porque ocupa a ala esquerda da segunda linha.

A legião completa é constituída por estas dez coortes, tendo 6100 soldados de infantaria e 730 cavaleiros⁷⁵. E, assim, o número de soldados numa legião não deve ser inferior a este; mas, por vezes, acontece ser maior, se for ordenado que a legião receba não apenas uma coorte *miliaria*, mas mais⁷⁶.

VII. Nomina et gradus principiorum legionis:

Antiqua ordinatione legionis exposita principalium militum et ut proprio verbo utar principiorum nomina ac dignitates secundum praesentes matriculas indicabo.

Tribunus maior per epistolam sacram imperatoris iudicio destinatur; minor tribunus pervenit ex labore. Tribunus autem vocatur ex tribu, quia praest militibus, quos ex tribu primus Romulus legit.

Ordinarii dicuntur qui in proelio quia primi sunt ordines ducunt. Augustales appellantur qui ab Augusto ordinariis iuncti sunt. Flaviales item, tamquam secundi Augustales, a divo Vespasiano sunt legionibus additi.

Aquiliferi qui aquilam portant.

Imaginarii vel imaginiferi qui imperatoris imagines ferunt.

Optiones ab adoptando appellati, quod antecedentibus aegritudine praepeditis hi tamquam adoptati eorum atque vicarii solent universa curare.

Signiferi qui signa portant, quos nunc draconarios vocant.

Tesserarii qui tesseram per contubernia militum nuntiant; tessera autem dicitur praeceptum ducis quo vel ad aliquod opus vel ad bellum movetur exercitus.

Campigenii, hoc est antesignani, ideo sic nominati quia eorum opera atque virtute exercitui genius crescit in campo.

Metatores qui praecedentes locum eligunt castris.

Beneficarii ab eo appellati quod promoventur beneficio tribunorum.

Librarii ab eo quod in libros referant rationes ad milites pertinentes.

Tubicines cornicines et bucinatores qui tuba vel aere curvo vel bucina committere proelium solent.

VII. Títulos e graus dos oficiais de uma legião:

Exposta a antiga disposição da legião, indicarei os nomes e as categorias dos *principales milites*, ou, para utilizar a palavra correcta, dos *principes*, de acordo com os registos actuais.

O tribuno maior é nomeado por decisão do imperador, através de uma carta sagrada; o tribuno menor ascende pelo seu esforço. Chama-se tribuno a partir da palavra “tribo”, porque comanda os soldados que Rómulo foi o primeiro a escolher de entre as tribos⁷⁷.

Chamam-se *ordinarii* aqueles que comandam as centúrias ou *ordines* no combate, porque são os primeiros. Chamam-se *augustales* aqueles que foram acrescentados aos *ordinarii* por Augusto. E, do mesmo modo, chamam-se *flaviales* aqueles que foram acrescentados às legiões pelo divino Vespasiano⁷⁸, tal como se fossem segundos *augustales*.

Chamam-se *aquiliferi* aqueles que transportam a águia.

Chamam-se *imaginarii* ou *imaginiferi* aqueles que trazem as imagens do imperador.

Os *optiones* são chamados assim a partir de *adoptare*, porque, estando os anteriores impedidos por doença, estes costumam ocupar-se de tudo, como se fossem substitutos adoptados por eles.

Chamam-se *signiferi* aqueles que transportam os estandartes, a que chamam agora *draconarii*.

Chamam-se *tesserarii* aqueles que anunciam a senha a cada grupo de dez soldados⁷⁹; chama-se *tessera* (senha) à ordem do general que mobiliza o exército para qualquer trabalho ou para a guerra⁸⁰.

Campigenii, isto é *antesignani*, são chamados assim porque é pelo seu trabalho e pelo seu mérito que o engenho no seio do exército aumenta no campo de treinos.

Chamam-se *metatores* aqueles que precedem os outros e escolhem o local do acampamento.

Os *beneficiarii* são chamados assim porque são promovidos por benefício dos tribunos.

Os *librarii* são chamados desta maneira porque transcrevem nos livros os assuntos que dizem respeito aos soldados.

Tubicines, *cornicines* e *bucinatores* são aqueles que com *tuba* ou *aere curvo* ou *bucina* costumam desencadear o combate⁸¹.

Armaturae duplares qui binas consequuntur annonas, simplares qui singulas.

Mensores qui in castris ad podismum demetiuntur loca in quibus tentoria milites figant vel hospitia in civitatibus praestant.

Torquati duplares, torquati simplares: torquis aureus solidus virtutis praemium fuit, quem qui meruisset praeter laudem interdum duplas consequebatur annonas.

Duplares, sesquiplares: duplares duas, sesquiplares unam semis consequebantur annonam.

Candidati duplares, candidati simplares.

Hi sunt milites principales, qui privilegiis muniuntur. Reliqui munifices appellantur, quia munera facere coguntur.

VIII. Nomina eorum qui antiquos ordines ducebant:

Vetus tamen consuetudo tenuit ut ex primo principe legionis promoveretur centurio primi pili, qui non solum aquilae praeerat verum etiam quattuor centurias, hoc est quadringentos milites, in prima acie gubernabat. Hic tamquam caput totius legionis merita consequebatur et commoda. Item primus hastatus duas centurias, id est ducentos homines, ducebat in acie secunda, quem nunc ducenarium vocant. Princeps autem primae cohortis centuriam semis, hoc est centum quinquaginta homines, gubernabat; ad quem in legione prope omnia quae ordinanda sunt pertinent. Item secundus hastatus centuriam semis, id est centum quinquaginta homines, regebat. Triarius prior centum homines gubernabat. Sic decem centuriae cohortis primae a quinque ordinariis regebantur; quibus magnae utilitates et magnus honor est a veteribus constitutus, ut ceteri milites ex tota legione omni labore ac devotione contenderent ad tanta praemia pervenire. Erant etiam centuriones qui singulas centurias curabant, qui nunc centenarii nominantur. Erant decani, denis militibus praepositi, qui nunc caput contubernii vocantur. Secunda cohors habebat centuriones quinque; similiter tertia, quarta, usque ad decimam cohortem. In tota autem legione erant centuriones quinquaginta quinque.

Armaturae duplares são aqueles que recebem duas anonas; *simplares* são os que recebem apenas uma.

Mensores são aqueles que medem em pés quadrados os lugares no acampamento em que os soldados montam as tendas ou que fornecem um lugar de repouso nas cidades.

Torquati duplares e *torquati simplares*: um colar de ouro maciço era uma recompensa do mérito e aquele que o tinha merecido, para além do louvor, recebia por vezes uma dupla anona.

Duplares, sesquiplares: os *duplares* recebiam duas anonas, os *sesquiplares* recebiam uma anona e meia⁸².

*Candidati duplares, candidati simplares*⁸³.

Estes são os soldados *principales*, que são beneficiados por privilégios. Os restantes chamam-se *munifices*, porque são obrigados a desempenhar trabalhos serviços⁸⁴.

VIII. Títulos daqueles que comandavam as antigas centúrias:

O antigo costume obrigava a que o centurião *primus pilus* fosse promovido a partir do primeiro centurião dos *principes* da legião⁸⁵, que não só conduzia a águia mas também comandava na primeira linha quatro centúrias, isto é quatrocentos soldados. Como cabeça de toda a legião, este centurião recebia direitos e recompensas. Da mesma forma, o primeiro centurião dos *bastati*, a quem agora chamam *ducenarius*, chefiava, na segunda linha, duas centúrias, isto é duzentos homens. Mas o centurião *princeps* da primeira coorte comandava uma centúria e meia, ou seja cento e cinquenta homens; a ele compete quase tudo o que deve ser organizado na legião. Também o segundo centurião dos *bastati* chefiava uma centúria e meia, isto é cento e cinquenta homens. O *triarius prior* comandava cem homens. Assim, as dez centúrias da primeira coorte eram comandadas por cinco centuriões, para os quais os antigos instituíram grandes proveitos e uma grande honra, de modo a que os restantes soldados da legião se esforçassem por alcançar tamanhas recompensas por meio de todo o tipo de esforço e dedicação. Havia também centuriões que se ocupavam de uma só centúria, os quais são agora chamados *centenarii*. Havia os *decani* colocados à frente de dez soldados, que agora se chamam *caput contubernii*. A segunda coorte tinha cinco centuriões; e igualmente a terceira e a quarta, até à décima coorte. Em toda a legião havia cinquenta e cinco centuriões⁸⁶.

VIII. De officio praefecti legionis:

Sed legati imperatoris ex consulibus ad exercitus mittebantur, quibus legiones et auxilia universa obtemperabant in ordinatione pacis vel necessitate bellorum; in quorum locum nunc illustres viros constat magistros militum substitutos, a quibus non tantum binae legiones sed etiam plures numeri gubernantur.

Proprius autem iudex erat praefectus legionis, habens comitivae primi ordinis dignitatem, qui absente legato tamquam vicarius ipsius potestatem maximam retinebat. Tribuni vel centuriones ceterique milites eius praecepta servabant; vigiliarum sive profectionis tessera ab eodem petebatur; si miles crimen aliquod admisisset, auctoritate praefecti legionis a tribuno deputabatur ad poenam; arma omnium militum, item equi vestes annona, ad curam ipsius pertinebant; disciplinae severitas, exercitatio non solum peditum sed etiam equitum legionariorum praecepto eius cotidie curabatur. Ipse autem iustus diligens sobrius legionem sibi creditam assiduus operibus ad omnem devotionem, ad omnem formabat industriam, sciens ad praefecti laudem subiectorum redundare virtutem.

X. De officio praefecti castrorum:

Erat etiam castrorum praefectus, licet inferior dignitate, occupatus tamen non mediocribus causis, ad quem castrorum positio, valli et fossae aestimatio pertinebat. Tabernacula vel casae militum cum impedimentis omnibus nutu ipsius curabantur. Praeterea aegri contubernales et medici a quibus curabantur, expensae etiam, ad eius industriam pertinebant. Vehicula sagmarum nec non etiam ferramenta quibus materies secatur vel caeditur quibusque aperiuntur fossae, contextitur vallum, aquae ductus, item ligna vel stramina, arietes onagri ballistae ceteraque genera tormentorum ne deessent aliquando procurabat. Is post longam probatamque militiam peritissimus omnium legebatur ut recte doceret alios quod ipse cum laude fecisset.

IX. Sobre o cargo do prefeito da legião:

Eram enviados antigos cônsules ao exército como legados do imperador, aos quais todas as legiões e tropas auxiliares obedeciam, na administração da paz ou no aperto das guerras; é sabido haver agora, em substituição destes, homens ilustres como mestres das milícias⁸⁷, pelos quais são comandadas não só duas legiões, mas também um número maior.

Mas o verdadeiro chefe era o prefeito da legião, que tinha a dignidade de um conde de primeira classe e que, na ausência do legado, chamava a si, como seu representante, o poder supremo. Os tribunos, os centuriões e os restantes soldados cumpriam as suas ordens; a senha para as guardas nocturnas ou para a marcha era requerida a ele; se um soldado tivesse cometido um crime qualquer, era enviado para o castigo por um tribuno, por autoridade do prefeito da legião; as armas de todos os soldados, da mesma forma que os cavalos, os vestuários e as anonas estavam a seu cargo; o rigor da disciplina e o treino tanto dos soldados de infantaria como dos cavaleiros legionários eram administrados quotidianamente por ordem dele. E justo, diligente, sóbrio, ele mesmo modelava, por meio de trabalhos constantes, a legião a si atribuída com vista a todo o tipo de devoção e a todo o tipo de actividade, sabendo que o mérito dos seus subordinados resulta no louvor do prefeito.

X. Sobre o cargo do prefeito do acampamento:

Existia também o prefeito do acampamento, o qual, embora de dignidade inferior, se ocupava todavia de assuntos não despiciendos e a quem competia a escolha do lugar do acampamento e a orientação das paliçadas e dos fossos. As tendas ou barracas dos soldados, com todas as bagagens, eram administradas sob o seu comando. Além disso, estavam sob a sua responsabilidade os companheiros doentes e os médicos pelos quais estes eram tratados, assim como os pagamentos. Ele velava para que nunca faltassem carroças e animais de carga, nem sequer ferramentas com as quais a madeira é serrada ou cortada, com as quais os fossos são escavados e a paliçada e os aquedutos são construídos, e ainda para que não faltassem nem madeira nem palha, nem aríetes, ónagros, balistas e outros tipos de engenhos. Ele era escolhido após um longo e excelente serviço militar, como o mais experimentado de todos, para ensinar correctamente aos outros aquilo que ele mesmo tinha feito com louvor⁸⁸.

XI. De officio praefecti fabrorum:

Habebat praeterea legio fabros tignarios structores carpentarios ferrarios pictores reliquosque artifices ad hibernorum aedificia fabricanda, ad machinas turres ligneas ceteraque quibus vel expugnantur adversariorum civitates vel defenduntur propriae praeparatos, qui arma vehicula ceteraque genera tormentorum vel nova facerent vel quassata repararent. Habebat etiam fabricas scutarias loricarias arcuarias, in quibus sagittae missibilia cassides omniaque armorum genera formabantur. Haec enim erat cura praecipua, ut quicquid exercitui necessarium videbatur numquam deesset in castris, usque eo ut etiam cunicularios haberent qui ad morem Bessorum ducto sub terris cuniculo murisque intra fundamenta perfossis inprovisi emergerent ad urbes hostium capiendas. Horum iudex proprius erat praefectus fabrorum.

XII. De officio tribuni militum:

Decem cohortes habere diximus legionem, sed prima erat miliaria, in qua censu genere litteris forma virtute pollentes milites mittebantur. Huic tribunus praeerat armorum scientia, virtute corporis, morum honestate praecipuus. Reliquae cohortes prout principi placuisset a tribunis vel a praepositis regebantur. Tanta autem servabatur exercendi militis cura ut non solum tribuni vel praepositi contubernales sibi creditos sub oculis suis iuberent cotidie meditari sed etiam ipsi armorum arte perfecti ceteros ad imitationem proprio hortarentur exemplo. Tribuni autem sollicitudo, tribuni laudatur industria, cum miles veste nitidus, armis bene munitus ac fulgens, exercitii usu et disciplina eruditus incedit.

XIII. De centuriis atque vexillis peditum:

Primum signum totius legionis est aquila, quam aquilifer portat. Dracones etiam per singulas cohortes a draconariis feruntur ad proelium. Sed antiqui, quia sciebant in acie commisso bello celeriter ordines aciesque turbari atque confundi, ne hoc posset accidere, cohortes in centurias diviserunt et singulis centuriis singula vexilla constituerunt,

XI. Sobre o cargo do prefeito dos engenheiros:

Além disso, a legião tinha carpinteiros, pedreiros, construtores de carruagens, ferreiros, pintores e outros artesãos preparados para construir instalações de Inverno, máquinas de cerco, torres de madeira e outros engenhos com os quais se atacam as cidades dos inimigos ou se defendem as próprias, e que ou fazem novas armas, carroças e outros tipos de engenhos ou reparam o material danificado. A legião tinha também oficinas de escudos, de lorigas e de arcos, nas quais se produziam setas, dardos, capacetes e todo o tipo de armas⁸⁹. Com efeito, esta era a sua preocupação principal, de modo a que tudo aquilo que era necessário ao exército nunca parecesse faltar no acampamento, a tal ponto que também tinham sapadores que, segundo o costume dos Bessos⁹⁰, escavada uma mina debaixo da terra e atravessados os muros por baixo dos alicerces, emergiam inesperadamente para conquistar as cidades dos inimigos. O chefe específico deles era o prefeito dos engenheiros.

XII. Sobre o cargo do tribuno dos soldados:

Dissemos que a legião tinha dez coortes, mas a primeira era *miliaria*, para a qual eram enviados soldados superiores em riqueza e em nascimento, em instrução literária, em físico e em coragem. A esta coorte presidia um tribuno notável no conhecimento das armas, no vigor físico e na honestidade dos costumes. As restantes coortes eram comandadas por tribunos ou por oficiais, conforme aprazia ao *princeps*. Além disso, preservava-se de tal forma o cuidado em exercitar os soldados que não só os tribunos ou os oficiais ordenavam que os homens a si confiados treinassem todos os dias sob os seus olhos, mas também eles próprios, versados na arte das armas, encorajavam os restantes pelo seu próprio exemplo a imitarem-nos. O cuidado e o trabalho do tribuno são elogiados quando o soldado marcha de uniforme resplandecente, bem protegido por armas reluzentes, instruído nos conhecimentos e na prática do exercício.

XIII. Sobre as centúrias e as insígnias da infantaria:

O principal estandarte da legião inteira é a águia que o porta-estandarte com o nome de *aquilifer* leva. Já os dragões são levados para o combate por draconários, um por cada uma das coortes⁹¹. Mas os antigos, porque sabiam que na linha de batalha, iniciado o combate, rapidamente as fileiras e as linhas se desordenavam e perturbavam, para que isso não pudesse acontecer, dividiram as coortes em

ita ut ex qua cohorte vel quota esset centuria in illo vexillo litteris esset adscriptum, quod intuentes vel legentes milites in quantovis tumultu a contubernalibus suis aberrare non possent. Centuriones insuper, qui nunc centenarii vocantur, transversis cassidum cristis, ut facilius noscerentur, singulas iusserunt gubernare centurias, quatenus nullus error existeret cum centeni milites sequerentur non solum vexillum suum sed etiam centurionem, qui signum habebat in galea. Rursus ipsae centuriae in contubernia divisae sunt, ut decem militibus sub uno papilione degentibus unus quasi praeesset decanus, qui caput contubernii nominatur. Contubernium autem manipulus vocabatur ab eo quod coniunctis manibus pariter dimicabant.

XIII. De turmis equitum legionariorum:

Quemadmodum inter pedites centuria vel manipulus appellatur, ita inter equites turma dicitur; et habet una turma equites triginta duos. Huic qui praeest decurio nominatur. Centum enim decem pedites ab uno centurione sub uno vexillo gubernantur; similiter triginta duo equites ab uno decurione sub uno vexillo reguntur.

Praeterea sicut centurio eligendus est magnis viribus, procera statura, qui hastas vel missibilia perite iaculetur et fortiter, qui dimicare gladio et scutum rotare doctissime noverit, qui omnem artem didicerit armaturae, vigilans sobrius agilis, magis ad facienda quae ei imperantur quam ad loquendum paratus, contubernales suos ad disciplinam retineat, ad armorum exercitium cogat, ut bene vestiti et calciati sint, ut arma omnium defricentur ac splendeant, similiter eligendus est decurio qui turmae equitum praeponatur imprimis habili corpore, ut loricatus et armis circumdatus omnibus cum summa admiratione equum possit ascendere, equitare fortissime, conto scienter uti, sagittas doctissime mittere, turmales suos, id est sub cura sua equites positos, erudire ad omnia quae equestris pugna deposcit, eosdemque cogere loricas suas vel catafractas, contos et cassides frequenter tergere et curare. Plurimum enim terroris hostibus armorum splendor importat. Quis credat militem bellicosum cuius dissimulatione situ ac rubigine arma foedantur? Non

centúrias e criaram uma insígnia própria para cada uma das centúrias, de tal forma que nela estivesse assinalado por meio de letras a coorte e o número respeitantes a cada centúria; ao ver ou ler isso, os soldados não podiam afastar-se dos seus camaradas, qualquer que fosse a desordem. Além disso, os antigos determinaram que os centuriões, que agora se chamam *centenarii*, com penachos transversais nos capacetes para que fossem mais facilmente reconhecidos, comandassem cada uma das centúrias, já que nenhum erro existiria quando os soldados de uma centúria seguiam não só a sua insígnia, mas também o seu centurião, que tinha um sinal distintivo no capacete. Por outro lado, as próprias centúrias foram divididas em *contubernia*, de tal forma que, aos dez soldados que viviam debaixo da mesma tenda, presidisse um como decano, que se chama *caput contubernii*. O *contubernium* era chamado “manípulo”⁹² porque os soldados lutavam juntos, em grupos unidos como os dedos de uma mão.

XIV. Sobre as turmas de cavaleiros das legiões⁹³:

Tal como entre os peões se fala de centúria ou de manípulo, assim entre os cavaleiros se fala de turmas. Uma turma tem trinta e dois cavaleiros e aquele que a comanda é chamado decurião. Na verdade, cento e dez peões são comandados por um centurião debaixo de uma insígnia; paralelamente, trinta e dois cavaleiros são dirigidos por um decurião debaixo de uma insígnia.

Além disso, o centurião deve ser escolhido pela sua grande força e elevada estatura, ele que arremessa as lanças⁹⁴ e os dardos com perícia e com vigor, que sabe combater com o gládio e rodar habilmente o escudo, que aprendeu toda a arte da *armatura*, que é atento, prudente e ágil, mais preparado para fazer aquilo que lhe ordenaram do que para falar, que compele os seus homens à disciplina e que os obriga ao treino das armas, para que estejam bem vestidos e calçados e para que as armas de todos sejam limpas e reluzam. Do mesmo modo, deve ser escolhido como decurião e colocado à frente de uma turma de cavalaria aquele que é especialmente bem constituído de corpo para que possa subir para o cavalo vestido com a loriga e guarnecido de todas as armas, suscitando a admiração de todos, para que possa cavalgar energicamente, usar habilmente a lança, atirar flechas com destreza, ensinar tudo o que o combate equestre exige aos seus *turmales*, isto é, aos cavaleiros colocados sob o seu comando e obrigá-los a limpar frequentemente e a tratar das lorigas ou catafractas, das lanças e dos capacetes. Com efeito, o brilho das armas provoca um grande terror entre

solum autem equites sed etiam ipsos equos assiduo labore convenit edomari. Itaque ad decurionem et sanitatis et exercitationis tam hominum quam equorum pertinet cura.

XV. Quemadmodum legionum acies instruuntur:

Nunc qualiter instruenda sit acies si pugna immineat declaretur unius legionis exemplo, quod si usus exegerit transferri possit ad plures.

Equites locantur in cornibus.

Acies peditum a prima cohorte incipit ordinari in cornu dextro; huic cohors secunda coniungitur; tertia cohors in media acie collocatur; huic adnectitur quarta; quinta vero cohors sinistrum suscipit cornum. Sed ante signa et circa signa nec non etiam in prima acie dimicantes principes vocabantur, hoc est ordinarii ceterique principales. Haec erat gravis armatura, quia habebant cassides catafractas ocreas scuta gladios maiores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathia nominant, plumbatas quinas positas in scutis, quas primo impetu iaciunt, item bina missibilia, unum maius ferro triangulo unciarum novem, hastili pedum quinque semis, quod pilum vocabant, nunc spiculum dicitur, ad cuius ictum exercebantur praecipue milites, quod arte et virtute directum et scutatos pedites et loricatos equites saepe transverberat, aliud minus ferro unciarum quinque, hastili pedum trium semis, quod tunc verriculum, nunc verrutum dicitur.

Secunda acies similiter armabatur, in qua consistentes milites hastati vocabantur. Sed in secunda acie dextro cornu cohors sexta ponebatur, cui iungebatur septima; octava cohors mediam aciem tenebat nona comitante; decima cohors in secunda acie sinistrum semper obtinet cornum.

Post hos erant ferentarii et levis armatura, quos nunc exculcatores et armaturas dicimus, scutati, plumbatis gladiis et missilibus accincti, sicut nunc prope omnes milites videntur armati. Erant item sagittarii

os inimigos. Quem é que acreditará ser aguerrido um soldado cujas armas estão deterioradas pelo desleixo e pela ferrugem, por causa do seu descuido? É, pois, conveniente treinar não só os cavaleiros mas também os próprios cavalos, por meio de um trabalho constante. E, assim, a responsabilidade pela saúde e pelo treino quer de homens quer de cavalos pertence ao decurião.

XV. Como se dispõe a legião em linha de batalha⁹⁵:

Em seguida, explica-se como deve ser disposta a linha de batalha, caso esteja iminente um combate, a partir do exemplo de uma só legião, o que poderá ser adaptado a várias se a necessidade o exigir.

Os cavaleiros são colocados nos flancos.

A linha dos peões começa a ser organizada a partir da primeira coorte, no flanco direito; a esta junta-se a segunda coorte; a terceira coorte é colocada no centro da linha; a esta associa-se a quarta; por fim, a quinta coorte encarrega-se do flanco esquerdo. Os combatentes à frente e à volta dos estandartes e na restante primeira linha chamam-se *principes*⁹⁶ (isto é *ordinarii* ou centuriões e restantes *principales*). Esta era a infantaria pesada, porque tinha capacetes, catafractas, grevas, escudos, espadas maiores às quais chamam *spathae*⁹⁷ e outras mais pequenas a que dão o nome de *semispathiae*⁹⁸, cinco dardos de chumbo metidos nos escudos⁹⁹, que arremessam no primeiro assalto, do mesmo modo que outros dois dardos, um dos quais maior, com um ferro triangular medindo nove polegadas¹⁰⁰ e com um cabo de cinco pés e meio¹⁰¹, a que chamavam *pilum*¹⁰² e que é agora chamado *spiculum*. Os soldados eram especialmente treinados no arremesso deste dardo porque, atirado com perícia e com vigor, trespassava muitas vezes quer os peões munidos de escudos, quer os cavaleiros protegidos com lorigas. E o outro dardo, mais pequeno, tinha um ferro de cinco polegadas¹⁰³ e uma haste de três pés e meio¹⁰⁴; chamava-se-lhe então *verriculum* e, agora, *verrutum*¹⁰⁵.

A segunda linha estava armada do mesmo modo e os soldados que a formavam eram chamados *bastati*. No flanco direito da segunda linha, era colocada a sexta coorte, à qual se unia a sétima; a oitava coorte ocupava o meio da linha, acompanhada pela nona; a décima coorte ocupava sempre o flanco esquerdo da segunda linha.

A seguir a estes estavam os *ferentarii*, a infantaria ligeira (a que agora chamamos *exculcatores* e *armaturae*) e os *scutati*, equipados com dardos de chumbo, gládios e outros dardos, tal como agora se vê andarem armados todos os soldados. Havia

cum cassidibus catafractis et gladiis sagittis et arcubus; erant funditores, qui ad fundas vel fustibalos lapides iaciebant; erant tragularii, qui ad manuballistas vel arcuballistas dirigebant sagittas.

XVI. Quemadmodum triarii vel centuriones armentur:

Post omnes autem acies triarii cum scutis catafractis et galeis ocreati cum gladiis semispathiis plumbatis et binis missilibus locabantur, qui genu posito subsidebant ut si primae acies vincerentur ab his quasi de integro reparata pugna posset sperari victoria.

Omnes antesignani vel signiferi, quamvis pedites, loricas minores accipiebant et galeas ad terrorem hostium ursinis pellibus tectas. Centuriones vero habebant catafractas et scuta et galeas ferreas, sed transversis et argentatis cristis, ut celerius agnoscerentur a suis.

XVII. Commissa pugna gravem armaturam stare pro muro:

Illud autem sciendum est et modis omnibus retinendum: commisso bello prima ac secunda acies stabat immota, triarii quoque residebant; ferentarii autem armaturae exculcatores sagittarii funditores, hoc est levis armatura, adversarios provocabant ante aciem praecedentes. Si hostes fugare potuerant, sequebantur; si eorum virtute aut multitudine premebantur, revertebantur ad suos et post eos stabant. Excipiebat autem proelium gravis armatura et tamquam murus ut ita dicam ferreus stabat, et non solum missilibus sed etiam gladiis comminus dimicabant. Et si hostes fugassent, non sequebatur gravis armatura, ne aciem suam ordinationemque turbaret et ad dispersos recurrentes hostes incompositos opprimerent, sed levis armatura cum funditoribus sagittariis et equitibus fugientes sequebatur inimicos. Hac dispositione atque cautela sine periculo legio vincebat aut superata servabatur incolumis, quia legionis ius est facile nec fugere nec sequi.

ainda arqueiros com capacetes e catafractas e com espadas, flechas e arcos; havia fundibulários que lançavam pedras com fundas ou fustíbalos; e havia *tragularii*¹⁰⁶ que atiravam setas com *manuballistae* ou com *arcuballistae*¹⁰⁷.

XVI. Como são armados os *triarii* e os centuriões:

Depois de todas as linhas, eram colocados os *triarii*, com escudos, catafractas, capacetes e grevas de couro e com gládios, *semispathiae*, dardos chumbados e outros dois dardos, os quais se agachavam, de joelho no chão; assim, se as primeiras linhas fossem vencidas, reiniciado o combate por eles como se desde o início, era ainda possível esperar a vitória.

Todos os *antesignani*¹⁰⁸ e porta-estandartes, ainda que sendo peões, vestiam lorigas mais curtas e capacetes cobertos com peles de urso para aterrorizar os inimigos. E os centuriões tinham catafractas, escudos e capacetes de ferro, mas com cimeiras transversais e prateadas, para serem reconhecidos mais rapidamente pelos seus homens.

XVII. Iniciado o combate, a infantaria pesada apresenta-se como se fosse um muro:

Deve saber-se e preservar-se por todos os meios o seguinte: iniciado o combate, a primeira e a segunda linhas permaneciam imóveis e os triários também ficavam parados; mas os *ferentarii*, *armaturae*, batedores, arqueiros e fundibulários, isto é, a infantaria ligeira, provocavam os adversários avançando para diante das linhas. Se conseguiam pôr os inimigos em fuga, perseguiram-nos; se eram travados pela coragem ou pelo grande número deles, regressavam para junto dos seus e colocavam-se atrás deles. Então a infantaria pesada prosseguia o combate e permanecia como um muro de ferro, por assim dizer, e combatiam não só com dardos mas também com gládios, corpo-a-corpo. E se pusessem em fuga os adversários, a infantaria pesada não os perseguia para não perturbar a sua linha e ordenação e para que os inimigos, ao voltarem para trás, não os surpreendessem dispersos e em desordem; mas a infantaria ligeira com fundibulários e arqueiros, acompanhada por cavaleiros, perseguia os inimigos em fuga. Com esta disposição e com esta cautela, a legião vencia sem correr perigos, ou, sendo vencida, conservava-se incólume porque a lei da legião é nem fugir nem perseguir com facilidade.

XVIII. Nomina militum et gradus in scutis eorum aversis scribenda:

Sed ne milites aliquando in tumultu proelii a suis contubernalibus aberrarent, diversis cohortibus diversa in scutis signa pingebant, ut ipsi nominant, digmata, sicut etiam nunc moris est fieri. Praeterea in averso scuto uniuscuiusque militis litteris erat nomen adscriptum, addito ex qua esset cohorte quave centuria.

Ex his igitur apparet legionem bene institutam quasi munitissimam esse civitatem, quae omnia proelio necessaria secum ubique portaret nec metueret repentinum hostium superventum, quae etiam in mediis campis subito fossa se valloque muniret, quae omne genus militum, omne genus contineret armorum. Si quis igitur pugna publica superari barbaros cupit, ut Divinitatis nutu, dispositione imperatoris invicti reparentur ex tironibus legiones votis omnibus petat. Intra breve autem spatium temporis iuniores diligenter electi et exercitati cotidie non solum mane sed etiam post meridiem omni armorum disciplina vel arte bellandi veteres illos milites qui orbem terrarum integrum subegerunt facile coaequabunt.

Nec moveat quod olim est consuetudo mutata quae vixit; sed huius felicitatis ac provisionis est perennitas tua ut pro salute rei publicae et nova excogitet et antiqua restituat. Omne opus difficile videtur antequam temptes; ceterum si exercitati et prudentes viri dilectui praeponantur, celeriter manus bellis apta poterit adgregari et diligenter institui. Quidvis enim efficit sollertia si competentes non denegentur expensae.

XVIII. Praeter corporis robur notarum vel computandi artem in tironibus eligendam:

Sed quoniam in legionibus plures scholae sunt quae litteratos milites quaerunt, ab his qui tirones probant in omnibus quidem staturae magnitudinem, corporis robur, alacritatem animi convenit explorari, sed in quibusdam notarum peritia, calculandi computandique usus eligitur.

XVIII. Os nomes e os graus dos soldados devem ser escritos na parte interior dos escudos:

Mas para que os soldados nunca se perdessem dos seus companheiros no tumulto do combate, eles pintavam nos escudos, para as distintas coortes, sinais diferentes, chamados *digmata*, tal como ainda hoje é costume fazer. Para além disso, na parte interior do escudo estava inscrito com letras o nome de cada soldado, acrescentado da indicação da coorte ou da centúria a que pertencia.

Portanto, tudo o que foi dito torna manifesto que uma legião bem treinada é como uma cidade altamente fortificada, que traz consigo por todo o lado tudo o que é necessário para o combate, que não receia a chegada repentina do inimigo, que mesmo no meio dos campos se fortifica rapidamente com fossos e paliçadas e que inclui todo o tipo de soldados e de armas. Portanto, se alguém deseja vencer os bárbaros em batalha campal, que peça por meio de todas as suas orações, com o assentimento de Deus e com a vontade do Imperador Invicto, que as legiões sejam restauradas com novos recrutas. E, em pouco tempo, recrutas cuidadosamente escolhidos e treinados diariamente, não só de manhã mas também à tarde, em todo o tipo de conhecimento de armas e da arte da guerra, igualarão facilmente aqueles velhos soldados que submeteram o universo inteiro.

E não se argumente que esse costume que vigorou está mudado há muito tempo¹⁰⁹; Vossa Eternidade é de uma tal fortuna e providência que, pelo bem do Estado, não só imaginará medidas novas como também restaurará as antigas. Todo o trabalho parece difícil antes de se começar; além disso, se forem propostos homens treinados e prudentes para fazer o recrutamento, rapidamente um corpo de tropas apto para as guerras poderá ser criado e treinado cuidadosamente. Com efeito, o engenho consegue o que quer que seja se não se negarem as despesas adequadas.

XIX. Além da robustez física, deve ter-se em conta, na escolha dos recrutas, a aptidão para contar e para fazer anotações por escrito:

Mas uma vez que existem na legião várias secções que requerem soldados instruídos, convém que a grandeza de estatura, a robustez física e a vivacidade de espírito de todos os soldados sejam asseguradas por aqueles que seleccionam os recrutas; mas em alguns valoriza-se o conhecimento dos caracteres e a

Totius enim legionis ratio, sive obsequiorum sive militarium munerum sive pecuniae, cotidie adscribitur actis maiore prope diligentia quam res annonaria vel civilis polyptychis adnotatur. Cotidianas etiam in pace vigiliis, item excubitu sive agrarias, de omnibus centuriis et contuberniis vicissim milites faciunt, et ne quis contra iustitiam praegravetur aut alicui praestetur immunitas, nomina eorum qui vices suas fecerunt brevibus inseruntur. Quando quis commeatum acceperit vel quot dierum adnotatur in brevibus. Tunc enim difficile commeatus dabatur nisi causis iustissimis adprobatis, nec aliquibus milites instituti deputabantur obsequiis nec privata eisdem negotia mandabantur, siquidem incongruum videretur imperatoris militem qui veste et annona publica pascebatur utilitatibus vacare privatis. Ad obsequia tamen iudicum vel tribunorum nec non etiam principalium deputabantur milites qui vocabantur accensi, hoc est postea additi quam fuisset legio completa, quos nunc supernumerarios vocant. Fasciculariam tamen, id est lignum foenum aquam stramen, etiam legitimi milites in castra portabant; munifices enim ab eo appellantur quod haec munera faciunt.

XX. Donativi partem dimidiam debent apud signa milites sequestrare servandam:

Illud vero ab antiquis divinitus institutum est, ut ex donativo quod milites consequuntur dimidia pars sequestraretur apud signa et ibidem ipsis militibus servaretur, ne per luxum aut inanum rerum comparisonem ab ipsis contubernalibus posset absumi; plerique enim homines et praecipue pauperes tantum erogant quantum habere potuerint. Seditio autem ista pecuniae primum ipsis contubernalibus docetur accommoda; nam cum publica sustententur annona, ex omnibus donativis augetur eorum pro medietate castrense peculium. Miles deinde qui sumptus suos scit apud signa depositos de deserendo nil cogitat, magis diligit signa, pro illis in acie fortius dimicat, more humani ingenii, ut pro illis habeat maximam curam in quibus suam videt positam esse substantiam. Denique decem folles, hoc est decem sacci, per cohortes singulas ponebantur

experiência de calcular e contar. Na verdade, a contabilidade da legião inteira, quer dos serviços especiais¹¹⁰, quer dos serviços militares¹¹¹, quer do dinheiro, é inscrita diariamente em actas, quase com mais zelo do que o usado nos registos oficiais dos impostos militares e civis¹¹². Os soldados de todas as centúrias e *contubernia*¹¹³ fazem alternadamente guardas nocturnas diárias, mesmo em tempo de paz, assim como serviços de sentinela e em postos militares no campo; e os nomes daqueles que fizeram os seus turnos são registados em listas para que ninguém seja sobrecarregado injustamente e para que não seja concedida dispensa a ninguém. Quando alguém tiver recebido uma licença militar, anota-se nas listas o nome e por quantos dias. Na verdade, nos tempos antigos dificilmente se concedia uma licença, a não ser por motivos muito justos e aprovados, e os soldados regulares não eram destacados para nenhuns serviços especiais, nem lhes eram confiados assuntos privados, visto que parecia inconveniente que um soldado do imperador, que era vestido e sustentado pelo erário público, se dedicasse a serviços privados. Para serviços especiais dos comandantes, de tribunos e ainda de oficiais, eram destacados soldados que se chamavam *accensi*¹¹⁴, isto é incorporados depois de a legião ter sido completada; chamam-lhes agora “supranumerários”. Contudo, também os soldados regulares transportavam para o acampamento fardos, isto é madeira, feno, água e palha; na verdade, chamavam-se *munifices* porque faziam estas tarefas¹¹⁵.

XX. Os soldados devem depositar junto das insígnias metade do seu soldo como poupança¹¹⁶:

Na verdade, foi decidido pelos antigos, por inspiração divina, que metade do soldo que os soldados recebem fosse depositado junto das insígnias e aí fosse guardado pelos próprios soldados para que não pudesse ser gasto por eles em luxos ou na compra de bens fúteis; com efeito, a maior parte dos homens, especialmente os pobres, gasta tanto quanto puder ter. E este depósito pecuniário é considerado em primeiro lugar pelos próprios soldados como útil; pois, uma vez que são sustentados pela anona pública, o património pessoal aumenta com o depósito desta metade de todos os soldos¹¹⁷. E depois, o soldado que sabe que o seu dinheiro foi depositado junto das insígnias não pensa em desertar, estima mais as insígnias e luta mais corajosamente por elas na linha de batalha, de tal forma que, de acordo com a natureza do espírito humano, tem o maior cuidado com aquilo em que ele considera assentar a sua fortuna. Em seguida, dez bolsas,

in quibus haec ratio condebatur. Addebatur etiam saccus undecimus in quem tota legio particulam aliquam conferebat, sepulturae scilicet causa, ut si quis ex contubernalibus defecisset de illo undecimo sacco ad sepulturam ipsius promeretur expensa. Haec ratio apud signiferos, ut nunc dicunt, in cophino servabatur; et ideo signiferi non solum fideles sed etiam litterati homines eligebantur, qui et servare deposita et rationem scirent singulis reddere.

XXI. In legione ita fieri promotiones ut per omnes cohortes transeant qui promoventur:

Non tantum humano consilio sed etiam Divinitatis instinctu legiones a Romanis arbitror constitutas, in quibus decem cohortes ita sunt ordinatae ut omnium unum corpus, una videatur esse coniunctio. Nam quasi in orbem quendam per diversas cohortes et diversas scholas milites promoventur, ita ut ex prima cohorte ad gradum quempiam promotus vadat ad decimam cohortem et rursus ab ea crescentibus stipendiis cum maiore gradu per alias recurat ad primam. Ideo primi pili centurio, postquam in orbem omnes cohortes per diversas administraverit scholas, in prima cohorte ad hanc pervenit palmam in qua ex omni legione infinita commoda consequatur, sicut primiscrinus in officio praefectorum praetorio ad honestum quaestuosumque militiae pervenit finem. Ita legionarii equites cohortes suas contubernii affectione venerantur, cum naturaliter equites a peditibus soleant discrepare. Per hanc ergo contextionem in legionibus et omnium cohortium et equitum peditumque servatur una concordia.

XXII. Quid inter tubicines et cornicines et classicum intersit:

Habet praeterea legio tubicines cornicines bucinatores. Tubicen ad bellum vocat milites et rursus receptui canit. Cornicines quotiens canunt, non milites sed signa ad eorum obtemperant nutum. Ergo, quotiens ad aliquod opus exituri sunt soli milites, tubicines canunt; quotiens movenda sunt signa, cornicines canunt; quotiens autem pugnatur, et tubicines et cornicines pariter canunt. Classicum item appellatur quod

isto é dez sacos, eram distribuídos, um por cada coorte, nos quais era posta esta quantia. Acrescentava-se ainda um décimo primeiro saco, para o qual a legião inteira dava uma pequena quantia, por causa das despesas funerárias, a saber, para que se algum dos soldados morresse fosse retirado daquele décimo primeiro saco dinheiro para os gastos com o seu funeral. Esta quantia era guardada num cesto junto dos *signiferi*, como agora lhes chamam; e, por isso, os *signiferi* eram escolhidos, não só entre homens fiéis mas também instruídos, que sabiam guardar bem os depósitos e devolver a cada um a respectiva quantia.

XXI. Na legião, as promoções são feitas de forma a que os que são promovidos transitem por todas as coortes:

Penso que as legiões foram instituídas pelos Romanos não só por desígnio humano mas também por inspiração de Deus, nas quais as dez coortes estão de tal forma organizadas que parecem ser um único corpo, uma única unidade. Pois, como que num círculo, os soldados são promovidos através das diferentes coortes e das diferentes secções, de tal forma que o soldado promovido da primeira coorte para um qualquer grau vá até à última coorte e inversamente regresse daquela através das outras até à primeira, com uma graduação mais elevada e com um tempo de serviço maior. Por isso, depois de ter dirigido todas as coortes em círculo através das diferentes secções, um centurião alcança na primeira coorte a honra de *primi pili*¹¹⁸, recebendo de toda a legião grandes privilégios, tal como um primeiro secretário do serviço do pretório dos prefeitos chega também a um fim honroso e lucrativo do serviço militar. Assim, os cavaleiros legionários respeitam as suas coortes com um afecto próprio do *contubernium*¹¹⁹, ainda que, por natureza, os cavaleiros costumem discordar dos peões. Portanto, com base neste ambiente de união, a concórdia é preservada nas legiões, quer entre todas as coortes, quer entre os cavaleiros e os peões.

XXII. Qual é a diferença entre tocadores de *tuba*, de *cornu* e de *classicum*:

Além disso, a legião tem *tubicines*, *cornicines* e *bucinatores*. O tocador de *tuba* (*tubicen*)¹²⁰ chama os soldados para a guerra e toca de novo para a retirada. Quando os tocadores de *cornu* (*cornicines*)¹²¹ tocam, não são os soldados mas os estandartes que obedecem ao sinal deles. Portanto, sempre que soldados isolados estão para sair para um trabalho qualquer, os *tubicines* tocam; sempre que os estandartes têm de ser movidos, os *cornicines* tocam; mas quando é altura de

bucinatores per cornum dicunt. Hoc insigne videtur imperii, quia classicum canitur imperatore praesente vel cum in militem capitaliter animadvertitur, quia hoc ex imperatoris legibus fieri necesse est. Sive ergo ad vigilias vel ad agrarias faciendas sive ad opus aliquod vel ad decursionem campi exeunt milites, tubicine vocante operantur et rursus tubicine admonente cessant. Cum autem moventur signa aut iam mota figenda sunt, cornicines canunt. Quod ideo in omnibus exercitiis et processionibus custoditur ut in ipsa pugna facilius obtemperent milites, sive eos pugnare sive stare sive sequi vel redire praeceperint duces, siquidem ratio manifesta sit semper in otio debere fieri quod necessario faciendum videtur in proelio.

XXIII. De exercitatione militum:

Legionis ordinatione digesta ad exercitium revertimur, unde, sicut iam dictum est, exercitus nomen accepit.

Iuniores quidem et novi milites mane ac post meridiem ad omne genus exercebantur armorum, veteres autem et eruditi sine intermissione semel in die exercebantur armis; neque enim longitudo aetatis aut annorum numerus artem bellicam tradit, sed post quanta volueris stipendia inexercitatus miles semper est tiro.

Armaturam quae festis diebus exhibetur in circo non tantum armaturae qui sub campidoctore sunt sed omnes aequaliter contubernales cotidiana meditatione discebant. Nam et velocitas usu ipso acquiritur corporis et scientia feriendi hostem seque protegendi, praesertim si gladiis comminus dimicetur; illud vero maius est, quod servare ordines discunt et vexillum suum in tantis permixtionibus in ipsa prolusione comitantur nec inter doctos aliquis error existit, cum multitudinis sit tanta confusio.

combater, tocam igualmente quer *tubicines* quer *cornicines*. O assim chamado *classicum* é aquilo que os *bucinatores* fazem soar por meio de um corno¹²². Isto é considerado como um sinal da autoridade imperial, porque o *classicum* é tocado quando o imperador está presente ou quando é aplicada a pena capital a um soldado, pois isto tem de ser feito segundo as leis do imperador¹²³. Portanto, quando os soldados saem para fazer vigilâncias nocturnas ou missões no campo ou para um serviço qualquer ou para manobras de campo, eles começam a trabalhar ao sinal do tocador de *tuba* e depois param também ao sinal do *tubicen*. Mas quando os estandartes são postos em movimento, ou quando já postos em movimento têm de ser espetados, tocam os *cornicines*. Assim, isto é mantido em todos os exercícios e marchas para que os soldados obedeçam mais facilmente no combate real, se os comandantes ordenarem que eles lutem, ou que se mantenham firmes no seu lugar, ou que persigam, ou que recuem; na verdade, é evidente o interesse em fazer sempre em tempo de paz aquilo que parece necessário fazer-se em tempo de guerra.

XXIII. Sobre o treino dos soldados:

Resumida a organização da legião, voltamos aos exercícios, palavra da qual, como já foi dito, o exército recebeu o nome.

Com efeito, os recrutas e os novos soldados eram exercitados em todo o tipo de armas, de manhã e de tarde, mas os veteranos e os já instruídos exercitavam-se com as armas uma vez por dia, sem falta; na verdade, nem a duração do tempo de serviço nem o número de anos ensinam a arte da guerra, pois, seja qual for o número de anos de serviço militar, o soldado destreinado é sempre um recruta.

Não só os *armaturae* que estão sob a direcção de um *campidoctor*, mas também todos os outros soldados aprendiam em treinos diários a *armatura*¹²⁴, que se exibia em dias festivos no circo. Pois adquire-se pelo próprio uso do corpo, quer a velocidade, quer a arte de ferir o inimigo protegendo-se a si mesmo, especialmente se se combater com gládios, corpo-a-corpo; e isso é na verdade muito importante, porque eles aprendem a manter as fileiras e seguem o seu estandarte no meio de situações tão caóticas, mesmo no combate simulado; e nenhum erro surge entre soldados treinados, ainda que seja grande a confusão da multidão de combatentes.

Ad palum quoque vel sudibus exerceri percommodum est, cum latera vel pedes aut caput petere punctim caesimque condiscant.

Saltus quoque et ictus facere pariter adsuescant, insurgere tripudiantes in clipeum rursusque subsidere, nunc gestiendo provolare cum saltu, nunc cedentes in terga resilire.

Missibilibus etiam palos ipsos procul ferire meditentur, ut et ars dirigendi et dexterarum virtus possit ad crescere. Sagittarii vero vel funditores scopas, hoc est fruticum vel straminum fascies, pro signo ponebant, ita ut sexcentis pedibus removerentur a signo, ut sagittis vel certe lapidibus ex fustibulo destinatis signum saepius tangerent. Propterea sine trepidatione in acie faciebant quod ludentes in campo fecerant semper. Adsuescendum est etiam ut semel tantum funda circa caput rotetur cum ex ea mittitur saxum. Sed et manu sola omnes milites meditabantur libralia saxa iactare, qui usus paratior creditur, quia non desiderat fundam.

Missibilia quoque vel plumbatas iugi perpetuoque exercitio dirigere cogebantur, usque adeo ut tempore hiemis de tegulis vel scindulis, quae si deessent certe de cannis ulva vel culmo, et porticus tegerentur ad equites et quaedam velut basilicae ad pedites, in quibus tempestate vel ventis aere turbato sub tecto armis erudiebatur exercitus. Ceteris autem etiam hibernis diebus, si nives tantum pluviaeque cessarent, exerceri cogebantur in campo, ne intermissa consuetudo et animos militum debilitaret et corpora.

Silvam cadere, portare onera, transilire fossas, natare in mari sive fluminibus, gradu pleno ambulare vel currere etiam armatos cum sarcinis suis frequentissime convenit, ut cotidiani laboris usus in pace difficilis non videatur in bello.

Sive ergo legio sive auxilia fuerint, exerceantur assidue; nam quemadmodum bene exercitatus miles proelium cupit, ita formidat indoctus. Postremo sciendum est in pugna usum amplius prodesse quam vires; nam si doctrina cesset armorum, nihil paganus distat a milite.

É muito vantajoso que eles também se treinem contra o poste com varas¹²⁵, uma vez que aprendem a atacar os flancos, os pés e a cabeça, de ponta e de talho¹²⁶.

Devem habituar-se igualmente a dar saltos e golpes, a avançar aos saltos contra o escudo e, inversamente, a abaixar-se, ora avançando energicamente com um salto, ora saltando para trás, em recuo.

Devem também exercitar-se a atingir de longe os mesmos postes com dardos para que não só a perícia em visar mas também a força da mão direita possam aumentar. Os arqueiros e também os fundibulários colocavam como alvo *scopae*, isto é feixes de ramos ou de palha, e, a uma distância de seiscentos pés¹²⁷, tentavam atingi-los bastantes vezes com setas ou com pedras lançadas pelos fustíbalos. Por isso, faziam em combate, sem se perturbarem, aquilo que sempre tinham simulado no campo de treinos. Devem ainda habituar-se a que a funda seja rodada uma só vez por cima da cabeça quando se lança uma pedra. Mas todos os soldados eram treinados a lançar pedras com o peso de uma libra¹²⁸ só com uma mão, prática que se julga mais fácil porque não requer uma funda.

Também eram obrigados a arremessar dardos normais e dardos chumbados por meio de um treino contínuo e constante; e assim, no Inverno, até construíam galerias cobertas para os cavaleiros e como que umas basílicas para os peões, com coberturas feitas de telha ou de ripas, ou, caso estas faltassem, de canas, de ulva ou de colmo, nas quais o exército era treinado em armas debaixo de um tecto, estando o tempo perturbado por tempestades ou por ventos. Mas nos restantes dias, mesmo nos de Inverno, se a neve e a chuva parassem, eram obrigados a treinar-se no campo para que a interrupção do hábito não enfraquecesse nem o espírito nem o corpo dos soldados¹²⁹.

É conveniente que, com muita frequência, cortem árvores, carreguem pesos, saltem valas, nadem no mar ou em rios, que marchem em passo acelerado ou até que corram armados com as suas bagagens¹³⁰ para que o hábito do trabalho diário em tempo de paz não pareça difícil em tempo de guerra.

Portanto, quer se trate da legião quer das tropas auxiliares, devem treinar-se assiduamente; de facto, assim como o soldado bem treinado deseja o combate, assim o destreinado o receia. Por fim, é sabido que, no combate, conta mais o treino do que a força; pois, se um uso sábio das armas for negligenciado, o civil em nada se distingue do soldado.

XXIII. Exempla adhortationum exercitii militaris de aliis artibus tracta:

Athleta venator auriga propter exiguam mercedem vel certe plebis favorem cotidiana meditatione artes suas aut servare aut augere consuevit: militem, cuius est manibus servanda res publica, studiosius oportet scientiam dimicandi usumque rei bellicae iugibus exercitiis custodire, cui contingit non tantum gloriosa victoria sed etiam amplior praeda, quem ad opes ac dignitates ordo militiae et imperatoris iudicium consuevit evehere. Artifices scaenici ab exercitiis non recedunt pro laude vulgi: miles sacramento lectus ab exercitio armorum vel novellus vel iam vetustus cessare non debet, cui pugnandum est pro salute propria et libertate communi, praesertim cum antiqua sit prudensque sententia omnes artes in meditatione consistere.

XXV. Enumeratio ferramentorum vel machinarum legionis:

Legio autem non tantum militum numero sed etiam genere ferramentorum vincere consuevit.

Primum omnium instruitur iaculis quae nullae loricae, nulla possunt scuta sufferre. Nam per singulas centurias singulas carroballistas habere consuevit, quibus muli ad trahendum et singula contubernia ad armandum vel dirigendum, hoc est undecim homines, deputantur. Hae quanto maiores fuerint, tanto longius ac fortius tela iaculantur. Non solum autem castra defendunt verum etiam in campo post aciem gravis armaturae ponuntur; ante quarum impetum nec equites loricati nec pedites scutati possunt hostium stare. In una autem legione quinquaginta quinque carroballistae esse solent.

Item decem onagri, hoc est singuli per singulas cohortes, in carpentis bubus portantur armati, ut si forte hostes ad oppugnandum venerint vallum sagittis et saxis possint castra defendi.

Scafis quoque de singulis trabibus excavatas cum longissimis funibus et interdum etiam ferreis catenis secum legio portat, quatenus contextis hisdem, sicut dicunt, monoxylis, superiectis etiam tabulatis, flumina sine pontibus quae vadari nequeunt tam a peditibus quam ab equitatu sine periculo transeantur.

XXIV. Exemplos de incentivo ao exercício militar retirados de outras artes:

O atleta, o caçador e o cocheiro costumam manter ou aumentar o seu engenho através de um treino diário por causa de uma pequena recompensa ou dos favores da plebe; assim, convém que o soldado, em cujas mãos repousa a defesa do Estado, mantenha ainda mais esforçadamente, por exercícios constantes, a ciência do combate e a experiência da arte militar; a ele cabe não só uma vitória gloriosa mas também um despojo ainda maior, pois a hierarquia do exército e a vontade do imperador costumam levá-lo à riqueza e às honrarias. Os artistas do palco não recuam perante os exercícios para obterem o louvor do povo; também o soldado, escolhido e ajuramentado, quer seja novo quer seja já um veterano, não deve renunciar ao exercício das armas; ele deve lutar pelo seu próprio bem-estar e pela liberdade comum, especialmente quando a antiga e sábia opinião diz que todas as artes assentam no treino.

XXV. Enumeração de ferramentas e máquinas da legião:

Mas a legião costuma vencer não só devido ao número de soldados, mas também ao tipo de ferramentas.

Antes de mais, a legião é provida com projecteis a que nenhuma loriga ou escudos podem resistir. Na verdade, cada centúria costuma ter a sua *carroballista*¹³¹, a que são atribuídas mulas para as puxar e um só *contubernium*, isto é onze homens, para as armar e direccionar. Quanto maiores forem estas balistas, tanto mais longe e com mais força os projecteis são lançados. Elas não apenas defendem o acampamento como também são colocadas no campo de batalha, atrás da linha da infantaria pesada; perante a força do seu impacto, nem os cavaleiros protegidos com loriga nem os peões com escudo inimigos conseguem manter as suas posições. Numa legião costuma haver cinquenta e cinco balistas montadas em carros.

De igual modo, são transportados dez ónagros, isto é, um por coorte, já armados em carros de bois, para que, se por acaso os inimigos vierem atacar a paliçada, o acampamento possa ser defendido com setas e com pedras.

A legião leva também consigo canoas escavadas a partir de um só tronco e cordas muito compridas e, por vezes, também correntes de ferro, já que ao ligar estes *monoxylis*, tal como lhes chamam, revestidos com pranchas, os rios sem pontes que não podem ser passados a vau poderão ser atravessados sem perigo tanto pelos peões como pela cavalaria.

Habet ferreos arpagones, quos lupos vocant, et falces ferreas confixas longissimis contis, item ad fossarum opera facienda bidentes ligones palas rastra alveos cophinos quibus terra portetur. Habet quoque dolabras secures ascias serras, quibus materies ac pali dedolantur atque serrantur. Habet praeterea artifices cum omnibus ferramentis, qui ad oppugnandas hostium civitates testudines musculos arietes vineas, ut appellant, turres etiam ambulatorias faciunt.

Verum ne singula enumerando plura dicantur, universa quae in quocumque belli genere necessaria esse creduntur secum legio debet ubique portare, ut in quovis loco fixerit castra armatam faciat civitatem.

A legião tem arpéus de ferro, a que chamam “lobos”, e foices de ferro presas a hastes muito longas, e igualmente, para fazer as obras dos fossos, forquilhas, enxadas, pás, ancinhos, tinas e cestos, com os quais a terra era transportada. Tem também picaretas, machados, enxós e serras, com as quais a madeira e as estacas são desbastadas e serradas. Para além disso, a legião tem artesãos com todo o tipo de ferramentas, que fazem coberturas de madeira, manteletes, aríetes, *vineae*, tal como lhes chamam, e ainda torres móveis para atacar as cidades dos inimigos¹³².

Mas, para não ter de mencionar mais coisas enumerando-as uma a uma, direi que a legião deve levar consigo para toda a parte todo o material que se julga ser necessário em qualquer tipo de guerra para que, em qualquer lugar em que montar o acampamento, o transforme numa cidade armada.

INCIPIUNT CAPITULA LIBRI TERTII

- I. Qui modus esse debeat exercitus
- II. Quemadmodum sanitas gubernetur exercitus
- III. Quanta cura providenda sint atque servanda pabula vel frumenta
- IIII. Quemadmodum oporteat providere ne seditionem milites faciant
- V. Signorum militarium quanta sint genera
- VI. Quanta sit servanda cautela cum vicinis hostibus movetur exercitus
- VII. Quemadmodum flumina quae maiora sunt transeantur
- VIII. Quemadmodum castra debeant ordinari
- VIII. Quae et quanta consideranda sint ut intellegatur utrum super-ventibus et insidiis an publico debeat Marte configi
- X. Quid oporteat fieri si quis desuetum a pugna exercitum habeat vel tironem
- XI. Quae ipso die procuranda sint quo publica committitur pugna
- XII. Investigandum quid sentiant milites pugnaturi
- XIII. Quemadmodum idoneus locus eligatur ad pugnam
- XIIII. Quemadmodum acies debeat ordinari ut in conflictu reddatur invicta
- XV. Ratio podismi, quantum spatium in acie inter singulos homines in longum vel inter singulos ordines in latum debeat custodiri
- XVI. De equitibus ordinandis
- XVII. De subsidiis quae post aciem collocantur

- XVIII. In quo loco primus dux stare debeat, in quo secundus, in quo tertius
- XVIII. Quibus remediis virtuti vel dolis hostium resistatur in acie

COMEÇAM OS CAPÍTULOS DO LIVROS TERCEIRO

- I. Que tamanho deve ter o exército.
- II. Como deve ser controlada a saúde do exército.
- III. Com que cuidado devem ser aprovisionados e conservados as forragens e os cereais.
- IV. Que cautelas se deve ter para que os soldados não se amotinem.
- V. Quantos tipos há de sinais militares.
- VI. Que cuidados se deve ter quando o exército se movimenta com o inimigo por perto.
- VII. Como devem ser atravessados os maiores rios.
- VIII. Como deve ser disposto o acampamento.
- IX. O que se deve avaliar para decidir se se deve combater por meio de ataques imprevistos e de emboscadas ou por meio de uma batalha campal.
- X. O que é que convém fazer se alguém tiver um exército desabituação do combate ou composto por recrutas.
- XI. O que é que deve ser feito no próprio dia em que se trava uma batalha campal.
- XII. Deve averiguar-se aquilo que sentem os soldados que vão combater.
- XIII. Como se escolhe um local adequado para o combate.
- XIV. Como ordenar a linha de batalha para que saia vencedora.
- XV. Cálculo em pés da distância que deve observar-se entre cada homem na linha de batalha ou entre uma linha e outra.
- XVI. Sobre a disposição dos cavaleiros.
- XVII. Sobre as tropas de reserva que são colocadas atrás das linhas de batalha.
- XVIII. Em que lugar deve estar o primeiro comandante, e o segundo, e o terceiro.
- XIX. Com que recursos se pode opor resistência, na linha de batalha, à força e aos estratagemas dos inimigos.

XX. Quot generibus pugna publica committatur et quomodo etiam qui inferior numero et viribus est valeat optinere

XXI. Viam abscedendi hostibus dandam ut deleantur facilius fugientes

XXII. Quemadmodum ab hostibus recedatur si consilium displicet pugnae

XXIII. De camelis et catafractis equitibus

XXIII. Quomodo quadrigis falcatis vel elephantis in acie possit obsisti

XXV. Quid fieri debeat si vel pars fugerit vel totus exercitus

XXVI. Regulae bellorum generales

Athenienses et Lacedaemonios ante Macedonas rerum potitos prisci loquuntur annales. Verum apud Athenienses non solum rei bellicae sed etiam diversarum artium viguit industria, Lacedaemoniis autem praecipua fuit cura bellorum. Primi denique experimenta pugnarum de eventibus colligentes artem proeliorum scripsisse firmantur, usque eo ut rem militarem, quae virtute sola vel certe felicitate creditur contineri, ad disciplinam peritiaeque studia revocarint ac magistros armorum, quos tacticos appellaverunt, iuventutem suam usum varietatemque pugnandi praeceperint edocere. O viros summa admiratione laudandos, qui eam praecipue artem ediscere voluerunt sine qua aliae artes esse non possunt!

Horum sequentes instituta Romani Martii operis praecepta et usu retinuerunt et litteris prodiderunt, quae per diversos auctores librosque dispersa, imperator invicte, mediocritatem meam adbreuiare iussisti, ne vel fastidium nasceretur ex plurimis vel plenitudo fidei deesset in parvis.

Quantum autem in proeliis Lacedaemoniorum disciplina profuerit, ut omittam cetera, Xanthippi declaratur exemplo, qui Atilium Regulum Romanumque exercitum saepe victorem, cum Carthaginiensibus non virtute sed arte solus ferret auxilium, prostratis exercitibus cepit ac domuit unoque congressu triumphans bellum omne confecit. Nec minus

XX. De quantos modos se trava uma batalha campal e como pode ainda ter êxito aquele que é inferior em número e em força.

XXI. Deve dar-se aos inimigos um caminho para escapar de modo a que sejam destruídos mais facilmente durante a fuga.

XXII. Como bater em retirada se a ideia de combater não agrada.

XXIII. Sobre os camelos e os cavaleiros com catafractas.

XXIV. Como é que pode fazer-se frente, na linha de batalha, a quadrigas falcadas ou a elefantes.

XXV. O que deve fazer-se se todo o exército, ou uma parte dele, se puser em fuga.

XXVI. Regras gerais da guerra.

Os anais antigos dizem que os Atenienses e os Lacedemónios¹³³ dominaram antes dos Macedónios. Na verdade, entre os Atenienses floresceu o cultivo não só da arte militar mas também das outras artes; mas, para os Lacedemónios, a preocupação principal foi a guerra. Dizem, em suma, que eles, recolhendo as experiências sobre os acontecimentos militares, foram os primeiros a escrever uma arte da guerra, de tal forma que dirigiram a actividade militar, que se julgava depender apenas da coragem ou pelo menos da sorte, para a educação e a aprendizagem da perícia e instruíram mestres de armas, a que chamaram *tactici*, para ensinar à sua juventude a prática e as várias formas de combater. Ó homens dignos de ser louvados com a maior das admirações que quiseram aprender principalmente esta arte sem a qual as outras não podem existir!

Os Romanos, seguindo os ensinamentos deles, não só conservaram pelo uso os preceitos da obra de Marte como também os transmitiram por escrito, preceitos que, dispersos por diferentes autores e livros, tu, Imperador Invicto, ordenaste à minha mediocridade que compilasse de tal forma que nem o tédio surgisse devido ao grande número de pormenores, nem, por outro lado, um escasso número de detalhes provocasse uma menor fidelidade ao assunto.

Na verdade, o quanto a ciência militar foi útil aos Lacedemónios nos seus combates, e para omitir outros, é confirmado pelo exemplo de Xantipo, que, com exércitos já anteriormente derrotados, capturou e venceu Atílio Régulo e o exército romano muitas vezes vencedor: ao levar auxílio aos Cartagineses, não só pela coragem mas também pela perícia, triunfou num único encontro e terminou toda

Hannibal petiturus Italiam Lacedaemonium doctorem quaesivit armorum, cuius monitis tot consules tantasque legiones inferior numero ac viribus interemit.

Igitur qui desiderat pacem praeparet bellum; qui victoriam cupit milites imbuat diligenter; qui secundos optat eventus dimicet arte, non casu. Nemo provocare, nemo audet offendere, quem intellegit superiorem esse si pugnet.

I. Qui modus esse debeat exercitus:

Primus liber tironum dilectum exercitiumque deprompsit. Sequens legionis institutionem disciplinamque edocuit militarem. Hic tertius classicum sonat. Ideo enim illa praemissa sunt ut haec, in quibus peritia certaminum et victoriae summa consistit, disciplinae ordine custodito et intellegerentur celerius et amplius adiuvarent.

Exercitus dicitur tam legionum quam etiam auxiliorum nec non etiam equitum ad gerendum bellum multitudo collecta. Huius modus a magistris quaeritur armorum. Nam cum Xersis et Darii vel Mitridatis ceterorumque regum qui innumerabiles armaverant populos exempla releguntur, evidenter apparet nimium copiosos exercitus magis propria multitudine quam hostium virtute depressos. Nam pluribus casibus subiacet amplior multitudo. In itineribus pro mole sua semper est tardior; in longiore autem agmine etiam a paucis superventum adsolet pati; in locis autem asperis vel fluminibus transeundis propter impedimentorum moras saepe decipitur; praeterea ingenti labore numerosis animalibus equisque pabula colliguntur. Rei quoque frumentariae difficultas, quae in omni expeditione vitanda est, cito maiores fatigat exercitus. Nam quantolibet studio praeparetur annona, tanto maturius deficit quanto pluribus erogatur. Aqua denique ipsa nimiae multitudini aliquando vix sufficit. Quod si casu acies verterint tergum, necesse est multos cadere de multis et illos qui effugerint ut semel territos postea formidare conflictum.

a guerra¹³⁴. E também Aníbal, com a intenção de se dirigir para Itália, procurou um mestre de armas lacedemônio, com os conselhos do qual destruiu tantos cônsules e legiões, sendo inferior em número e em forças¹³⁵.

Portanto, quem desejar a paz, que prepare a guerra¹³⁶; quem ambicionar a vitória, que treine diligentemente os soldados; quem pretender desenlaces favoráveis, que lute com arte, não ao acaso. Ninguém ousa provocar, ninguém ousa agredir aquele que se percebe ser-lhe superior em caso de combate.

I. Que tamanho deve ter o exército:

O primeiro livro destacou a escolha e o treino dos recrutas. O seguinte ensinou a organização da legião e a instrução militar. Este terceiro livro faz soar o *classicum*¹³⁷. Com efeito, aqueles assuntos foram tratados antes para que agora estes, nos quais assenta a experiência dos combates e a essência da vitória, sejam compreendidos mais rapidamente e sejam mais úteis, uma vez preservada a sequência da matéria.

Diz-se que o exército é a multidão reunida, quer de legiões quer ainda de tropas auxiliares e também de cavaleiros, para fazer a guerra. A dimensão do exército é analisada por especialistas de armas. Com efeito, quando são relidos os exemplos de Xerxes e de Dario ou de Mitridates¹³⁸ e de outros reis que armaram incontáveis multidões, torna-se evidente que exércitos demasiado grandes foram vencidos mais pelo seu próprio número exagerado do que pela coragem dos inimigos. Pois uma multidão maior está sujeita a um maior número de desgraças. Nas marchas, é sempre mais vagarosa por causa da sua grande dimensão; numa coluna mais longa, costuma sofrer ataques de surpresa, mesmo por parte de poucos inimigos; em lugares acidentados ou na travessia de rios, o exército é muitas vezes surpreendido por causa do estorvo provocado pelas bagagens; para além disso, as forragens para os numerosos animais e cavalos são recolhidas com um imenso esforço. Também a dificuldade no abastecimento dos cereais, que deve ser evitada em todas as campanhas, fatiga rapidamente os exércitos maiores. Com efeito, por maior que seja o cuidado com que se preparam as provisões, tanto mais cedo elas se esgotam quanto maior for o número de pessoas a quem se distribuem. Por fim, a própria água, por vezes, mal é suficiente para uma tal multidão. E se, por acaso, as linhas de batalha tiverem de bater em retirada, forçoso é que muitos caiam mortos de entre muitos, e que, aqueles que escaparem, uma vez aterrorizados, receiem mais tarde o combate.

Veteres autem qui remedia difficultatum experimentis didicerant non tam numerosos quam eruditos armis exercitus habere voluerunt. Itaque in levioribus bellis unam legionem mixtis auxiliis, hoc est decem milia peditum et duo milia equitum, crediderunt posse sufficere, quam manum praetores vel minores duces ad expeditionem saepe ducebant. Quod si magnae hostium copiae dicerentur, consularis potestas cum viginti milibus peditum et quattuor milibus equitum tamquam comes maior mittebatur. Quod si infinita multitudo ex gentibus ferocissimis rebellasset, tunc nimia necessitate cogente duo duces et duo mittebantur exercitus cum eiusmodi praecepto: ‘provideant ne quid res publica detrimenti capiat consules ambo alterve’ vel ‘alter ambove’. Denique, cum in diversis regionibus contra diversos hostes a populo Romano annis prope omnibus pugnaretur, ideo sufficebant militum copiae quia utilius iudicabant non tam grandes exercitus habere quam plures, illa tamen ratione servata ne umquam amplior multitudo socialium auxiliarium esset in castris quam civium Romanorum.

II. Quemadmodum sanitas gubernetur exercitus:

Nunc, quod vel maxime providendum est, quemadmodum sanitas custodiatur exercitus admonebo, hoc est locis aquis tempore medicina exercitio.

Locis, ne in pestilenti regione iuxta morbosas paludes, ne aridis et sine opacitate arborum campis aut collibus, ne sine tentoriis aestate milites commorentur, ne egressi tardius et calore solis et fatigatione itineris contrahant morbum sed potius in aestu ante lucem coepto itinere ad destinata perveniant, ne saeva hieme iter per nives ac pruinas noctibus faciant aut lignorum patiantur inopiam aut minor illis vestium suppetat copia; nec sanitati enim nec expeditioni idoneus miles est qui algere compellitur.

Nec perniciosus vel palustribus aquis utatur exercitus; nam malae aquae potus, veneno similis, pestilentiam bibentibus generat.

Mas os antigos, que aprenderam as soluções para as dificuldades por meio da experiência, preferiram ter, não tanto exércitos volumosos, mas instruídos nas armas. E, assim, eles acreditaram que, nas guerras mais ligeiras, uma só legião com tropas auxiliares misturadas, isto é, dez mil peões e dois mil cavaleiros, podia ser suficiente, força essa que pretores ou generais de categoria inferior conduziam frequentemente em campanha. Mas se constasse que as tropas dos inimigos eram numerosas, era enviada uma autoridade consular, como um conde de primeira ordem¹³⁹, com vinte mil peões e quatro mil cavaleiros. Porém, se uma incontável multidão de gentes muito ferozes se revoltasse, então, em caso de extrema necessidade, eram enviados dois generais e dois exércitos com uma ordem deste tipo: “que os cônsules, em conjunto ou separadamente, providenciem para que a república não sofra nenhum dano”. Por fim, como o povo romano combatia quase todos os anos em diversas regiões contra diferentes inimigos, tornavam-se suficientes as quantidades de soldados existentes porque se considerava mais útil dispor de vários exércitos do que ter exércitos tão grandes¹⁴⁰, ainda que se conservasse aquele princípio de nunca haver no acampamento um número de aliados auxiliares superior ao de cidadãos romanos.

II. Como deve ser controlada a saúde do exército:

Agora, aconselharei como a saúde do exército, matéria que deve ser acautelada ao máximo, é protegida, isto é, o que diz respeito aos lugares, à água, ao tempo, à medicina e ao treino.

Quanto aos lugares, os soldados não devem acampar em região pestilenta próxima de pântanos insalubres, nem em campos ou montes áridos e sem sombra de árvores, nem sem tendas durante o Verão; eles devem evitar contrair uma doença, quer devido ao calor do sol quer ao cansaço da marcha, ao partir tarde de mais do acampamento; mas devem chegar ao seu destino no momento de maior calor, começando a marcha, de preferência, antes do nascer do sol; não devem fazer uma marcha noturna no pino do Inverno através da neve e da geada ou incorrer em falta de lenha ou de vestuário; com efeito, não pode ser saudável nem capaz de uma campanha o soldado que é constrangido pelo frio.

E o exército não deve consumir águas perniciosas ou pantanosas, pois o beber água de má qualidade, semelhante a um veneno, provoca a doença àqueles que a ingerem.

Iam vero ut casu aegri contubernales oportunis cibis reficiantur ac medicorum arte curentur principiorum tribunorumque et ipsius comitis qui maiorem sustinet potestatem iugis quaeritur diligentia; male enim cum his agitur quibus necessitas et belli incumbit et morbi.

Sed rei militaris periti plus cotidiana armorum exercitia ad sanitatem militum putaverunt prodesse quam medicos. Itaque pedites sine intermissione imbribus vel nivibus sub tecto, reliquis diebus exerceri in campo voluerunt; similiter equites non solum in planis sed etiam in abruptis et fossarum hiatu difficillimis semitis seque et equos suos assidue exercere iusserunt, ut nihil his in necessitate proelii accidere posset incognitum. Ex quo intellegitur quanto studiosius armorum arte docendus sit semper exercitus, cum ei laboris consuetudo et in castris sanitatem et in conflictu possit praestare victoriam.

Si autumnali aestivoque tempore diutius in hisdem locis militum multitudo consistat, ex contagione aquarum et odoris ipsius foeditate vitiatas haustibus et aere corrupto perniciosissimus nascitur morbus, qui prohiberi non potest aliter nisi frequenti mutatione castrorum.

III. Quanta cura providenda sint atque servanda pabula vel frumenta:

Ordo postulat ut de commeatu pabulo frumentisque dicatur. Saepius enim penuria quam pugna consumit exercitum, et ferro saevior fames est. Deinde reliquis casibus potest in tempore subveniri, pabulatio et annona in necessitate remedium non habent nisi ante condantur. In omni expeditione unum est et maximum telum ut tibi sufficiat victus, hostes frangat inopia.

Ante igitur quam inchoetur bellum, de copiis expensisque sollers debet esse tractatus, ut pabula frumentum ceteraeque annonariae species quas a provincialibus consuetudo deposcit maturius exigantur et in opportunis

Com efeito, para que nestas circunstâncias os camaradas¹⁴¹ doentes se recomponham com alimentos adequados e sejam tratados pela arte dos médicos, requer-se uma preocupação constante dos oficiais, dos tribunos e até do próprio conde que detém o maior poder; com efeito, tudo corre mal àqueles sobre os quais se abate a obrigação não só de fazer a guerra mas também a de enfrentar a doença.

Mas os peritos da arte militar achavam que o exercício diário das armas era mais útil para a saúde dos soldados do que os médicos. E, assim, eles quiseram que os peões fossem treinados sem interrupção, em tempo de chuva ou de neve sob a protecção de um tecto e, nos restantes dias, no campo de treinos¹⁴²; da mesma maneira, ordenaram que os cavaleiros e as suas montadas treinassem assiduamente não só em locais planos mas também em locais escarpados e em veredas muito difíceis devido à abertura de valas para que nada de imprevisto lhes pudesse suceder em caso de combate. De onde se depreende o quanto o exército deve ser sempre cuidadosamente instruído na arte das armas, uma vez que o hábito do trabalho pode garantir-lhe não só a saúde no acampamento mas também a vitória na batalha.

Se, no Outono e no Verão, uma grande quantidade de soldados permanecer muito tempo nos mesmos lugares, então surge uma doença muito perniciosa por causa da ingestão de águas viciadas e do ar corrupto, devido quer à contaminação das águas, quer ao carácter repugnante do próprio cheiro; doença essa que não pode ser evitada de outra forma a não ser pela mudança frequente de acampamento.

III. Com que cuidado devem ser aprovisionados e conservados as forragens e os cereais:

A sequência exige que se fale acerca do aprovisionamento de forragens e de cereais. Com efeito, muitas vezes a penúria de alimentos destrói mais o exército do que o combate: a fome é mais cruel do que o ferro. Em segundo lugar, outras situações podem ser remediadas a tempo mas o aprovisionamento de forragens e de mantimentos não tem solução em caso de necessidade a não ser que seja feito com antecedência¹⁴³. Em toda a campanha, a arma, por si só, mais importante é que os víveres sejam suficientes mas que a carência deles aniquile os inimigos.

Portanto, antes de se começar uma guerra, deve deliberar-se cuidadosamente acerca das provisões e das despesas para que forragens, trigo e outros tipos de provisões, que o costume exige aos habitantes das províncias, sejam reclamados

ad rem gerendam ac munitissimis locis amplior semper modus quam sufficit adgregetur. Quod si tributa deficiunt, prorogato auro comparanda sunt omnia; neque enim divitiarum secunda possessio est nisi armorum defensione servetur. Frequenter autem necessitas geminatur et obsidio saepe fit longior quam putaris, cum adversarii etiam ipsi esurientes circumsidere non desinant quos fame sperant esse vincendos.

Praeterea quicquid in pecore vel quacumque fruge vinoque hostis inferens bellum ad victum suum poterit occupare non solum admonitis per edicta possessoribus sed etiam coactis per electos executores ad castella idonea et armatorum firmata praesidiis vel ad tutissimas conferendum est civitates, urgendique provinciales ut ante irruptionem seque et sua moenibus condant. Reparatio etiam murorum tormentorumque omnium ante curanda est. Nam si semel hostes praevenierint occupatos, metu universa turbantur, et quae ex aliis urbibus petenda sunt interclusis itineribus denegantur.

Sed fidelis horreorum custodia et erogatio moderata consuevit sufficere pro copia, maxime si ab initio procuretur. Ceterum sera parsimonia est tunc servare cum deficit. In expeditionibus arduis per capita magis militum quam per dignitates ab antiquis praebebantur annonae, ita ut post necessitatem eisdem a re publica redderentur.

Hieme lignorum et pabuli, aestate aquarum vitanda est difficultas, frumenti vero et aceti vel vini nec non etiam salis omni tempore necessitas declinanda, ita ut urbes atque castella ab his militibus qui minus prompti inveniuntur in acie armis sagittis fustibalis fundis etiam et saxis onagris ballistisque defendantur.

Praecipueque vitetur ne adversariorum dolo atque periuriis decipiatur provincialium incauta simplicitas; frequentius enim commerciorum pacisque simulatio credulis quam arma nocuerunt.

o mais cedo possível e para que uma quantidade maior do que aquela que é suficiente seja sempre armazenada em lugares convenientes para o efeito e muito bem protegidos. Mas, se as contribuições faltam, tudo deve ser adquirido com ouro adiantado; com efeito, a posse de riquezas não é segura a não ser que seja garantida pela força das armas. Mas, frequentemente, a necessidade duplica e um cerco torna-se muitas vezes mais longo do que se pensa, uma vez que os adversários, ainda que passando eles próprios fome, não deixam de cercar aqueles que eles julgam que também poderão ser vencidos pela fome.

Além disso, tudo o que seja gado, qualquer tipo de cereais ou vinho, a que um inimigo portador da guerra possa deitar a mão para sua alimentação, deve ser levado para fortalezas seguras e defendidas por guarnições de soldados armados ou para cidades bem protegidas, não só advertidos os proprietários por meio de éditos mas também a isso obrigados por oficiais escolhidos; e os habitantes das províncias devem ser exortados a esconderem-se a si próprios e aos seus bens atrás das muralhas antes do ataque. Também a reparação das muralhas e de todos os engenhos de guerra deve ser acautelada antes. Pois se os inimigos repararem alguma vez que se está desprevenido, então tudo é perturbado pelo medo e aquelas coisas que têm de ser pedidas a outras cidades são recusadas, estando as estradas cortadas.

Uma vigilância segura dos celeiros e uma distribuição moderada costumam garantir a abundância, especialmente se isso for assegurado desde o início. Mas quando as provisões são escassas, então é tarde demais para as conseguir poupar. Em campanhas difíceis, as provisões eram distribuídas pelos antigos mais de acordo com o número dos soldados do que em função do seu estatuto, de tal forma que, ultrapassada a situação de emergência, elas eram repostas pelo Estado nos moldes habituais¹⁴⁴.

Deve evitar-se a carência de lenha e de forragens no Inverno e de água no Verão; também se deve evitar a escassez de trigo, de vinagre e de vinho e também de sal, em qualquer altura do ano, de tal forma que as cidades e as fortalezas sejam defendidas com armas, com setas, com fustíbalos, com fundas e com pedras, com ónagros e com balistas¹⁴⁵ por aqueles soldados que são considerados como menos aptos no campo de batalha.

Deve evitar-se especialmente que a simplicidade ingênua dos habitantes das províncias seja enganada pela manha e pelas mentiras dos adversários; com

Qua ratione famem collecti patiuntur hostes, dispersi vero crebris superventibus facile vincuntur.

III. Quemadmodum oporteat provideri ne seditionem milites faciant:

Interdum movet tumultum ex diversis locis collectus exercitus et cum pugnare nolit irasci se simulat cur non ducatur ad bellum; quod hi praecipue faciunt qui in sedibus otiose delicateque vixerunt. Nam asperitate insoliti laboris offensi quem in expeditione necesse est sustinere, praeterea metuentes proelium qui armorum exercitia declinarant, ad eiusmodi praecipitantur audaciam.

Cui vulneri multiplex medicina consuevit opponi. Dum adhuc separati sunt et in sedibus suis, tribunorum vel vicariorum nec non etiam principiorum ad omnem disciplinam artissima severitate teneantur nihilque aliud nisi devotionem moderationemque custodiant, campicursionem, ut ipsi appellant, inspectionemque armorum assidue faciant, nullis commeatibus vacent, ad nomen, ad signa observare non desinant. Ad sagittas iaciendas, ad missibilia dirigenda, ad iactandos lapides vel funda vel manu, ad armaturae gestum, ad vectes pro similitudine gladiatorum punctim caesimque feriendo multo die usque ad sudorem sunt frequentissime detinendi, cursu etiam et saltu ad transmittendas fossas nihilo minus imbuendi. Seu mare sive fluvius vicinus est sedibus, aestivo tempore ad natandum cogendi sunt omnes, praeterea silvam caedere, iter per dumos et abrupta facere, materiem dedolare, aperire fossam, occupare aliquem locum et ne a contubernalibus detrudantur scutis invicem obviantibus niti. Ita exercitati et eruditi in sedibus milites, sive illi legionarii sive auxiliares sive equites fuerint, cum ad expeditionem ex diversis convenerint numeris, aemulatione virtutis proelium magis necesse habent optare quam otium. Nemo cogitat de tumultu qui fiduciam de arte vel viribus gerit.

efeito, a simulação de actos de comércio e de paz prejudicou muito mais vezes os crédulos do que o fizeram as armas.

Deste modo, os inimigos, quando estão juntos, padecem de fome, enquanto dispersos são facilmente vencidos por meio de emboscadas frequentes.

IV. Que cautelas se deve ter para que os soldados não se amotinem:

De tempos a tempos, o exército reunido a partir de diferentes lugares provoca a desordem e, quando não quer combater, finge irritar-se porque não é conduzido para a guerra; isto é feito especialmente por aqueles que viveram ociosa e luxuosamente nos seus aquartelamentos. Com efeito, ultrajados pela aspereza de um trabalho a que não estão acostumados e que é necessário assegurar em campanha, temendo, além disso, o combate, aqueles que descuraram o exercício das armas lançam-se numa aventura deste tipo.

A esta chaga é costume responder-se com soluções variadas. Enquanto ainda estão separados e nos seus aquartelamentos, os soldados devem submeter-se a todo o género de disciplina graças a um controlo muito severo dos tribunos ou dos vicários ou ainda dos oficiais. E não devem cultivar mais nada para além da dedicação e da obediência; devem fazer assiduamente *campicursio*¹⁴⁶, tal como eles lhe chamam, e revistas de armas; devem ficar sem licenças de saída e não devem deixar de responder à chamada e de acompanhar os seus estandartes. Devem ser muito frequentemente ocupados no lançamento de setas e de dardos, no arremesso de pedras (quer com fundas quer à mão), na manobra da *armatura* e no uso de paus à maneira de gládios, golpeando quer de ponta quer de talho durante a maior parte do dia até suarem¹⁴⁷. E ainda devem ser treinados a ultrapassar valas em corrida ou em salto. Se houver um mar ou um rio próximo do aquartelamento, todos devem ser obrigados a nadar durante o Verão e, além disso, a cortar árvores, a marchar por silvados e lugares íngremes, a desbastar madeira, a abrir um fosso e a ocupar um qualquer lugar, esforçando-se por não ser desalojados pelos seus próprios camaradas, opondo os seus escudos aos deles. Assim, treinados e instruídos nos aquartelamentos, os soldados, sejam eles legionários, tropas auxiliares ou cavaleiros, quando se reunirem para uma campanha, vindos de diversas unidades, têm necessariamente de preferir o combate ao ócio para competirem entre si em valor. Ninguém, que tenha confiança na sua perícia e nas suas forças, pensa em desordens.

Dux autem esse debet attentus ut in omnibus legionibus sive auxiliis vel vexillationibus a tribunis vicariis principiisque, si qui turbulenti vel seditiosi sunt milites, non pro invidia suggerentum sed pro rerum veritate cognoscat eosque prudentiore consilio segregatos a castris ad agendum aliquid quod ipsis prope videatur optabile aut ad castella urbesque deputet muniendas atque servandas, tanta subtilitate ut cum abiciuntur videantur electi. Numquam enim ad contumaciam pari consensu multitudo prorumpit sed incitatur a paucis, qui vitiorum scelerumque impunitatem sperant peccare cum plurimis.

Quod si ferri medicinam necessitas extrema persuaserit, rectius est more maiorum in auctores criminum vindicari, ut ad omnes metus, ad paucos poena perveniat. Laudabiliores tamen duces sunt quorum exercitum ad modestiam labor et usus instituit quam illi quorum milites ad oboedientiam suppliciorum formido compellit.

V. Signorum militarium quanta sint genera:

Multa quidem sunt discenda atque observanda pugnantibus, siquidem nulla sit negligentiae venia ubi de salute certatur; sed inter reliqua nihil magis ad victoriam proficit quam monitis obtemperare signorum. Nam cum voce sola inter proeliorum tumultus regi multitudo non possit et cum pro necessitate rerum plura ex tempore iubenda atque facienda sint, antiquus omnium gentium usus invenit quomodo quod solus dux utile iudicasset per signa totus agnosceret et sequeretur exercitus.

Tria itaque genera constat esse signorum, vocalia semivocalia muta; quorum vocalia et semivocalia percipiuntur auribus, muta vero referuntur ad oculos.

Vocalia dicuntur quae voce humana pronuntiantur, sicut in vigiliis vel in proelio pro signo dicitur ut puta 'victoria' 'palma' 'virtus' 'Deus nobiscum' 'triumphus imperatoris' et alia quaecumque voluerit dare is qui in exercitu habet maximam potestatem. Sciendum tamen est ista vocabula cotidie debere variari, ne ex usu signum hostes agnoscant et explorantes inter nostros versentur impune.

Mas o general deve estar atento de forma a conhecer, pelos tribunos, pelos seus vicários e pelos oficiais, em todas as legiões, tropas auxiliares e *vexillationes*¹⁴⁸, se existem alguns soldados desordeiros ou sediciosos, não por inveja dos informadores mas pela verdade dos factos. E por meio de uma decisão muito prudente, o general deve encarregar aqueles que assim foram afastados do acampamento de fazer algo que a eles próprios se afigure preferível ou de fortificar e guardar castelos e cidades, de tal forma que a eles pareça terem sido escolhidos quando na verdade foram afastados. Com efeito, nunca uma multidão se lança com unanimidade numa rebelião mas a ela é incitada por uns poucos que esperam a impunidade de vícios e de crimes ao prevaricar a coberto de muitos.

Mas, se uma necessidade extrema justificar a medicina do ferro, é mais justo castigar os promotores dos crimes segundo os costumes dos antepassados para que o medo atinja todos e o castigo, poucos. Contudo, são mais dignos de louvor os generais cujos exércitos foram educados para a disciplina pelo trabalho e pela experiência do que aqueles cujos soldados são forçados à obediência pelo terror dos castigos.

V. Quantos tipos há de sinais militares:

Há muitos sinais que devem ser aprendidos e respeitados pelos combatentes pois nenhuma concessão deve ser feita à negligência quando se combate pela própria vida; mas, entre tudo, nada é mais útil para a vitória do que obedecer aos avisos dos sinais militares. Com efeito, quando, no meio dos tumultos dos combates, a multidão não pode ser comandada somente pela voz e quando, devido à gravidade da situação, muitas acções devem ser ordenadas e feitas de imediato, então o antigo costume de todos os povos descobriu de que modo todo o exército podia conhecer aquilo que só o general tinha considerado como útil.

E assim, é sabido que há três espécies de sinais: vocais, semi-vocais e mudos; entre eles, os vocais e semi-vocais são apreendidos pelos ouvidos, enquanto os mudos são direccionados para a vista.

Chamam-se “vocais” os que são pronunciados pela voz humana, tal como em vigilâncias nocturnas ou em combate se diz, por exemplo, a título de senha, “vitória”, “palma”, “coragem”, “Deus connosco”, “triunfo do imperador” e outros quaisquer sinais que aquele, que tem a máxima autoridade no exército, quiser dar. Porém, deve saber-se que estas palavras devem ser mudadas todos os dias para que os inimigos não conheçam o sinal devido ao seu uso repetido e para que espiões não subsistam impunemente entre os nossos.

Semivocalia sunt quae per tubam aut cornum aut bucinam dantur. Tuba quae directa est appellatur, bucina quae in semet aereo circulo flectitur, cornu quod ex uris agrestibus, argento nexum, temperato arte spiritu quem canentis flatus emittit auditur. Nam indubitatis per haec sonis agnoscit exercitus utrum stare vel progredi an certe regredi oporteat, utrum longe persequi fugientes an receptui canere.

Muta signa sunt aquilae dracones vexilla flammulae tufae pinnae; quocumque enim haec ferri iusserit ductor, eo necesse est signum suum comitantes milites pergant. Sunt et alia muta signa quae dux belli in equis aut indumentis et in ipsis armis, ut dinoscatur hostis, praecipit custodiri. Praeterea manu aliquid vel flagello more barbarico vel certe mota qua utitur veste significat.

Quae omnia in sedibus, in itineribus, in omni exercitatione castrensi, universi milites et sequi et intellegere consuescant. Continuus enim usus necessarius videtur in pace eius rei quae in proelii confusione servanda sit.

Item mutum et commune signum est quotiens proficiscente turba excitatus pulvis ad similitudinem nubium surgit hostiumque prodit adventum. Similiter, si divisae sint copiae, per noctem flammis, per diem fumo significant sociis quod aliter non potest nuntiari. Aliquantum in castellorum aut urbium turribus appendunt trabes, quibus aliquando erectis aliquando depositis indicant quae geruntur.

VI. Quanta sit servanda cautela cum vicinis hostibus movetur exercitus:

Qui rem militarem studiosius didicerunt asserunt plura in itineribus quam in ipsa acie pericula solere contingere. Nam in conflictu armati sunt omnes et hostem comminus vident et ad pugnandum animo veniunt praeparati; in itinere minus armatus minusque attentus est miles et superventus impetu vel fraude subsessae repente turbatur. Ideo omni cura omnique diligentia providere dux debet ne proficiscens patiatur incursum vel facile ac sine damno repellat inlatum.

Os “semi-vocais” são aqueles que são dados por meio de uma *tuba*, de um *cornu* ou de uma *bucina*¹⁴⁹. Chama-se *tuba* àquele instrumento que é direito, *bucina* àquele que é curvado em si mesmo num círculo de bronze, e *cornu* àquele que, feito de cornos de bois selvagens revestidos de prata, emite o som de um vento que canta quando é modulado com um sopro artístico. Pois o exército sabe por meio de todos estes sons inconfundíveis se convém estar parado ou avançar ou ainda recuar e se convém perseguir os fugitivos até longe ou tocar para a retirada.

Os sinais “mudos” são as águias, os dragões, os *vexilla*¹⁵⁰, as flâmulas¹⁵¹, as *tufae*¹⁵² e as *pinnae*¹⁵³; com efeito, é necessário que os soldados, que seguem um sinal, o acompanhem para onde quer que o general ordene que ele seja levado. Também existem outros sinais mudos que o general manda colocar nos cavalos, no vestuário e nas próprias armas para que se distingam dos inimigos. Além disso, o general dá indicações com a mão ou com o chicote, segundo o costume bárbaro e, por vezes, por meio de um movimento do vestuário que enverga.

Todos os soldados devem acostumar-se quer a seguir, quer a perceber isto tudo nos aquartelamentos, nas marchas e em todo o tipo de exercício militar. Na verdade, parece ser necessário uma prática contínua em tempo de paz daquilo que deve ser preservado na confusão do combate.

Do mesmo modo, configura-se como um sinal mudo e comum a poeira provocada pela multidão em marcha que surge à semelhança de nuvens e que denuncia a chegada dos inimigos. Igualmente, se as tropas estiverem divididas, elas dão a conhecer aos companheiros, por meio de chamadas de noite e de sinais de fumo de dia, aquilo que não pode ser anunciado de outra maneira. Alguns suspendem archotes nas torres de fortalezas ou de cidades, com os quais anunciam o que se passa, ora levantando-os, ora rebaixando-os¹⁵⁴.

VI. Que cuidados se deve ter quando o exército se movimenta com o inimigo por perto:

Aqueles que estudaram mais aplicadamente a arte militar asseguram que é habitual que os perigos surjam em maior número durante a marcha do que no próprio combate. Pois, no combate, todos estão armados e vêem o inimigo face a face e vêm mentalizados para lutar; na marcha, o soldado está menos armado e menos atento e é perturbado repentinamente pela violência de um ataque inesperado ou pela perfídia de uma emboscada. Por isso, o general deve providenciar com todo o cuidado e com todo o zelo que, tendo-se posto em

Primum itineraria omnium regionum in quibus bellum geritur plenissime debet habere perscripta, ita ut locorum intervalla non solum passuum numero sed etiam viarum qualitate perdiscat, compendia deverticula montes flumina ad fidem descripta consideret, usque eo ut sollertiores duces itineraria provinciarum in quibus necessitas gerebatur non tantum adnotata sed etiam picta habuisse firmentur, ut non solum consilio mentis verum aspectu oculorum viam profecturus eligeret. Ad hoc a prudentioribus et honoratis ac locorum gnaris separatim debet universa perquirere et veritatem colligere de pluribus, praeterea sub periculo eligentium viarum duces idoneos scientesque percipere eosque custodiae mancipare addita poenae ostentatione vel praemii; erunt enim utiles cum intellegant nec fugiendi sibi copiam superesse et fidei praemium ac perfidiae parata supplicia. Providendum quoque ut sapientes exercitatusque quaerantur, ne duorum aut trium error discrimen pariat universis; interdum autem imperita rusticitas plura promittit et credit se scire quae nescit.

Sed cautelae caput est ut ad quae loca vel quibus itineribus sit profecturus exercitus ignoretur; tutissimum namque in expeditionibus creditur facienda nesciri. Ob hoc veteres Minotauri signum in legionibus habuerunt, ut quemadmodum ille in intimo et secretissimo labyrintho abditus perhibetur, ita ducis consilium semper esset occultum. Securus iter agitur quod agendum hostes minime suspicantur. Verum, quia exploratores altrinsecus missi profectionem suspicionibus vel oculis deprehendunt et interdum transfugae proditoresque non desunt, quemadmodum occurri ingruentibus debeat intimeretur.

Dux cum agmine exercitus profecturus fidelissimos argutissimosque cum equis probatissimis mittat qui loca per quae iter faciendum est in

marcha, não sofra um ataque e, também, que afaste facilmente e sem dano uma investida.

Em primeiro lugar, o general deve ter escritos, com muito detalhe, os itinerários de todas as regiões nas quais se desenvolve a guerra para que conheça bem as distâncias entre os lugares, não só quanto ao número de passos mas também no que diz respeito à qualidade das estradas, e para que avalie atalhos, desvios, montes e rios descritos com fidelidade, ao ponto de os generais mais experientes terem, como é sabido, não apenas anotados mas também desenhados, itinerários das províncias nas quais surgia uma situação crítica. Deste modo, na hora da partida, podiam escolher um percurso não só em resultado de uma avaliação mental mas também em função do aspecto visual. Para este efeito, o general deve, separadamente, informar-se bem de tudo junto das pessoas mais experientes e ilustres e junto das pessoas conhecedoras dos locais e deve apurar a verdade junto de muita gente. Além disso, ele deve recrutar, por conta e risco daqueles que os escolherem, guias competentes e conhecedores das estradas e colocá-los sob vigilância, com a promessa de um castigo ou de uma recompensa. Com efeito, estes guias serão úteis quando perceberem que não há, para eles, possibilidade de fuga, mas que existe um prémio pela fidelidade ou, então, castigos destinados a actos de perfídia. Também é de providenciar que se busquem homens sábios e treinados para que o erro de dois ou três não cause um perigo grave para todos; é que, algumas vezes, a ignorância dos homens do campo promete muito e acredita conhecer aquilo que, na verdade, desconhece.

Mas a cautela mais importante consiste em o exército ignorar para que lugares ou por que caminhos vai avançar; acredita-se que o mais seguro de tudo é desconhecer o que tem de ser feito nas campanhas. Por isso é que os antigos tinham o estandarte do Minotauro nas legiões, pois do mesmo modo que se conta que aquele permanecia escondido num labirinto recôndito e secretíssimo, também a intenção do general devia permanecer sempre oculta. Uma marcha segura é aquela que os inimigos menos suspeitam que seja empreendida. Mas uma vez que os batedores enviados de um e do outro lado podem detectar o avanço do adversário por meio de indícios ou da observação directa e porque, às vezes, existem trânsfugas e traidores, convém expor como é que deve fazer-se frente aos atacantes.

O general, quando o exército está prestes a pôr-se em ordem de marcha, deve enviar homens de muita confiança e muito inteligentes em óptimos cavalos

progressu et a tergo, dextra laevaue perlustrent, ne aliquas adversarii moliantur insidias. Tutius autem operantur exploratores noctibus quam diebus; nam quodammodo ipse sui proditor invenitur cuius speculator fuerit ab adversariis comprehensus.

Primi ergo equites iter arripiant, deinde pedites; impedimenta sagmarii calones vehiculaque in medio collocentur, ita ut expedita pars peditum et equitum subsequatur. Nam ambulanti bus interdum quidem a fronte sed frequentius a tergo superventus infertur. A lateribus quoque pari armatorum manu impedimenta claudenda sunt; nam insidiatores transversos frequenter incursant. Illud tamen praecipue servandum est, ut ea pars ad quam hostis venturus creditur oppositis lectissimis equitibus et levi armatura nec non etiam peditibus sagittariis muniatur. Quod si undique circumfunduntur inimici, undique debent praeparata esse subsidia. Ne vero repentinus tumultus amplius noceat, ante commonendi sunt milites ut parati sint animo, ut arma in manibus habeant: in necessitate subita conterrent, provisa non solent esse formidini. Antiqui diligentissime praecavebant ne a calonibus interdum vulneratis interdum timentibus et sagmariis clamore pavefactis pugnantes milites turbarentur, ne dispersi longius aut conglobati amplius quam expedit impedirent suis hostibusque prodessent. Et ideo ad exemplum militum etiam impedimenta sub quibusdam signis ordinanda duxerunt. Denique ex ipsis calonibus, quos galiarios vocant, idoneos ac peritos usu legebant quos non amplius quam ducentis sagmariis puerisque praeficerent, hisque vexilla dabant, ut scirent ad quae signa deberent impedimenta colligere. Sed propugnatores ab impedimentis laxamento aliquo dividuntur, ne constipati laedantur in proelio.

Ambulante exercitu, ut locorum varietas evenerit, ita defensionis ratio variatur. Nam in campis patentibus equites magis solent impugnare quam pedites; at vero in locis silvestribus vel montuosis sive palustribus pedestres magis formidandae sunt copiae.

para explorarem, à direita e à esquerda, à frente e atrás, os lugares pelos quais o caminho tem de ser feito de modo a que os adversários não armem algumas emboscadas. Mas é mais seguro os batedores actuarem de noite que de dia, pois, de certa maneira, revela-se como traidor a si próprio o general cujo batedor for aprisionado pelos adversários.

Por isso, os cavaleiros devem ser os primeiros a iniciar a marcha, depois, os peões; as bagagens, as bestas de carga, os serventes e as carroças devem ser colocadas no meio, de forma a que as tropas ligeiras de peões e de cavaleiros venham a seguir¹⁵⁵. Com efeito, o ataque de surpresa é lançado por vezes de frente mas, mais frequentemente, pela retaguarda. As bagagens também devem ser ladeadas por uma força semelhante de homens armados; é que os atacantes lançam-se frequentemente sobre os flancos. E deve observar-se especialmente isto: aquele lado, em direcção ao qual se julga que o inimigo há-de vir, deve ser protegido com uma barreira de cavaleiros bem escolhidos, secundados por infantaria ligeira e ainda por arqueiros a pé. Se os inimigos cercarem por todos os lados, então devem também estar preparados reforços em todas essas partes. E para que uma perturbação imprevista não cause ainda mais dano, os soldados devem ser previamente avisados para estarem preparados em espírito e para terem as armas à mão: numa emergência, as acções súbitas aterrorizam, enquanto as previstas não costumam ser motivo de medo. Os antigos precaviam-se muito diligentemente para que os soldados em combate não fossem perturbados pelos serventes, ora feridos ora amedrontados, nem pelas bestas de carga aterrorizadas pelo ruído e para que eles não estorvassem os seus companheiros ou dessem vantagem ao inimigo, estando muito dispersos ou mais agrupados do que é vantajoso. Por este motivo, a exemplo dos soldados, também as bagagens deviam ser dispostas sob algumas bandeiras. E assim, os antigos escolheram de entre os próprios serventes aqueles a que chamam *galiarii*, aptos e experimentados, a quem entregavam não mais do que duzentas bestas de carga e moços e atribuíam-lhes estandartes para que soubessem sob que bandeiras deviam juntar as bagagens. Mas para que não fossem feridos no combate, estando todos amontoados, os combatentes estavam separados das bagagens por um certo espaço.

Com o exército em marcha, tal como surge uma grande variedade de lugares, assim deve variar a forma de defesa. Pois em campo aberto, os cavaleiros costumam atacar mais vezes do que os peões; mas, pelo contrário, em lugares arborizados ou montanhosos ou pantanosos, os peões são uma força mais temível.

Illudque vitandum, ne per negligentiam aliis festinantibus aliis tardius incedentibus interrumpatur acies aut certe tenuetur; continuo enim hostes interpolata pervadunt. Praeponendi ergo sunt exercitatissimi campidoctores vicarii vel tribuni, qui alacriores retardent et pigrius incedentes accelerare compellant. Nam qui multum praecesserint superventu facto non tam redire quam effugere cupiunt, qui vero extremi sunt deserti a suis vi hostium et propria desperatione superantur.

Sciendum etiam quod adversarii in his locis quae sibi oportuna intellegunt subsessas occultius collocant vel aperto Marte impetum faciunt. Sed ne secreta noceant ducis praestat industria, quem omnia prius convenit explorare. Deprehensa vero subsessa, si circumveniatur utiliter, plus periculi sustinet quam parabat inferre. Aperta autem vis si praeparetur in montibus, altiora loca praemissis sunt praesidiis occupanda, ut hostis, cum advenerit, repperiatur inferior nec audeat obviare, cum tam a fronte quam supra caput suum cernat armatos. Quod si angustae sunt viae sed tamen tutae, melius est praecedere cum securibus ac dolatoriis milites et cum labore vias aperire quam in optimo itinere periculum sustinere.

Praeterea nosse debemus hostium consuetudinem, utrum nocte an incipiente die an hora reficiendi lassissimis supervenire consueverint, et id vitare quod illos facturos putamus ex more. Iam vero utrum peditibus an equitibus, utrum contatis an sagittariis amplius valeant, utrum numero hominum an armorum munitione praecellant, scire nos convenit et ordinare quod nobis utile, illis docetur adversum, tractare quoque, per diem an per noctem iter expediat inchoari, quanta locorum intervalla sint ad quae cupimus properare, ne aestate aquae penuria obsit euntibus, ne hieme difficiles aut inviae occurrant paludes maioresque torrentes et impedito itinere circumveniatur exercitus priusquam ad destinata perveniat.

Deve evitar-se que, por negligência, com uns a avançarem rapidamente e outros a marcharem mais devagar, a coluna seja interrompida ou sequer adelgada; com efeito, imediatamente os inimigos penetram pelos intervalos. Por isso, devem ser nomeados *campidoctores*¹⁵⁶ muito experientes, vicários e tribunos que retardem os mais enérgicos e que obriguem os que marcham mais vagorosamente a acelerar. Com efeito, aqueles que forem muito à frente, ao surgir um ataque de surpresa, têm mais vontade de fugir do que de voltar para trás, enquanto que aqueles que estão na retaguarda, abandonados pelos seus, são vencidos pela força dos inimigos e pelo seu desamparo.

Também deve saber-se que os adversários preparam emboscadas bem dissimuladas ou atacam de uma forma aberta naqueles lugares que julgam ser-lhes mais favoráveis. Mas o zelo do general, a quem convém explorar tudo antecipadamente, faz com que as surpresas não provoquem danos. Na verdade, descoberta uma emboscada, se ela for bem rodeada, causa mais prejuízo a quem a arma do que aquele que ela própria se preparava para infligir. E caso se prepare um ataque aberto nos montes, os locais mais elevados devem ser ocupados por forças enviadas antecipadamente para que o inimigo, quando chegar, se encontre em posição inferior e não ouse atacar quando vir homens armados tanto à sua frente como acima da sua cabeça. Mas, se os caminhos são apertados mas seguros, é preferível que os soldados avancem com machados e picaretas e que desbravem as passagens com o seu próprio trabalho do que correr riscos num caminho melhor¹⁵⁷.

Além disso, devemos conhecer os costumes dos inimigos: se eles têm por hábito atacar de noite, ou ao nascer do dia, ou à hora do descanso e evitar aquilo que nós pensamos que eles irão fazer por rotina. E devemos saber se eles são mais fortes em peões ou em cavaleiros, em lanceiros ou em arqueiros, se são superiores em número de homens ou em qualidade de armas; convém-nos saber tudo isso para ordenarmos aquilo que nos é útil e que é sabido ser-lhes adverso. Devemos avaliar ainda se convém começar o caminho de dia ou de noite e que distâncias existem entre os lugares para os quais desejamos avançar, para que, no Verão, a falta de água não prejudique os que partem e para que, no Inverno, não surjam pântanos difíceis e intransitáveis e grandes correntes de água; e, estando impedido o caminho, devemos avaliar se o exército pode ser cercado antes de chegar ao seu destino.

Ut nostra commoditas est sapienter ista vitare, ita, si adversariorum imperitia vel dissimulatio occasionem nobis dederit, non oportet amitti, sed explorare sollicitè, proditores ac transfugas invitare, ut quid hostis moliatur in praesenti vel in futurum possimus agnoscere, paratisque equitibus ac levi armatura ambulantes eosdem vel pabula victumque quaerentes inproviso terrore decipere.

VII. Quemadmodum flumina quae maiora sunt transeantur:

In transitu fluviorum gravis molestia negligentibus frequenter emergit. Nam si aqua violentior fuerit aut alveus latior, impedimenta pueros et ipsos interdum ignaviores solet mergere bellatores.

Ergo explorato vado duae acies equitum cum electis animalibus ordinantur intervallis competentibus separatae, ut per medium pedites et impedimenta transeant. Nam acies superior aquarum impetum frangit, inferior qui rapti subversique fuerint colligit atque transponit. At cum altior fluctus nec peditem nec equitem patitur, si per plana decurrat, ductis multifariam spargitur fossis divisusque facile transitur. Navigeri vero amnes stilis fixis ac superpositis tabulatis pervii fiunt vel certe tumultuario opere colligatis inanibus cupis additisque trabibus transitum praebent. Expediti vero equites fascēs de cannis aridis vel ulva facere consuerunt, super quos loricas et arma, ne uidentur, imponunt; ipsi equique natando transeunt colligatosque secum fascēs pertrahunt socis. Sed commodius repertum est ut monoxylas, hoc est paulo latiores scafulas ex singulis trabibus excavatas, pro genere ligni et subtilitate levissimas, carpentis secum portet exercitus, tabulatis pariter et clavis ferreis praeparatis. Ita absque mora constructus pons et funibus, qui propterea habendi sunt, vinctus lapidei arcus soliditatem praestat in tempore.

Festinanter adversarii ad transitus fluminum insidias vel superventus facere consuerunt. Ob quam necessitatem in utraque ripa collocantur

Tal como a nossa vantagem consiste em evitar tudo isto com sabedoria, assim também, se a falta de perícia ou a negligência dos adversários nos der oportunidade, não convém desperdiçá-la. Devemos, sim, explorar tudo cuidadosamente e aliciar traidores e trânsfugas para que possamos conhecer aquilo que o inimigo planeia no momento presente e para o futuro. E, com cavaleiros preparados e infantaria ligeira, devemos então surpreendê-lo com um terror inesperado enquanto marcha ou procura forragens e alimentos.

VII. Como devem ser atravessados os maiores rios:

Na travessia dos rios sucede com frequência uma grave contrariedade aos descuidados. Com efeito, se a corrente for mais forte ou o leito do rio mais largo, isso poderá muito bem submergir as bagagens, os moços e até os próprios combatentes mais fracos.

Portanto, inspeccionado o vau, devem ser ordenadas duas linhas de cavaleiros em montadas bem escolhidas separadas por intervalos adequados de modo a que os peões e as bagagens passem pelo meio. Na verdade, a linha a montante quebra o ímpeto das águas, enquanto a linha a jusante recolhe e transporta aqueles que forem arrastados e derrubados. Mas quando a profundidade da água não permite a travessia por parte de peões e cavaleiros, e se ela corre por lugares planos, então a água é separada em vários sítios por meio da escavação de fossos e, assim dividida, atravessa-se facilmente. Os rios navegáveis tornam-se transitáveis por meio de pranchas suportadas pela fixação de estacas ou, ainda, através de um trabalho improvisado, oferecem passagem por meio de pipas vazias interligadas e cobertas por traves. Os cavaleiros, desembaraçados do equipamento pesado, estão também habituados a fazer feixes de canas secas ou de ulva, sobre os quais colocam as lorigas e as armas para que não se molhem; e eles e os seus cavalos atravessam a nadar e puxam os feixes amarrados a si por meio de cordas. Mas descobriu-se que era mais cómodo o exército levar consigo, em carroças, *monoxyli*, isto é canoas um pouco mais largas, escavadas de um só tronco e muito leves devido ao tipo de madeira e à sua delgadeza, tendo ainda a postos pranchas e pregos de ferro. E a ponte, assim construída sem demora e ligada por cordas que, por esse motivo, se devem ter à mão, apresenta, em tempo útil, a solidez de um arco de pedra.

Os adversários costumam fazer emboscadas ou ataques de surpresa na altura das travessias dos rios. Devido a este perigo, são colocados guardas armados em

armata praesidia, ne alveo interveniente divisi opprimantur ab hostibus. Cautius tamen est sudes ex utraque parte praefigere ac sine detrimento, si qua vis inlata fuerit, sustinere. Quod si pons non tantum ad transitum sed etiam ad recursum et commeatus necessarius fuerit, tunc in utroque capite percussis latioribus fossis aggereque constructo defensores milites debet accipere a quibus tamdiu teneatur quamdiu locorum necessitas postulat.

VIII. Quemadmodum castra debeant ordinari:

Consequens videtur itineris observatione descripta ad castrorum in quibus manendum est venire rationem. Non enim belli tempore ad stativam vel mansionem civitas murata semper occurrit, et incautum est plenumque discriminis exercitum passim sine aliqua munitione considerare, cum militibus ad capiendum cibum occupatis, ad munera facienda dispersis facile nectantur insidiae; postremo noctis obscuritas, necessitas somni, pascentium equorum dispersio occasionem superventibus praestat.

In metandis castris non sufficit locum bonum legere nisi talis sit ut alter eo non possit melior inveniri, ne utilior praetermissus a nobis et ab adversariis occupatus adportet incommodum. Cavendum quoque ne per aestatem aut morbosa in proximo aut salubris aqua sit longius, hieme ne pabulatio desit aut lignum, ne subitis tempestatibus campus in quo manendum est soleat inundari, ne sit in abruptis ac deviis et circumsedentibus adversariis difficilis praestetur egressus, ne ex superioribus locis missa ab hostibus in eum tela perveniant.

Quibus caute studioseque provisus pro necessitate loci vel quadrata vel rotunda vel trigona vel oblonga castra constitues, nec utilitati praeiudicat forma; tamen pulchriora creduntur quibus ultra latitudinis spatium tertia pars longitudinis additur. Ita autem ab agrimensoribus podismum mensurae colligi oportet ut ad quantitatem concludatur exercitus; nam propugnatores angusta constipant et ultra quam convenit latiora diffundunt.

ambas as margens para evitar que, divididos pelo leito do rio, sejam atacados pelos inimigos. Todavia, é mais cauteloso fixar estacas de ambos os lados e aguentar sem baixas, caso algum ataque seja lançado. Mas se a ponte for necessária não só para a travessia mas também para o regresso e para o abastecimento, então deve ser guarnecida por soldados que, depois de abertos fossos bastante largos e construídas trincheiras de terra, a defendam em ambas as extremidades e a mantenham tanto tempo quanto as características do lugar o exigirem¹⁵⁸.

VIII. Como deve ser disposto o acampamento¹⁵⁹:

Parece lógico, descrito o procedimento de uma marcha, considerar agora a questão do acampamento no qual se deve permanecer. Com efeito, nem sempre, em tempo de guerra, uma cidade fortificada oferece um aquartelamento fixo ou um simples alojamento e é imprudente e altamente perigoso instalar o exército aqui e acolá sem nenhuma protecção, quando se urdem facilmente emboscadas com os soldados ocupados em comer ou dispersos no cumprimento das suas obrigações; por último, a escuridão da noite, a necessidade de dormir, a dispersão dos cavalos que pastam, tudo isso proporciona uma oportunidade aos atacantes.

Ao inspecionar o terreno para um acampamento, não basta escolher um bom lugar, a não ser que não possa ser encontrado outro ainda melhor. Isto para que, posto de lado pelos nossos um lugar mais vantajoso e ocupado este pelos adversários, não advenha daí nenhum inconveniente. Também se deve evitar, na altura do Verão, estar próximo de águas insalubres ou longe de águas potáveis. E, no Inverno, convém que não falem a forragem e a lenha e que o campo, em que se deve permanecer, não costume ser inundado por tempestades repentinas. Também é conveniente que não esteja em lugares escarpados e isolados, os quais, quando cercados pelos adversários, oferecem uma retirada difícil, e ainda que, até ele, não cheguem os dardos arremessados pelos inimigos a partir de pontos mais altos.

Analisado tudo isto cuidadosa e atentamente, poderá ser montado o acampamento, ora quadrado, ora circular, ora triangular, ora oblongo, consoante as necessidades do lugar e sem que a forma prejudique a função; todavia, aquele acampamento em que o comprimento é uma terça parte maior do que a largura é considerado como o mais perfeito. E, assim, convém que a dimensão da área do acampamento seja calculada por agrimensores de tal forma que consiga conter o exército no seu todo; pois lugares apertados congestionam os combatentes e os lugares mais largos dispersam-nos mais do que é conveniente.

Tres autem modos definiunt fossae. Primum in unius noctis transitum et itineris occupationem leviolem, cum sublati caespites ordinantur et aggerem faciunt, supra quem valli, hoc est sudes vel tribuli lignei, per ordinem digeruntur. Caespes autem circumciditur ferramentis, qui herbarum radicibus continet terram; fit altus semissem, latus pedem, longus pedem semis. Quod si terra solutior fuerit, ut ad similitudinem lateris caespes non possit abscidi, tunc opere tumultuario fossa percutitur, lata pedes quinque, alta tres, cui intrinsecus agger excrescit, ut sine metu securus requiescat exercitus. Stativa autem castra aestate vel hieme, hoste vicino, maiore cura ac labore firmantur. Nam singulae centuriae, dividendibus campidoctoribus et principiis, accipiunt pedaturas et scutis vel sarcinis suis in orbem circa propria signa dispositis cincti gladio fossam aperiunt latam aut novem aut undecim aut tredecim pedibus vel, si maior adversariorum vis metuitur, pedibus decem et septem (imparem enim numerum observari moris est); tum saepibus ductis vel interpositis stipitibus ramisque arborum, ne terra facile dilabatur, agger erigitur, supra quem ad similitudinem muri et pinnae et propugnacula componuntur. Opus vero centuriones decempedis metiuntur, ne minus foderit aut erraverit alicuius ignavia, et tribuni circumeunt nec ante discedunt qui strenui sunt quam fuerint universa perfecta. Ne tamen aliquis superventus laborantibus fiat, omnes equites et pars peditum quae non operatur privilegio dignitatis ante fossam in procinctu armata consistit et ingruentes repellit inimicos.

Prima igitur signa locis suis intra castra ponuntur, quia nihil est venerabilius eorum maiestate militibus, duci praetorium eiusque comitibus praeparatur, tribunis tabernacula collocantur, quibus per contubernales deputatos ad munera aqua lignum et pabula ministrantur. Tunc pro gradu legionibus et auxiliis, equitibus et peditibus loca in quibus papiliones tendant deputantur in castris, ac de singulis centuriis quaterni equites et quaterni pedites excubitu noctibus faciunt. Et quia impossibile videbatur in speculis vigilantes singulos permanere,

Ora, existem três maneiras de fortificar um acampamento. Em primeiro lugar, para a passagem de uma única noite e para uma ocupação breve durante uma marcha, dispõem-se em linha montões de terra escavados que formam uma trincheira, sobre a qual se distribuem ordenadamente estacas, isto é, varas ou postes de madeira. Cada torrão de terra é arrancado do solo com ferramentas e contém terra com raízes de ervas; tem meio pé de altura, um pé de largura e um pé e meio de comprimento¹⁶⁰. Mas se a terra for mais solta e se não puder ser cortado um torrão de terra à semelhança de um tijolo, então completa-se um fosso, fruto de um trabalho improvisado, com a largura de cinco pés e com a altura de três¹⁶¹, sobre a qual se ergue uma trincheira pelo lado de dentro para que o exército descanse em segurança e sem medo. Mas um acampamento fixo, tanto de Verão como de Inverno, estando o inimigo nas proximidades, é montado com mais cuidado e trabalho. Com efeito, a cada uma das centúrias é atribuída pelos *campidoctores* e oficiais uma área em pés; e os combatentes, com os escudos e as suas bagagens dispostas em círculo ao redor dos seus estandartes, armados com uma espada, abrem um fosso largo, ou de nove, ou de onze ou de treze pés¹⁶², ou ainda, se se recear uma força maior de adversários, de dezassete pés¹⁶³ (na verdade, é costume respeitar um número ímpar); então, levantadas cercas e intercalados troncos e ramos de árvores de modo a que a terra não se espalhe facilmente, é erguida uma trincheira, por cima da qual são instaladas ameias e outras obras de defesa, à maneira de uma muralha. E os centuriões medem a obra com uma vara de dez pés¹⁶⁴, de maneira a que, por preguiça de alguém, não se cave de menos ou se cometam erros; e os tribunos que são diligentes circulam e não se vão embora antes de tudo estar concluído. Contudo, para que nenhum ataque se faça contra os que trabalham, todos os cavaleiros e a parte dos peões que não trabalham por privilégio do seu estatuto¹⁶⁵ colocam-se armados, em equipamento de combate, diante da fortificação e repelem os adversários que atacam.

Portanto, em primeiro lugar, colocam-se os estandartes nos seus lugares dentro do acampamento porque nada é mais digno de veneração para os soldados do que a sua majestade; prepara-se a tenda principal para o general e o seu séquito; são armados os pavilhões para os tribunos, aos quais água, lenha e mantimentos são servidos por camaradas designados para essa função. Depois, distribuem-se os lugares no acampamento, nos quais as legiões, as tropas auxiliares, os cavaleiros e os peões montam as tendas de acordo com a sua graduação; e, por cada centúria, quatro cavaleiros e quatro peões fazem sentinela durante a noite. E porque

ideo in quattuor partes ad clepsydrum sunt divisae vigiliae, ut non amplius quam tribus horis nocturnis necesse sit vigilare. A tubicine omnes vigiliae committuntur et finitis horis a cornicine revocantur. Idoneos tamen tribuni et probatissimos eligunt qui circumeant vigiliis et renuntient si qua emerit culpa, quos circumitores appellabant; nunc militiae factus est gradus et circitores vocantur. Sciendum tamen est equites extra vallum nocturnas excubias facere debere; per diem autem castris positos alii mane alii post meridiem propter fatigationem hominum equorumque agrarias faciunt.

Inter praecipua convenit ducem providere, sive in castris sive in civitate consistat, ut animalium pascua, subvectio frumenti ceterarumque specierum, aquatio lignatio pabulatio secunda ab hostium reddatur incursu. Quod aliter non potest evenire nisi per loca idonea, qua nostrorum ambulat commeatus, praesidia disponantur, sive illae civitates sint sive castella murata. Quod si non repperitur antiqua munitio, oportunis locis circumdata maioribus fossis tumultuaria castella firmanantur (nam a castris diminutivo vocabulo sunt nuncupata castella), intra quae in agrariis aliquanti pedites equitesque degentes tutum iter commeantibus praestant. Difficile enim hostis ad ea loca audent accedere in quibus a fronte et a tergo novit adversarios commorari.

VIII. Quae et quanta consideranda sint ut intellegatur utrum superventibus et insidiis an publico debeat Marte configi:

Quisquis hos artis bellicae commentarios ex probatissimis auctoribus breviter legere dignabitur, quam primum rationem proelii depugnandique cupit audire praecepta. Sed conflictus publicus duarum aut trium horarum certamine definitur, post quem partis eius quae superata fuerit spes omnes intercidunt. Ideo omnia ante cogitanda, ante temptanda, ante facienda sunt quam ad ultimum veniatur abruptum. Boni enim duces non aperto proelio, in quo est commune periculum, sed ex occulto semper

parecia impossível que cada um dos vigias permanecesse de atalaia toda a noite, então, os períodos de vigilância foram divididos em quatro partes, medidos pela clepsidra para que não fosse preciso estar de vigia nocturna mais de três horas. Todos são convocados para a vigia pelo sinal do *tubicen* e, acabado o turno, são desmobilizados pelo *cornicen*¹⁶⁶. Mas os tribunos escolhem homens idóneos e muito experientes, a que chamavam *circumitores*, os quais inspeccionam o serviço de vigilância e dão sinal caso surja alguma falha; agora atribuiu-se-lhes uma graduação no exército e são chamados *circitores*. Também é sabido que a cavalaria deve fazer vigias nocturnas do lado de fora da paliçada; além disso, durante o dia, instalado o acampamento, organizam sentinelas no campo, umas de manhã e outras de tarde por causa do grande cansaço dos homens e dos cavalos.

De entre o que é mais importante, convém que o general providencie, quer esteja num acampamento quer numa cidade, para que a pastagem dos animais, o transporte de trigo e de outros géneros e o abastecimento de água, de lenha e de forragem se façam a salvo de um ataque dos inimigos. O que não pode verificar-se de outra forma, a não ser que se coloquem fortificações, quer estas sejam cidades ou fortalezas amuralhadas, em locais apropriados e pelos quais circula a nossa cadeia de abastecimento. E se não se encontrar uma fortificação antiga, erguem-se acampamentos fortificados improvisados em locais adequados e rodeados de amplos fossos (com efeito, *castella* deriva, por meio de um diminutivo, do vocábulo *castra*), dentro dos quais alguns peões e cavaleiros que servem nas zonas rurais garantem a segurança das vias para o transporte dos víveres. Na realidade, dificilmente o inimigo ousa aproximar-se daqueles lugares em que sabe que os adversários estão instalados, quer de um lado quer do outro.

IX. O que se deve avaliar para decidir se se deve combater por meio de ataques imprevistos e de emboscadas ou por meio de uma batalha campal:

Quem se dignar ler estes comentários sobre a arte da guerra, resumidos a partir dos mais conceituados autores, deseja conhecer primeiro que tudo a natureza do combate e os preceitos da luta. Um confronto aberto é definido como um combate de duas ou três horas, após o qual todas as esperanças daquela parte que for vencida se desvanecem. Assim, tudo deve ser pensado, experimentado e feito antes que se chegue a este final repentino. Na verdade, os bons generais tentam sempre surpreender o inimigo e não enfrentá-lo num combate aberto,

attemptant, ut integris suis, quantum possunt, hostes interimant vel certe terreant; in qua parte quae necessaria admodum sunt ab antiquis reperta perscribam.

Praecipua ars et utilitas ducis est ut adhibitis ex universo exercitu scientibus belli et sapientibus viris de suis et hostium copiis saepius tractet omni, quae plurimum nocet, adulatione summotam, utrum maiorem numerum pugnatorum ipse an hostes habeant, utrum ipsius an adversariorum homines magis armati sint et muniti, qui magis exercitati, qui sint in necessitatibus fortiores. Quaerendum etiam utra pars equites, utra pedites habeat meliores, sciendumque in peditibus vel maxime consistere robur exercitus; et inter ipsos equites quis contatis, quis sagittariis antecedit, quis plures loricas induat, quis utiliores equos adduxerit; postremo loca ipsa in quibus pugnandum est utrum inimicis an nobis videantur accommoda — nam si equitatu gaudemus, campos debemus optare, si pedite, loca eligere angusta, fossis paludibus vel arboribus impedita, et aliquotiens montuosa —; cui magis victus abundet aut desit — nam fames, ut dicitur, intrinsecus pugnat et vincit saepius sine ferro.

Vel maxime autem tractandum est utrum expediat necessitatem protrahi an celerius dimicari. Interdum enim sperat adversarius expeditionem cito posse finiri et si dilatus fuerit in longum aut penuria maceratur aut desiderio suorum revocatur ad propria aut nihil magnum faciens per desperationem abire compellitur. Tum fracti labore ac taedio plurimi deserunt, aliquanti produnt, aliquanti se tradunt, quia adversis rebus rarior fides est et nudari incipit qui copiosus advenerat.

Ad rem pertinet qualis ipse adversarius vel eius comites optimatesque sint nosse, utrum temerarii an cauti, audaces an timidi, scientes artem bellicam vel ex usu an temere pugnantes; quae gentes cum his fortes, quae ignavae sint; nostra auxilia cuius fidei quarumque sint virium; quos animos illius copiae, quos habeat noster exercitus; quae pars sibi magis

no qual existe um perigo para ambas as partes, de forma a que, conservando os seus incólumes tanto quanto possível, matem os inimigos ou pelo menos os aterrorizem; nesta parte, descreverei aquilo que os antigos julgaram necessário nesta matéria.

Um procedimento importante e útil para o general é que ele chame a si homens de todo o exército conhecedores da guerra e sábios para analisar as suas próprias forças e as do inimigo, e, afastada toda a adulação, que é muito prejudicial, para saber se são eles ou os inimigos que têm o maior número de combatentes, se são os seus homens ou os do adversário que estão melhor armados e protegidos, quais os que estão melhor treinados e quais os mais fortes em caso de necessidade. Deve ainda averiguar-se qual dos lados dispõe de melhores cavaleiros ou de melhores peões e ter-se presente que a força de um exército se encontra muito particularmente na infantaria; e, de entre os próprios cavaleiros, deve averiguar-se quem é superior em lanças e em arcos, quem dispõe de maior número de lorigas e quem é que trouxe os melhores cavalos; por fim, convém saber se os próprios lugares nos quais se deve combater parecem mais favoráveis a nós ou ao inimigo: pois, se estamos em superioridade em cavalaria, devemos escolher planícies; se temos vantagem em peões, devemos escolher locais apertados, obstruídos por valas, pântanos ou árvores e, por vezes, até montanhosos; deve também averiguar-se a quem abunda ou escasseia mais a comida: com efeito, a fome, como se costuma dizer, luta a partir de dentro e vence muitas vezes sem o ferro.

Mas o general deve decidir sobretudo se é preferível prolongar o estado de guerra ou resolvê-lo o mais rapidamente possível. Com efeito, às vezes, o adversário espera que a campanha possa terminar rapidamente e, se for dilatada no tempo, ou é castigado pela fome ou é mandado regressar por desejo dos seus compatriotas, ou, nada conseguindo de assinalável, é obrigado a ir-se embora sem esperança de vitória. E é então que muitos desertam, cansados pelo esforço e pela saturação, que alguns traem e que outros se entregam, pois, em situações adversas, a lealdade rareia e aquele que chegou pomposamente começa a ficar desguarnecido.

Diz, também, respeito a este assunto saber como é a natureza do próprio inimigo, dos seus condes e dos seus oficiais, se são temerários ou cautelosos, audazes ou tímidos, se conhecem a arte da guerra ou se lutam com base na experiência ou no acaso; e, também, quais os povos que estão com ele e se são corajosos ou cobardes; importa ainda saber qual o nível de confiança e de força

victoriam repromittat. Eiusmodi enim cogitationibus virtus augetur aut frangitur. Desperantibus autem crescit audacia adhortatione ducis, et si nihil ipse timere videatur crescit animus, si ex insidiis vel occasione aliquid fortiter feceris, si hostibus adversae res coeperint evenire, si vel infirmiores aut minus armatos ex inimicis potueris superare. Cavendum enim est ne dubitantem formidantemque exercitum ad publicam pugnam aliquando producas.

Interest utrum tirones an veteres milites habeas, et utrum ante breve tempus in expeditionibus fuerint an annis aliquot in pace durarint; nam pro tironibus accipiendi sunt qui pugnare longo tempore desierunt. Sed cum legiones auxilia vel equites ex diversis advenerint locis, dux optimus et separatim singulos numeros per tribunos electos quorum scitur industria ad omnia genera exercere debet armorum et post in unum collectos quasi depugnatuos conflictu publico exercebit ipse saepius temptabitque quid artis possint habere, quid virium, quemadmodum sibi ipsi consentiant, utrum ad tubarum monita, ad signorum indicia, ad praecepta vel nutum suum diligenter obtemperent. Si errant in aliquibus, exerceantur atque doceantur quamdiu possint esse perfecti. Si vero in campicursione, in sagittando, in iaculando, in ordinanda acie ad plenum fuerint eruditi, ne sic quidem temere sed occasione capta ad publicam ducendi sunt pugnam; sed ante minoribus proeliis imbuendi.

Dux itaque vigilans sobrius prudens, tamquam de civili causa inter partes iudicaturus, adhibito consilio de suis et adversarii copiis iudicet. Et si multis rebus superior invenitur, opportunum sibi non differat inire conflictum. Si vero adversarium intellegit potiolem, certamen publicum vitet; nam pauciores numero et inferiores viribus superventus et insidias facientes sub bonis ducibus reportaverunt saepe victoriam.

das nossas tropas auxiliares, que moral têm as tropas do adversário e o nosso exército e que lado promete mais a vitória a si mesmo. É com considerações desta natureza que a coragem aumenta ou diminui. Com efeito, para aqueles que estão desesperados, a coragem cresce por exortação do general e, se parecer que ele mesmo não tem medo de nada, também aumenta o ânimo, o mesmo sucedendo se, por meio de uma emboscada ou num momento fortuito, ele fizer algo digno de registo, se começarem a acontecer adversidades aos inimigos, ou se o general puder vencer os adversários mais incapazes ou menos bem armados. Na verdade, deve-se ter cuidado para nunca levar para uma batalha campal um exército hesitante e aterrorizado.

É de todo o interesse verificar se se tem recrutas ou soldados veteranos e se eles estiveram em campanha pouco tempo antes ou se, durante alguns anos, permaneceram em paz; pois são de acolher como recrutas aqueles que deixaram de combater há muito tempo¹⁶⁷. Mas uma vez que as legiões, as tropas auxiliares e os cavaleiros chegam de locais diferentes, um bom general deve não só treiná-los separadamente por meio de tribunus escolhidos cuja perícia em todo o tipo de armas é reconhecida, mas também os exercitará depois, reunidos num só corpo, como se estivessem prestes a combater numa batalha em campo aberto; e ele próprio testará várias vezes as suas aptidões, as suas forças e como se dão uns com os outros, se obedecem diligentemente aos avisos dados pelas *tubae*, às indicações dos estandartes, às suas ordens e à sua vontade. Se falham em algum aspecto, devem ser treinados e ensinados até serem perfeitos. Se, na verdade, forem completamente instruídos no *campicursio*¹⁶⁸, no arremesso de setas e de dardos e na formação da linha de combate, mesmo assim não devem ser conduzidos a uma batalha campal de uma forma temerária mas antes num momento bem planeado e não sem previamente ganharem experiência em confrontos menores.

E assim, convocado o conselho, o general, vigilante, sóbrio e prudente, ajuizará, tal como se estivesse a ponto de julgar num pleito civil entre os interesses das partes, sobre as suas próprias forças e as do adversário. E se se achar ele próprio superior em muitos aspectos, não deve adiar o início de um combate vantajoso para si. Mas se, pelo contrário, ele perceber que o inimigo é mais forte, deve evitar um combate em campo aberto; com efeito, exércitos menos numerosos e menos fortes, fazendo ataques imprevistos e emboscadas sob as ordens de bons generais, conseguiram alcançar muitas vezes a vitória.

X. Quid oporteat fieri si quis desuetum a pugna exercitum habeat vel tironem:

Omnes artes omniaque opera cotidiano usu et iugi exercitatione proficiunt. Quod si in parvis verum est, quanto magis decet in maximis custodiri! Quis autem dubitet artem bellicam rebus omnibus esse potiore, per quam libertas retinetur et dignitas, propagantur provinciae, conservatur imperium? Hanc quondam relictis doctrinis omnibus Lacedaemonii et postea coluere Romani; hanc solam hodieque barbari putant esse servandam, cetera omnia aut in hac arte consistere aut per hanc assequi se posse confidunt; haec dimicaturis est necessaria per quam vitam retineant et victoriam consequantur.

Dux ergo cui tantae potestatis insignia tribuuntur, cuius fidei atque virtuti possessorum fortunae, tutela urbium, salus militum, rei publicae creditur gloria, non tantum pro universo exercitu sed etiam pro singulis contubernalibus debet esse sollicitus. Si quid enim illis eveniat in bello, et ipsius culpa et publica videtur injuria.

Ergo, si tironem vel diu armis desuetum exercitum ducit, singularum legionum sive auxiliorum nec non etiam vexillationum vires animos consuetudinem diligenter exploret. Sciat etiam si potest fieri nominatim quis comes, quis tribunus, quis domesticus, quis contubernalis quantum possit in bello; auctoritatem severitatemque maximam sumat; omnes culpas militares legibus vindicet; nulli errantium credatur ignoscere; in diversis locis, in diversis occasionibus omnium experimenta percipiat.

His ut oportet curatis, cum dispersi ad praedandum securi oberrant hostes, tunc probatos equites sive pedites cum tironibus aut inferioribus mittat, ut ex occasione fuis inimicis et illis peritia et reliquis crescat audacia. Ad transitus fluviorum, ad praecipitia montium, ad silvarum angustias, ad paludum aut viarum difficultatem superventus nullo sciente disponat atque ita iter suum temperet ut cibum capientes aut dormientes aut vacantes certe, securos inermes discolcios, destratis

X. O que é que convém fazer se alguém tiver um exército desabituaado do combate ou composto por recrutas:

Todas as artes e todos os trabalhos progridem pela prática quotidiana e pelo exercício constante. E se isto é verdadeiro para as matérias menos importantes, tanto mais conveniente é que seja observado nas mais relevantes! Mas quem duvidará de que a arte da guerra, por meio da qual se conserva a liberdade e a dignidade, se engrandecem as províncias e se mantém o império, é superior a todas as outras? Outrora, os Lacedemónios, cultivaram esta arte, abandonadas todas as outras e, depois, os Romanos também; e, hoje, os bárbaros pensam que somente esta arte deve ser conservada e acreditam que todas as restantes ou dependem dela ou podem ser alcançadas por seu intermédio; esta arte da guerra é necessária para os que vão combater pois é por meio dela que conservam a vida e alcançam a vitória.

Por conseguinte, o general, a quem se atribuem as insígnias de um tão grande poder e a cuja lealdade e coragem se confiam as fortunas dos proprietários, a segurança das cidades, a vida dos soldados e a glória do Estado, deve ser zeloso não só em relação ao conjunto do exército mas também em relação a cada um dos seus camaradas. Com efeito, se algo lhes acontece na guerra, a culpa é-lhe atribuída e o prejuízo é da comunidade.

Portanto, se ele comandar um exército de recrutas ou há muito tempo afastado das armas¹⁶⁹, deve averiguar cuidadosamente o ânimo e os hábitos de cada uma das legiões ou das tropas auxiliares e ainda dos destacamentos de cavalaria. Deve também conhecer, caso seja possível, pelo próprio nome, cada conde, cada tribuno, cada *domesticus*¹⁷⁰, cada soldado e aquilo de que eles são capazes em combate; deve usar da maior autoridade e severidade; deve castigar todas as faltas militares de acordo com as leis; ninguém deve pensar que ele perdoa a alguém que erra; deve avaliar as experiências de todos, quer em diversos lugares quer em diversas situações.

Convém que, acautelado isto, o general, quando os inimigos vagueiam, espalhando-se descuidadamente para pilharem, envie, então, cavaleiros ou peões experientes acompanhados por recrutas ou por soldados de qualidade inferior para que, num momento favorável, postos em debandada os inimigos, a perícia cresça entre aqueles e a coragem entre os restantes. O general deve tirar partido da travessia de rios, dos montes escarpados, dos apertos dos bosques, da existência de pântanos e dos maus caminhos para montar emboscadas sem

equis, nihil suspicantes, ipse paratus invadat, quatenus in huiusmodi certaminibus sui fiduciam colligant. Nam qui ante longum tempus aut omnino numquam viderunt homines vulnerari vel occidi, cum primum aspexerint, perhorrescunt et pavore confusi de fuga magis quam de conflictu incipiunt cogitare. Praeterea, si excurrant adversarii, longo itinere fatigatos adgrediatur et ultimos vel certe insperatos superveniat; eos etiam qui longe a suis aut pabuli aut praedae gratia commorantur subito occupet cum delectis. Illa enim ante temptanda sunt quae si male cesserint minus noceant, si bene plurimum prosint.

Inter hostes discordiarum serere causas sapientis est ducis. Nulla enim quamvis minima natio potest ab adversariis perdeleri nisi propriis simultatibus se ipsa consumpserit; nam civile odium ad inimicorum perniciem praeceps est, ad utilitatem suae defensionis incautum.

Unum illud est in hoc opere praedicendum, ut nemo desperet fieri posse quae facta sunt. Dicat aliquis ‘multi anni sunt quibus nullus fossa aggere valloque mansurum circumdat exercitum’. Respondebitur ‘si fuisset ista cautela, nihil nocturni aut diurni superventus hostium nocere potuissent’. Persae imitantes Romanos ductis fossis castra constituunt, et quia harenosa sunt prope omnia saccos, quos inanes portaverant, ex pulverulenta quae effoditur terra complent eorumque cumulo aggerem faciunt. Omnes barbari carris suis in orbem conexas ad similitudinem castrorum securas a superventibus exigunt noctes. Veremur ne discere nequeamus quae a nobis alii didicerunt? Haec ex usu librisque antea servabantur, sed omissa diu nemo quaesivit, quia vigentibus pacis officiis procul aberat necessitas belli. Sed ne impossibile videatur reparari disciplinam cuius usus intercidit doceamur exemplis. Apud veteres ars militaris in oblivionem saepius venit, sed prius a libris repetita est, postea ducum auctoritate firmata. Scipio Africanus sub aliis imperatoribus Hispanienses exercitus frequenter victos accepit; hos

ninguém o saber; e deve, também, regular o seu andamento de forma a que, estando ele próprio bem preparado, ataque os inimigos enquanto comem, ou quando dormem, ou, pelo menos, durante o descanso, estando eles descuidados, desarmados, descalços, com os cavalos por arrear e de nada suspeitando. É que os seus soldados adquirem confiança em si próprios em combates desta natureza. Com efeito, aqueles que há já muito tempo ou mesmo nunca viram homens a serem feridos ou mortos, quando tal virem pela primeira vez, enchem-se de terror e, perturbados pelo medo, começam a pensar mais na fuga do que na batalha. Além disso, se os adversários manobram por perto, o general deve atacá-los quando estiverem cansados por uma longa marcha e investir contra os da retaguarda sem eles contarem de forma alguma com isso; deve ainda atacar subitamente e com homens escolhidos aqueles que se afastam dos seus por causa das forragens ou dos saques. Na verdade, devem ser ensaiadas aquelas acções que, se correrem mal, provocam menos dano e que, se correrem bem, são de maior proveito.

É próprio de um general sábio semear motivos de discórdia entre os inimigos. Na verdade, nenhuma nação, por pequena que seja, pode ser completamente aniquilada pelos adversários, a não ser que se destrua a si própria por rivalidades intestinas; com efeito, o ódio entre cidadãos é propício ao aniquilamento dos adversários políticos mas desfavorável aos interesses da sua própria defesa.

Nesta obra, uma única coisa deve ser registada: que ninguém perca a esperança de que é possível fazer hoje aquilo que era feito no passado. Poderá alguém dizer: “há muito tempo que ninguém ordena que um acampamento militar seja rodeado por fosso, por trincheira ou por paliçada que seja”. A isto deve responder-se: “se tivesse havido essa preocupação, os ataques dos inimigos nenhum dano teriam podido fazer, tanto de dia como de noite”¹⁷¹. Os Persas, à imitação dos Romanos, constroem um acampamento com fossos escavados à volta e, uma vez que os terrenos são quase todos arenosos, enchem os sacos que tinham trazido vazios com a terra poeirenta que é escavada e fazem uma trincheira, empilhando esses sacos. Todos os bárbaros passam as noites nas suas carroças unidas em círculo, a salvo de ataques, tal como num acampamento. Recearemos nós não conseguir aprender aquilo que os outros aprenderam connosco? Antigamente, tudo isto era preservado, quer no uso comum quer por meio de livros, mas, tendo sido esquecido durante muito tempo, ninguém se interessou por isso, porque, vigorando os deveres próprios do tempo de paz, as necessidades da guerra ficavam relegadas para segundo plano. Mas, para que não pareça impossível restaurar a

disciplinae regula custodita omni opere fossisque faciendis ita diligenter exercuit ut diceret fodientes luto inquinari debere qui madere hostium sanguine noluissent; cum ipsis denique Numantinos capta civitate sic concremavit ut nullus evaderet. Metellus in Africa Albino imperante subiugatum accepit exercitum, quem ita emendavit veteribus institutis ut postea eos a quibus sub iugum missi fuerant superarent. Cimbri Caepionis et Mallii legiones intra Gallias deleverunt; quarum reliquias cum Gaius Marius suscepisset, ita erudivit scientia et arte pugnandi ut innumerabilem multitudinem non solum Cimbrorum sed etiam Teutonum et Ambronum publico Marte deleret. Facilius autem est ad virtutem novos imbuere quam revocare perterritos.

XI. Quae ipso die procuranda sint quo publica committitur pugna:

Praemissis levioribus artibus belli ad publici conflictus incertum et ad fatalem diem nationibus ac populis ratio disciplinae militaris invitat. Nam in eventu aperti Martis victoriae plenitudo consistit. Hoc ergo tempus est quo tanto magis duces debent esse solliciti quanto maior speratur diligentibus gloria et maius periculum comitatur ignavos, in quo momento peritiae usus, pugnandi doctrina consiliumque dominatur.

Veteribus saeculis mos fuit parco cibo curatos milites ad certamen educere, ut audaciores sumpta esca redderet et longiore conflictu non fatigarentur inedia. Praeterea observandum est praesentibus hostibus, sive ex castris sive ex civitate producas ad proelium, ne dum per angusta portarum particulatim procedit exercitus a collectis et paratis debilitetur inimicis. Ideoque providendum est ut ante omnes milites egrediantur portas et aciem construant quam hostis adveniat. Quod si

disciplina cuja prática desapareceu, aprendamo-la através de exemplos. Entre os antigos, a arte militar caiu muitas vezes no esquecimento mas foi recuperada, em primeiro lugar, a partir de livros e, posteriormente, foi reafirmada pela autoridade dos generais. Cipião Africano aceitou frequentemente exércitos da Hispânia que tinham sido vencidos sob o comando de outros generais; mas, guardada a regra da disciplina, Cipião treinou esses exércitos tão aturadamente na feitura de todos os trabalhos e escavação de fossos que costumava dizer que aqueles que não tinham querido molhar-se com o sangue dos inimigos deviam, ao escavar, sujar-se de lama; com esses mesmos homens tomou por fim a cidade dos Numantinos e mandou-os queimar, de forma que nenhum conseguiu escapar¹⁷². Metelo recebeu, em África, um exército derrotado sob o comando de Albino, o qual reformou de tal forma de acordo com os ensinamentos antigos que este exército depois venceu aqueles que o tinham derrotado¹⁷³. Os Cimbros destruíram as legiões de Cepião e de Málio no interior das Gálias; tendo Gaio Mário recebido o que sobrou delas, instruiu-as de tal forma na ciência e na arte do combate que aniquilou em campo aberto uma incontável quantidade não só de Cimbros mas também de Teutões e de Ambrões¹⁷⁴. Em todo o caso, é mais fácil encher os novos de coragem do que recuperar aqueles que a perderam.

XI. O que é que deve ser feito no próprio dia em que se trava uma batalha campal:

Expostos os preceitos menos importantes, a doutrina da arte militar leva-nos agora a esse dia incerto da batalha em campo aberto, dia esse fatal para algumas nações e povos. Com efeito, uma vitória completa assenta no resultado de uma batalha campal. Portanto, esta é a altura em que os generais devem ser tanto mais cuidadosos quanto maior é a glória que se espera por parte dos mais esforçados e quanto maior é o perigo que acompanha os cobardes. Esta é a ocasião em que predominam o uso da perícia, a ciência do combate e a sabedoria.

Em tempos passados, era costume levar os soldados para o combate parcamente alimentados para que a ração consumida os tornasse mais corajosos e para que, devido à fome, não se cansassem num combate mais prolongado. Para além disso, deve ter-se cuidado quando, na presença dos adversários, se conduz um exército para o combate, seja a partir do acampamento, seja a partir de uma cidade. É que não convém que, ao atravessar pouco a pouco uma porta estreita, o exército seja vulnerável aos inimigos agrupados e prontos para combater. Por este motivo, é

intra civitatem manentibus paratus advenerit, aut differatur egressus aut certe dissimuletur, ut cum adversarii insultare coeperint his quos non putant exituros, cum ad praedam aut ad redeundum converterint animum, cum ordines solverint, tunc illis stupentibus lectissimi quique prorumpant et conferti adgrediantur ignaros.

Observatur autem ne longo spatio fatigatum militem neve lassos post cursum equos ad publicum proelium cogas. Multum virium labore itineris pugnaturus amittit; quid faciet qui ad aciem anhelus adventat? Haec et veteres declinarunt et superiore vel nostra aetate cum Romani duces per imperitiam non cavissent, ne quid amplius dicam, exercitus perdiderunt. Impar enim condicio est lassum cum requieto, sudantem cum alacri, currentem cum eo qui steterit subire conflictum.

XII. Investigandum quid sentiant milites pugnaturi:

Ipsa die qua certaturi sunt milites quid sentiant diligenter explora. Nam fiducia vel formido ex vultu verbis incessu motibus cernitur. Nec confidas satis si tiro proelium cupit — inexpertis enim dulcis est pugna — et noveris te oportere differre si exercitati bellatores metuunt dimicare. Monitis tamen et adhortatione ducis exercitui virtus adcrecit et animus, praecipue si futuri certaminis talem acceperint rationem qua sperent se ad victoriam perventuros. Tunc inimicorum ignavia vel error ostendendus est vel si ante a nobis superati sunt commemorandum. Dicenda etiam quibus militum mentes in odium adversariorum ira et indignatione moveantur.

Animis paene omnium hominum hoc naturaliter evenit, ut trepident cum ad conflictum hostium venerint. Sine dubio autem infirmiores sunt quorum mentes ipse confundit aspectus; sed hoc remedio formido

prudente que todos os soldados tenham transposto as portas e formado a linha de batalha antes de o adversário aparecer. Mas se o inimigo chegar preparado para combater, estando o exército ainda dentro da cidade, a saída deve ser adiada ou pelo menos ocultada. Deste modo, quando os adversários começarem a insultar aqueles que pensam não estar de saída, quando eles voltarem a atenção para o saque ou para a retirada e desmobilizarem, então sim, alguns soldados escolhidos a dedo devem atacá-los desprevenidos e avançar em força contra os incautos.

Deve também observar-se que não se deve obrigar um soldado fatigado por uma longa marcha, nem os cavalos cansados após uma corrida, a travar uma batalha campal. Aquele que vai combater perdeu muito das suas capacidades físicas com o esforço da marcha; o que fará aquele que já chega cansado à linha de batalha? Os antigos evitaram isto, mas, no nosso tempo e no passado recente, uma vez que os generais romanos não o acautelaram, eles, por falta de perícia, e para nada mais dizer, desgraçaram os seus exércitos¹⁷⁵. Com efeito, existe uma situação desigual quando entra em combate aquele que está cansado contra o que está folgado, o que transpira contra o que está fresco, o que veio a correr contra o que aguardou parado.

XII. Deve averiguar-se aquilo que sentem os soldados que vão combater:

Averigua cuidadosamente o que sentem os soldados no próprio dia em que vão combater. Com efeito, a confiança ou o medo distinguem-se a partir da expressão do rosto, das palavras, da forma de andar e dos gestos. Não confies em demasia num recruta que deseja o combate – na verdade, doce é a batalha para os inexperientes – e, por outro lado, perceberás que convém adiar a batalha, caso guerreiros experientes receiem combater. A coragem e o ânimo aumentam no seio do exército graças aos conselhos e ao encorajamento do general, especialmente se os soldados receberem uma explicação acerca do combate que se avizinha, na sequência da qual eles acalentem a esperança de chegar à vitória. Então, deve mostrar-se a cobardia e os erros dos inimigos e, caso eles tenham sido anteriormente derrotados por nós, deve recordar-se isso. Refira-se também aquilo que possa acender nas mentes dos soldados o ódio, a ira e a indignação para com os adversários.

Acontece naturalmente no espírito de quase todos os homens perturbarem-se quando chegam ao combate com o inimigo. Mas o espírito daqueles a quem a simples aparição do adversário perturba é, sem dúvida, o mais fraco; no entanto,

lenitur, si antequam dimices frequenter exercitum tuum locis tutioribus ordines, unde et videre hostem et agnoscere consuescant. Interdum audeant aliquid ex occasione: aut fugent aut interimant inimicos; mores adversariorum, arma, equos recognoscant. Nam quae ex usu nota sunt non timentur.

XIII. Quemadmodum idoneus locus eligatur ad pugnam:

Bonum ducem convenit nosse magnam partem victoriae ipsum locum in quo dimicandum est possidere. Elabora ergo ut conserturus manum primum auxilium captes ex loco, qui tanto utilior iudicatur quanto superior fuerit occupatus. In subiectos enim vehementius tela descendunt, et maiore impetu obnitentes pars altior pellit. Qui adverso nititur clivo duplex subit cum loco et hoste certamen. Sed illa distantia est, quod, si de peditibus tuis victoriam speras contra equites hostium, loca aspera inaequalia montuosa debes eligere, si vero de equitibus tuis contra adversarii pedites victoriam quaeris, sequi debes paulo quidem editiora loca sed plana atque patentia, neque silvis neque paludibus impedita.

XIII. Quemadmodum acies debeat ordinari ut in conflictu reddatur invicta:

Ordinaturus aciem tria debet ante prospicere, solem pulverem ventum. Nam sol ante faciem eripit visum; ventus contrarius tua inflectit ac deprimit, hostium adiuvat tela; pulvis a fronte congestus oculos implet et claudit. Haec momento eo quo acies ordinantur etiam imperiti vitare solent, sed duci provido cavendum est in futurum ne post paululum accedente die noceat solis mutata conversio, ne ventus adversus hora solita eo pugnante nascatur. Ita ergo constituentur ordines ut haec post occipitium nostrum sint et si potest fieri adversariorum impetant faciem.

Acies dicitur exercitus instructi frons quae adversum hostem spectat. Haec in pugna publica si sapienter disponitur, plurimum iuvat, si imperite, quamvis optimi bellatores sint mala ordinatione franguntur.

pode reduzir-se o medo por meio deste remédio: se antes de se combater, tu dispuseres frequentemente o teu exército em lugares mais seguros, de onde os soldados se possam habituar a ver e a conhecer o inimigo. De vez em quando, que se atrevam a algo, de acordo com as oportunidades: que afugentem ou que matem os inimigos; que reconheçam os hábitos dos adversários, as suas armas, os seus cavalos. Com efeito, aquilo que nos é familiar pela prática não é temido.

XIII. Como se escolhe um local adequado para o combate:

Convém que o bom general saiba que grande parte da vitória tem a ver com o próprio local em que se deve combater. Portanto, na iminência da batalha, esforça-te por conseguir uma primeira ajuda a partir do lugar, que é considerado tanto mais útil quanto mais elevado for o terreno ocupado. Na verdade, os projecteis caem com mais força sobre os que estão mais em baixo e quem está na parte mais elevada opõe-se aos atacantes com maior vigor¹⁷⁶. Aquele que avança por um declive acima enfrenta um duplo desafio: o lugar e o inimigo. Mas há uma diferença. Se confias numa vitória dos teus peões sobre os cavaleiros inimigos, deves escolher lugares íngremes, acidentados e montanhosos; mas se procuras, com os teus cavaleiros, a vitória sobre os peões adversários, então deves ocupar posições algo elevadas mas planas e abertas, sem estorvo de bosques ou de pântanos.

XIV. Como ordenar a linha de batalha para que saia vencedora:

Antes de formar a linha de batalha, o general deve ter em atenção três aspectos: o sol, o pó e o vento. Com efeito, o sol no rosto tira-nos a visão; o vento contrário desvia ou trava os teus projecteis, mas ajuda os dos inimigos; o pó lançado à cara invade os olhos e obriga-os a cerrar. Ainda que inexperientes, os generais costumam evitar isto no momento em que se ordenam as linhas de batalha mas o general providente deve ter em conta que, à medida que o dia avança, a rotação do sol pode ser prejudicial e um vento adverso pode aparecer à hora habitual, estando ele prestes a combater. E assim, devem dispor-se as linhas de tal forma que aqueles obstáculos estejam atrás das nossas cabeças e, caso seja possível, que atinjam de frente os adversários¹⁷⁷.

Ao exército preparado para o combate chama-se “az” ou “linha de batalha”; a “frente” é a parte que olha em direcção ao adversário. Esta, se for convenientemente disposta numa batalha campal, é uma ajuda inestimável, mas se for disposta

Instructionis lex est ut in primo exercitati et veteres milites collocentur, quos antea principes vocabant, in secundo ordine circumdati catafractis sagittarii et optimi milites cum spiculis vel lanceis ordinentur, quos prius hastatos vocabant. Singuli autem armati in directum ternos pedes inter se occupare consuerunt, hoc est, in mille passibus mille sexcenti sexaginta sex pedites ordinantur in longum, ut nec acies interluceat et spatium sit arma tractandi. Inter ordinem autem et ordinem a tergo in latum sex pedes distare voluerunt, ut haberent pugnantes spatium accedendi atque recedendi; vehementius enim cum saltu cursuque tela mittuntur. In his duobus ordinibus et aetate maturi et usu confidentes et muniti etiam gravioribus armis collocantur; hi enim ad vicem muri nec cedere nec sequi aliquando cogendi sunt, ne ordines turbent, sed venientes adversarios excipere et stando pugnandoque repellere vel fugare. Tertius ordo disponitur de armaturis velocissimis, de sagittariis iuvenibus, de bonis iaculatoribus, quos antea ferentarios nominabant. Quartus item ordo construitur de scutatis expeditissimis, de sagittariis iunioribus, de his qui alacriter verrutis vel mattiobarbulis, quas plumbatas nominant, dimicant, qui dicebantur levis armatura.

Sciendum ergo est stantibus duobus primis ordinibus tertium et quartum ordinem ad provocandum cum missilibus et sagittis primo loco semper exire. Qui si hostes in fugam vertere potuerint, ipsi cum equitibus persequuntur; sin vero ab hostibus pulsi fuerint, redeunt ad primam ac secundam aciem et inter ipsos recipiunt se ad loca sua. Prima autem et secunda acies, cum ad spathas et ad pilam, ut dicitur, ventum fuerit, totum sustinet bellum.

In quinta acie ponebantur interdum caroballistae manuballistarii fundibulatores funditores. Fundibulatores sunt qui fustibalis lapides iaciunt. Fustibalus fustis est longus pedibus quattuor cui per medium ligatur funda de corio, et utraque manu impulsus prope ad instar onagri

desastradamente, ainda que os combatentes sejam excelentes, estes vêm-se debilitados por uma má organização. A regra da disposição é que, na primeira linha, sejam colocados soldados adestrados e experientes, a que antes chamavam *principes*; na segunda linha, devem ser colocados arqueiros protegidos por catafractas e soldados excelentes munidos de dardos ou lanças, a que antigamente chamavam *bastati*¹⁷⁸. E cada um dos soldados por si costuma ocupar, em linha recta, três pés¹⁷⁹, isto é, em mil passos são dispostos, ao comprimento, 1666 soldados de infantaria para que a linha não deixe passar nem um raio de sol mas haja espaço para manejar as armas. Mas entre as costas de uma linha e a frente da linha seguinte quiseram que houvesse uma distância, em profundidade, de seis pés¹⁸⁰, de modo a que os combatentes tivessem espaço para avançar e para recuar; com efeito, em salto e em corrida, os projecteis são arremessados com mais força. Nestas duas primeiras filas, são dispostos os mais maduros em idade, os mais experientes e resolutos, protegidos com o equipamento mais pesado; na verdade, estes são obrigados, à maneira de um muro, a nunca recuar nem avançar para não perturbarem as fileiras, mas devem receber os adversários que surgem e, mantendo-se firmes e combatendo, devem repeli-los ou pô-los em fuga. A terceira linha é composta de soldados rapidíssimos, de arqueiros jovens e de bons lançadores de dardos, a que antigamente se chamava *ferentarii*¹⁸¹. E a quarta linha é formada por soldados muito ligeiros munidos de escudos, por arqueiros jovens e por aqueles que lutam energicamente com dardos leves¹⁸² ou com dardos de chumbo a que se chama *plumbatae*¹⁸³; a todos estes dava-se o nome de “infantaria ligeira”.

Portanto, é sabido que, conservando as duas primeiras linhas as suas posições, a terceira e a quarta avançam sempre para provocar o adversário com mísseis e com setas na frente do combate. Se estes conseguirem pôr os inimigos em fuga, devem persegui-los eles próprios com a ajuda da cavalaria; mas se, pelo contrário, forem repelidos pelos inimigos, recuam para a primeira ou para a segunda linhas e recolhem através destas às suas próprias posições. A primeira e a segunda linhas suportam todo o combate quando se chega ao momento a que se chama “das espadas e do tudo a monte”.

Por vezes, na quinta linha eram dispostas *carroballistae*¹⁸⁴, *manuballistarii*¹⁸⁵, *fundibulatores* e *funditores*. Os *fundibulatores* são aqueles que lançam pedras por meio de fundas. O *fustibalus*¹⁸⁶ é um pau com quatro pés de comprimento¹⁸⁷, ao meio do qual está ligada uma funda de couro e que, impulsionado por uma

dirigit saxa. Funditores sunt qui fundis lino vel setis factis — has enim dicunt esse meliores — contorto circa caput brachio dirigunt saxa. Quibus scuta deerant, sive lapidibus manu iactis sive missilibus in hoc ordine dimicabant, quos accensos tamquam iuniores et postea additos nominabant.

Sextus ordo post omnes a firmissimis et scutatis et omni genere armorum munitis bellatoribus tenebatur, quos antiqui triarios appellabant. Hi, ut requieti et integri acrius invaderent hostes, post ultimas acies sedere consueverant. Si quid enim primis ordinibus accidisset, de horum viribus reparationis spes tota pendebat.

XV. Ratio podismi quantum spatium in acie inter singulos homines in longum vel inter singulos ordines in latum debeat custodiri:

Explanato qualiter debeant acies instrui, nunc podismum mensuramque ipsius ordinationis exponam.

In mille passibus campi una acies mille sexcentos sexaginta sex suscipit pedites, propterea quia singuli pugnatore ternos occupant pedes. Quod si sex acies in mille passibus campi volueris ordinare, novem milia nongenti nonaginta sex pedites sunt necessarii. Si autem in terno hunc numerum volueris tendere, duo milia passuum comprehendit; sed melius est plures acies facere quam militem spargere. Senos pedes a tergo inter singulas acies in latum diximus interpatere debere, et ipsi bellatores stantes singulos obtinent pedes; ideoque, si sex acies ordinaveris, quadraginta duo pedes in latum et mille passus in longum decem milium hominum tenebit exercitus. Si autem in terno volueris aciem tenuare, viginti unum pedes in latum et duo milia passuum in longum decem milium tenebit exercitus. Ad hanc rationem, sive viginti milia sive triginta milia peditum fuerint, iuxta mensurae podismum sine aliqua difficultate poterunt ordinari, nec dux fallitur, cum sciat qui locus quantos capere possit armatos. Dicunt, si angustior locus sit vel multitudo sufficiat, etiam in deno vel amplius acies ordinari. Magis enim expedit ut conferti pugnent quam longius separati; nam si nimium fuerit acies tenuata, cito ab adversariis facta impressione perrumpitur et nullum postea potest esse remedium.

das mãos, atira pedras quase à semelhança de um ónagro¹⁸⁸. Os *funditores* são os que, feitas as fundas com linho ou com cabelos – na verdade, diz-se que estas últimas são melhores – atiram pedras fazendo girar o braço em volta da cabeça. Nesta quinta linha, combatiam aqueles que não tinham escudos, arremessando com a mão quer pedras quer mísseis; a estes chamavam *accensi*, por serem recrutas e incorporados mais tarde¹⁸⁹.

A sexta e última linha, atrás de todas as outras, era constituída por combatentes fortíssimos munidos de escudos e equipados com todo o tipo de armas, a quem os antigos chamavam *triarii*. Estes costumavam ter lugar atrás das últimas linhas para, frescos e intactos, atacarem os inimigos mais vigorosamente. Com efeito, se acontecesse algo às primeiras filas, toda a esperança de recuperação residia na força destes homens.

XV. Cálculo em pés da distância que deve observar-se entre cada homem na linha de batalha ou entre uma linha e outra:

Explicado de que forma devem ser dispostas as linhas de batalha, apresentarei agora a medida em pés e a dimensão da própria formação.

Em mil passos¹⁹⁰ de terreno, uma linha ou az acolhe 1666 peões porque cada combatente ocupa três pés¹⁹¹. Assim, se quiseses dispor seis azes em mil passos de terreno, são necessários 9996 peões. Mas se quiseses distribuir este número por três azes, isso ocupa 2000 passos¹⁹²; mas é melhor fazer mais azes do que espalhar os soldados. Nós já dissemos¹⁹³ que entre cada uma das linhas devem distar, em profundidade, seis pés¹⁹⁴, e cada um dos combatentes em si, na sua posição, ocupa um pé¹⁹⁵; e assim, se ordenares seis linhas, o exército terá 10 000 homens em 42 pés¹⁹⁶ de profundidade e em 1000 passos de largura. Mas se quiseses reduzir para três linhas, o exército terá 10 000 homens em 21 pés¹⁹⁷ de profundidade e em 2000 passos de largo. Segundo este cálculo, se houver 20 000 ou 30 000 peões, eles poderão ser dispostos sem nenhuma dificuldade, de acordo com estas medidas em pés, e o general nunca falha quando sabe quantos soldados poderá acolher num dado lugar. Dizem que, se o lugar for mais apertado ou se a quantidade de homens for suficiente, também se pode dispor a formação em dez azes ou mais. Com efeito, é mais vantajoso que eles lutem mais próximos uns dos outros do que muito afastados; na verdade, se a linha for demasiado aberta, imediatamente é rompida pelos adversários na sequência de um ataque e nenhum remédio existe para isso.

Qui autem numeri in dextro cornu, qui in sinistro, qui in medio debeant ordinari, vel iuxta dignitates eorum servatur ex more vel certe pro qualitate hostium commutatur.

XVI. De equitibus ordinandis:

Constructa acie peditum equites ponuntur in cornibus, ita ut loricati omnes et contati iuncti sint peditibus, sagittarii autem vel qui loricas non habent longius evagentur. A fortioribus namque equitibus peditum protegenda sunt latera et a velocioribus atque expeditis hostium cornua superfundenda atque turbanda. Scire dux debet contra quos drungos, hoc est globos, hostium quos equites oporteat poni; nam nescioqua occulta ratione, immo paene divina, alii contra alios dimicant melius, et qui fortiores vicerant ab inferioribus saepe vincuntur. Quod si equites impares fuerint, more veterum velocissimi cum scutis levibus pedites ad hoc ipsum exercitati hisdem miscendi sunt, quos velites nominabant; quo facto, quamvis fortissimi equites hostium fuerint, tamen adversum mixtum agmen pares esse non possunt. Unum hoc remedium omnes duces veteres invenerunt, ut adsuefacerent iuvenes currentes egregie et inter binos equites singulos ex his pedites collocarent cum levioribus scutis gladiis atque missilibus.

XVII. De subsidiis quae post aciem collocantur:

Sed optima ratio est et ad victoriam plurimum confert ut lectissimos de peditibus et equitibus cum vicariis comitibus tribunisque vacantibus habeat dux post aciem praeparatos, alios circa cornua alios circa medium, ut sicubi hostis vehementer insistit, ne rumpatur acies, provolent subito et suppleant loca additaque virtute inimicorum audaciam frangant. Hoc primi Lacones invenerunt, imitati sunt Carthaginienses, Romani postea ubique servarunt. Hac dispositione nulla melior invenitur; nam directa acies hoc solum agere debet et potest, ut hostem repellat aut fundat. Si cuneus sit agendus aut forfix, superfluos habere debetis post aciem de quibus cuneum vel forficem facias. Si ducenda sit serra, item ex abundantibus ducitur; nam si de loco suo ordinatum militem transferre coeperis, universa turbabis. Si globus hostium separatus aut

E que número de soldados deve ser disposto no lado direito, no lado esquerdo ou no meio, isso ou é feito de acordo com a categoria deles, segundo o costume, ou é alterado de acordo com a qualidade dos inimigos.

XVI. Sobre a disposição dos cavaleiros:

Disposta a az dos peões, os cavaleiros são colocados nas alas, de tal forma que todos os lorigados e os lanceiros estejam junto dos peões, enquanto os arqueiros e aqueles que não trazem lorigas se espalham mais ao longe pelo terreno. Na verdade, os flancos da infantaria são protegidos pelos cavaleiros pesados e as alas dos inimigos devem ser envolvidas e desorganizadas pelos cavaleiros mais velozes e ligeiros. O general deve saber que cavaleiros deve dispor contra os *drungi*, isto é, grupos de inimigos; com efeito, não sei por que desconhecida razão, diria até divina, uns combatem melhor contra outros e aqueles que venceram os mais fortes são frequentemente vencidos pelos mais fracos. Mas se os cavaleiros forem em número inferior, devem ser, segundo o costume dos antigos, misturados com peões muito velozes munidos de escudos leves e treinados para isso mesmo, aos quais chamavam *velites*¹⁹⁸; feito isto, por muito forte que seja a cavalaria dos inimigos, ela não poderá todavia fazer frente a uma tal formação mista. Todos os generais antigos descobriram esta única solução: treinar jovens que corressem bem e colocar cada um destes peões entre dois cavaleiros, munidos de escudos ligeiros, de gládios e de mísseis.

XVII. Sobre as tropas de reserva que são colocadas atrás das linhas de batalha:

Mas uma ótima regra e que conduz em muito à vitória consiste em que o general tenha disponíveis os melhores de entre os peões e cavaleiros bem como os vicários, os condes e os tribunos, preparados atrás da linha de combate, uns perto dos flancos, outros perto do centro. Assim, se o inimigo, em algum momento, atacar impetuosamente, eles, para que a linha não seja rompida, devem acorrer rapidamente e preencher as lacunas e, com este reforço, devem quebrar o ímpeto dos inimigos. Isto foi descoberto em primeiro lugar pelos Espartanos, os Cartagineses imitaram-nos e, depois, os Romanos conservaram-no em toda a parte. Nenhuma disposição existe melhor do que esta; com efeito, a linha de batalha normal só pode e deve repelir ou derrotar o inimigo. Se se tem de formar uma cunha ou uma tenaz, tu deverás ter reservas atrás da linha de batalha, com as quais possas constituí-las. E se se tiver de fazer uma serra, também ela é formada

alam tuam aut partem aliquam urgere coeperit, nisi superfluos habeas quos contra globum possis opponere, sive equites sive pedites de acie tuleris, dum alia vis defendere, alia periculosius denudabis. Quod si bellatorum tibi copia non abundat, melius est aciem habere brevior, dummodo in subsidiis colles plurimos. Nam circa medias partes campi ex peditibus bene armatis debes habere lectissimos de quibus cuneum facias et statim aciem hostium rumpas; circa cornua autem de contatis loricatisque equitibus ad hoc reservatis et levi armatura peditum alas hostium circumvenire te convenit.

XVIII. In quo loco primus dux stare debeat in quo secundus in quo tertius:

Dux qui praecipuam sustinet potestatem inter equites et pedites in parte dextra stare consuevit. Hic enim locus est in quo tota acies gubernatur, ex quo rectus est liberque procursus. Ideo autem inter utrosque consistit ut et consilio regere et auctoritate tam equites quam pedites ad pugnam possit hortari. Hic de equitibus supernumerariis mixtis peditibus expeditis adversariorum sinistrum cornum, qui contra ipsum stat, circumire debet et a tergo semper urgere.

Secundus dux in media acie ponitur peditum qui eam sustentet et firmet. Hic fortissimos pedites et bene armatos de illis superfluis secum habere debet ex quibus aut ipse cuneum faciat et aciem hostium rumpat aut si adversarii cuneum fecerint ipse forficem faciat, ut cuneo illi possit occurrere.

In sinistra parte exercitus tertius esse dux debet, satis bellicosus et providus, quia sinistra pars difficilior est et velut manca in acie consistit. Hic circa se bonos equites supernumerarios et velocissimos pedites habere debet de quibus sinistrum cornum semper extendat, ne circumveniatur ab hostibus.

Clamor autem quem barritum vocant prius non debet attolli quam acies utraque se iunxerit; imperitorum enim vel ignavorum est vociferari de longe, cum hostes magis terreantur si cum telorum ictu clamoris horror accesserit.

a partir das reservas; pois, se começares a mudar de posição o soldado já formado, perturbarás tudo. Se um grupo separado de inimigos começar a pressionar um dos teus flancos ou outra parte qualquer e a não ser que disponhas de reservas com que possas enfrentá-lo, ao retirares da az seja cavaleiros, seja peões, então, ao mesmo tempo que quiseses defender uma parte desprotegerás perigosamente uma outra. Se não te for suficiente a quantidade de combatentes, o melhor é ter uma linha de combate mais curta, desde que coloques muitos homens de reserva. Com efeito, deves ter em redor das partes centrais do campo os melhores dos peões armados, com os quais faças uma cunha e imediatamente rompas a az dos inimigos; mas, nos flancos, convém-te cercar as alas dos inimigos com cavaleiros munidos de lanças e de lorigas, reservados para este efeito, e com infantaria ligeira¹⁹⁹.

XVIII. Em que lugar deve estar o primeiro comandante, e o segundo, e o terceiro:

O comandante que detém o poder principal costuma ficar entre os cavaleiros e os peões no lado direito. Na verdade, esta é a posição a partir da qual toda a az é governada e a partir da qual a progressão é a direito e desimpedida. E, assim, ele coloca-se entre uns e outros para que possa comandar com o seu conselho e exortar com a sua autoridade tanto os cavaleiros como os peões. Ele deve rodear com cavaleiros de reserva misturados com peões ligeiros o flanco esquerdo dos adversários, que está diante dele, e pressionar sempre pela retaguarda.

O segundo comandante é colocado no meio da linha de peões para a apoiar e manter firme. Ele deve ter consigo peões muito fortes e bem armados, retirados de entre as reservas, com os quais ele próprio deve fazer uma cunha e romper a linha dos inimigos ou, se os adversários formarem uma cunha, ele próprio deve fazer uma tenaz para poder opor-se àquela cunha.

No lado esquerdo do exército, deve ficar o terceiro comandante, suficientemente aguerrido e engenhoso, porque o lado esquerdo é o mais problemático e apresenta-se como que coxo. Ele deve rodear-se de bons cavaleiros das reservas e de peões velocíssimos, com os quais alongue sempre o flanco esquerdo de forma a não ser envolvido pelos inimigos.

E o grito a que chamam *barritus*²⁰⁰ não deve ser lançado antes que ambas as formações tenham chegado ao contacto uma com a outra; com efeito, é próprio dos inexperientes ou dos cobardes gritar de longe, uma vez que os inimigos se aterrorizam mais se o impacto das armas for acompanhado pelo grito de guerra.

Semper autem studere debes ut prior instruas aciem, quia ex arbitrio tuo potes facere quod tibi utile iudicas cum nullus obsistit; deinde et tuis auges confidentiam et adversariis fiduciam minuis, quia fortiores videntur qui provocare non dubitant, inimici autem incipiunt formidare qui vident contra se acies ordinari. Hinc additur maximum commodum, quia tu instructus paratusque ordinantem et trepidum adversarium praeoccupas. Pars enim victoriae est inimicum turbare antequam dimices.

XVIII. Quibus remediis virtuti vel dolis hostium resistatur in acie:

Exceptis superventibus vel incursionibus repentinis ex occasione, quam numquam dux exercitatus amittit — nam in itineribus iam fatigatis, in fluminum transgressione divisus, in paludibus occupatis, in iugis montium laborantibus, in campis sparsis atque securis, in mansione dormientibus, oportunum proelium semper infertur, cum aliis negotiis occupati hostes prius interimantur quam praeparare se possint; quod si cauti sint adversarii et insidiarum nulla sit copia, tunc adversus praesentes scientes videntes aequa condicione pugnatur. Tamen ars belli non minus in hoc aperto conflictu quam in occultis fraudibus adjuvat eruditos.

Cavendum vel maxime ne ab ala cornuque sinistro, quod saepius evenit, aut certe dextro, quod licet raro contingit, circumveniantur tui a multitudine hostium aut a vagantibus globis, quos dicunt drungos. Quod si acciderit, unum remedium est ut alam cornuque replices et rotundes, quatenus conversi tui sociorum terga defendant; sed in angulo ipsius extremitatis fortissimi collocentur, quia ibi impetus amplior fieri consuevit.

Item adversus cuneum hostium certis resistitur modis. Cuneus dicitur multitudo peditum quae iuncta cum acie primo angustior deinde latior procedit et adversariorum ordines rumpit, quia a pluribus in unum locum tela mittuntur; quam rem milites nominant caput porcinum. Contra quod ordinatio ponitur quam forcicem vocant; nam ex lectissimis militibus in

Mas tu deves esforçar-te sempre por formar a linha de batalha antes do inimigo, pois podes fazer livremente aquilo que te parecer vantajoso sem ninguém to impedir. Em segundo lugar, aumentas a confiança dos teus e diminuis a convicção dos adversários, porque parecem mais fortes os que não hesitam em provocar e os inimigos começam a recear quando vêem que a linha está a ser ordenada contra eles. A partir desta situação, acresce uma grande vantagem, porque tu, já com o exército disposto e preparado, enervas um inimigo que ainda está a ordenar-se e em movimento. Na verdade, parte da vitória consiste em perturbares o adversário antes de o combater.

XIX. Com que recursos se pode opor resistência, na linha de batalha, à força e aos estratagemas dos inimigos:

Podem fazer-se ataques de surpresa e incursões súbitas em momentos favoráveis que um general experiente nunca desperdiça: estando os inimigos já cansados pelas marchas, divididos no momento da travessia de rios, atarefados nos pântanos, esforçando-se nos passos montanhosos, espalhados e descontraídos nas planícies ou dormindo nos alojamentos – em todas estas situações surge sempre a oportunidade de um combate vantajoso, uma vez que os inimigos, ocupados em outras actividades, são mortos antes que se possam preparar. Mas se os adversários são cautelosos e não há ocasião para emboscadas, então combate-se em igualdade de circunstâncias contra um inimigo prevenido da nossa presença e à vista dele. Seja como for, a arte da guerra ajuda tanto os especialistas neste tipo de combate aberto como nos estratagemas dissimulados.

Mas deve evitar-se especialmente que os teus sejam cercados por uma multidão de inimigos, ou por grupos móveis a que chamam *drungi*, pela ala ou flanco esquerdo, o que acontece muitas vezes, ou pelo flanco direito, o que sucede raramente. Se tal acontecer, uma solução consiste em recurvar a ala ou flanco e dar-lhe uma forma arredondada até que os teus, rodando para trás, protejam as costas dos companheiros; mas deve colocar-se os mais fortes no próprio vértice da extremidade porque aí o combate costuma ser mais intenso.

Da mesma forma, pode enfrentar-se de uma determinada maneira a cunha dos inimigos. Chama-se “cunha” a uma quantidade de peões que, acrescentada à linha de batalha, avança mais estreita na frente e mais larga na base e que rompe as linhas dos adversários porque os projecteis são arremessados por muitos contra um mesmo lugar; a isto, chamam os soldados “cabeça de porco”. Contra

V litteram ordo componitur et illum cuneum excipit atque ex utraque parte concludit, quo facto aciem non potest rumpere.

Item serra dicitur quae ab strenuis directa ante frontem opponitur hostibus ut turbata acies reparetur.

Globus autem dicitur qui a sua acie separatus vago superventu incursat inimicos, contra quem alter populosior vel fortior immittitur globus.

Observandum quoque ne sub tempore quo iam committitur pugna velis ordines commutare aut de locis suis aliquos numeros ad alia transferre. Statim enim nascitur tumultus atque confusio, et in imparatos conturbatosque facilius hostis incumbit.

XX. Quot generibus pugna publica committatur et quomodo etiam qui inferior numero et viribus est valeat obtinere:

Depugnationum septem sunt genera vel modi cum infesta ex utraque parte signa confligunt.

Una depugnatio est fronte longa quadro exercitu, sicut etiam nunc et prope semper solet proelium fieri. Sed hoc genus depugnationis periti armorum non optimum iudicant, quia in prolixo spatio cum tenditur acies non aequalis semper campus occurrit et hiatus aliquid in medio vel sinus aut curvatura fit et in eo loco acies frequenter inrumpitur. Praeterea, si multitudo adversarius antecedit, a lateribus aut dextram aut sinistram alam circumvenit, in quo periculum magnum est nisi supernumerarios habeas qui procurrant hostemque sustineant. Hoc genere solus debet conflare qui et plures et fortes habuerit bellatores, ut ex utroque cornu hostem circumveniat et quasi in sinum sui concludat exercitus.

Secunda depugnatio est obliqua, plurimis melior; in qua si paucos strenuos loco idoneo ordinaveris, etiam si multitudo hostium et virtute turberis, tamen poteris reportare victoriam. Huius talis est modus. Cum instructae acies ad congressum veniunt, tunc tu sinistram alam tuam a

ela, é composta uma formação a que chamam “tenaz”; com efeito, esta formação é constituída por soldados bastante bem seleccionados e tem a forma da letra V, recebendo aquela cunha e fechando-a de ambos os lados; feito isso, a cunha não consegue romper a linha.

Do mesmo modo, chama-se “serra” à formação, composta por homens fortíssimos, que se coloca directamente em face do inimigo para que uma linha desordenada possa ser recomposta.

E chama-se *globus* àquele grupo que se separa da sua az e que avança sobre os inimigos num ataque móvel, contra o qual é enviado um outro destacamento mais numeroso e mais forte.

Deve também ter-se em conta que não debes decidir alterar as linhas ou transferir alguns corpos de tropas de umas posições para outras quando o combate já começou. Na verdade, surge imediatamente a agitação e a confusão e o inimigo cai mais facilmente sobre soldados desorganizados e perturbados.

XX. De quantos modos se trava uma batalha campal e como pode ainda ter êxito aquele que é inferior em número e em força:

Existem sete tipos ou modos de combates decisivos quando os estandartes inimigos se precipitam de ambos os lados.

O primeiro tipo de combate tem lugar com o exército disposto em rectângulo e com a frente alargada, tal como ainda hoje e quase sempre é costume lutar. Mas os especialistas da arte militar não consideram este género de combate como o melhor porque, quando a az é disposta ao longo de um espaço muito amplo, nem sempre encontra um terreno uniforme: pode surgir uma brecha algures no centro, ou uma dobra, ou uma curvatura e a linha é muitas vezes rompida nesse ponto. Além disso, se o adversário é superior em número, ele envolve pelos flancos a nossa ala direita ou a esquerda, o que constitui um grande perigo a não ser que tenhas reservas que enfrentem e sustentem o inimigo. Só deve adoptar este modo de combate aquele que tiver muitos e fortes soldados de maneira a cercar o adversário em ambos os flancos e como que a abraçá-lo no seio do seu exército.

O segundo tipo de combate é com a az oblíqua, o que é melhor em muitos aspectos; nele, se dispuseres poucos e fortes soldados num lugar adequado, mesmo que sejas perturbado pela quantidade e pela força dos inimigos, ainda assim poderás alcançar a vitória. Tal sucede como a seguir se descreve. Quando as

dextra adversarii longius separabis, ne vel missibilia ad eam vel sagittae perveniant; dextram autem alam tuam sinistrae alae illius iunges, et ibi primum inchoa proelium, ita ut cum equitibus optimis et probatissimis peditibus sinistram partem illius, ad quam te iunxeris, adgrediaris atque circumeas et detrudendo atque supercurrendo ad hostium terga pervenias. Quod si semel adversarios exinde pellere coeperis, accedentibus tuis indubitata victoriam consequeris et pars exercitus tui quam ab hoste submoveris secunda durabit. Ad similitudinem autem A litterae vel libellae fabrilis acies in hoc dimicandi genere componuntur. Quod si tibi prior adversarius fecerit, illos quos post aciem supernumerarios diximus debere poni, tam equites quam pedites, ad sinistrum tuum colliges cornum, et sic adversario resistes magnis viribus, ne arte pellaris.

Tertia depugnatio est similis secundae, sed in hoc deterior, quod a sinistro cornu tuo cum illius incipis dextro confluere; nam quasi mancus impetus est eorum et aperte cum difficultate adgrediuntur hostes qui in sinistro dimicant cornu. Quod apertius explanabo. Si quando alam sinistram longe habueris meliorem, tunc ei fortissimos equites peditesque coniunge et in congressu ipsam primam applica ad alam hostium dextram, et quantum potes adversarii dextram partem pellere et circumire festina; tuam autem aliam exercitus partem, in qua deteriores bellatores habere te nosti, a sinistra illius longissime separa, ne vel gladiis invadatur vel ad eam tela perveniant. In hoc genere cavendum est ne inimicorum cuneis transversa tua acies elidatur. Hoc autem modo uno casu utiliter pugnabitur, si adversarius infirmiores dextrum cornum habuerit et tu longe fortiores sinistrum.

Quarta depugnatio talis est. Cum ordinaveris aciem, ante quadringentos vel quingentos passus quam ad hostem pervenias non sperante eo subito ambas alas tuas incitare te convenit, ut ex utroque cornu inprovisos hostes veritas in fugam et celerius victoriam consequaris. Sed hoc genus certaminis, licet cito superet si exercitatus fortissimosque produxerit, tamen periculosum est, quia mediam aciem suam qui sic dimicat nudare compellitur et in duas partes exercitum separare; et si primo impetu

azes organizadas chegarem ao contacto, então tu afastarás para mais longe a tua ala esquerda da ala direita do adversário para que nem os mísseis nem as setas a alcancem; mas juntarás a tua ala direita à ala esquerda deles e começarás aí o combate de forma a que avances e cerques com os teus melhores cavaleiros e com peões muito experientes o flanco esquerdo do adversário, de que te acercaste; e assim, desalojando-os e ultrapassando-os, alcançarás a retaguarda dos inimigos. É que, se começares a expulsar a partir daí, por uma vez que seja, os adversários, conseguirás, com o avanço dos teus, uma vitória indiscutível e a parte do teu exército que afastaste do inimigo permanecerá em segurança. Neste género de combate, as azes são dispostas à maneira da letra A ou do nível de prumo de um artesão. Se o adversário o fizer antes de ti, juntarás aquelas reservas tanto de cavaleiros como de peões, que nós dissemos que deviam ser colocadas atrás da az, ao teu flanco esquerdo e, assim, resistirás ao adversário com grande força, de modo a não seres derrotado no plano da táctica militar.

O terceiro tipo de combate é semelhante ao segundo mas pior pelo facto de começares a combater com o teu lado esquerdo contra a ala direita do inimigo; com efeito, o teu ataque é como que coxo e aqueles que lutam no lado esquerdo avançam com clara dificuldade contra o inimigo. O que explicarei de uma forma mais pormenorizada: se por acaso tiveres uma ala esquerda bem melhor, então junta-lhe cavaleiros e peões muito fortes e usa-a em primeiro lugar num ataque à ala direita dos inimigos e apressa-te, quanto puderes, a controlar e cercar a ala direita do adversário; mas afasta para o mais longe possível do flanco esquerdo do inimigo a outra parte do teu exército, na qual sabes que tens os combatentes mais fracos para que não seja atacada com gládios nem cheguem até ela os projecteis. Neste tipo de combate, deve evitar-se que a tua linha oblíqua seja esmagada pelas cunhas dos inimigos. Todavia, este tipo de combate só será útil num único caso: se o adversário tiver um flanco direito mais fraco e tu uma ala esquerda bem mais forte.

O quarto tipo de combate é da seguinte natureza: quando dispuseres a az, antes de chegares ao contacto com o inimigo e a uns 400 ou 500 passos²⁰¹, convém-te lançar as tuas duas alas subitamente, sem ele o esperar, de maneira a que ponhas em fuga os flancos dos inimigos desprevenidos e consigas mais rapidamente uma vitória. Mas este género de combate, ainda que conduza depressa à vitória, é, contudo, perigoso se se travar com soldados bem treinados e muito fortes porque aquele que assim luta é obrigado a desguarnecer o centro da formação e a

victus non fuerit inimicus, habet occasionem qua invadat et divisa cornua et mediam aciem destitutam.

Quinta depugnatio est quartae similis, sed hoc unum amplius habet, quod levem armaturam et sagittarios ante primam aciem ponit, ut illis resistentibus non possit inrumpi. Nam sic de dextro cornu suo illius sinistrum et de sinistro cornu suo illius dextrum adgreditur. Quod si fugare potuerit, statim vincit; sin minus, media acies ipsius non laborat, quia a levi armatura sagittariisque defenditur.

Sexta depugnatio optima est, prope similis secundae, qua utuntur qui de numero suorum et de virtute desperant; et si bene ordinauerint, quamvis cum paucioribus semper victoriam consequuntur. Nam cum instructa acies ad hostes accedit, dextram alam tuam sinistrae alae hostium iunge et ibi per equites probatissimos et velocissimos pedites incipe proelium, reliquam autem partem exercitus tui longissime ab adversariorum acie remove et in directum porrige quasi verum; nam cum sinistram partem illius et a lateribus et a tergo coeperis caedere, sine dubio vertis in fugam. Adversarius autem nec de dextra parte sua nec de media acie potest suis laborantibus subvenire, quia acies tua extenditur et tota se porrigit ad similitudinem I litterae longissimeque recedit ab hostibus. Quo genere in itineribus saepe confligitur.

Septima depugnatio est quae loci beneficio adiuvat dimicantem. In hac quoque et cum paucioribus et cum minus fortibus poteris adversarium sustinere. Hoc est, si montem aut mare aut flumen aut lacum aut civitatem aut paludes aut abrupta in una parte habeas, ex qua hostis non possit accedere, reliquum exercitum tuum directa acie ordines, sed in illa ala quae munitionem non habet omnes equites et ferentarios ponas. Tunc securus pro tuo arbitrio cum hoste configis, quia ab una parte loci natura te munit, ab alia duplex prope ponitur equitatus.

Illud tamen observandum est, quo nihil melius invenitur, ut, sive de dextro cornu solo pugnare volueris, ibi fortissimos ponas, sive de sinistro, ibi strenuissimos colloques, sive in medio cuneos facere

separar o exército em duas partes; e se o inimigo não for vencido numa primeira investida, ele tem uma oportunidade para atacar não só os flancos divididos mas também o centro desprotegido da formação²⁰².

O quinto tipo de combate é semelhante ao quarto, mas tem algo a mais. É que coloca, diante da primeira linha, infantaria ligeira e arqueiros para que ela não possa ser rompida, com estes a defendê-la. Com efeito, ataca-se assim, a partir do lado direito, a esquerda do inimigo, e, a partir do flanco esquerdo, a direita dele. Então, se o general conseguir pôr em fuga o adversário, alcança imediatamente a vitória; se não conseguir, pelo menos o centro da sua formação não corre perigo porque é defendido pela infantaria ligeira e pelos arqueiros.

O sexto tipo de combate, quase igual ao segundo, é o melhor de todos e é usado por aqueles que não confiam na quantidade e no valor dos seus; e se se dispuserem bem, ainda que com poucos alcançam sempre a vitória. Com efeito, quando a az ordenada se aproxima do inimigo, junta a tua ala direita à ala esquerda do adversário e começa aí o combate por meio de cavaleiros muito experientes e de peões muito velozes; mas afasta a parte restante do teu exército para muito longe da az dos adversários e alonga-a em linha recta, como se fosse um espeto; na verdade, quando o flanco esquerdo deles começar a ser desbaratado tanto pelos lados, como pela retaguarda, sem dúvida que o porás em fuga. Mas o inimigo não pode socorrer os seus homens em perigo nem a partir do lado direito, nem a partir do meio da sua az porque a tua linha está estendida e se projecta toda à maneira da letra “I” e se encontra muito recuada relativamente aos inimigos. Combate-se muitas vezes deste modo durante as marchas.

O sétimo tipo de combate é aquele em que a vantagem do terreno ajuda aquele que luta. Neste tipo, tu poderás também sustentar o adversário com soldados, não só em menor número mas também menos fortes. Isto é, se tiveres, de um dos lados, um monte, um mar, um rio, um lago, uma cidade, um pântano ou uma escarpa, através dos quais o inimigo não possa avançar, ordenarás a restante parte do teu exército numa az em linha recta mas, naquele flanco que não tem protecção, colocarás todos os cavaleiros e a infantaria ligeira²⁰³. Então, em segurança, combaterás o inimigo à tua vontade porque, de um dos lados, a natureza do lugar protege-te e, do outro, está colocada como que uma força dupla de cavalaria.

Contudo, nada se pode encontrar melhor do que isto: se só quiseses combater a partir do lado direito, põe aí os mais fortes; mas se quiseses combater a partir do lado esquerdo, coloca aí os mais decididos; e se quiseses organizar cunhas

volueris per quos acies hostium rumpas, in cuneo exercitatissimos ordines bellatores. Victoria enim per paucos fieri consuevit. Tantum est ut electi a duce sapientissimo in his locis in quibus ratio et utilitas postulat ordinentur.

XXI. Viam abscedendi hostibus dandam ut deleantur facilius fugientes:

Plerique rei militaris ignari plenioram victoriam credunt si adversarios aut locorum angustias aut armatorum multitudine circumdederint ut aditum non invenient abscedendi. Sed clausis ex desperatione crescit audacia, et cum spei nihil est sumit arma formido. Libenter cupit commori qui sine dubio scit se esse moriturum. Ideoque Scipionis laudata sententia est, qui dixit viam hostibus qua fugerent muniendam. Nam cum abscedendi aditu patefacto mentes omnium ad praebenda terga consenserint, inulti more pecudum trucidantur, nec insequentium ullum periculum est, cum victi quibus defendi potuerant arma converterint. Hoc genere, quanto maior fuerit, tanto facilius multitudo prosternitur; neque enim ibi requirendus est numerus ubi animus semel territus non tam tela hostium cupit declinare quam vultum. Ceterum clausi, licet exigui numero et infirmi viribus, hoc ipso tamen sunt hostibus pares, quia desperantes sciunt aliud sibi licere non posse.

XXII. Quemadmodum ab hostibus recedatur si consilium displicet pugnae:

Digestis omnibus quae ratio militaris experimentis et arte servavit, unum superest edocere, quemadmodum recedatur ab hostibus. Nam disciplinae bellicae et exemplorum periti nusquam maius periculum imminere testantur; qui enim ante congressum recedit ex acie, et suis fiduciam minuit et inimicis addit audaciam. Verum quia hoc saepius necesse est evenire, quibus modis tuto possit fieri declarandum est,

no meio da az, com as quais rompas as linhas do inimigo, disporás em cunha os combatentes mais bem treinados. Com efeito, a vitória costuma alcançar-se por intermédio de poucos. É muito importante que os soldados escolhidos por um general muito sabedor sejam colocados naqueles lugares que a razão e a utilidade exigem.

XXI. Deve dar-se aos inimigos um caminho para escapar de modo a que sejam destruídos mais facilmente durante a fuga:

A maioria das pessoas, ignorante da arte militar, acredita que a vitória é mais completa se se cercar os adversários por meio da estreiteza dos lugares ou pela quantidade de soldados de tal forma que não consigam encontrar um caminho para fugir. Mas, entre os que estão cercados, a audácia cresce com o desespero e, quando não há esperança, o medo toma as armas em mãos. Aceita de bom grado morrer acompanhado aquele que está certo de que vai morrer. E, assim, é louvada a sentença de Cipião que disse dever ser facultado aos inimigos um caminho de fuga. Na verdade, quando, aberto um caminho de fuga, o espírito de todos concorda em voltar as costas, então são trucidados sem possibilidade de serem vingados, à maneira de gado; e nem sequer há perigo algum para aqueles que perseguem quando os vencidos viram as costas e não usam as armas com as quais se podiam defender. Neste tipo de combate, quanto maior for a multidão dos adversários, tanto mais facilmente ela é abatida; e, com efeito, nem aqui é exigível um grande número de soldados, quando o espírito do inimigo, aterrorizado uma primeira vez, deseja evitar não tanto os projecteis dos adversários quanto o rosto deles. Ao passo que, cercados, e ainda que em pequeno número e fracos em forças, eles são contudo iguais ao inimigo por isto mesmo: porque, em desespero, sabem que nenhuma outra coisa os pode ajudar²⁰⁴.

XXII. Como bater em retirada se a ideia de combater não agrada:

Sistematizado tudo aquilo que a doutrina militar reteve da experiência e da arte da guerra, resta explicitar um só aspecto: de que modo se deve retirar na presença do inimigo. Com efeito, os melhores conhecedores da disciplina da guerra e da história militar declaram que, em nenhuma outra ocasião, a ameaça de perigo é maior; na verdade, aquele que retira da formação de batalha antes do combate não só reduz a confiança dos seus, como também aumenta a audácia

primum ut tui nesciant ideo te recedere quia declinas inire conflictum, sed credant arte aliqua se ideo revocari ut ad oportuniorum locum invitetur hostis ac facilius superetur aut certe insequentibus adversariis secretiores collocentur insidiae; nam ad fugam parati sunt qui ducem suum sentiunt desperare.

Illud quoque vitandum est, ne hostes te recedere sentiant et statim inruant. Propterea plerique ante pedites suos equites posuerunt, ut discurrentes adversarios videre non sinerent quemadmodum pedites abscedebant. Item particulatim incipientes a primis singulas acies subducebant retroque revocabant, in gradu suo manentibus reliquis, quos sensim postea cessimque ad illos iungebant quos subduxerant primum. Aliquantum exploratis itineribus nocte cum exercitu recedebant, ut hostes die orta cum intellexissent non possent comprehendere praecedentes. Praeterea levis armatura praemittebatur ad colles ad quos subito totus revocaretur exercitus, et si hostes insequi voluissent, a levi armatura, quae ante occupaverat locum, additis equitibus fundebantur. Nihil enim periculosius existimant quam si inconsulte insequentibus ab his qui in subsessa fuerint vel qui ante se paraverint obvietur. Hoc tempus est quo opportune collocantur insidiae, quia adversus fugientes maior audacia et minor cura est. Necessario autem amplior securitas gravius solet habere discrimen. Imparatis, cibum capientibus, in itinere lassis, equos suos pascentibus ac nihil tale suspicantibus, superventus adsolent fieri, quod et nobis vitandum est et hosti in eiusmodi occasionibus perniciēs inferenda. Hoc enim casu oppressis nec virtus potest nec multitudo prodesse. Qui in acie publica vincitur pugna, licet et ibi ars plurimum prosit, tamen ad defensionem suam potest accusare fortunam; qui vero superventum insidias subsessas passus est, culpam suam non potest excusare, quia haec evitare potuit et per speculatores idoneos ante cognoscere.

dos inimigos. Mas realmente, como isto acontece com frequência, é necessário mostrar de que modo isso pode ser feito em segurança.

Em primeiro lugar, convém que os teus não saibam, com efeito, que recuas porque não queres combater e que acreditem que são mandados retroceder por um outro motivo qualquer para que o inimigo seja atraído a um lugar mais propício e para que seja vencido mais facilmente ou, pelo menos, para que se façam emboscadas ainda mais imprevisíveis aos inimigos que os seguem; na verdade, estão inclinados à fuga aqueles que sentem que o seu general está desesperado.

Também se deve evitar que os inimigos percebam que tu recuas e que ataquem de rompante imediatamente. Por isso, a maior parte dos generais colocou a sua cavalaria à frente da infantaria para que aqueles não permitissem que os adversários em movimento vissem de que modo é que os peões se retiravam. Da mesma maneira, removiam e mandavam recuar, em primeiro lugar, cada uma das linhas, começando pelas da frente, permanecendo as restantes nas suas posições, as quais, gradualmente, se juntavam àquelas que tinham retirado primeiro. Alguns retiravam com o exército durante a noite, depois de reconhecidos os percursos para que os inimigos, ao nascer do dia, quando o percebessem, não pudessem já apanhar os que tinham partido à frente. Além disso, a infantaria ligeira era enviada adiante para os montes em direcção aos quais todo o exército, subitamente, iria recuar; e se os inimigos quisessem persegui-los, eram derrotados pela infantaria ligeira que já havia ocupado o lugar, com a ajuda da cavalaria. Com efeito, nada é considerado mais perigoso para aqueles que perseguem descuidadamente do que ser atacados por aqueles que estiverem de emboscada ou que estiverem preparados de antemão. Esse é o momento em que se montam com vantagem emboscadas porque, contra aqueles que fogem, maior é a audácia do que a cautela. Mas, necessariamente, uma maior segurança costuma esconder um perigo maior. Os ataques de surpresa costumam acontecer aos que estão desprevenidos, aos que estão a alimentar-se, aos que marcham cansados, aos que apascentam os seus cavalos ou aos que não suspeitam de nada; isto tem de ser evitado por nós mas é um flagelo que deve ser infligido ao inimigo em ocasiões deste tipo. Com efeito, neste caso, nem a coragem nem a quantidade podem ser úteis aos que são atacados. Aquele que é vencido em batalha campal, ainda que possa usar de uma grande dose de perícia, pode contudo invocar em sua defesa a sua má fortuna; mas aquele que sofreu um ataque de surpresa, emboscadas ou outros

Cum receditur, talis fraus fieri consuevit. Recto itinere pauci equites insequuntur, valida manus occulte per alia mittitur loca; ubi ad agmen inimicorum pervenerint equites, temptant leviter atque discedunt; ille credit quicquid insidiarum fuerat praeterisse et sine cura resolvitur ad negligentiam; tunc illa manus quae secreto itinere destinata fuerat superveniens opprimit ignorantes.

Multi, cum ab hoste discedunt, si per silvas ituri sunt, praemittunt qui angusta vel abrupta occupent loca, ne ibidem patiantur insidias; et rursus post se praecisis arboribus vias claudunt, quas concaedes vocant, ut adversariis facultatem adimant persequendi.

Et paene utrique parti in itinere ad subsessas communis occasio est. Nam qui praecedit oportunis vallibus vel silvosis montibus post se relinquit insidias, in quas cum inciderit inimicus, recurrit ipse et adiuvat suos; qui vero sequitur aversis semitis longe ante destinat expeditos et praecedentem adversarium arcet a transitu deceptumque a fronte et a tergo concludit. Dormientibus noctu adversariis et qui praecessit potest regredi et qui sequitur, quantumvis intersit, potest supervenire per fraudem. In transfretatione fluviorum qui praecedit illam partem temptat opprimere quae prima transierit dum reliqui alveo separantur; qui autem sequitur festinato itinere illos qui nondum potuerunt transire conturbat.

XXIII. De camelis et catafractis equitibus:

Camelos aliquantae nationes apud veteres in acie produxerunt et Urcilliani intra Africam vel ceteri Mazices hodieque producunt; sed genus animalium harenis et tolerandae siti aptum confusas etiam in pulvere vento vias absque errore dirigere memoratur, ceterum praeter novitatem, si ab insolitis videatur, inefficax bello est.

imprevistos não pode alijar a sua culpa porque podia ter evitado e reconhecido tudo isto por meio de batedores experientes.

Quando se recua, costuma ocorrer a seguinte armadilha. Um pequeno grupo de cavaleiros persegue pelo caminho mais directo, enquanto um forte corpo de tropas é enviado em segredo por outros lugares; logo que os cavaleiros alcançam o exército dos inimigos, atacam ligeiramente e retiram; o general julga então ter escapado a toda e qualquer emboscada e, despreocupado, desleixa-se até à incúria; nessa altura, aquele corpo de tropas que fora enviado por um caminho secreto irrompe e aniquila-o de surpresa.

Muitos generais, quando retiram na presença do inimigo, se tencionam marchar através de florestas, enviam previamente soldados para ocupar os lugares estreitos ou escarpados de modo a que não sofram aí emboscadas; e, por outro lado, cortam os caminhos atrás de si por meio de árvores derrubadas, a que chamam *concaedes*, para retirarem aos adversários a possibilidade de os perseguir.

Durante a marcha, a oportunidade para armar emboscadas é quase a mesma para as duas partes. Na verdade, o general que vai à frente deixa emboscadas atrás de si em vales propícios ou em montes arborizados e, quando o inimigo cai nelas, ele próprio regressa rapidamente para ajudar os seus; pelo seu lado, aquele que persegue envia muito tempo antes tropas ligeiras por atalhos e impede a passagem ao adversário que o precede; então, apanhado este de surpresa, bloqueia-o pela frente e pela retaguarda²⁰⁵. Dormindo o adversário durante a noite, não só aquele que vai à frente pode voltar para trás como também aquele que persegue pode atacar de surpresa ainda que haja uma certa distância entre eles. Na travessia de rios, aquele que vai à frente tenta atacar aquela parte do exército perseguidor que atravessou em primeiro lugar, enquanto os restantes estão separados pelo leito do rio; e aquele que persegue, em marcha forçada, ameaça aqueles que ainda não puderam atravessar.

XXIII. Sobre os camelos e os cavaleiros com catafractas:

Algumas nações, nos tempos antigos, levaram camelos para a batalha, e os Urcilianos e também os Mázaces ainda hoje o fazem em África; esta espécie de animais, adaptada às areias e capaz de tolerar a sede, é célebre por se orientar sem qualquer erro, mesmo nas vias obscurecidas pela poeira levantada pelo vento; e, contudo, para além da novidade (se for vista por pessoas não acostumadas), é ineficaz em batalha.

Catafracti equites, propter munimina quae gerunt a vulneribus tuti sed propter impedimentum et pondus armorum capi faciles et laqueis frequenter obnoxii, contra dispersos pedites quam contra equites in certamine meliores, tamen aut ante legiones positi aut cum legionariis mixti, quando comminus, hoc est manu ad manum, pugnatur, acies hostium saepe perrumpunt.

XXIII. Quomodo quadrigis falcatis vel elephantis in acie possit obsisti:

Quadrigas falcatas in bello rex Antiochus et Mitridates habuerunt. Quae ut primo magnum intulere terrorem, ita postmodum fuere derisui. Nam difficile currus falcatus planum semper invenit campum et levi impedimento retinetur unoque afflicto aut vulnerato equo decipitur. Sed maxime hac Romanorum militum arte perierunt: ubi ad pugnam ventum est, repente toto campo Romani tribulos abiecerunt, in quos currentes quadrigae cum incidissent deletae sunt. Tribulus autem est ex quattuor palis confixum propugnaculum quod quoquo modo abieceris tribus radiis stat et erecto quarto infestum est.

Elephanti in proeliis magnitudine corporum, barritus horrore, formae ipsius novitate homines equosque conturbant. Hos contra Romanum exercitum primus in Lucania rex Pyrrus eduxit; postea Hannibal in Africa, rex Antiochus in Oriente, Iugurtha in Numidia copiosos habuerunt. Adversus quos diversa resistendi excogitata sunt genera. Nam et centurio in Lucania gladio manum, quam promuscidem vocant, unius abscidit, et bini catafracti equi iungebantur ad currum, quibus insidentes clibanarii sarisas, hoc est longissimos contos, in elephantos dirigebant; nam muniti ferro nec a sagittariis quos vehebant beluae laedebantur et earum impetum equorum celeritate vitabant. Alii contra elephantos catafractos milites immiserunt, ita ut in brachiis eorum et in cassidibus vel umeris aculei ingentes ponerentur e ferro, ne manu sua elephas bellatorem contra se venientem posset apprehendere. Praecipue tamen velites antiqui adversum elephantos ordinaverunt. Velites autem erant iuvenes levi armatura, corpore alacri, qui ex equis optime missibilia

Os cavaleiros com catafractas estão protegidos de ferimentos devido às defesas que utilizam mas são fáceis de capturar por causa do incômodo e do peso das armas e estão frequentemente sujeitos a serem apanhados por laços; melhores em combate contra peões dispersos do que contra cavaleiros, ao serem, porém, colocados diante das legiões ou misturados com legionários rompem muitas vezes as linhas dos inimigos sempre que se chega ao combate corpo a corpo, isto é, *mano a mano*²⁰⁶.

XXIV. Como é que pode fazer-se frente, na linha de batalha, a quadrigas falcadas ou a elefantes:

O rei Antíoco²⁰⁷ e Mitridates²⁰⁸ usaram na guerra quadrigas falcadas²⁰⁹ que, no início, provocaram um grande terror mas que, em seguida, foram motivo de troça. Com efeito, um carro falcado dificilmente encontra sempre um terreno plano e é travado por qualquer obstáculo ligeiro, sendo capturado se for ferido ou morto um dos cavalos. Mas foram especialmente neutralizados por esta astúcia dos soldados romanos: quando se chegava ao combate, os Romanos lançavam subitamente tribulos por todo o campo; ao chocarem com eles, as quadrigas em movimento eram destruídas. O tribulo é um meio de defesa com quatro espigões cravados e que, como quer que seja lançado, fica espetado no chão em três das pontas, com uma quarta levantada e pronta para causar dano.

Os elefantes perturbam os homens e os cavalos em combate pela dimensão do seu corpo, pelo terror provocado pelos seus barulhos e pelo insólito do seu próprio aspecto. O rei Pirro foi o primeiro a utilizá-los contra o exército romano na Lucânia; depois disso, Aníbal, em África, o rei Antíoco, no Oriente, Jugurta, na Numídia usaram-nos amplamente²¹⁰. Foram imaginados, contra eles, diversos métodos de defesa. Na verdade, na Lucânia, um centurião cortou com uma espada a mão de um desses elefantes, a que chamam tromba. Por outro lado, pares de cavalos protegidos por catafractas eram atrelados a carros de combate, e, montados neles, os *clibanarii*²¹¹ arremessavam sarissas²¹², isto é, lanças muito compridas, contra os elefantes; deste modo, protegidos pelo ferro, não eram feridos pelos arqueiros que vinham nas bestas e escapavam ao ataque delas graças à rapidez dos cavalos. Outros enviaram, contra os elefantes, soldados equipados com catafractas, colocando nos seus braços, nos seus capacetes e nas suas espáduas grandes agulhões de ferro de tal maneira que o elefante não pudesse agarrar com a sua tromba o combatente que vinha contra si. Mas, acima de tudo, os antigos

dirigebant. Hi equis praetercurrentibus ad latiores lanceas vel maiora spicula beluas occidebant. Sed crescente audacia postea collecti plures milites pariter pila, hoc est missibilia, in elephantos congregabant eosque vulneribus elidebant. Illud additum est, ut funditores cum fustibalis et fundis rotundis lapidibus destinatis Indos per quos regebantur elephanti cum ipsis turribus affligerent atque mactarent, quo nihil tutius invenitur. Praeterea venientibus beluis, quasi inrupissent aciem, spatium milites dabant; quae cum in agmen medium pervenissent circumfusus undique armatorum globis cum magistris absque vulneribus capiebantur inlaesae. Carroballistas aliquanto maiores — hae enim longius et vehementius spicula dirigunt — superpositas curriculis cum binis equis vel mulis post aciem convenit ordinari, et cum sub ictu teli accesserint bestiae sagittis ballistariis transfiguntur. Latius tamen contra eas et firmitus praefigitur ferrum, ut in magnis corporibus maiora sint vulnera. Adversum elephantos plura exempla et machinamenta rettulimus, ut si quando necessitas postulaverit sciatur quae sint tam immanibus beluis opponenda.

XXV. Quid fieri debeat si vel pars fugerit vel totus exercitus:

Sciendum vero est, si pars exercitus vicerit et pars fugerit, minime desperandum, cum in eiusmodi necessitate ducis constantia totam sibi possit vindicare victoriam. Innumerabilibus hoc accidit bellis, et pro superioribus sunt habiti qui minime desperarunt; nam in simili condicione fortior creditur quem adversa non frangunt. Prior ergo de caesis hostibus spolia capiat, quod ipsi dicunt, colligat campum, prior clamore ac bucinis exultare videatur. Hac fiducia ita perterrebit inimicos, ita suis fiduciam geminabit, quasi victor ex omni parte discesserit.

recorreram a *velites* contra os elefantes. Os *velites*²¹³ eram jovens levemente armados e ágeis de corpo que arremessavam optimamente mísseis a partir dos seus cavalos. À medida que os cavalos passavam junto dos elefantes, eles matavam as bestas com lanças muito largas ou com dardos maiores. Mas depois, aumentando a audácia, muitos soldados agrupados cobriam, em conjunto, os elefantes de *pila*, isto é de dardos, e feriam-nos mortalmente. A isto acrescentou-se que fundibulários com fustíbalos e fundas derrubavam, com pedras redondas bem dirigidas, os Indianos²¹⁴ pelos quais eram conduzidos os elefantes, com as próprias torres, e matavam-nos; e não se encontra nada mais seguro do que isto. Além disso, os soldados abriam espaço para os animais que avançavam como se estes tivessem rompido as linhas²¹⁵; os elefantes, ao chegarem ao meio da formação, eram capturados sem feridas e ilesos, com os seus condutores, por grupos de homens armados que os cercavam de todos os lados. Convém colocar atrás das linhas balistas um bocado maiores – com efeito, estas atiram dardos mais longe e com mais força – instaladas em carros com dois cavalos ou mulas²¹⁶; e quando os animais ficam ao alcance dos projecteis, são trespassados pelos dardos das balistas. Contra eles, também é fixada uma ponta de ferro mais larga e mais forte, de modo a provocar ferimentos maiores em corpos grandes. Referimos diversos exemplos e expedientes contra os elefantes para que, quando a necessidade o exigir, se saiba como se deve combater tão monstruosos animais.

XXV. O que deve fazer-se se todo o exército, ou uma parte dele, se puser em fuga:

Deve saber-se que, se uma parte do exército tiver vencido e outra parte tiver fugido, não se deve perder a esperança de nenhuma maneira, uma vez que, numa situação complicada deste tipo, a serenidade do general pode reivindicar para si a vitória completa. Isto acontece em inúmeros combates e foram tidos como vencedores aqueles que nunca perderam a esperança; com efeito, em condições semelhantes, acredita-se que é mais forte aquele a quem a adversidade não quebra. Portanto, que seja ele o primeiro a tomar os despojos dos inimigos mortos, como os próprios dizem “que colha o campo”, que seja o primeiro a ser visto a celebrar com clamores e com trombetas. Com toda esta confiança, aterrorizará os inimigos e duplicará a confiança dos seus como se regressasse vencedor em toda a parte.

Quod si aliquo casu omnis in acie fundatur exercitus, perniciose clades; tamen reparationis multis fortuna non defuit, et medicina quaerenda est. Dux ergo providus sub ea cautela publico debet Marte conflagrare ut si quid pro varietate bellorum vel condicionis humanae secus acciderit absque gravi detrimento liberet victos. Nam si vicini colles fuerint, si post terga munitio, si ceteris abscedentibus fortissimi quique restiterint, se suosque servabunt. Frequenter iam fusa acies dispersos ac passim sequentes reparatis viribus interemit. Numquam exultantibus maius solet evenire discrimen quam cum ex subita ferocia in formidinem commutantur. Sed quocumque eventu colligendi sunt superstites bello, erigendi adhortationibus congruis et armorum instauratione refovendi. Tunc novi dilectus, nova quaeruntur auxilia, et, quod amplius prodest, captatis occasionibus in ipsos victores per occultas insidias impetus faciendus ac sic audacia reparanda. Nec oportunitas deficit, cum pro felicitate superbius et incautius mentes efferantur humanae. Si quis hunc casum ultimum putat, cogitet eventus omnium proeliorum inter initia contra illos magis fuisse quibus victoria debebatur.

XXVI. Regulae bellorum generales:

In omnibus proeliis expeditionis condicio talis est ut quod tibi prodest adversario noceat, quod illum adiuvat tibi semper officiat. Numquam ergo ad illius arbitrium aliquid facere vel dissimulare debemus, sed id solum agere quod nobis utile iudicamus; contra te enim esse incipit si imiteris quod fecit ille pro se, et rursum quicquid pro tua parte temptaveris contra illum erit si voluerit imitari.

In bello qui plus in agrariis vigilaverit, plus in exercendo milite laboraverit, minus periculum sustinebit.

Numquam miles in acie producendus est cuius antea experimenta non ceperis.

Mas se, por algum motivo, todo o exército soçobrar em combate, o resultado será funesto; contudo, não faltou a muitos a oportunidade de se redimirem e deve procurar-se uma saída. Na verdade, um general providente deve entrar numa batalha campal com esta cautela: se algo acontecer devido à volubilidade dos combates ou da condição humana, ele deve salvar os vencidos de um mal maior. Com efeito, se houver uns montes por perto, ou uma fortificação na retaguarda, se, fugindo os restantes, permanecerem os mais corajosos, então estes salvar-se-ão a si próprios e aos seus companheiros. Frequentemente, um exército já derrotado, recuperadas as suas forças, liquida os inimigos dispersos que o perseguem desordenadamente. Nunca costuma surgir um perigo maior para aqueles que festejam do que quando a sua coragem se converte subitamente em medo. Mas, em qualquer eventualidade, os sobreviventes devem ser reunidos para o combate, devem ser animados por exortações apropriadas e devem ser reequipados com armas. Em seguida, procuram-se novos recrutas e novas tropas auxiliares e, prática que é mais proveitosa, reunidas as condições, deve atacar-se os próprios vencedores por meio de emboscadas e, desta forma, restabelecer a confiança. E nem faltam oportunidades para isso, uma vez que os espíritos humanos são possuídos pelo sucesso de uma forma particularmente soberba e incauta. Se alguém pensa que esta é a sua última oportunidade, que medite como, em todos os combates, os inícios da guerra foram adversos àqueles a quem a vitória estava destinada²¹⁷.

XXVI. Regras gerais da guerra²¹⁸:

Em todos os combates, a condição de uma campanha é de tal natureza que aquilo que te é proveitoso é prejudicial ao inimigo e aquilo que o auxilia é-te sempre prejudicial. Portanto, nunca devemos fazer, ou deixar de fazer, alguma coisa que possa estar de acordo com a vontade dele, mas sim fazer somente aquilo que pensamos que é útil para nós; na verdade, começa por ser contrário aos teus interesses imitares aquilo que ele faz em seu benefício e, inversamente, aquilo que tentares fazer em teu proveito será contra ele se ele quiser imitar-te.

Na guerra, aquele que mais vigilância fizer nos postos avançados nos campos, aquele que mais se aplicar no treino dos soldados correrá um perigo menor.

Nunca um soldado deverá ser integrado na formação de combate sem que antes o tenhas posto à prova.

Aut inopia aut superventibus aut terrore melius est hostem domare quam proelio, in quo amplius solet fortuna potestatis habere quam virtus.

Nulla consilia meliora sunt nisi illa quae ignoraverit adversarius antequam facias.

Occasio in bello amplius solet iuvare quam virtus.

In sollicitandis suscipiendisque hostibus, si cum fide veniant, magna fiducia est, quia adversarium amplius frangunt transfugae quam perempti.

Melius est post aciem plura servare praesidia quam latius militem spargere.

Difficile vincitur qui vere potest de suis et de adversarii copiis iudicare.

Amplius iuvat virtus quam multitudo.

Amplius prodest locus saepe quam virtus.

Paucos viros fortes natura procreat, bona institutione plures reddit industria.

Exercitus labore proficit, otio consenescit.

Numquam ad certamen publicum produxeris militem nisi cum eum videris sperare victoriam.

Subita conterrent hostes, usitata vilescent.

Qui dispersis suis inconsulte sequitur quam ipse acceperat adversario vult dare victoriam.

Qui frumentum necessariaeque non praeparat vincitur sine ferro.

Qui multitudine et virtute praecedit quadrata dimicet fronte, qui primus est modus.

Qui imparem se iudicat dextro cornu suo sinistrum comum pellat inimici, qui secundus est modus.

Qui sinistram alam fortissimam habere se novit dextram alam hostis invadat, qui est tertius modus.

Qui habet exercitatissimos milites in utroque cornu pariter proelium debet incipere, qui quartus est modus.

Qui levem armaturam optimam regit utramque alam hostis invadat ferentariis ante aciem constitutis, qui quintus est modus.

É melhor dominar o inimigo pela fome, por ataques de surpresa ou pelo terror do que pelo combate, no qual a sorte costuma ter mais peso do que a coragem.

Nenhumas decisões são melhores do que aquelas que o adversário ignorar antes que as execute.

Na guerra, o sentido de oportunidade ajuda mais do que a coragem.

Ao aliciar e acolher soldados inimigos, se estes vierem de boa fé, a confiança é grande porque os desertores debilitam mais o adversário dos que as suas baixas.

É melhor guardar muitas reservas atrás das linhas do que espalhar muito os soldados.

Difícilmente se vence aquele que pode avaliar com rigor as suas forças e as do adversário.

A coragem ajuda mais do que o número.

O terreno é frequentemente mais útil do que a coragem.

A natureza gera um número reduzido de homens corajosos, mas uma boa instrução e o trabalho produzem muitos.

O trabalho aperfeiçoa o exército, o ócio enfraquece-o.

Nunca conduzas um soldado a uma batalha a não ser quando vires que ele espera alcançar a vitória.

O imprevisto apavora os inimigos, o trivial suscita a sua indiferença.

Aquele que persegue imprudentemente com os seus homens dispersos deseja oferecer ao adversário a vitória que ele próprio alcançara.

Aquele que não acautela o aprovisionamento em cereais e em tudo o mais que é necessário é derrotado sem sequer combater.

Aquele que é superior em efectivos e em coragem deve combater com a sua frente em rectângulo, que é o primeiro dos dispositivos.

Aquele que se considera inferior deve atacar o flanco esquerdo do inimigo com a sua ala direita, o que constitui o segundo dispositivo.

Aquele que sabe ter um flanco esquerdo muito forte deve atacar a ala direita do adversário, o que configura o terceiro dispositivo.

Aquele que tiver soldados muito experientes deve começar o combate simultaneamente em ambos os flancos, o que constitui o quarto dispositivo.

Aquele que dirigir infantaria ligeira de grande qualidade deve atacar ambas as alas do adversário tendo colocado os *ferentarii*²¹⁹ à frente da linha de batalha, o que corresponde ao quinto dispositivo.

Qui nec numero militum nec virtute confidit, si depugnaturus est, de dextra sua sinistram alam hostium pulset reliquis suis porrectis in similitudinem veri, qui sextus est modus.

Qui pauciores infirmioresque habere se novit septimo modo ex uno latere aut montem aut civitatem aut mare aut fluvium aut aliquod debet habere subsidium.

Qui confidit equitatu aptiora loca quaerat equitibus et rem magis per equites gerat.

Qui confidit pedestribus copiis aptiora loca peditibus quaerat et rem magis per pedites gerat.

Cum explorator hostium latenter oberrat in castris, omnes ad tentoria sua per diem redire iubeantur, et statimprehenditur explorator.

Quo genere depugnaturus sis nesciant hostes, ne aliquibus remediis obsistere moliantur.

Cum consilium tuum cognoveris adversariis proditum, dispositionem mutare te convenit.

Quid fieri debeat tractato cum multis, quid vero facturus sis cum paucissimis ac fidelissimis vel potius ipse tecum.

Milites timor et poena in sedibus corrigit, in expeditione spes ac praemia faciunt meliores.

Boni duces publico certamine numquam nisi ex occasione aut nimia necessitate confligunt.

Magna dispositio est hostem fame magis urgere quam ferro.

De equitatu sunt multa praecepta; sed cum haec pars militiae usu exercitii, armorum genere, equorum nobilitate profecerit, ex libris nihil arbitror colligendum, cum praesens doctrina sufficiat.

Digesta sunt, imperator invicte, quae nobilissimi auctores diversis probata temporibus per experimentorum fidem memoriae prodiderunt, ut ad peritiam sagittandi, quam in serenitate tua Persa miratur, ad

Aquele que não confiar nem no número dos soldados nem na sua coragem, se tiver de travar combate, deve repelir a ala esquerda dos adversários com o seu flanco direito, tendo disposto os restantes homens numa linha recta, à maneira de um espeto, o que constitui o sexto dispositivo.

Aquele que sabe dispor de soldados em menor número e de qualidade inferior, de acordo com o sétimo dispositivo, deve ter, num dos flancos, ou um monte, ou uma cidade, ou o mar, ou um rio, ou qualquer outra protecção.

Aquele que confiar na cavalaria deve procurar locais mais adequados para os cavaleiros e, de preferência, travar combate com eles.

Aquele que confiar nas tropas de infantaria deve procurar locais mais adequados para os peões e, de preferência, travar combate com eles.

Quando um espião inimigo rondar às escondidas o acampamento, deve ordenar-se que todos os soldados entrem nas suas tendas durante o dia; assim, o espião é imediatamente apanhado.

Os inimigos devem desconhecer de que forma tencionas combater para que não te possam resistir por meio de algum dispositivo.

Quando souberes que a tua decisão foi denunciada aos adversários, convém-te mudar de planos.

Aquilo que tem de ser feito deve ser discutido com muitos, mas aquilo que na verdade tencionas fazer só deve ser discutido com muito poucos e com os mais fiéis, ou até somente contigo próprio.

O medo dos castigos disciplina os soldados nos aquartelamentos; e, em campanha, a esperança de recompensa torna-os melhores.

Os bons generais nunca combatem em campo aberto, a não ser em ocasiões oportunas ou por extrema necessidade.

Um óptimo plano consiste em vergar o inimigo pela fome mais do que pelo ferro.

Sobre a cavalaria, há muitos ensinamentos; mas, como esta valência do exército tem evoluído pela prática do exercício, pelo seu tipo de equipamento e pela excelência dos cavalos, penso que nada há a compilar a partir de outros livros, uma vez que os conhecimentos actuais são suficientes²²⁰.

Expusemos, ó Imperador Invicto, aquilo que, comprovado nas mais diversas épocas pelo testemunho da experiência, os autores mais notáveis transmitiram até ao nosso tempo, de modo a que à tua perícia como arqueiro (que os Persas

equitandi scientiam vel decorem, quae Hunnorum Alanorumque natio velit imitari si possit, ad currendi velocitatem, quam Saracenus Indusque non aequat, ad armaturae exercitationem, cuius campidoctores vel pro parte exempla intellexisse se gaudent, regula proeliandi, immo vincendi artificium iungeretur, quatenus virtute pariter ac dispositione mirabilis rei publicae tuae et imperatoris officium exhiberes et militis.

admiram na tua Alteza Sereníssima), à tua mestria e elegância como cavaleiro (que as nações dos Hunos e dos Alanos gostariam de conseguir imitar), à tua velocidade na corrida (que os Sarracenos e os Indianos não conseguem igualar), à tua destreza na *armatura*²²¹ (cujos moldes os próprios *campidoctores*²²² já se contentam em entender somente em parte), se acrescente, agora, um manual de combate, e até uma “arte de vencer”, para que, pelo valor e pela organização do teu admirável Estado, possas ostentar simultaneamente o teu ofício de imperador e de soldado.

INCIPIUNT CAPITULA LIBRI QUARTI

- I. Civitates aut natura aut opere debere muniri
- II. Non directos sed angulosos muros faciendos
- III. Quemadmodum muris e terra iungatur adgestus
- IIII. De cataractis et portis, ne noceantur ab ignibus
- V. De fossis faciendis
- VI. Ne sagittis hostium homines laedantur in muro

- VII. Quibus modis providendum sit ne famem patiantur obsessi

- VIII. Quae species praeparandae sint pro defensione murorum
- VIII. Quid faciendum sit si nervorum defuerit copia
- X. Quid faciendum ne aquae inopiam patiantur obsessi
- XI. Si sales defuerint
- XII. Quid faciendum cum primo impetu venit ad muros
- XIII. Enumeratio machinarum quibus muri oppugnantur
- XIIII. De ariete falce testudine
- XV. De vineis, de pluteis, de aggere
- XVI. De musculis
- XVI. De turribus ambulatoriis
- XVIII. Quemadmodum ambulatoria turris possit incendi
- XVIII. Quemadmodum altitudo muris addatur
- XX. Quo pacto suffodiatur terra ut machina nocere nil possit

- XXI. De scalis sambuca exoetra et tollenone
- XXII. De ballistis onagris scorpionibus arcuballistis fustibalis fundis, per quae tormenta defenditur murus
- XXIII. Adversum arietes prosunt culcitae laquei lupi columnae graviores

COMEÇAM OS CAPÍTULOS DO LIVRO QUARTO

- I. As cidades devem ser protegidas ou pela natureza ou pela mão humana.
- II. Os muros devem ser construídos em ângulo e não a direito.
- III. Como ligar um terrapleno à muralha, a partir do nível do solo.
- IV. Sobre as grades e as portas, para que não sejam danificadas pelo fogo.
- V. Sobre a escavação de fossos.
- VI. Para que os homens não sejam atingidos na muralha pelas setas dos inimigos.
- VII. Que providências se devem tomar para que os sitiados não passem fome.
- VIII. Que tipo de materiais se devem preparar para a defesa dos muros.
- IX. O que se deve fazer se não houver abundância de tendões.
- X. O que se deve fazer para que os sitiados não sofram com a falta de água.
- XI. Se faltar o sal.
- XII. O que se deve fazer quando se der o primeiro ataque às muralhas.
- XIII. Enumeração das máquinas com as quais as muralhas são atacadas.
- XIV. Sobre o aríete, o gancho e a tartaruga.
- XV. Sobre as *vineae*, as mantas e os taludes.
- XVI. Sobre os manteletes.
- XVII. Sobre as torres móveis.
- XVIII. Como incendiar uma torre móvel.
- XIX. Como aumentar a altura dos muros.
- XX. Como escavar o terreno de modo a que a máquina não possa causar dano.
- XXI. Sobre as escadas, a ponte sambuca, a *exostra* e o toleno.
- XXII. Sobre as balistas, os ónagros, os escorpiões, as bestas²²³, os fustíbalos e as fundas, engenhos com os quais a muralha é defendida.
- XXIII. Contra os aríetes, são úteis os colchões, os laços, os lobos e as colunas bastante pesadas.

XXIIII. De cuniculis, per quos aut murus deponitur aut civitas penetratur

XXV. Quid facere debeant oppidani si hostes inruperint civitatem

XXVI. Quae sit adhibenda cautela ne hostes furtim occupent murum

XXVII. Quando oppidanis inferantur insidiae

XXVIII. Quid faciant obsidentes ne ab oppidanis patiantur insidias

XXVIII. Quo genere tormentorum civitas defendatur

XXX. Quemadmodum mensura colligatur ad scalas vel machinas faciendas

XXXI. Praecepta belli navalis

XXXII. Nomina iudicum qui praeerant classi

XXXIII. Unde appellentur liburnae

XXXIII. Qua diligentia fabricentur liburnae

XXXV. Qua observatione sit caedenda materies

XXXVI. Quo mense caedendae sint trabes

XXXVII. De modo liburnarum

XXXVIII. Nomina ventorum et numerus

XXXVIII. Quibus mensibus tutius navigetur

XL. Quemadmodum tempestatum observanda sint signa

XLI. De prognosticis

XLII. De aestuariis, hoc est de reumate

XLIII. De locorum notitia sive remigibus

XLIII. De telis tormentisque muralibus

XLV. Quemadmodum navali bello collocentur insidiae

XLVI. Quid fiat cum aperto Marte bellum navale committitur

Agrestem incultamque hominum in initio saeculi vitam a communione mutorum animalium vel ferarum urbium constitutio prima discrevit. In his nomen rei publicae peperit communis utilitas. Ideo potentissimae nationes ac principes consecrati nullam maiorem gloriam putaverunt quam aut fundare novas civitates aut ab aliis conditas in nomen suum sub quadam amplificatione transferre. In quo opere clementia serenitatis

XXIV. Sobre as cavas pelas quais a muralha é minada ou a cidade é penetrada.

XXV. O que devem fazer os sitiados, caso os inimigos penetrem na cidade.

XXVI. Que precauções devem ser tomadas para que os inimigos não ocupem furtivamente a muralha.

XXVII. Quando os sitiados são alvo de ciladas.

XXVIII. O que devem fazer os sitiadores para não sofrerem ciladas dos sitiados.

XXIX. Com que tipo de engenhos se defende uma cidade.

XXX. Como calcular as medidas para fabricar escadas e máquinas.

XXXI. Preceitos do combate naval.

XXXII. Títulos dos oficiais que comandam a frota.

XXXIII. De onde vem o nome “liburna”.

XXXIV. Com que cuidados se devem fabricar as liburnas.

XXXV. De acordo com que observações se deve cortar a madeira.

XXXVI. Em que mês se devem cortar os troncos.

XXXVII. Sobre a dimensão das liburnas.

XXXVIII. Os nomes dos ventos e o seu número.

XXXIX. Em que meses se navega em maior segurança.

XL. Como se devem observar os indícios das tempestades.

XLI. Sobre os prognósticos.

XLII. Sobre estuários, isto é, sobre as marés.

XLIII. Sobre o conhecimento dos lugares e sobre os remadores.

XLIV. Sobre as armas e os engenhos usados a bordo.

XLV. Como são armadas ciladas na guerra naval.

XLVI. O que deve ser feito quando se trava uma batalha naval em combate aberto.

No início dos tempos, a fundação de cidades separou, em primeiro lugar, a vida selvagem e inculta dos homens da comunhão com os animais brutos e as feras. Nestas cidades, o bem comum gerou a ideia de Estado. E assim, as mais fortes nações e os príncipes consagrados consideraram que não havia uma glória maior do que ou fundar novas cidades, ou transferir para o seu próprio nome, expandindo-as, as cidades fundadas por outros. E nesta obra, a clemência

tuae optinet palmam. Ab illis enim vel paucae vel singulae, a pietate tua innumerabiles urbes ita iugi labore perfectae sunt ut non tam humana manu conditae quam divino nutu videantur enatae. Cunctos imperatores felicitate moderatione castimonia, exemplis indulgentiae, studiorum amore praecedis. Regni animique tui bona cernimus et tenemus, quae anticipare et superior optavit aetas et extendi in perpetuum ventura desiderat. Quibus rebus tantum universo orbi praestitum gratulamur quantum vel humana mens petere vel gratia potuit divina conferre. Sed dispositionibus vestrae clementiae quantum profecerit murorum elaborata constructio Roma documentum est, quae salutem civium Capitolinae arcis defensione servavit ut gloriosius postea totius orbis possideret imperium.

Ad complementum igitur operis maiestatis vestrae praeceptione suscepti rationes quibus vel nostrae civitates defendendae sint vel hostium subruendae ex diversis auctoribus in ordinem digeram, nec laboris pigebit, cum omnibus profutura condantur.

I. Civitates aut natura aut opere debere muniri:

Urbes atque castella aut natura muniuntur aut manu aut utroque, quod firmitus ducitur: natura aut locorum edito vel abrupto aut circumfuso mari sive paludibus vel fluminibus, manu fossis ac muro. In illo naturali beneficio tutissimo eligentis consilium, in plano quaeritur fundantis industria. Videmus antiquissimas civitates ita in campis patentibus constitutas ut deficiente auxilio locorum arte tamen et opere redderentur invictae.

II. Non directos sed angulosos muros faciendos:

Ambitum muri directum veteres ducere noluerunt, ne ad ictus arietum esset expositus, sed sinuosis anfractibus iactis fundamentis clausere urbes, crebrioresque turres in ipsis angulis reddiderunt propterea quia

da tua serenidade obtém a palma. Com efeito, as poucas ou raras cidades que foram concluídas por outros e as inumeráveis cidades que foram acabadas pela tua piedade por meio de um trabalho tão contínuo parecem fundadas não tanto por mão humana como nascidas da vontade divina. Tu és superior a todos os imperadores em felicidade, em moderação, em moralidade, em manifestações de indulgência e em amor pelos estudos. Nós vemos e possuímos tudo o que o teu reino e o teu espírito têm de bom, que épocas anteriores desejaram antecipar e que as épocas vindouras desejam estender para sempre. Por estes motivos, nós congratulamo-nos com o muito que foi dado a todo o Mundo, tanto quanto a mente humana pôde desejar ou a graça divina conceder. Mas o quanto são úteis as decisões de Vossa Clemência no que diz respeito à construção cuidadosa de muralhas comprova-se pelo exemplo passado de Roma, que salvou a vida dos cidadãos por meio da defesa da cidadela do Capitólio²²⁴ para que possuísse depois, de uma forma mais gloriosa, o império de todo o Mundo.

Portanto, como complemento da obra empreendida por ordem de Vossa Majestade, eu resumirei ordenadamente, a partir dos mais diversos autores, os conhecimentos por meio dos quais as nossas cidades devem ser defendidas ou as dos inimigos destruídas. E nem o trabalho me enfastiará, uma vez que se trata de matérias que, no futuro, serão úteis a todos.

I. As cidades devem ser protegidas ou pela natureza ou pela mão humana:

As cidades e as fortalezas devem ser protegidas pela natureza ou pela mão humana, ou por ambas, o que se considera ser o mais seguro: pela natureza dos lugares, entenda-se por via de um local elevado ou íngreme, ou rodeado de mar, de pântanos ou de rios; pela mão humana, através de fossos e de muralhas. Nesses lugares muito seguros devido às vantagens naturais, requer-se a sabedoria de uma boa escolha; nos lugares planos, exige-se esforço ao fundador. Vemos cidades antiquíssimas construídas em planícies abertas de uma tal maneira que, apesar da falta de uma protecção natural, foram tornadas invencíveis graças ao engenho e ao trabalho.

II. Os muros devem ser construídos em ângulo, e não a direito:

Os antigos não quiseram desenhar o traçado dos muros a direito para que eles não estivessem expostos aos golpes dos aríetes, mas fecharam as cidades com os alicerces inscritos em curvaturas sinuosas e dispuseram um maior número

si quis ad murum tali ordinatione constructum vel scalas vel machinas voluerit admovere non solum a fronte sed etiam a lateribus et prope a tergo velut in sinu circumclusus opprimitur.

III. Quemadmodum muris e terra iungatur adgestus:

Murus autem ut numquam possit elidi hac ratione perficitur. Intervallo vicenum pedum interposito duo intrinsecus parietes fabricantur. Deinde terra quae de fossis fuerit egesta inter illos mittitur vectibusque densatur, ita ut a muro primus paries pro rata inferior, secundus longe minor ducatur, ut de plano civitatis ad similitudinem graduum quasi clivo molli usque ad propugnacula possit ascendi, quia nec murus ullis potest arietibus rumpi quem terra confirmat et quovis casu destructis lapidibus ea quae inter parietes densata fuerat ad muri vicem ingruentibus moles obsistit.

IIII. De cataractis et portis ne noceantur ab ignibus:

Cavetur praeterea ne portae subiectis ignibus exurantur. Propter quod sunt coriis ac ferro tegendae; sed amplius prodest, quod invenit antiquitas, ut ante portam addatur propugnaculum in cuius ingressu ponitur cataracta, quae anulis ferreis ac funibus pendet, ut si hostes intraverint demissa eadem extinguantur inclusi. Ita tamen supra portam murus est ordinandus ut accipiat foramina per quae de superiore parte effusa aqua subiectum restinguat incendium.

V. De fossis faciendis:

Fossae autem ante urbes latissimae altissimaeque faciendae sunt, ut nec facile possint coaequari repletique ab obsidentibus et cum aquis coeperint redundare ab adversario cuniculum continuari minime patiantur. Nam duplici modo opus subterraneum peragi, earum altitudine et inundatione, prohibetur.

de torres nos próprios ângulos porque se alguém quiser aproximar escadas, ou máquinas, de uma muralha com uma tal configuração, não só é apertado pela frente mas também dos lados e até pelas costas, sendo como que esmagado num abraço.

III. Como ligar um terrapleno à muralha, a partir do nível do solo:

Mas uma muralha, para que nunca possa ser destruída, é completada da seguinte forma. Constroem-se duas paredes do lado de dentro, com um intervalo entre elas de vinte pés²²⁵. Depois, a terra que tiver sido retirada das valas é lançada entre aquelas paredes e é batida com maços de tal forma que a primeira parede a partir da muralha seja erguida a uma cota mais baixa e a segunda ainda bem mais baixa para que se possa subir do nível da cidade para as ameias, à semelhança de degraus, por um declive ligeiro. É que nenhuma muralha que é reforçada com terra pode ser rompida por aríetes e, em qualquer caso, destruído o forro de pedra, aquela massa de terra que foi compactada entre as paredes resiste aos atacantes como se fosse um muro.

IV. Sobre as grades e as portas, para que não sejam danificadas pelo fogo:

Para além disso, deve acautelar-se que as portas não sejam queimadas pelos fogos que lhes são lançados. Por essa razão, devem ser revestidas de couro e de ferro; todavia, revela-se melhor o que a Antiguidade inventou: acrescentar uma barbacã diante da porta, em cuja entrada se deve instalar uma grade suspensa por correntes de ferro e por cordas de maneira a que, se os inimigos penetrarem, ela seja rebaixada, permitindo aniquilar os que ficaram encerrados lá dentro. E o muro por cima da porta é preparado de modo a receber aberturas, através das quais a água lançada a partir do alto extingue o incêndio.

V. Sobre a escavação de fossos:

Também devem ser escavados fossos muito largos e muito fundos em frente das cidades de maneira a que não possam ser facilmente nivelados e atulhados pelos sitiadores e a que, quando começarem a encher-se com água, não permitam minimamente que o adversário construa uma cava. Assim, existem duas maneiras de impedir os trabalhos de sapa de serem concluídos: pela profundidade e pela inundação dos fossos.

VI. Ne sagittis hostium homines laedantur in muro:

Formidatur ne multitudo sagittariorum de propugnaculis exterritis defensoribus appositisque scalis occupet murum. Adversum quod catafractas vel scuta in civitatibus debent habere quam plurimi. Deinde per propugnacula duplicia saga ciliciaque tenduntur impetumque excipiunt sagittarum; neque enim facile transeunt spicula quod cedit ac fluctuat. Inventum quoque remedium est ut de ligno crates facerent, quas metallas vocaverunt, lapidibusque complerent, ea arte inter bina propugnacula constitutas ut si per scalas ascendisset hostis et partem aliquam ipsius contigisset supra caput suum vergeret saxa.

VII. Quibus modis providendum sit ne famem patiantur obsessi:

Multa defensionum oppugnationumque sunt genera, quae locis competentibus inseremus. Nunc sciendum est obsidendi duas species esse, unam cum adversarius oportunis locis praesidiis ordinatis vel aqua prohibet inclusos vel deditionem sperat a fame, quando omnes prohibuerit commeatus; hoc enim consilio ipse otiosus ac tutus fatigat inimicum.

Ad quos casus possessores quamvis levi suspicione pulsati omnem alimoniam victus intra muros debent studiosissime collocare, ut ipsis exuberet substantia, adversarios inopia cogat abscedere. Non solum autem porcinum sed et omne animalium genus quod inclusum servari non potest deputari oportet ad laridum, ut adminiculo carnis frumenta sufficiant. Aves autem cohortales et sine impensa in civitatibus nutriuntur et propter aegrotantes sunt necessariae. Pabula equis praecipue congerenda et quae adportari nequiverint exurenda, vini aceti ceterarumque frugum vel pomorum congerendae sunt copiae nihilque quod esui proficiat hostibus relinquendum. Nam ut hortorum cura in viridiariis domorum vel areis exerceatur utilitatis ac voluptatis ratio persuadet. Parum autem proficit plurimum collegisse nisi ab exordio dimensione salubri per idoneos erogatio temperetur; numquam periclitati sunt fame qui frugalitatem inter copias servare coeperunt. Inbellis quoque aetas ac sexus propter

VI. Para que os homens não sejam atingidos na muralha pelas setas dos inimigos:

É de recear que um grande número de arqueiros venha a ocupar a muralha, depois de afastados, pelo medo, os defensores das ameias e de encostadas escadas aos muros. Contra isto, deve haver nas cidades o maior número possível de catafractas e de escudos. E também devem ser penduradas, pelas ameias, mantas e tapetes duplamente grossos para amortecer a força das setas; com efeito, os dardos não atravessam facilmente aquilo que cede e que balança no ar. Também se descobriu uma outra solução, que consiste em fazer caixas de madeira, chamadas *metallae*, cheias de pedras e dispostas de tal forma entre duas ameias que, caso o inimigo subisse pelas escadas e tocasse em alguma delas, entornaria as pedras por cima da sua própria cabeça.

VII. Que providências se devem tomar para que os sitiados não passem fome:

Existem muitos tipos de defesa e de ataque, os quais apresentaremos nos locais adequados. Por agora, é sabido existirem duas maneiras de cerco, uma das quais quando o adversário instala um posto num lugar propício e, ou corta a água aos sitiados, ou – impedida a circulação de todas as provisões – espera a sua rendição pela fome; na verdade, com este procedimento, conserva-se ele próprio tranquilo e seguro, e desgasta o inimigo²²⁶.

Nestes casos, os proprietários – impelidos pela mais leve suspeita – devem colocar com a maior das precauções todo o tipo de meios de subsistência no interior das muralhas de maneira a que eles próprios abundem em vitualhas e a que a carência force os adversários a irem embora. Convém mandar salgar não só os porcos mas também todo o tipo de animais que não podem ser mantidos fechados de forma a que os cereais sejam suficientes, acrescidos de um suplemento de carne. No entanto, as aves de capoeira não só são alimentadas sem despesa nas cidades como também são necessárias por causa dos doentes. A forragem para os cavalos deve ser armazenada de uma forma especial e aquilo que não puder ser transportado deve ser queimado. Devem ser armazenadas grandes quantidades de vinho, de vinagre, de outros cereais e de frutos e nada que possa aproveitar aos inimigos como alimento deve ser deixado para trás. Com efeito, razões de utilidade e de moralidade levam a que o cultivo dos hortos se faça no jardim das casas e nas praças públicas. Mas é pouco proveitoso ter recolhido uma grande quantidade de provisões a não ser que a distribuição delas seja moderada desde

necessitatem victus portis frequenter exclusa est, ne penuria opprimeret armatos a quibus moenia servabantur.

VIII. Quae species praeparandae sint pro defensione murorum:

Bitumen sulphur picem liquidam oleum quod incendiarium vocant ad exurendas hostium machinas convenit praeparari.

Ad arma facienda ferrum utriusque temperaturae et carbones servantur in conditis. Ligna quoque hastilibus sagittisque necessaria reponuntur.

Saxa rotunda de fluviis, quia pro soliditate graviora sunt et aptiora mittentibus, diligentissime colliguntur, ex quibus muri replentur et turres, minima ad fundas sive fustibalos vel manibus iacienda; maiora per onagros diriguntur, maxima vero pondere formaque volubili in propugnaculis digeruntur ut demissa per praeceptum non solum hostes obruant subeuntes sed etiam machinamenta confringant.

Rotae quoque de lignis viridibus ingentissimae fabricantur, vel intercisi ex validissimis arboribus cylindri, quas taleas vocant, ut sint volubiles levigantur, quae per pronum labentia subito impetu bellatores solent equosque deterere.

Trabes quoque et tabulata vel diversae magnitudinis clavos ferreos esse oportet in promptu. Nam oppugnantium machinis per alias machinas consuevit obsisti, praecipue cum subitis operibus addenda sit muris vel propugnaculis altitudo, ne adversariorum mobiles turres superemineant et capiant civitatem.

VIII. Quid faciendum sit si nervorum defuerit copia:

Nervorum quoque copiam summo studio expedit colligi, quia onagri vel ballistae ceteraque tormenta nisi funibus nervinis intenta nil prosunt. Equorum tamen setae de caudis ac iubis ad ballistas utiles asseruntur. Indubitatum vero est crines feminarum in eiusmodi tormentis non

o início por pessoas idóneas, numa proporção equilibrada: nunca correram perigo por causa da fome aqueles que começaram a praticar a frugalidade em tempo de abundância. Também aqueles que, devido à sua idade ou sexo, são inaptos para combater, são frequentemente deixados fora de portas por causa das necessidades de alimentação para que a escassez não aflija os homens armados por meio dos quais as muralhas são defendidas.

VIII. Que tipos de materiais se devem preparar para a defesa dos muros:

É conveniente aprovisionar betume, enxofre, pez e um óleo líquido a que chamam de “incendiário” para deitar fogo às máquinas dos inimigos.

Para fazer armas, guarda-se, em armazéns, ferro de ambas as têmperas e carvão. Também se reservam madeiras necessárias para hastes e para setas.

Recolhem-se muito cuidadosamente dos rios pedras redondas porque são mais pesadas devido à sua densidade e mais adequadas para arremessar, com as quais se abastecem fartamente as muralhas e as torres; as mais pequenas de todas são para atirar com fundas ou com fustíbalos ou para lançar à mão; as maiores são atiradas por ónagros e as maiores de todas, devido ao seu peso e à sua forma, que lhes permite rolar, são distribuídas pelas ameias para que, empurradas para baixo, não só aniquilem os inimigos que atacam, como também destruam as suas máquinas.

Também se fabricam enormíssimas rodas de madeira verde ou se aplanam cilindros cortados de árvores muito robustas, a que chamam *talae*, de forma a que possam rolar e que, ao deslizar para diante, costumam, de uma forma repentina, esmagar soldados e cavalos.

Convém igualmente ter à mão vigas, pranchas e pregos de ferro de diversos tamanhos. Com efeito, é costume fazer frente às máquinas dos atacantes por meio de outras máquinas, especialmente quando tem de se acrescentar altura às muralhas ou às ameias por via de trabalhos improvisados para que as torres móveis dos adversários não sejam superiores em altura e conquistem a cidade.

IX. O que se deve fazer se não houver abundância de tendões:

Também é útil juntar, com o máximo cuidado, uma grande quantidade de tendões porque os ónagros, as balistas e outros engenhos de torção²²⁷ de nada valem a menos que retesados por cordas feitas de tendões. No entanto, os pêlos das crinas e das caudas dos cavalos também são considerados úteis para as

minorem habere virtutem Romanae necessitatis experimento. Nam in obsidione Capitolii corruptis iugi ac longa fatigatione tormentis, cum nervorum copia defecisset, matronae abscisos crines viris suis optulere pugnantibus, reparatisque machinis adversariorum impetum reppulerunt. Maluerunt enim pudicissimae feminae deformato ad tempus capite liberae vivere cum maritis quam hostibus integro decore servire.

Cornua quoque vel cruda coria proficit colligi ad cataractas tegendas aliaque machinamenta sive munimina.

X. Quid faciendum ne aquae inopiam patiantur obsessi:

Magna urbis utilitas est cum perennes fontes murus includit. Quod si natura non praestat, cuiuslibet altitudinis effodiendi sunt putei aquarumque haustus funibus extrahendi. Sed interdum sicciora sunt loca quae montibus sunt saxisque munita; in quibus superposita castella extra murum inferiores repperiunt fontium venas ac de propugnaculis vel turribus destinatis protegunt telis, ut aquatoribus liber praestetur accessus. Quod si ultra ictum teli, in clivo tamen civitatis subiecta sit vena, castellum parvulum, quem burgum vocant, inter civitatem et fontem convenit fabricari ibique ballistas sagittariosque constitui, ut aqua defendatur ab hostibus.

Praeterea in omnibus publicis aedificiis multisque privatis cisternae sunt diligentissime substruendae, ut receptacula aquis pluvialibus quae de tectis effluunt praestent. Difficile enim eos sitis vicit qui quamvis exigua aqua ad potum tamen tantum in obsidione sunt usi.

XI. Si sales defuerint:

Si maritima sit civitas et sales defuerint, liquor ex mari sumptus per alveos aliaque patula vasa diffunditur, qui calore solis duratur in salem. Quod si hostis ab unda prohibeat (nam hoc accidit), harenas quas excitatum vento mare superfuderat aliquando colligunt et dulci aqua eluunt, quae sole siccata nihilo minus mutatur in sales.

balistas. E é, sem dúvida, verdade que o cabelo das mulheres não tem uma utilidade menor para esse gênero de engenhos, tal como se comprova em momentos difíceis da história de Roma: com efeito, no cerco do Capitólio, danificados os engenhos de torção por um serviço contínuo e longo, tendo acabado a provisão de tendões, as matronas cortaram os cabelos para os entregarem aos seus homens que combatiam, posto o que, reparadas as máquinas, estes repeliram o ataque dos adversários²²⁸. Na verdade, aquelas virtuosíssimas mulheres preferiram viver em liberdade com os seus maridos e com as cabeças temporariamente rapadas a servirem os inimigos na perfeição da sua formosura.

Também é proveitoso juntar chifres e couros crus para revestimento das grades de porta e das outras máquinas ou meios de defesa.

X. O que se deve fazer para que os sitiados não sofram com a falta de água:

É muito útil para a cidade quando a muralha abriga fontes perenes. E se a natureza não as fornece, devem ser escavados poços de uma profundidade adequada e deve ser extraída água com o auxílio de cordas. Mas, por vezes, são demasiado secos os locais que se encontram protegidos por montes e rochedos; as fortalezas ali construídas encontram veios de água situados em lugares mais baixos e exteriores à muralha e protegem-nos com mísseis atirados a partir das ameias e das torres de modo a que seja facultado aos aguadeiros um acesso livre. Mas se o veio de água ficar na encosta, próximo da cidade mas fora do alcance de um projectil, convém construir, entre a cidade e a fonte, uma pequena fortificação, a que chamam *burgus*, e aí colocar balistas e arqueiros para proteger a água dos inimigos.

Para além disso, por baixo de todos os edifícios públicos e de muitos privados, devem construir-se muito diligentemente cisternas para que sirvam como reservatórios das águas pluviais que escorrem a partir dos telhados. Na verdade, dificilmente a sede venceu aqueles que, ainda que a água fosse pouca, a usaram somente para beber durante um cerco.

XI. Se faltar o sal:

Se a cidade for marítima e faltar o sal, espalha-se, em tinhas e noutros vasos largos, a água recolhida do mar que o calor do sol transforma em sal. E se o inimigo impedir o acesso ao mar (o que na verdade pode acontecer), recolhem-se por vezes as areias que o mar – batido pelo vento – derramou e lavam-nas com água doce, a qual, secada ao sol, também se transforma em sal.

XII. Quid faciendum cum primo impetu venit ad muros:

Violenta autem impugnatio quando castellis vel civitatibus praeparatur, mutuo utrimque periculo sed maiore oppugnantium sanguine exercentur luctuosa certamina. Illi enim qui muros invadere cupiunt terrifico apparatu expositis copiis in spem deditionis formidinem geminant tubarum strepitu hominumque permixto; tunc, quia timor magis frangit insuetos, primo impetu stupentibus oppidanis, si discriminum experimenta non norunt, admotis scalis invaditur civitas. Quod si a fidentibus sive militaribus viris repellatur prima congressio, statim clausis crescit audacia, et iam non terrore sed viribus et arte confligitur.

XIII. Enumeratio machinarum quibus muri oppugnantur:

Admoventur enim testudines arietes falces vineae plutei musculi turres; de quibus singulis qualiter fabricentur, quo etiam pacto proelientur vel repellantur, edisseram.

XIII. De ariete falce testudine:

De materia ac tabulatis testudo contextitur, quae ne exuratur incendio coriis vel ciliciis centonibusque vestitur. Haec intrinsecus accipit trabem, quae aut adunco praefigitur ferro et falx vocatur ab eo quod incurva est, ut de muro extrahat lapides, aut certe caput ipsius vestitur e ferro et appellatur aries, vel quod habet durissimam frontem quae subruit muros, vel quod more arietum retrocedit ut cum impetu vehementius feriat. Testudo autem a similitudine verae testudinis vocabulum sumpsit, quia, sicut illa modo reducit modo proserit caput, ita machinamentum interdum reducit trabem interdum exerit ut fortius caedat.

XV. De vineis de pluteis de aggere:

Vineas dixerunt veteres quas nunc militari barbaricoque usu caucias vocant. E lignis levioribus machina colligatur, lata pedibus octo, alta pedibus septem, longa pedibus sedecim. Huius tectum munitione duplici tabulatis cratibusque contextitur; latera quoque vimine saepiuntur ne

XII. O que se deve fazer quando se der o primeiro ataque às muralhas:

Mas quando um violento ataque é lançado contra fortalezas ou cidades, travam-se combates mortais com perigo para ambos os lados, mas com maior derramamento de sangue entre os atacantes. Com efeito, aqueles que desejam invadir as muralhas redobram o terror na esperança de uma rendição, expondo as suas forças com terrível aparato, aliado ao estrépito de trombetas e de homens; então, uma vez que o temor desmoraliza mais os que não estão habituados, ficando os habitantes – se não conhecem ainda a experiência do perigo – estupefactos com o primeiro ataque, a cidade é invadida por meio de escadas encostadas aos muros. Porém, se o primeiro ataque é repellido por homens confiantes ou por soldados, imediatamente a audácia cresce entre os sitiados e, a partir de então, combate-se não por meio do terror, mas pela força e pelo engenho.

XIII. Enumeração das máquinas com as quais as muralhas são atacadas:

Na verdade, aproximam-se das muralhas tartarugas, aríetes, ganchos, *vineae*, mantas, manteletes e torres; sobre cada uma delas exporei como é que se fabricam e de que forma são usadas no ataque ou na defesa.

XIV. Sobre o aríete, o gancho e a tartaruga:

A tartaruga é feita de madeira e de tabuões e, para não ser destruída pelo fogo, é revestida de couros ou de peles de cabra e de centões. Do lado de dentro, a tartaruga apresenta uma viga, que é fixada por meio de um ferro adunco a que se chama *falx*²²⁹ porque é curvo para arrancar as pedras da muralha ou, por vezes, a cabeça da própria viga é revestida de ferro e chama-se *aries*²³⁰, seja porque tem uma frente duríssima que rompe muralhas, seja porque, à maneira dos carneiros, retrocede para investir com um ataque ainda mais violento. A “tartaruga” retirou o seu nome da semelhança com a tartaruga verdadeira porque, tal como esta, ora retrai a cabeça, ora a faz avançar e, assim, esta máquina ora recolhe a viga, ora a impele para bater mais fortemente²³¹.

XV. Sobre as *vineae*, as mantas e os taludes:

Os antigos chamaram *vineae* àquilo a que agora os costumes militares e bárbaros chamam *cauciae*. Esta máquina é feita de madeiras muito leves, tendo oito pés de largura, sete de altura e dezasseis de comprimento²³². O seu telhado é formado por uma dupla protecção de pranchas e de caniços; do mesmo modo,

saxorum telorumque impetu penetrentur; extrinsecus autem, ne immisso concremetur incendio, crudis ac recentibus coriis vel centonibus operitur. Istae, cum plures factae fuerint, iunguntur in ordinem, sub quibus obsidentes tuti ad subruenda murorum penetrant fundamenta.

Plutei dicuntur qui ad similitudinem absidis contexuntur e vimine et ciliciis vel coriis proteguntur ternisque rotulis, quarum una in medio, duae in capitibus apponuntur, in quamcumque partem volueris admoventur more carpenti; quos obsidentes applicant muris, eorumque munitione protecti sagittis sive fundis vel missibilibus defensores omnes de propugnaculis civitatis exturbant, ut scalis ascendendi facilius praestetur occasio.

Agger autem ex terra lignisque extollitur contra murum, de quo tela iactantur.

XVI. De musculis:

Musculos dicunt minores machinas quibus protecti bellatores sudatum auferunt civitatis, fossatum etiam adportatis lapidibus lignis ac terra non solum complent sed etiam solidant, ut turres ambulatoriae sine impedimento iungantur ad muros. Vocantur autem a marinis beluis musculi; nam quemadmodum illi, cum minores sint, tamen ballenis auxilium adminiculumque iugiter exhibent, ita istae machinae breviores velut deputatae turribus magnis adventui illarum parant viam itineraque praemuniunt.

XVII. De turribus ambulatoriis:

Turres autem dicuntur machinamenta ad aedificiorum speciem ex trabibus tabulatisque compacta et ne tantum opus hostili concremetur incendio diligentissime ex crudis coriis vel centonibus communita, quibus pro modo altitudinis additur latitudo. Nam interdum tricenos pedes per quadrum interdum quadragenos vel quinquagenos latae sunt. Proceritas autem ipsarum tanta fit ut non solum muros sed etiam turres lapideas altitudine superent. His plures rotae mechanica arte subduntur, quarum lapsu volubili magnitudo tam ampla moveatur.

as partes laterais são revestidas de vimes para não serem penetradas pelo impacto das pedras e dos projecteis; mas a parte de fora é coberta com couros crus ou verdes ou com centões para não ser queimada por um fogo ateados pelos sitiados. Depois de se fabricarem muitas destas máquinas, articulam-nas em linha; a coberto delas, os sitiadores avançam em segurança para minar os alicerces dos muros.

Chamam “mantas” àquelas máquinas que se constroem à semelhança de uma abóbada com vime e que são protegidas por peles de cabra e por couros. Com três rodas, uma das quais é colocada no meio e duas nas pontas, elas são deslocadas para onde se quiser, à maneira de uma carroça; os sitiadores encostam-nas aos muros e, protegidos por elas, expulsam todos os defensores das ameias das cidades com setas, fundas ou mísseis para que seja mais fácil subir aos muros por meio de escadas.

E é erguido um talude contra a muralha com terra e madeiras a partir do qual se lançam projecteis.

XVI. Sobre os manteletes:

Chamam manteletes a máquinas mais pequenas sob a protecção das quais os combatentes removem as defesas da cidade e não só atulham como consolidam o fosso com pedras, madeiras e terra de modo a que as torres móveis possam ser colocadas junto aos muros sem impedimento. E chamam-se *musculi* a partir dos animais marinhos; pois tal como estes, apesar de serem mais pequenos, representam contudo, constantemente, um auxílio e ajuda para as baleias, também estas máquinas mais pequenas, como que associadas às grandes torres, preparam o avanço destas e protegem o seu caminho e percurso.

XVII. Sobre as torres móveis:

Além disso, chamam torres às máquinas construídas com vigas e com pranchas, à maneira de edifícios; e para que esta fortificação não seja queimada pelo fogo do inimigo, ela é muito cuidadosamente revestida com couros crus e com centões. A sua largura é regulada pela medida da sua altura. Com efeito, elas têm por vezes trinta pés²³³ quadrados e outras vezes quarenta ou cinquenta²³⁴. E a altura delas deve ser tal que supere não só a das muralhas como também a das torres de pedra. Debaixo das torres são colocadas, de acordo com os conhecimentos da arte mecânica, muitas rodas, de tal forma que um volume tão grande possa ser deslocado por meio de um deslize fácil.

Praesens autem periculum civitatis est si ad murum fuerit turris admota. Plures enim accipit scalas et diverso genere conatur inrumpere. Nam in inferioribus habet arietem, cuius impetu destruit muros; circa mediam vero partem accipit pontem, factum de duabus trabibus saeptumque de vimine, quem subito prolatum inter turrem murumque constituunt et per eum egredientes de machina bellatores in civitatem transeunt et occupant muros; in superioribus autem turris illius partibus contati et sagittarii collocantur qui defensores urbis ex alto contis missibilibus saxisque prosternant. Quo facto civitas capitur sine mora. Quid enim auxilii superest cum hi qui de murorum altitudine sperabant repente supra se aspiciant altioremur hostium murum?

XVIII. Quemadmodum ambulatoria turris possit incendi:

Huic tam manifesto discrimini multis occurritur modis.

Primum, si confidentia vel virtus est militaris, eruptione facta globus egreditur armatorum et vi hostibus pulsus machinamentum illud ingens direptis coriis de lignis exurit.

Quod si oppidani exire non audeant, ad maiores ballistas malleolos vel falaricas cum incendio destinant, ut perruptis coriis vel centonibus intrinsecus flamma condatur. Malleoli velut sagittae sunt et ubi adhaeserint, quia ardentes veniunt, universa conflagrant. Falarica autem ad modum hastae valido praefigitur ferro; inter tubum etiam et hastile sulphure resina bitumine stuppisque convolvitur infusa oleo quod incendiarium vocant; quae ballistae impetu destinata perrupto munimine ardens figitur ligno turritamque machinam frequenter incendit.

Depositi quoque homines funibus cum hostes dormiunt in lanternis portant lucernas et incensis machinis rursum levantur in murum.

XVIII. Quemadmodum altitudo muris addatur:

Praeterea partem muri ad quam machina conatur accedere cemento atque lapidibus vel luto sive lateribus, postremo tabulatis extruendo faciunt altioremur, ne defensores moenium desuper urbi ventura possit

Mas a cidade fica em perigo iminente se a torre se aproximar da muralha. Na verdade, ela possui muitas escadas e procura abrir caminho de diversas maneiras. Com efeito, a torre possui um aríete no seu patamar inferior, cujo impacto destrói os muros; aproximadamente na parte do meio, ela tem uma ponte feita de duas traves e com um tapume de vime que é subitamente estendida e colocada entre a torre e a muralha e pela qual os guerreiros, que saem da máquina, acedem à cidade e ocupam as muralhas; além disso, no patamar superior da torre, são colocados lanceiros e arqueiros, que derrubam os defensores da cidade a partir de cima com lanças, mísseis e pedras. Feito isto, a cidade capitula sem demora. Na verdade, que tipo de auxílio pode haver quando aqueles que contavam com a altura dos muros avistam de repente, acima de si próprios, uma muralha inimiga ainda mais alta?

XVIII. Como incendiar uma torre móvel:

A um tão evidente perigo, responde-se de diversas maneiras.

Em primeiro lugar, se existir audácia e força militares, faz-se uma surtida e um grupo de homens armados sai: expulsos os inimigos pela força, incendiam essa enorme máquina depois de arrancados os couros das madeiras.

Mas se os sitiados não ousarem sair, disparam, com as balistas maiores, *malleoli* ou faláricas incendiárias de modo a que, trespassados os couros e os centões, a chama seja ateadada do lado de dentro. Os *malleoli* são como setas, e onde quer que se fixem incendiam tudo uma vez que vêm a arder²³⁵. Já a falárica, à maneira de uma lança, é guarnecida com um ferro bem forte; mas, entre a haste e a ponta, ela é envolvida por enxofre, resina, betume e estopas e ensopada com um óleo a que chamam de “incendiário”; esta falárica, arremessada pelo impulso da balista e destruída a protecção da torre móvel, fixa-se a arder na madeira da torre e muitas vezes incendeia-a.

Outras vezes, quando os inimigos dormem, homens descidos por cordas transportam lume dentro das lanternas e, incendiadas as máquinas, são de novo içados para as muralhas.

XIX. Como aumentar a altura dos muros:

Para além disso, os sitiados tornam mais alta a parte da muralha à qual a máquina tenta encostar-se por meio de argamassa, de pedras, de barro, de tijolos e, finalmente, de tábuas de modo a que a torre que há-de surgir mais alta do que

opprimere. Constat autem inefficax machinamentum reddi si inveniatur inferius.

Verum obsidentes eiusmodi dolum adhibere consuerunt. Primo talem extruunt turrem quae propugnaculis civitatis videatur inferior; deinde secreto aliam de tabulatis intrinsecus turriculam faciunt, et cum muris fuerit machina sociata subito funibus trocleisque de medio turricula illa producit, de qua egredientes armati, quia altior invenitur, statim capiunt civitatem.

XX. Quo pacto suffodiatur terra ut machina nocere nil possit:

Interdum longissimas ferratasque trabes opponunt machinae venienti eamque a muri vicinitate propellunt.

Sed cum Rodiorum civitas oppugnaretur ab hostibus et turris ambulatoria supra murorum altitudinem ac turrium omnium pararetur, mechanici ingenio inventum est tale remedium. Per noctem sub fundamenta muri cuniculum fodit et illum locum ad quem die postero turris fuerat promovenda nullo hostium sentiente egesta terra cavavit intrinsecus, et cum rotis suis moles fuisset impulsa atque ad locum qui subter cavatus fuerat pervenisset tanto ponderi solo cedente subsedit nec iungi muris aut moveri ulterius potuit. Ita et civitas liberata est et machina derelicta.

XXI. De scalis sambuca exostra et tollenone:

Admotis turribus funditores lapidibus, sagittarii iaculis, manuballistarii vel arcuballistarii sagittis, iaculatores plumbatis ac missilibus e muris submovent homines. Hoc facto scalis apposis occupant civitatem. Sed qui scalis nituntur frequenter periculum sustinent, exemplo Capanei, a quo primum scalarum oppugnatio perhibetur inventa; qui tanta vi occisus est a Thebanis ut extinctus fulmine diceretur. Et ideo sambuca exostra et tollenone obsidentes in murum hostium penetrant.

Sambuca dicitur a similitudine citharae; nam quemadmodum in cithara cordae sunt, ita in trabe quae iuxta turrem ponitur funes sunt

a cidade não possa aniquilar os defensores das muralhas. Com efeito, é sabido que a torre móvel se torna ineficaz se ficar mais baixa do que a muralha.

Mas os sitiadores costumam usar um estratagema deste tipo: em primeiro lugar, constroem uma torre de tal natureza que pareça mais baixa do que as ameias da cidade; depois, em segredo, com tábuas, fazem uma outra mais pequena do lado de dentro e, quando a máquina estiver encostada às muralhas, aquela pequena torre é subitamente erguida lá do meio por cordas e roldanas; e, então, homens armados saindo de dentro dela rapidamente conquistam a cidade, porque a torre se encontra mais alta.

XX. Como escavar o terreno de modo a que a máquina não possa causar dano:

Por vezes, os sitiados opõem à máquina que se aproxima traves muito compridas e revestidas de ferro e repelem-na da vizinhança dos muros.

Mas quando a cidade dos Ródios foi cercada pelos inimigos e se preparou uma torre móvel capaz de ultrapassar a altura de todos os muros e torres, o seguinte remédio foi inventado pelo génio de um engenheiro. Durante a noite, escavou-se um túnel por debaixo dos alicerces da muralha e, naquele lugar para o qual a torre seria empurrada no dia seguinte, removeu-se – sem que nenhum inimigo desse conta – a terra por dentro. E quando aquela massa foi empurrada em cima das suas rodas e alcançou o local que fora previamente escavado, o terreno cedeu com tanto peso e ela afundou-se e já não pôde ser encostada às muralhas nem ser movida mais para diante. Desta maneira, a cidade foi salva e a máquina foi abandonada²³⁶.

XXI. Sobre as escadas, a ponte sambuca, a *exostra* e o toleno:

Aproximadas as torres móveis, os fundibulários (por meio de pedras), os arqueiros (por meio de dardos), os *manuballistarii* e *arcuballistarii* (por meio de setas)²³⁷ e os lançadores (por meio de dardos de chumbo e de outros mísseis) expulsam das muralhas os defensores. Feito isto, e colocadas as escadas, invadem a cidade. Mas aqueles que sobem pelas escadas correm muitas vezes perigo, como por exemplo Capaneu, de quem se diz ser o inventor do método da escalada. Ele foi morto pelos Tebanos com uma tal violência que se dizia fulminado por um relâmpago²³⁸. E, assim, os sitiadores penetram na muralha dos inimigos por meio da sambuca, da *exostra* e do toleno.

A “sambuca” tem este nome devido à sua semelhança com a cítara; com efeito, tal como há cordas na cítara, também existem cordas numa viga que é colocada

qui pontem de superiore parte trocleis laxant ut descendat ad murum, statimque de turri exeunt bellatores et per eum transeuntes moenia urbis invadunt.

Exostra dicitur pons quem superius exposuimus, quia de turri in murum repente protruditur.

Tolleno dicitur quotiens una trabes in terram praealta defigitur, cui in summo vertice alia transversa trabes longior dimensa medietate conecitur eo libramento ut si unum caput depresseris aliud erigatur. In uno ergo capite cratibus sive tabulatis contextitur machina in qua pauci collocantur armati; tunc per funes attracto depressoque alio capite elevati imponuntur in murum.

XXII. De ballistis onagris scorpionibus arcuballistis fustibalis fundis per quae tormenta defenditur murus:

Adversum haec obsessos defendere consueverunt ballistae onagri scorpiones arcuballistae fustibali sagittarii fundae.

Ballista funibus nervinis tenditur, quae quanto prolixiora brachiola habuerit, hoc est quanto maior fuerit, tanto spicula longius mittit; quae si iuxta artem mechanicam temperetur et ab exercitatis hominibus qui mensuram eius ante collegerint dirigatur, penetrat quaecumque percusserit. Onager autem dirigit lapides, sed pro nervorum crassitudine et magnitudine saxorum pondera iaculatur; nam quanto amplior fuerit, tanto maiora saxa fulminis more contorquet. His duobus generibus nulla tormentorum species vehementior invenitur.

Scorpiones dicebant quas nunc manuballistas vocant, ideo sic nuncupati quod parvis subtilibusque spiculis inferant mortem. Fustibalos arcuballistas et fundas describere superfluum puto, quae praesens usus agnoscit.

Saxis tamen gravioribus per onagrum destinatis non solum equi eliduntur et homines sed etiam hostium machinamenta franguntur.

XXIII. Adversum arietes prosunt culcitae laquei lupi columnae graviores:

Adversum arietes etiam vel falces sunt plura remedia.

Aliquanti centones et culcitas funibus calant et illis opponunt locis quae caedit aries, ut impetus machinae materia molliore fractus non destruat murum.

junto à torre, as quais, por meio de roldanas, baixam uma ponte vinda de cima de forma a que ela assente na muralha. E imediatamente saem combatentes de dentro da torre, que, passando através dela, invadem as muralhas da cidade²³⁹.

Chama-se *exostra* a uma ponte a que já anteriormente nos referimos²⁴⁰ porque é lançada repentinamente da torre para a muralha.

Fala-se em “toleno” quando se fixa uma trave bem alta em terra, no vértice superior da qual se prende, atravessada, uma outra trave de maior dimensão, equilibrada a meio de modo a que se uma das extremidades for rebaixada, a outra sobe. E num dos lados é preparado um dispositivo com grades ou tábuas no qual se colocam alguns soldados; então, quando a outra extremidade é rebaixada por meio de cordas puxadas com força, eles são içados e pousados na muralha²⁴¹.

XXII. Sobre as balistas, os ónagros, os escorpiões, as bestas²⁴², os fustíbalos e as fundas, engenhos com os quais a muralha é defendida:

Contra tudo isto, os sitiados costumam defender-se usando balistas, ónagros, escorpiões, bestas, fustíbalos, arqueiros e fundas.

A balista é armada por meio de cordas de tendões e, quanto mais longos forem os seus braços, isto é, quanto maior for, tanto mais longe arremessa os dardos; e se ela for regulada de acordo com a arte mecânica e for manobrada por homens treinados que tenham ensaiado previamente o seu alcance, ela penetra onde quer que acerte. Já o ónagro atira pedras, arremessando-as conforme a espessura dos tendões e o tamanho das pedras; com efeito, quanto maior ele for, tanto maior são as pedras que arremessa como se fosse um relâmpago. Não se encontra nenhum tipo de engenho de torção mais poderoso do que estes dois.

Chamavam escorpiões àquelas armas a que agora chamam *manuballistae*²⁴³, assim designadas porque levam a morte por meio de dardos pequenos e finos. Considero supérfluo descrever fustíbalos, bestas e fundas, uma vez que são de uso actual.

Mas as pedras arremessadas pelo ónagro não só eliminam cavalos e homens como também desfazem as máquinas dos inimigos²⁴⁴.

XXIII. Contra os aríetes, são úteis os colchões, os laços, os lobos e as colunas bastante pesadas:

Contra os aríetes e os ganchos, existem diversos remédios.

Alguns suspendem, por meio de cordas, centões e colchões e colocam-nos à frente daqueles pontos do muro que o aríete ataca, de modo a que o impacto da máquina, amortecido por uma matéria mais mole, não destrua a muralha.

Alii laqueis captos arietes per multitudinem hominum de muro in obliquum trahunt et cum ipsis testudinibus evertunt.

Plures in modum forficis dentatum funibus inligant ferrum, quem lupum vocant, apprehensumque arietem aut evertunt aut ita suspendunt ut impetum non habeat ferendi.

Interdum bases columnaeque marmoreae vibrato impetu iaciuntur e muris arietesque confringunt.

Quod si tanta vis fuerit ut murus arietibus perforetur et quod saepe accidit decadat, salutis una spes superest ut destructis domibus alius intrinsecus murus addatur hostesque intra binos parietes, si penetrare temptaverint, perimantur.

XXIII. De cuniculis per quos aut murus deponitur aut civitas penetratur:

Aliud genus oppugnationum est subterraneum atque secretum, quod cuniculum vocant a leporibus, qui cavernas sub terris fodiunt ibique conduntur. Adhibita ergo multitudine ad speciem metallorum, in quibus auri argentique venas Bessorum rimatur industria, magno labore terra defoditur cavatoque specu in exitium civitatis inferna quaeritur via.

Quae fraus duplicibus operatur insidiis. Aut enim penetrant urbem et noctu non sentientibus oppidanis egrediuntur per cuniculum reseratisque portis suorum agmen inducunt hostesque in ipsis domibus perimunt ignorantes, aut certe cum ad murorum fundamenta pervenerint suffodiunt eorum maximam partem apposis siccioribus lignis ruinamque muri tumultuario opere suspendunt, sarmenta insuper iungunt aliaque fomenta flammaram; tunc praeparatis bellatoribus operi ignis immittitur combustisque columnis ligneis atque tabulatis muro subito corridente inruptioni aditus reseratur.

XXV. Quid facere debeant oppidani si hostes inruperint civitatem:

Innumerabilibus declaratur exemplis saepe caesos ad internicionem hostes qui pervaserant civitatem. Quod sine dubio evenit si oppidani muros ac turres retinuerint vel altiora occupaverint loca; tunc enim de fenestris ac tectis omnis aetas ac sexus inrumpentes obruit saxis aliisque

Outros arrastam obliquamente os aríetes capturados com laços por uma multidão de homens no alto da muralha e voltam-nos ao contrário, com as próprias tartarugas²⁴⁵.

Muitos amarram a cordas um ferro dentado à maneira de uma tenaz, a que chamam “lobo”, e prendem ou reviram o aríete, ou então suspendem-no, de modo a que não tenha poder de choque.

Por vezes, são lançados pedestais e colunas de mármore a partir dos muros com ímpeto fulgurante, os quais destroem os aríetes.

E se a força for tal que a muralha seja perfurada pelo aríete e, o que acontece muitas vezes, ela caia, a única esperança de salvação que resta consiste em, destruídas as casas, acrescentar um outro muro do lado de dentro e aniquilar os inimigos entre duas paredes caso estes tentem entrar.

XXIV. Sobre as cavas pelas quais a muralha é minada ou a cidade é penetrada:

Um outro tipo de ataque é subterrâneo e secreto, a que chamam *cuniculum* por causa das lebres, as quais escavam cavernas por baixo da terra e aí se escondem. Portanto, reunido um grande número de homens, a terra é escavada com grande esforço, como nas minas nas quais o trabalho dos Bessos explora veios de ouro e de prata²⁴⁶, e, escavada uma caverna, procura-se um caminho subterrâneo para a destruição da cidade.

Este estrategema concretiza-se de duas maneiras. Com efeito, ou penetram na cidade e, durante a noite, saem da cava sem os sitiados o pressentirem, posto o que, abertas as portas, introduzem um destacamento dos seus e matam os inimigos desprevenidos nas suas próprias casas. Ou então, quando tiverem chegado aos alicerces da muralha, escavam a maior parte deles e, colocando lenha seca, retardam a derrocada do muro com um trabalho improvisado, acrescentando ainda feixes de sarmento e outros materiais inflamáveis; então, com os soldados a postos, lança-se fogo à obra e, queimadas as vigas de madeira e as tábuas, o súbito desabamento da muralha abre um caminho para a invasão.

XXV. O que devem fazer os sitiados, caso os inimigos penetrem na cidade:

Sabe-se por incontáveis exemplos que, muitas vezes, os inimigos que invadiram uma cidade foram mortos até ao último homem. Isto acontece sem dúvida nenhuma se os sitiados continuarem a manter nas suas mãos as muralhas e as torres ou se ocuparem os lugares mais altos; então, na verdade, a partir das

generibus telorum. Quod ne sustineant obsidentes portas civitatis aperire consuerunt, ut resistere desinant fugiendi potestate concessa; necessitas enim quaedam virtutis est desperatio. In hoc casu unum oppidanis auxilium est, sive per diem sive per noctem hostis intraverit, ut muros turresque teneant ac loca superiora conscendant hostesque per vicos et plateas undique obruant dimicantes.

XXVI. Quae sit adhibenda cautela ne hostes furtim occupent murum:

Frequenter dolum excogitant obsidentes ac simulata desperatione longius abeunt; sed ubi post metum murorum vigiliis derelictis requieverit incauta securitas, tenebrarum ac noctis occasione captata cum scalis clanculo veniunt murosque conscendunt.

Propter quod maior est adhibenda custodia cum hostis abscesserit et in ipsis muris ac turribus tuguriola collocanda in quibus vigiles hibernis mensibus ab imbri vel frigore, aestivis defendantur a sole.

Illud quoque usus invenit, ut acerrimos ac sagacissimos canes in turribus nutriant qui adventum hostium odore praesentiant latratuque testentur.

Anseres quoque non minore sollertia nocturnos superventus clamoribus indicant. Nam ingressi Capitolinam arcem Galli Romanum nomen eruerant nisi clamore anserum excitatus Mallius restitisset. Mira diligentia sive fortuna viros qui universum orbem erant missuri sub iugum avis una servavit.

XXVII. Quando oppidanis inferantur insidiae:

Non solum in obsidionibus sed in universo genere bellorum supra omnia ducitur hostium consuetudinem explorare diligenter ac nosse. Oportunitas enim insidiarum aliter non potest inveniri nisi scias quibus horis adversarius a laboris intentione discedat, quibus reddatur incautior,

janelas e dos telhados, gente de qualquer idade e sexo derruba os assaltantes com pedras e com outros tipos de projecteis. Para não passarem por isto, os sitiadores costumam abrir as portas da cidade para que os adversários desistam de resistir, oferecido um caminho de fuga; com efeito, a necessidade dá origem a uma forma desesperada de coragem²⁴⁷. Neste caso, aos sitiados resta um único recurso (quer o inimigo penetre durante o dia, quer durante a noite): manter as muralhas e as torres, subir aos lugares mais altos e aniquilar os adversários de todos os lados, combatendo-os nas ruas e nas praças.

XXVI. Que precauções devem ser tomadas para que os inimigos não ocupem furtivamente a muralha:

Os sitiadores põem muitas vezes em prática uma artimanha: deslocam-se para mais longe, simulando estar desesperados; mas quando, passado o medo dos sitiados e abandonada por estes a vigilância das muralhas, se instala uma segurança relaxada, então eles – aproveitando a ocasião proporcionada pela escuridão e pela noite – regressam em segredo, munidos de escadas e sobem as muralhas.

Por causa disto, maior deve ser a vigilância quando o inimigo se afastar e devem ser montados abrigos nas próprias muralhas e nas torres, nos quais as sentinelas se protejam do frio e da chuva nos meses de Inverno e do sol nos meses de Verão.

A experiência ensinou também que os cães muito vivos e de olfacto apuradíssimo, alimentados nas torres, pressentem pelo cheiro a chegada dos inimigos e dão conta disso ladrando.

Também os gansos denunciam por meio de gritos, com não menor sagacidade, os ataques nocturnos. Com efeito, os Gauleses, entrados na cidadela do Capitólio, teriam arrasado o nome de Roma se Málio, prevenido pelo alarido dos gansos, não lhes tivesse feito frente²⁴⁸. Foi uma providência espantosa uma só ave ter salvo os homens que mais tarde haveriam de colocar o Mundo inteiro sob o seu jugo.

XXVII. Quando os sitiados são alvo de ciladas:

Considera-se que, não apenas nos cercos mas em todo o tipo de combates, se deve investigar cuidadosamente e conhecer acima de tudo os hábitos dos inimigos. Na verdade, não se pode encontrar uma oportunidade para emboscadas de outra forma a não ser que se saiba a que horas o adversário parte para o trabalho, a

interdum medio die, interdum ad vesperum, saepe nocte, aliquando eo tempore quo sumitur cibus, cum utriusque partis milites ad requiem aut ad curanda corpora disperguntur.

Quod in civitate cum coeperit fieri, obsidentes astu se a proelio subtrahunt et adversariorum negligentiae licentiam tribuunt. Quae ipsa inpunitate cum creverit, repente admotis machinis vel apposis scalis occupant civitatem.

Et ideo in muris saxa ceteraque tormenta ponuntur in promptu ut cognitis insidiis accurrentes ad manum habeant quod supra caput hostium evolvant atque iaculentur.

XXVIII. Quid faciant obsidentes ne ab oppidanis patiantur insidias:

Cum negligentia intervenerit, paribus insidiis subiacent obsidentes. Nam sive cibo sive somno fuerint occupati sive otio aut aliqua necessitate dispersi, tunc oppidani repente prorumpunt, ignorantes perimunt, arietes machinas ipsosque aggeres ignibus concremant omniaque in perniciem suam fabricata opera subvertunt.

Propter quod obsidentes ultra ictum teli fossam faciunt eamque non solum vallo et sudibus sed etiam turriculis instruunt ut erumpentibus ex civitate possint obsistere, quod opus loriculam vocant. Saepe, cum obsidio describitur, invenitur in historiis lorica urbem esse circumdatam.

XXVIII. Quo genere tormentorum civitas defendatur:

Sed ex alto destinata missibilia sive plumbatae vel lanceae, verruta vel spicula in subiectos vehementius cadunt. Sagittae quoque arcibus missae et saxa manibus fundis sive fustibalis directa, quanto de excelsiore loco exeunt, tanto longius penetrant. Ballistae vero et onagri, si a peritis diligentissime temperentur, universa praecedunt, a quibus nec virtus ulla nec munimina possunt defendere bellatores. Nam more fulminis quicquid percusserint aut dissolvere aut inrumpere consueverunt.

que horas se encontra mais desprevenido, umas vezes ao meio-dia, outras vezes ao final da tarde, muitas vezes à noite, por vezes na altura em que se alimenta ou quando os soldados de ambos os lados se dispersam para descansar ou para cuidar dos seus corpos.

Quando isto começa a acontecer na cidade, os sitiadores evitam astuciosamente o combate e permitem que se instale a negligência entre os adversários. Quando esta cresce, em resultado da impunidade, aproximam-se as máquinas e encostam-se as escadas, ocupando-se subitamente a cidade.

Por esse motivo, são colocados a postos nos muros pedras e outros projecteis, de modo a que – descoberta a cilada – os sitiados que acorrem possam ter à mão com que fazer rolar e lançar sobre a cabeça dos inimigos.

XXVIII. O que devem fazer os sitiadores para não sofrerem ciladas dos sitiados:

Quando a negligência se instala, os sitiadores expõem-se a ciladas semelhantes. Com efeito, se estiverem ocupados seja com a comida seja com o sono, ou se estiverem dispersos devido ao ócio ou a qualquer outra necessidade, então os sitiados irrompem subitamente, liquidam-nos desprevenidos, lançam fogo aos aríetes, às máquinas e aos próprios taludes e arruinam todos os artifícios fabricados com vista à sua destruição.

Por causa disso, os sitiadores escavam um fosso para além do alcance dos projecteis inimigos e fortificam-no não só com uma paliçada e com estacaria, mas também com pequenas torres de modo a poderem opor-se aos que, saídos da cidade, atacam subitamente. A esta fortificação chamam *loricula*. Muitas vezes, quando se descreve um cerco, lê-se nesses relatos que uma cidade foi rodeada de uma *loricula*.

XXIX. Com que tipo de engenhos se defende uma cidade:

Mas os mísseis, os dardos de chumbo²⁴⁹, as lanças, os *verruta*²⁵⁰ e os *spicula*²⁵¹ arremessados a partir de cima caem com mais violência sobre os que estão em baixo. Também as setas atiradas pelos arcos e as pedras arremessadas com as mãos, com as fundas ou com os fustíbalos, quanto mais alto for o local de onde forem lançadas tanto maior é o seu impacto. Mas, na verdade, as balistas e os ónagros superam todos os outros desde que calibrados de forma muito cuidadosa por especialistas; deles, coragem ou protecção alguma conseguem defender os combatentes. Com efeito, costumam desfazer ou penetrar tudo aquilo que atingirem, à maneira de raios²⁵².

XXX. Quemadmodum mensura colligatur ad scalas vel machinas faciendas:

Ad capiendos muros scalae vel machinae plurimum valent si ea magnitudine compactae fuerint ut altitudinem exsuperent civitatis. Mensura autem colligitur duplici modo: aut enim linum tenue et expeditum uno capite nectitur in sagitta, quae cum ad muri fastigia directa pervenerit, ex mensura lini murorum altitudo deprenditur; aut certe, cum sol obliquus umbram turrium murorumque iaculatur in terram, tunc ignorantibus adversariis umbrae illius spatium mensuratur, itemque decempeda figitur et umbra ipsius similiter mensuratur, quo collecto nemo dubitat ex umbra decempedae inveniri altitudinem civitatis, cum sciatur quanta altitudo quantum umbrae mittat in longum.

Quae ad oppugnandas vel defendendas urbes auctores bellicarum artium prodiderunt vel quae recentium necessitatum usus invenit pro publica ut arbitror utilitate digessi, illud iterum iterumque commonens, ut sollertissime caveatur ne quando aut potus inopia emergat aut cibi, quibus malis nulla arte succurritur; ideoque intra muros tanto plura condenda sunt quanto scitur clausurae tempus in obsidentum potestate consistere.

XXXI. Praecepta belli navalis:

Praecepto maiestatis tuae, imperator invicte, terrestris proelii rationibus absolutis navalis belli residua, ut opinor, est portio; de cuius artibus ideo pauciora dicenda sunt quia iam dudum pacato mari cum barbaris nationibus agitur terrestre certamen.

Romanus autem populus pro decore et utilitate magnitudinis suae non propter necessitatem tumultus alicuius classem parabat ex tempore sed ne quando necessitatem sustineret semper habuit praeparatam. Nemo enim bello lacescere aut facere audet iniuriam ei regno vel populo quem expeditum et promptum ad resistendum vindicandumque cognoscit. Apud Misenum igitur et Ravennam singulae legiones cum classibus stabant ne longius a tutela urbis abscederent et cum ratio postulasset sine mora, sine circuitu ad omnes mundi partes navigio pervenirent. Nam Misenatium

XXX. Como calcular as medidas para fabricar escadas e máquinas:

Para conquistar muralhas, as escadas e as máquinas são da máxima utilidade se forem feitas com uma tal dimensão que ultrapassem a altura da cidade. A medida calcula-se de uma dupla maneira: com efeito, ou se prende um cordel fino e leve, por uma das pontas, a uma seta que, ao atingir directamente o cimo da muralha, fornece a altura dela a partir do comprimento do cordel; ou então, quando a inclinação do sol projectar sobre a terra a sombra das torres e dos muros, mede-se – sem os adversários se aperceberem disso – o tamanho dessa sombra; paralelamente, crava-se uma vara de 10 pés²⁵³ no solo e mede-se também a respectiva sombra. Obtido isto, ninguém tem dúvida de que a altura da cidade se calcula a partir da sombra da vara, pois sabe-se que altura é precisa para projectar uma determinada sombra na terra.

Eu resumi, julgo eu, em nome do bem público, aquelas matérias que os autores das artes da guerra ensinaram sobre o ataque e a defesa de cidades, ou aquelas que a experiência de situações recentes revelou. E adverti várias vezes para que se tenha um cuidado muito especial em que nunca surja uma falta de água ou de comida, males para os quais nenhuma arte tem solução; por esse motivo, devem armazenar-se dentro das muralhas tantas vitualhas quantas as que são necessárias para o tempo de assédio que estiver ao alcance dos sitiadores²⁵⁴.

XXXI. Preceitos do combate naval:

Por ordem da tua majestade, ó Imperador Invicto, terminada a exposição dos conhecimentos sobre os combates terrestres, chegou – penso eu – a altura de falar sobre a guerra naval; acerca das artes deste tipo de guerra pouco deve ser dito, pois, já há muito tempo pacificado o mar²⁵⁵, é um combate terrestre aquele que se trava com os povos bárbaros.

Com efeito, o povo romano, em nome da glória e do interesse da sua grandeza, não aparelhava subitamente uma frota por causa de um tumulto qualquer, mas, para não passar por apuros, teve sempre uma a postos. Na verdade, ninguém ousa provocar a guerra ou causar prejuízo àquele reino ou povo que reconhece como disposto e pronto a resistir e a vingar-se²⁵⁶. Portanto, legiões isoladas estavam com as suas frotas tanto em Miseno, como em Ravena; não se afastavam demasiado da guarda da cidade de Roma e, se a situação o exigisse, chegavam navegando sem demora e sem desvio a todas as partes do Mundo²⁵⁷. Com efeito, a frota de

classis Galliam Hispanias Mauritaniam Africam Aegyptum Sardiniam atque Siciliam habebat in proximo, classis autem Ravennatum Epiros Macedoniam Achaïam Propontidem Pontum Orientem Cretam Cyprum petere directa navigatione consueverat, quia in rebus bellicis celeritas amplius solet prodesse quam virtus.

XXXII. Nomina iudicum qui praeerant classi:

Liburnis autem quae in Campania stabant praefectus classis Misenatium praeerat, eas vero quae Ionio mari locatae fuerant praefectus classis Ravennatum retinebat; sub quibus erant deni tribuni per cohortes singulas constituti. Singulae autem liburnae singulos navarchos, id est quasi navicularios, habebant, qui excepti ceteris nautarum officiis gubernatoribus atque remigibus et militibus exercendis cotidianam curam et iugem exhibebant industriam.

XXXIII. Unde appellentur liburnae:

Diversae autem provinciae quibusdam temporibus mari plurimum potuerunt, et ideo diversa genera navium fuerunt. Sed Augusto dimicante Actiaco proelio, cum Liburnorum auxiliis praecipue victus fuisset Antonius, experimento tanti certaminis patuit Liburnorum naves ceteris aptiores. Ergo similitudine et nomine usurpato ad earundem instar classem Romani principes texuerunt. Liburnia namque Dalmatiae pars est Diadertinae subiacens civitati, cuius exemplo nunc naves bellicae fabricantur et appellantur liburnae.

XXXIII. Qua diligentia fabricentur liburnae:

Sed cum in domibus substruendis harenae vel lapidum qualitas requiratur, tanto magis in fabricandis navibus diligenter cuncta quaerenda sunt, quia maius periculum est navem vitiosam esse quam domum. Ex cupresso igitur et pinu domestica sive silvestri et abiete praecipue liburna contexitur, utilius aereis clavis quam ferreis configenda; quamlibet enim gravior aliquanto videatur expensa, tamen, quia amplius durat, lucrum probatur afferre; nam ferreos clavos tempore et humore celeriter

Miseno estava próxima da Gália, das Hispânicas, da Mauritânia, da África, do Egipto, da Sardenha e da Sicília; por outro lado, a frota de Ravena costumava navegar directamente para o Epiro, para a Macedónia, para Acaia, para a Propôntida, para o Ponto, para o Oriente, para Creta e para Chipre. É que, nas coisas da guerra, a rapidez costuma ser mais útil do que a coragem ²⁵⁸.

XXXII. Títulos dos oficiais que comandam a frota:

Ora, o prefeito da frota de Miseno dirigia as liburnas que estavam na Campânia, enquanto o prefeito da frota de Ravena tutelava aquelas que estavam localizadas no Mar Iónico; sob a autoridade de cada um deles estavam dez tribunos, nomeados por cada uma das coortes da legião. Além disso, cada liburna dispunha de um único *navarchus*, isto é, como que um *navicularius*, o qual – isento de certos deveres náuticos – tinha um cuidado quotidiano e um zelo incessante no treino dos pilotos, dos remadores e dos soldados²⁵⁹.

XXXIII. De onde vem o nome “liburna”:

Diversas províncias, em épocas distintas, tiveram um grande poder naval e, por isso, existiram diversos tipos de navios. Mas, travando Augusto o combate de Áccio²⁶⁰ e tendo Marco António sido derrotado, principalmente devido aos auxiliares da Libúrnica, tornou-se manifesto através da experiência de uma batalha tão difícil que os navios da Libúrnica eram melhores do que os outros. Portanto, os imperadores romanos construíram a sua frota à semelhança da deles, apropriando-se da sua morfologia e do seu nome. O facto é que a Libúrnica é uma parte da Dalmácia situada abaixo da cidade de Diadertina²⁶¹; hoje em dia, os navios de guerra são fabricados segundo o seu modelo e chamam-se “liburnas”²⁶².

XXXIV. Com que cuidados se devem fabricar as liburnas:

Mas se a qualidade da areia e das pedras é requerida para a construção das fundações das casas, tanto mais exigente se deve ser com tudo o que é usado na fabricação cuidadosa dos navios, pois um navio defeituoso constitui um perigo maior do que uma casa. Portanto, a liburna é feita principalmente de madeira de cipreste, de pinheiro (tanto manso como bravo) e de abeto, sendo mais útil fixá-la com pregos de bronze do que com pregos de ferro; com efeito, por muito que a despesa pareça um pouco maior, está todavia provado que aquilo que dura mais

rubigo consumit, aerei autem etiam in fluctibus propriam substantiam servant.

XXXV. Qua observatione sit caedenda materies:

Observandum praecipue ut a quinta decima luna usque ad vicesimam secundam arbores praecidantur ex quibus liburnae contexendae sunt. His enim tantum octo diebus caesa materies immunis servatur a carie, reliquis autem diebus praecisa etiam eodem anno interna vermium labe exesa in pulverem vertitur, quod ars ipsa et omnium architectorum cotidianus usus edocuit et contemplatione ipsius religionis agnoscimus quam pro aeternitate his tantum diebus placuit celebrari.

XXXVI. Quo mense caedendae sint trabes:

Caeduntur autem trabes utiliter post solstitium aestivum, id est per mensem Iulium et Augustum, et per autumnale aequinoctium, id est usque in Kalendas Ianuarias. His namque mensibus arescente humore sicciora et ideo fortiora sunt ligna.

Illud etiam cavendum, ne continuo ut deiectae fuerint trabes secentur vel statim ut sectae fuerint mittantur in navem, siquidem et adhuc solidae arbores et iam divisae per tabulas duplices ad maiorem siccitatem mereantur inducias. Nam quae virides compinguntur, cum nativum humorem exsudaverint, contrahuntur et rimas faciunt latiores, quo nihil est periculosius navigantibus quam hiare tabulata.

XXXVII. De modo liburnarum:

Quod ad magnitudinem pertinet, minimae liburnae remorum habent singulos ordines, paulo maiores binos, idoneae mensurae ternos vel quaternos, interdum quinos, sortiuntur remigum gradus. Nec hoc cuiquam enorme videatur, cum in Actiaco proelio longe maiora referantur concurrisse navigia, ut seniorum etiam vel ultra ordinum fuerint.

tempo gera lucro; na verdade, a usura do tempo e da humidade corroem mais depressa de ferrugem os pregos de ferro, enquanto os de bronze conservam a sua própria essência, mesmo em meios líquidos.

XXXV. De acordo com que observações se deve cortar a madeira:

Preste-se sobretudo atenção para que as árvores com as quais as liburnas são fabricadas sejam cortadas entre a décima quinta lua e a vigésima segunda. Com efeito, somente a madeira cortada nestes oito dias se mostra imune à podridão, enquanto a cortada nos outros dias se transforma em pó ainda no decurso do mesmo ano, com o interior enfraquecido e minado pelos vermes, tal como ensinam quer a própria ciência quer a experiência diária de todos os construtores e tal como o reconhecemos na própria observância religiosa, que se decidiu celebrar pela eternidade somente nesses dias²⁶³.

XXXVI. Em que mês se devem cortar os troncos:

Além disso, é mais vantajoso os troncos serem cortados depois do solstício de Verão, ou seja ao longo dos meses de Julho e Agosto, e durante o equinócio de Outono, isto é até às calendas de Janeiro²⁶⁴. O facto é que, nestes meses, desaparecendo a humidade, as madeiras são mais secas e, por isso, são mais resistentes.

E deve evitar-se que os troncos sejam segmentados logo no momento em que tiverem sido abatidos, ou que sejam enviados de imediato para os navios quando forem cortados, uma vez que quer as árvores ainda inteiras quer as árvores já divididas em duas tábuas merecem algum repouso para secarem melhor. Com efeito, aquelas tábuas que são reunidas ainda verdes, quando tiverem destilado a sua humidade natural contraem-se e abrem umas fendas mais largas, e nada existe de mais perigoso para os marinheiros do que a estrutura de madeira abrir fissuras.

XXXVII. Sobre a dimensão das liburnas:

No que diz respeito ao tamanho, as liburnas mais pequenas dispõem de uma só fileira de remos, as liburnas um pouco maiores têm duas e as de maiores dimensões podem ter três ou quatro, e por vezes até cinco, fiadas de remadores. Nada disto deve ser considerado como desmesurado, pois diz-se que na batalha de Áccio²⁶⁵ combateram navios bem maiores, pelo que estes teriam seis fileiras de remos ou até mais.

Scafae tamen maioribus liburnis exploratoriae sociantur, quae vicenos prope remiges in singulis partibus habent, quas Brittanni picatos vocant. Per has et superventus fieri et commeatus adversariorum navium aliquando intercipi assolet et speculandi studio adventus earum vel consilium deprehendi. Ne tamen exploratoriae naves candore prodantur, colore veneto, qui marinis est fluctibus similis, vela tinguntur et funes, cera etiam qua unguere solent naves inficitur; nautaeque vel milites venetam vestem induunt, ut non solum per noctem sed etiam per diem facilius lateant explorantes.

XXXVIII. Nomina ventorum et numerus:

Qui cum exercitu armatis classibus vehitur turbinum signa debet ante praenosceri; procellis namque et fluctibus liburnae gravius quam vi hostium saepe perierunt. In qua parte naturalis philosophiae tota est adhibenda sollertia, quia ventorum tempestatumque caelesti ratione natura colligitur, et pro acerbitate pelagi, sicut providos cautela tutatur, ita neglegentes extinguit incuria.

Igitur ventorum numerum atque vocabula ars navigandi primum debet inspicere. Veteres autem iuxta positionem cardinum tantum quattuor ventos principales a singulis caeli partibus flare credebant, sed experimentum posterioris aetatis duodecim comprehendit. Horum vocabula ad summovendam dubitationem non solum Graeca sed etiam Latina protulimus, ita ut ventis principalibus declaratis eos qui ipsis dextra laevaue coniuncti sunt indicemus.

A verno itaque solstitio, id est ab orientali cardine, sumemus exordium, ex quo ventus oritur Apheliotes, id est Subsolanus; huic a dextra iungitur Caecias sive Euroborus, a sinistra Eurus sive Vulturnus. Meridianum autem cardinem possidet Notus, id est Auster; huic a dextra iungitur Leuconotus, hoc est Albus Notus, a sinistra Libonotus, id est Corus. Occidentalem vero cardinem tenet Zephyrus, id est Subvespertinus; huic a dextra iungitur Lips sive Africus, a sinistra Iapyx sive Favonius. Septentrionalem vero

E botes para exploração²⁶⁶ eram associados às liburnas maiores, com cerca de vinte remadores em cada um dos lados, aos quais os Bretões chamam *picati*. Por meio destes botes, costuma fazer-se ataques e, às vezes, interceptar-se o comboio de mantimentos dos navios adversários e detectar, por uma simples actividade de vigilância, a chegada deles ou os seus planos. Contudo, para que estes botes de exploração não sejam traídos pela brancura, as velas e o cordame são tingidos de azul-veneza, que é uma cor semelhante à das ondas do mar; a cera com que se costuma untar os navios também é tingida; e os marinheiros e os soldados usam vestuário azul-veneza, de forma a que não só de noite como também de dia se escondam mais facilmente enquanto exploram²⁶⁷.

XXXVIII. Os nomes dos ventos e o seu número:

Aquele que é transportado com o seu exército em navios de guerra deve conhecer previamente os indícios de tempestade; com efeito, as liburnas²⁶⁸ foram mais vezes danificadas com gravidade por meio de tempestades e das ondas do mar do que pela força dos inimigos. Nesta matéria, deve ter-se presente toda a sabedoria da filosofia natural porque a natureza dos ventos e das tempestades é deduzida a partir do conhecimento dos céus e, no que diz respeito à dureza do mar, tal como a cautela dá segurança às pessoas providentes, assim a incúria aniquila os negligentes.

Portanto, a arte de navegar deve em primeiro lugar considerar o número de ventos e os seus nomes. Já os antigos acreditavam que, de acordo com a posição dos pontos cardeais, sopravam somente quatro ventos principais de cada uma das partes do céu, mas a experiência de épocas posteriores considera doze ventos. Apresentamos os seus nomes, não só gregos como também latinos, para afastar qualquer dúvida, de forma a que indiquemos, depois de apresentados os ventos principais, também aqueles que lhes estão associados, quer à direita quer à esquerda.

Assim, comecemos pelo solstício²⁶⁹ da Primavera, isto é pelo ponto cardeal oriental, de onde nasce o vento Apeliota, ou seja, o Subsolano; à direita deste junta-se-lhe o vento Cécias ou Euróboro, e à esquerda o Euro ou Vulturno. E o vento Noto, isto é, o Austro, ocupa o ponto cardeal meridional; à sua direita fica o vento Leucónoto, ou seja, o Alvo Noto, e à esquerda o Libónoto, isto é, o Coro. O vento Zéfiro, ou seja, Subvespertino, ocupa o ponto cardeal ocidental; à direita deste está o vento Libe ou Áfrico, e à esquerda o Iapégio ou Favónio. E o ponto

cardinem sortitus est Aparcias sive Septentrio; cui adhaeret a dextra Thrascias sive Circius, a sinistra Boreas, id est Aquilo.

Hi saepe singuli, interdum duo, magnis autem tempestatibus et tres pariter flare consuerunt; horum impetu maria, quae sua sponte tranquilla sunt et quieta, undis exaestuantibus saeviunt; horum flatu pro natura temporum vel locorum ex procellis serenitas redditur et rursum in procellas serena mutantur.

Nam secundo spiramine optatos classis invenit portus, adverso stare vel regredi aut discrimen sustinere compellitur; et ideo difficile naufragium pertulit qui ventorum rationem diligenter inspexit.

XXXVIII. Quibus mensibus tutius navigetur:

Sequitur mensum dierumque tractatus. Neque enim integro anno vis atque acerbitas maris patitur navigantes, sed quidam menses aptissimi, quidam dubii, reliqui classibus intractabiles sunt lege naturae.

†Pachnitae† decurso, id est post ortum Pleiadum, a die .vi. Kal. Iun. usque in Arcturi ortum, id est in diem .xviii. Kal. Oct., segura navigatio creditur, quia aestatis beneficio ventorum acerbitas mitigatur.

Post hoc tempus usque in .iii. Id. Nov. incerta navigatio est et discrimini propior propterea quia post Id. Sept. oritur Arcturus, vehementissimum sidus, et .viii. Kal. Oct. aequinoctialis evenit acerba tempestas, circa Non. vero Oct. Aedi pluviales, .v. Id. easdem Taurus.

Novembri autem mense crebris tempestatibus navigia conturbat Vergiliarum hiemalis occasus. Ex die igitur .iii. Id. Nov. usque in diem .vi. Id. Mart. maria clauduntur; nam lux minima noxque prolixa, nubium densitas, aeris obscuritas, ventorum imbri vel nivibus geminata saevitia non solum classes a pelago sed etiam commeantes a terrestri itinere deturbat.

cardeal setentrional cabe em sorte ao vento Apárcias ou Setentrião; à direita dele, vem o vento Tráscias ou Círcio e, à esquerda, o Bóreas, isto é, o Aquilão.

Estes ventos costumam soprar muitas vezes separadamente, algumas vezes aos pares mas, durante as grandes tempestades, sopram três deles simultaneamente; sob o seu impulso, os mares – que por vontade própria são calmos e quietos – encrespam-se com ondas revoltosas; sob o seu sopro, a bonança é reposta após a borrasca, de acordo com a natureza das estações e dos lugares e, de novo, a calmaria é transformada em tempestade.

Na verdade, com vento favorável, a frota alcança os portos desejados; com vento adverso, é obrigada a parar ou a retroceder, ou a enfrentar um perigo grave; e, por isso, quem estudou cuidadosamente a doutrina dos ventos dificilmente sofreu um naufrágio.

XXXIX. Em que meses se navega em maior segurança:

Segue-se o tratamento dos meses e dos dias. Com efeito, a força e a violência do mar não permitem a navegação durante o ano inteiro, mas certos meses são os mais apropriados, alguns são incertos e os restantes são impossíveis para as frotas, de acordo com a lei da natureza.

Decorrido o *Pachnita*²⁷⁰, isto é, após o nascimento das Plêiades²⁷¹, a partir do sexto dia antes das calendas de Junho²⁷² até ao nascimento de Arcturo, ou seja, até ao décimo oitavo dia antes das calendas de Outubro²⁷³, a navegação é considerada segura porque a violência dos ventos é mitigada por efeito do Verão.

Depois desta época, até ao terceiro dia antes dos idos de Novembro²⁷⁴, a navegação é arriscada e mais próxima do desastre porque, depois dos idos de Setembro²⁷⁵, nasce Arcturo, uma estrela violentíssima e, oito dias antes das calendas de Outubro²⁷⁶, acontecem fortes tempestades equinociais e, por volta das nonas de Outubro²⁷⁷, nascem as Cabrinhas pluviosas e, cinco dias antes dos idos do mesmo mês²⁷⁸, nasce Touro.

E no mês de Novembro, o ocaso invernal das Virgílias dificulta a navegação com tempestades constantes. Portanto, desde três dias antes dos idos de Novembro²⁷⁹ até seis dias antes dos idos de Março²⁸⁰, os mares estão encerrados; com efeito, a luz escassa e a noite comprida, a espessura das nuvens, a escuridão do ar, o furor dos ventos, reforçado pela chuva e pela neve, não apenas afastam as frotas do mar alto como também os viajantes do caminho terrestre.

Post natalem vero, ut ita dicam, navigationis, qui sollemni certamine publicoque spectaculo multarum urbium celebratur, plurimorum siderum ipsiusque temporis ratione usque in Id. Mai. periculose maria temptantur, non quo negotiatorum cesset industria sed quia maior adhibenda cautela est quando exercitus navigat cum liburnis quam cum privatarum mercium festinat audacia.

XL. Quemadmodum tempestatum observanda sint signa:

Praeterea aliorum ortus occasusque siderum tempestates vehementissimas commovent; in quibus licet certi dies auctorum attestatione signentur, tamen, quia diversis casibus aliquanta mutantur et, quod confitendum est, caelestes causas humana condicio ad plenum nosse prohibetur, ideo nauticae observationis curam trifariam dividunt. Aut enim circa diem statutum aut ante vel postea tempestates fieri compertum est; unde praecedentes prochimazon, nascentes die sollemni chimazon, subsequentes metachimazon Graeco vocabulo nuncuparunt. Sed omnia enumerare nominatim aut ineptum videtur aut longum, cum auctores plurimi non solum mensum sed etiam dierum rationem diligenter expresserint.

Transitus quoque siderum quos planetas vocant, cum praescripto cursu Dei arbitrio creatoris suscipiunt signa vel deserunt, frequenter assolent serena turbare.

Interluniorum autem dies tempestatibus plenos et navigantibus quam maxime metuendos non solum peritiae ratio sed etiam vulgi usus intellegit.

XLI. De prognosticis:

Multis quoque signis et de tranquillo procellae et de tempestatibus tranquilla produntur quae velut in speculo lunae orbis ostendit. Rubicundus color ventos, caeruleus indicat pluvias, ex utroque commixtus nimbos et furentes procellas. Laetus orbis ac lucidus serenitatem navigiis repromittit quam gestat in vultu, praecipue si quarto ortu neque obtusis cornibus mutila neque infuso fuerit humore fuscata.

E desde o aniversário da navegação²⁸¹, por assim dizer, o qual é celebrado por meio de um jogo anual e de um espectáculo público em muitas cidades, até aos idos de Maio²⁸², é perigoso arriscar-se nos mares, por causa de muitas estrelas e da própria estação do ano; não porque cesse a actividade dos negociantes, mas porque deve usar-se de uma maior cautela quando um exército navega com as suas liburnas do que quando se é estimulado pela expectativa dos lucros pessoais.

XL. Como se devem observar os indícios das tempestades:

Além disso, o nascimento e o ocaso de outras estrelas provocam tempestades violentíssimas; embora o testemunho dos autores assinale dias determinados para elas, ainda assim eles dividem em três partes o trabalho das observações náuticas porque em diferentes circunstâncias há algo que muda e também porque se deve reconhecer que a condição humana impede o conhecimento pleno das causas celestes. E, com efeito, descobriu-se que as tempestades acontecem ou à volta do dia estabelecido, ou antes, ou depois; a partir disto, chamou-se – usando palavras gregas – *prochimazon* às tempestades que precedem o dia previsto, *chimazon* às que surgem no dia esperado e *metachimazon* às que ocorrem nos dias seguintes. Mas enumerar todas elas uma a uma pode parecer inútil e enfadonho uma vez que a maior parte dos autores indica cuidadosamente a lista, não só dos meses mas também dos dias.

Também o trânsito dos astros a que chamam planetas, quando eles entram ou saem dos signos zodiacais de acordo com o curso prescrito pelo arbítrio do Deus criador, costuma perturbar frequentemente a tranquilidade da natureza.

Quer o conhecimento da ciência quer a experiência do povo sabe que os dias dos interlúnios²⁸³, cheios de tempestades, devem ser temidos ao máximo pelos navegadores.

XLI. Sobre os prognósticos:

Do mesmo modo, não só se revelam as tempestades a partir da calmaria como a calmaria a partir de tempestades por meio de muitos sinais que o disco lunar revela como um espelho. Uma cor vermelha indica vento, uma cor azul sugere chuva e as duas misturadas anunciam aguaceiros e tempestades violentas. Um disco apazível e brilhante promete à navegação a serenidade correspondente à sua fisionomia, principalmente se, durante o quarto crescente, não estiver mutilado, com as pontas embotadas, nem obscurecido por uma névoa generalizada.

Sol quoque exoriens vel diem condens interest utrum aequalibus gaudeat radiis an obiecta nube varietur, utrum solito splendore fulgidus an ventis urgentibus igneus, nive pallidus vel pluvia sit impendente maculosus.

Aer vero et mare ipsum nubiumque magnitudo vel species sollicitos instruit nautas.

Aliquanta ab avibus, aliquanta significantur a piscibus, quae Vergilius in Georgicis divino paene comprehendit ingenio et Varro in libris navalibus diligenter excoluit.

Haec gubernatores se scire profitentur, sed eatenus quatenus eos peritiae usus instituit, non altior doctrina formavit.

XLII. De aestuariis hoc est de reumate:

Elementum pelagi tertia pars mundi est, quae praeter ventorum flatum suo quoque spiramine motuque vegetatur. Nam certis horis, diebus pariter ac noctibus, aestu quodam, quod reuma vocant, ultro citroque percurrit et more torrentium fluminum nunc exundat in terras nunc refluit in altitudinem suam. Haec reciprocantis meatus ambiguitas cursum navium secunda adiuvat, retardat adversa. Quae dimicaturum magna sunt cautione vitanda. Neque enim auxilio remorum reumatis impetus vincitur, cui interdum cedit et ventus; et quoniam in diversis regionibus, diverso lunae crescentis minuentisque statu, certis horis ista variantur, ideo proelium navale gesturus consuetudinem pelagi vel loci ante congressum debet agnoscere.

XLIII. De locorum notitia sive remigibus:

Nauticorum gubernatorumque sollertia est loca in quibus navigatur portusque cognoscere, ut infesta prominentibus vel latentibus scopulis, vadosa ac sicca vitentur; tanto enim securitas maior est quanto mare altius fuerit. In navarchis diligentia, in gubernatoribus peritia, in remigibus virtus eligitur propterea quia navalis pugna tranquillo committitur mari liburnarumque moles non ventorum flatibus sed remorum pulsu

Da mesma maneira, o aspecto do sol ao iniciar ou ao acabar o dia tem importância, consoante se compraza em raios de luz uniformes ou seja matizado por uma nuvem colocada diante dele, ou consoante esteja refulgente com o seu brilho habitual ou inflamado por ventos perseguidores que o acoçam, e nem esteja pálido nem manchado por uma chuva iminente.

Na verdade, o ar e o próprio mar, assim como o volume e o aspecto das nuvens educam os marinheiros atentos.

Muito se pode saber a partir das aves, muito se pode saber com base nos peixes, assuntos que Virgílio tratou nas *Geórgicas*²⁸⁴ com um gênio quase divino e que Varrão abordou cuidadosamente nos seus livros náuticos²⁸⁵.

Os pilotos reconhecem colher bons resultados do conhecimento desta matéria, mas até este ponto foi a prática que os formou nessa arte e não o domínio de uma doutrina mais elaborada.

XLII. Sobre estuários, isto é, sobre as marés:

O elemento do mar constitui uma terceira parte do Mundo que é animada pelo sopro dos ventos e também pela sua própria respiração e movimento. Com efeito, em determinadas horas, tanto de dia como de noite, o mar corre num sentido e noutro devido a uma certa agitação a que chamam “maré” e, à semelhança das torrentes dos rios, ora alaga as terras ora recua para as suas profundezas. Esta incerteza da água que corre ora para cima, ora para baixo, sendo favorável, ajuda o curso dos navios, sendo adversa, retarda-o. Estas situações devem ser evitadas com grande precaução por aquele que vai combater. Na verdade, a força da maré não é sequer vencida com o auxílio dos remos, a ela cedendo por vezes o próprio vento; e, porque em regiões diversas tudo isto varia a determinadas horas consoante o diferente estado da lua crescente e minguante, então aquele que vai travar um combate naval deve conhecer os costumes do mar e do local antes do confronto.

XLIII. Sobre o conhecimento dos lugares e sobre os remadores:

Constitui sabedoria dos marinheiros e dos pilotos conhecer os locais em que devem navegar e os portos de modo a evitarem as águas perigosas, com rochedos salientes ou encobertos, e os lugares secos e pouco profundos; na verdade, a segurança é tanto maior quanto mais profundo for o mar. Aos navarcos²⁸⁶, requer-se um extremo zelo, aos pilotos, perícia e aos remadores força porque um combate naval é travado num mar sereno e a massa de liburnas rasga os adversários com

adversarios percutit rostris eorumque rursum impetus vitat, in quo opere lacerti remigum et ars clavum regentis magistri victoriam praestat.

XLIII. De telis tormentisque muralibus:

Multa quidem armorum genera proelium terrestre desiderat, sed navale certamen non solum plures armorum species verum etiam machinas et tormenta flagitat, tamquam in muris dimicetur et turribus. Quid enim crudelius congressione navali, ubi et aquis homines perimuntur et flammis?

Praecipua ergo esse debet tegminum cura, ut catafracti vel loricati, galeati etiam et ocreis muniti sint milites; de onere namque armorum nemo potest conqueri qui stans pugnat in navibus. Scuta quoque validiora propter ictus lapidum et ampliora sumuntur.

Praeter falces et arpagones aliaque navalia genera telorum sagittis missilibus fundis fustibalis plumbatis onagris ballistis scorpionibus iacula invicem diriguntur et saxa, et, quod est gravius, qui de virtute praesumunt admotis liburnis iniectisque pontibus in adversariorum transeunt naves ibique gladiis manu ad manum, ut dicitur, comminus dimicant. In maioribus etiam liburnis propugnacula turresque constituunt, ut tamquam de muro ita de excelsioribus tabulatis facilius vulnerent vel perimant inimicos. Oleo incendiario stuppa sulphure bitumine obvolutae et ardentes sagittae per ballistas in hosticarum navium alveos infiguntur unctasque cera et pice et resina tabulas, tot fomentis ignium, repente succendunt. Alii ferro interimuntur et saxo, alii ardere coguntur in fluctibus; inter tanta tamen mortium genera qui acerrimus casus est, absumenda piscibus insepulta sunt corpora.

XLV. Quemadmodum navali bello collocentur insidiae:

Ad instar autem terrestris proelii superventus fiunt ignorantibus nauticis vel circa oportunas insularum angustias collocantur insidiae, idque agitur ut imparati facilius deleantur. Si longo remigio fatigati sunt hostium nautae, si vento urgentur adverso, si pro nostris est reuma, si

os seus esporões não por causa da força dos ventos mas por impulso dos remos, ao mesmo tempo que evita o ataque deles; e, nesta manobra, os músculos dos remadores e a perícia do mestre que governa os lemes oferecem a vitória.

XLIV. Sobre as armas e os engenhos usados a bordo:

Um combate terrestre requer muitos tipos de armas mas uma batalha naval exige não apenas muitos tipos de armas mas também de máquinas e engenhos de torção, tal como se se combatesse em muralhas e torres. Com efeito, o que é mais cruel do que um embate naval em que os homens são mortos pelas águas e pelas chamas?

Portanto, deve existir um cuidado especial com as protecções de modo a que os soldados estejam defendidos por catafractas ou por lorigas, por capacetes e ainda por grevas; com efeito, acerca do peso das armas, ninguém que combate de pé em navios deve reclamar²⁸⁷. E também se usam escudos mais robustos e maiores por causa dos golpes das pedras.

Para além de ganchos e arpões e de outros tipos de projecteis navais, lançam-se, de um lado e de outro, dardos e pedras por meio de setas, de mísseis, de fundas, de fustíbalos, de dardos de chumbo, de ónagros, de balistas e de escorpiões²⁸⁸; e, o que ainda é pior, aqueles que têm confiança na sua própria coragem, depois de aproximar as liburnas e de lançar as pontes, passam para os navios dos adversários e aí combatem com gládios mano a mano ou, como se diz, “corpo a corpo”²⁸⁹. Também se constroem fortificações e torres nas liburnas maiores, de maneira a poder ferir ou aniquilar mais facilmente os inimigos a partir de patamares superiores, como se do alto de uma muralha. Setas a arder e embebidas em óleo incendiário, estopa, enxofre e betume são cravadas por meio de balistas no bojo dos navios inimigos e incendeiam repentinamente as tábuas untadas com cera, pez e resina – tudo materiais combustíveis²⁹⁰. Uns são aniquilados pelo ferro e pela pedra, outros são forçados a arder nas ondas do mar; contudo, entre tantos tipos de morte, a desventura mais cruel é que os corpos ficam por sepultar, sendo devorados pelos peixes.

XLV. Como são armadas ciladas na guerra naval:

Além disso, à semelhança do combate terrestre, fazem-se ataques de surpresa contra marinheiros desprevenidos, ou preparam-se emboscadas em estreitos convenientes nas imediações das ilhas e, assim, se procede de modo a aniquilar mais facilmente os incautos. Se os marinheiros adversários estão fatigados por

nihil suspicantes dormiunt inimici, si statio quam tenent exitum non habet, si dimicandi optata evenit occasio, fortunae beneficiis iungendae sunt manus et ex oportunitate proelium conserendum.

Quod si cautela hostium evitatis insidiis publico Marte confligat, tunc liburnarum instruendae sunt acies non directae ut in campis sed incurvae ad similitudinem lunae, ita ut productis cornibus acies media sinuetur, ut si adversarii perrumpere temptaverint ipsa ordinatione circumdati deprimantur. In cornibus autem praecipuum robur et liburnarum collocatur et militum.

XLVI. Quid fiat cum aperto Marte bellum navale committitur:

Praeterea utile est ut alto et libero mari tua semper classis utatur, inimicorum vero pellatur ad litus, quia pugnandi impetum perdunt qui detruduntur in terras. In eiusmodi certamine tria armamentorum genera plurimum ad victoriam prodesse compertum est, asses falces bipinnes.

Asser dicitur cum trabes subtilis ac longa ad similitudinem antennae pendet in malo utroque capite ferrato. Hunc, sive a dextra sive a sinistra parte adversariorum se iunxerint naves, pro vice arietis vi impellunt; qui bellatores hostium sive nautas sine dubio prosternit ac perimit ipsamque navem saepius perforat.

Falx autem dicitur acutissimum ferrum curvatum ad similitudinem falcis, quod contis longioribus inditum calatorios funes quibus antenna suspenditur repente praecidit collapsisque velis liburnam pigriorem et inutilem reddit.

Bipinnis est securis habens ex utraque parte latissimum et acutissimum ferrum. Per has in medio ardore pugnandi peritissimi nautae vel milites cum minoribus scafulis secreto incidunt funes quibus adversariorum ligata sunt gubernacula, quo facto statim capitur tamquam inermis et debilis navis; quid enim salutis superest ei quae amiserit clavum?

muito tempo de remo, se estão atormentados por um vento adverso, se a corrente está a nosso favor, se os inimigos dormem sem suspeitar de nada, se a enseada em que se encontram não tem outra saída, se surge uma ocasião propícia para atacar, então devem tomar-se em mãos os favores da Fortuna e precipitar o combate numa tal oportunidade²⁹¹.

Mas se a precaução dos inimigos inviabilizar uma cilada e se se combater em campo aberto, então as linhas das liburnas²⁹² devem ser dispostas não a direito, como em terra, mas em curva, à semelhança da lua, de maneira a que – avançadas as pontas – a linha se curve no meio, para que, se os adversários tentarem romper, sejam cercados e afundados pela própria formação. Portanto, a força principal tanto das liburnas como dos combatentes é colocada nas pontas.

XLVI. O que deve ser feito quando se trava uma batalha naval em combate aberto:

Além disso, é útil que a tua frota seja sempre utilizada no mar alto e aberto e que a dos inimigos seja impelida para o litoral porque perdem a posição de ataque ideal aqueles que são empurrados para terra. Num combate desta natureza, descobriu-se que são muito úteis à vitória três tipos de armas: *asseres*²⁹³, *falces*²⁹⁴ e *bipinnes*²⁹⁵.

Chama-se *asser* quando uma estaca fina e comprida, à maneira de antena ou verga de um navio, pende de um mastro, com uma cabeça de ferro de ambos os lados. Quando os navios se encostam, quer à direita quer à esquerda dos inimigos, eles impelem a estaca com força, como se fosse um aríete²⁹⁶; ela, sem dúvida, derruba e aniquila os soldados e os marinheiros dos inimigos e perfura muitas vezes o próprio navio²⁹⁷.

Por outro lado, chama-se *falx* a um ferro muito afiado e curvo, à semelhança de um podão, o qual é aplicado em hastes bastante compridas; ele corta subitamente as cordas que suspendem a antena e, caídas as velas, torna a liburna mais lenta e inútil.

O *bipinnis* é um machado que tem de ambos os lados um ferro muito largo e muito afiado. Com ele, no meio do ardor do combate, marinheiros experimentadíssimos ou soldados em barcos bem pequenos cortam em segredo as cordas às quais estão ligados os lemes dos inimigos. Feito isto, imediatamente é capturado o navio, indefeso e impotente; com efeito, que salvação resta para aquele que perdeu o leme?

De lusoriis, quae in Danubio agrarias cotidianis tutantur excubiis, reticendum puto, quia artis amplius in his frequentior usus invenit quam vetus doctrina monstraverat.

Sobre os navios de patrulha²⁹⁸ que vigiam, em missões diárias, os postos avançados no Danúbio, penso dever calar-me²⁹⁹ porque o seu uso mais frequente nos tempos actuais conduziu a uma maior sabedoria do que aquilo que a doutrina antiga tinha revelado³⁰⁰.

FLAVIVS VEGETIVS RENATIVS

Epitoma institutorum rei militaris

FLAVIO VEGECIO RENATO

RECOPIACIÓN SOBRE LAS INSTITUCIONES MILITARES.

Ediciones consultadas para efectuar la traducción.-

Original en Latín, publicado en la web <http://www.thelatinlibrary.com/vegetius.html>

Libros I - II - III Publicado en la web

<http://www.pvv.ntnu.no/~madsb/home/war/vegetius/> de Digital Attic - Warfare: 'De Re Militari' by Flavius Vegetius Renatus

Traductor: Teniente John Clarke. (Del Latín al Inglés. Publicado en 1767. Copyright expirado). Versión Etext por Mads Brevik (2001)

Libros IV – V (Que comprenden la totalidad del Libro IV del original latino):

Publicados en la web

http://www.mediterranees.net/civilisation/armee_romaine/vegece/Index.html,

traducidos al francés por Monsieur le chevalier de Bongars, revisado por Nicolas Schwebelius, en la colección de Autores Latinos dirigida por Nisard. Fue publicado por la editorial Firmin-Didot en 1885.

Consideraciones Previas y Prólogo:

Antonio Diego Duarte Sánchez.

Traductores.

- De la traducción inglesa al castellano (Libros I, II y III):

Antonio Diego Duarte Sánchez, Murcia - España, (27.428.747-M) - 2004.

- De la traducción francesa al castellano (Libro IV: libros IV y V en la versión francesa):

Jorge Mambrilla Royo, Sant Cugat del Vallés (Barcelona) - España, (35.003.886-W) - 2004

- Capítulos V y XXIII del Libro III, del latín al castellano:

Alfonso Rodríguez Belmonte, Santomera (Murcia) – España, (22.435.970-E)

Supervisión.-

La supervisión de las traducciones al castellano desde las versiones inglesa y francesa, confrontándolas con el original latino, ha sido realizada por **Alfonso Rodríguez Belmonte**, Licenciado en Filología Clásica, catedrático de Latín y Griego en el Instituto de Bachillerato de Santomera (Murcia).

Consideraciones previas sobre la traducción.

A diferencia de otros idiomas (inglés, francés, alemán...) es muy difícil encontrar en Internet la obra de ciertos autores clásicos, como Vegecio, traducidos al castellano.

La que presentamos es un ejemplo claro. La obra de Vegecio es citada continuamente por quienes escriben sobre las legiones de Roma pero, en España, por ejemplo, sólo se puede encontrar la traducción de su texto en una edición del Ministerio de Defensa.

Esta traducción es el resultado del interés suscitado en una lista de correos de Internet (*impromano.elistas.net*) por Vegecio. Al buscar ediciones en castellano, nos encontramos con que no existía ninguna. Y una mezcla de rabia y frustración nos incitó a, por lo menos, iniciar la tarea de la traducción a partir de textos en inglés, francés y latín.

Hallamos, primero, la traducción inglesa de John Clarke y comenzamos por ella. Lamentablemente, dicha traducción alcanzaba sólo hasta el Libro III, lo que nos dejaba un gusto a trabajo no terminado. Encontramos luego la traducción francesa del chevalier de Bongars, que sí contemplaba el Libro IV y Jorge Mambrilla Royo se ofreció a traducirla; debemos señalar aquí que el traductor al francés dividió en dos libros: el IV y el V lo que en el original latino sólo era el Libro IV.

Quedaba, no obstante, el convencimiento de que la traducción de una traducción (aunque mejor que ninguna) sería insuficiente y mostraría carencias. Por ejemplo, la traducción inglesa del primer libro está dividida en 23 capítulos y un prólogo, obviando las primeras siete líneas del original, mientras que el original latino está dividido en 28 capítulos. Para los libros II y III la situación es la misma: 25 y 26 capítulos en el original latino, respectivamente, por 17 y 23, respectivamente, en la traducción inglesa. Además, el traductor al inglés, John Clarke, no tradujo los capítulos V y XXIII del libro III. Posteriormente, por si lo anterior no bastase, descubrimos la carencia de algunas frases que sí existían en el original latino.

Necesitábamos que alguien supervisase la traducción, cotejándola con el original latino, y ése alguien debía tener un dominio fluido del latín; también le incumbiría traducir del latín aquellas frases que no constaban en las traducciones al inglés y francés. Alfonso Rodríguez Belmonte vino en nuestra ayuda y se encargó de esta labor imprescindible para ofrecer una traducción lo más fiel posible.

Se ha intentado (el lector dirá si se ha conseguido) que el resultado muestre, sin omitir ninguno, todos los conceptos y temas sobre los que escribió el autor. Al tratarse de la traducción de una traducción, el resultado final difiere en el estilo del que, sin duda, alcanzaría una traducción directa del latín. Se han detectado casos en que las traducciones inglesa y francesa se alejaban del texto original y en tales casos nos hemos servido de las indicaciones de Alfonso Rodríguez para mantener la fidelidad con el texto original, indicándolo así en la correspondiente nota a pie de página. Cuando las traducciones se ajustaban a los textos inglés y francés y contenían la información objetiva existente en la obra latina de Vegecio, hemos preferido dejarlos así para mantener la libertad de derechos de esta obra.

Ponemos esta traducción al castellano a libre y gratuita disposición de todo el que lo desee, pudiéndose distribuir de manera igualmente libre y gratuita por cualquier

medio. Esperamos que cuantos estén interesados en la misma la encuentren tan ajustada al original como a nosotros nos gustaría. Pedimos que se cite el origen de la traducción y a sus autores en cuanto uso se haga de la misma.

Antonio Diego Duarte Sánchez. Murcia, España. Traductor del inglés.

Jorge Mambrilla Royo, Sant Cugat del Vallés (Barcelona), España. Traductor del francés.

Alfonso Rodríguez Belmonte, Santomera (Murcia), España. Supervisión latín-castellano y traducción del latín al castellano de los capítulos V y XXIII del libro III.

PRÓLOGO

de EPITOMA REI MILITARIS, de Flavius Vegetius Renatus.

No sabemos demasiado de Flavius Vegetius Renatus; poco más que lo que él mismo nos dice y algunas deducciones que podemos obtener de su obra. Se describe a sí mismo como un "vir illustris et comes", pero no podemos precisar el alcance de su posición en la corte ni su poder..., ni siquiera podemos precisar el Emperador a quien dedica su trabajo como era norma en la antigüedad. Se suele aceptar un periodo que abarca entre el año 383 d.C. y el 450 d.C. La primera cifra se basa en que menciona al emperador Graciano (375-383 d.C.) como ya deificado, o sea, muerto.

No era un soldado y algunos sostienen que su falta de conocimientos profesionales debiera prevenirnos contra el uso que hace de algunos términos. Otros consideran que, precisamente por saberse (y declararlo él mismo) un no profesional de la milicia, tendería en su trabajo a ser tan minucioso como pudiera con la terminología empleada..., aunque sólo fuera para no quedar en ridículo ante sus iguales en la corte. A nosotros nos parece que el hecho de que los libros II, III y IV fueran el resultado de una orden del Emperador hubo, así mismo, de acusar el celo de Vegecio en la precisión de su obra.

Vegecio nos insiste continuamente en la falta de disciplina y desidia observables en los ejércitos romanos de su época. Y los contrapone a los del pasado, tanto a los del alto imperio como a los de la república. Idealiza el pasado y echa mano de cuantas autoridades puede para que su trabajo sirva de guía a la reforma militar que permita reverdecer los viejos laureles. Su uso, a veces, de términos arcaicos (como *triarii*, *princeps*, *hastatii*, etc.) nos viene de perlas en la actualidad para comparar la evolución del armamento y la doctrina militar romana.

Su breviario ha tenido una gran difusión, habiendo sido copiado frecuentemente y resultando muy popular en el Medievo y Renacimiento. Resultó un manual práctico para militares con poca experiencia, que lo podían usar en campaña por su poco volumen. Su latín claro y conciso también resultó de ayuda para emplearlo sin grandes dificultades.

Antonio Diego Duarte Sánchez.

FLAVIO VEGECIO RENATO.

RECOPILACIÓN SOBRE LAS INSTITUCIONES MILITARES.

El libro primero enseña a fondo sobre la elección de los más jóvenes, de qué lugares o cuáles han de ser aceptados como soldados, o con qué ejercicios de armas han de ser instruidos. El libro segundo contiene la costumbre de la antigua milicia en la que puede formarse al ejército de infantería. El libro tercero expone todas las clases de artes que parecen necesarias para el combate en tierra. El libro cuarto enumera todas las máquinas con las que se atacan o se defienden las ciudades; también añade los preceptos de la guerra naval.

(En todo combate suelen proporcionar la victoria no tanto el número y el valor instintivo como el arte y el ejercicio).

LIBRO I

- I LA DISCIPLINA ROMANA: LA CAUSA DE SU GRANDEZA.**
- II LA SELECCION DE LOS RECLUTAS**
- III QUÉ PROCEDENCIA ES MEJOR PARA LA RECLUTA: LA CIUDAD O EL CAMPO**
- IIII LA EDAD ADECUADA DE LOS RECLUTAS**
- V SU TAMAÑO**
- VI SIGNOS DE CUALIDADES DESEABLES**
- VII OFICIOS ADECUADOS PARA NUEVAS LEVAS.**
- VIII LA MARCA MILITAR.**
- VIII ENTRENAMIENTO INICIAL: EL PASO MILITAR, LA CARRERA Y EL SALTO.**
- X APRENDER A NADAR.**
- XI EJERCICIOS DE GUARNICIÓN: USO DEL ESCUDO Y DEL PALO.**
- XII NO CORTAR, SINO DAR ESTOCADAS CON LA ESPADA.**
- XIII EL EJERCICIO LLAMADO ESGRIMA.**
- XIII EL USO DE ARMAS ARROJADIZAS.**
- XV EL USO DEL ARCO.**
- XVI LA HONDA.**
- XVII LOS DARDOS PESADOS.**
- XVIII ENSEÑAR EQUITACION.**
- XVIII Y A LLEVAR CARGAS.**
- XX LAS ARMAS DE LOS ANTIGUOS.**
- XXI CAMPAMENTOS ATRINCHERADOS.**
- XXII DE LA ELECCIÓN DEL LUGAR DEL CAMPAMENTO.**
- XXIII DE LA FORMA DE LOS CAMPAMENTOS.**
- XXIII FORTIFICACION DE CAMPAMENTOS.**
- XXV FORTIFICACION DEL CAMPAMENTO EN PRESENCIA DEL ENEMIGO.**
- XXVI MANIOBRAS.**
- XXVII MARCHAS MENSUALES.**
- XXVIII EXHORTACION SOBRE LAS VIRTUDES Y EL ARTE DE LA GUERRA.**

PREFACIO

Ha sido una antigua tradición de los autores la de ofrecer a sus Príncipes los frutos de sus estudios sobre las artes liberales, desde el convencimiento de que

ningún trabajo puede ser publicado adecuadamente sino bajo los auspicios del Emperador, y que el conocimiento del Príncipe debiera ser más general, y de la mayor importancia, pues su influencia es sentida notoriamente por todos sus súbditos. Tenemos muchos ejemplos de la favorable recepción que Augusto y sus ilustres sucesores concedieron a los trabajos que se les presentaron; y este estímulo del Soberano hizo florecer las ciencias. La consideración de la superior indulgencia de Vuestra Majestad hacia intentos de esta clase, me indujo a seguir este ejemplo, y al mismo tiempo casi me hizo olvidar mi propia incapacidad al compararme con los escritores antiguos. Una ventaja, no obstante, se deriva de la naturaleza de este trabajo, pues no necesita elegancia de expresión, ni una porción extraordinaria de talento, sino solamente gran cuidado y fidelidad al recopilar y explicar, para uso general, las instrucciones y observaciones de nuestros antiguos historiadores de asuntos militares, o de aquellos que escribieron expresamente sobre ellos.

Mi plan en este tratado es presentar con cierto orden las costumbres peculiares y usos de los antiguos en la elección y disciplina de sus nuevas levass. Lejos de mí la presunción de ofrecer este trabajo a Vuestra Majestad desde la suposición de que no estáis al tanto de cada parte de su contenido; sino que podéis ver que las mismas saludables disposiciones y regulaciones que Vuestra propia sabiduría indicó para la felicidad del Imperio, fueron anteriormente observadas por los mismos fundadores de esta materia; y así Vuestra Majestad puede hallar con facilidad, en este breviario, cuanto resulta más útil en asunto tan necesario e importante.

I LA DISCIPLINA ROMANA: LA CAUSA DE SU GRANDEZA.

La victoria en la guerra no depende completamente del número o del simple valor; sólo la destreza y la disciplina la asegurarán. Hallaremos que los Romanos debieron la conquista del mundo a ninguna otra causa que el continuo entrenamiento militar, la exacta observancia de la disciplina en sus campamentos y el perseverante cultivo de las otras artes de la guerra. Sin esto, ¿qué oportunidad habrían tenido los insignificantes ejércitos romanos frente a las muchedumbres de los Galos?. ¿O con qué éxito podría su pequeño tamaño haberse opuesto a la prodigiosa estatura de los Germanos?. Los españoles nos superaban no sólo en número, sino en fortaleza física. Siempre fuimos inferiores a los africanos en riqueza y desiguales en engaño y estratagema. Y los griegos, indudablemente, fueron muy superiores a nosotros en la destreza con las artes y toda clase de conocimientos.

Pero a todas esas ventajas, los romanos opusieron un cuidado inusual en la elección de sus levass y en su entrenamiento militar. Comprendieron completamente la importancia de endurecerse con la práctica continua y de entrenarse en cada maniobra que pudiera ocurrir en la formación y en el combate. Tampoco fueron menos estrictos al castigar la desidia y la pereza. El valor de un soldado se enaltece con el conocimiento de su profesión, y sólo desea una oportunidad para ejecutar aquello que él está convencido de haber aprendido perfectamente. Un puñado de hombres, curtidos en la guerra, marcharán a una victoria cierta mientras que, por el contrario, ejércitos numerosos con tropas indisciplinadas y novatas no son sino multitudes de hombres llevados al sacrificio.

II LA SELECCION DE LOS RECLUTAS

Para tratar nuestra materia con algún método, deberíamos antes examinar qué provincias o naciones van a preferirse para proveer de reclutas a los ejércitos. Es cierto que cada país produce tanto hombres valientes como cobardes; pero es igualmente cierto que algunas naciones son naturalmente más aguerridas que otras y que el valor, así como la fortaleza de cuerpo, dependen grandemente de la influencia de los distintos climas.

III QUÉ PROCEDENCIA ES MEJOR PARA LA RECLUTA: LA CIUDAD O EL CAMPO

Examinaremos a continuación si la ciudad o el campo producen los mejores y más capaces soldados. Nadie, imagino, puede dudar que los campesinos son los más capacitados para empuñar las armas pues desde su infancia han estado expuestos a toda clase de climas y criados para el trabajo más duro. Son capaces de soportar el mayor calor, desconocen el uso de baños y les son extraños otros lujos de la vida. Son sencillos, se contentan con poco, están acostumbrados a toda clase de fatigas y preparados, en cierta medida, para la vida militar por su continuo empleo en labores agrícolas, en manejar la azada, cavando zanjas y llevando cargas, soportando el Sol y el polvo. Sus comidas suelen ser rústicas y moderadas; deben estar acostumbrados a descansar ora al aire libre, ora en tiendas. Tras esto, deben ser instruidos en el uso de sus armas. Si se planea alguna larga expedición, debería acampárseles tan lejos como se pueda de las tentaciones de la ciudad. Con estas prevenciones, sus mentes y sus cuerpos serán adecuadamente adiestradas para el servicio.

Me doy cuenta de que en las primeras épocas de la República, los romanos siempre levantaron sus ejércitos en la misma ciudad, pero esto sucedía en una época donde no había placeres ni lujos que les enervaran. El Tiber era, entonces, su único baño y en él se refrescaban, nadando, tras sus ejercicios y sus trabajos en el campo. En aquellos días, el mismo hombre era soldado y granjero, pero un granjero que, llegada la ocasión, dejaba a un lado sus herramientas y empuñaba la espada. La veracidad de esto se confirma con el ejemplo de Quintius Cincinnatus, que estaba arando cuando llegaron a ofrecerle la Dictadura. La fortaleza principal de nuestros ejércitos, así, debe ser reclutada del campo. Pues es cierto que cuanto menos familiarizado está un hombre con los placeres de la vida, menos motivos tiene para temer la muerte.

IIII LA EDAD ADECUADA DE LOS RECLUTAS

Si seguimos la costumbre antigua, el momento adecuado para alistar a un joven es a su llegada a la pubertad. En este momento, las prácticas de toda clase son más rápidamente asimiladas y más profundamente impresas en la mente. Además de esto, los ejercicios militares de correr y saltar deben ser adquiridos antes de que los miembros estén demasiado castigados por la edad. Así, tal actividad, acrecentada por la práctica continua, moldea el mejor y más útil soldado. Antiguamente, dice Salustio, la juventud romana, tan pronto como alcanzaban la edad de portar armas, era entrenada del modo más estricto en sus campamentos en todos los ejercicios y fatigas de la guerra. Así es ciertamente mejor que un soldado, perfectamente disciplinado, se queje de no haber llegado aún a la edad apropiada para el combate a padecer la mortificación de saber que ya ha pasado. Es necesario un tiempo suficiente para su instrucción en los distintos aspectos del servicio. No es cosa fácil entrenar la caballería o el arquero de infantería, o instruir

al legionario en cada parte del orden cerrado¹, enseñarle a no abandonar su puesto, mantener las filas, apuntar y lanzar sus armas arrojadizas, y cómo detener un ataque con destreza. Un soldado, tan perfecto en sus cometidos, lejos de mostrar torpeza en el enfrentamiento, estará ansioso de tener una oportunidad de señalarse.

V SU TAMAÑO

Vemos que los antiguos procuraban disponer de los hombres más altos para el servicio, pues la estatura normal para la caballería de las alas y las primeras cohortes legionarias fue fijada en un metro y setenta y siete centímetros², o al menos en un metro y setenta y dos centímetros³. Tales medidas podían ser mantenidas en aquella época cuando tantos seguían la profesión de las armas y era costumbre de la flor de la juventud romana antes de dedicarse al servicio civil del Estado. Pero cuando la necesidad lo imponía, la altura de un hombre no era mirada tanto como su fortaleza; y como ejemplo de ello tenemos la autoridad de Homero, quien nos cuenta que la deficiencia en estatura de Tideo estaba ampliamente compensada por su vigor y coraje.

VI SIGNOS DE CUALIDADES DESEABLES

Aquellos que se dedican a supervisar las nuevas levass deberían ser particularmente cuidadosos en examinar sus caras, sus ojos y la constitución de sus miembros, para poder hacerse un juicio veraz y elegir a los más a propósito para ser buenos soldados. La experiencia nos demuestra que hay en los hombres, como en los perros y los caballos, signos evidentes por los que descubrir sus virtudes. Los soldados jóvenes, así pues, deben tener una mirada despierta, llevar la cabeza erguida, su pecho debe ser ancho, sus hombros musculosos y fuertes, sus dedos largos, sus brazos fuertes, su cintura pequeña, sus piernas y pies tan nervudos como flexibles. Cuando tales señas se encuentran en un recluta, una estatura pequeña puede dispensarse, pues resulta mucho más importante que un soldado sea fuerte antes que alto.

VII OFICIOS ADECUADOS PARA NUEVAS LEVAS.

Al seleccionar reclutas se ha de considerar su oficio. Pescadores, cazadores de aves, sastres, tejedores y, en general, todas aquellas profesiones más propias de las mujeres, deberían, en mi opinión, no ser admitidas en absoluto para el servicio. Por el contrario, los herreros, carpinteros, carniceros y cazadores resultan los más adecuados para ser reclutados. De la cuidadosa elección de los soldados depende el bienestar de la República, y la esencia primordial del Imperio Romano y de su poder está tan inseparablemente conectada con este cometido (el de soldado. N. del T.) que resulta de la mayor importancia que tal misión se encargue a personas

¹ El orden cerrado ha sido el empleado para combatir hasta el tercer tercio del siglo XIX. El advenimiento de las armas de fuego automáticas convirtió en mortales las formaciones cerradas en que combatía la infantería. En nuestros días, el orden cerrado se emplea para la instrucción primaria del soldado así como para desfiles y paradas militares

² 1 pie romano: 0,2958 metros. La altura exacta sería 1,7748 metros.

³ 1 pulgada romana: la doceava parte de un pie: 0,02454 metros. La altura exacta sería 1,7255 metros.

de confianza. Los antiguos consideraron el cuidado de Sertorio, en este punto, era una de sus más eminentes cualidades militares. Al soldado a quien se confía la defensa del Imperio y en cuyas manos está la fortuna de la guerra, debe, si es posible, pertenecer a familias reputadas e intachable en sus costumbres. De tales consideraciones se puede esperar de esos hombres que serán buenos soldados. El sentido del honor, impidiendo el mal comportamiento, les hará victoriosos.

Pero ¿qué bien se puede esperar de un hombre cobarde por naturaleza, aunque sea disciplinado o aunque haya servido en muchas campañas?. Un ejército alistado sin la adecuada atención a la selección de sus reclutas nunca ha resultado bueno a lo largo del tiempo; y ahora estamos convencidos, por cruel experiencia, de que éste es el origen de todas nuestras desgracias. Tantas derrotas pueden imputarse únicamente a los efectos de una larga paz que nos ha convertido en negligentes y descuidados en la selección de nuestras levás, así como a la preferencia mayoritaria entre los mejores de nosotros por los puestos civiles del gobierno antes que por la profesión de las armas, y al comportamiento vergonzoso de los superintendentes quienes, por interés o connivencia, aceptan a muchos de aquellos hombres enviados por quienes han de proveer reemplazos para el ejército y admiten para el servicio a quienes ni los maestros querrían como siervos. Así, es evidente que tal confianza no ha de encomendarse sino a hombre de mérito e integridad.

VIII LA MARCA MILITAR.

El recluta, sin embargo, no debe recibir la marca militar ⁴ tan pronto como es alistado. Debe juzgarse antes si es apto para el servicio, que tiene la suficiente fortaleza y nervio; si tiene capacidad para aprender su deber y si posee el suficiente valor militar. Muchos, aunque prometedores en apariencia, resultan inadecuados tras el entrenamiento. Ésos han de ser rechazados y sustituidos por hombres mejores; pues no es la cantidad, sino el valor lo que triunfa.

Tras su examen, los reclutas recibirán la marca militar y se les enseñará el uso de sus armas con la práctica constante y diaria. Pero esta costumbre básica ha sido abolida por la relajación inducida por una larga paz. No podemos esperar encontrar ahora un hombre para enseñar lo que él mismo nunca aprendió. El único método disponible, pues, para recuperar las viejas costumbres son los libros y la consulta de los antiguos historiadores. Pero nos resultan de poca ayuda respecto a esto, pues ellos sólo relatan las hazañas y sucesos de las guerras y no dan noticia de los asuntos que ahora nos ocupan, pues los consideraban universalmente conocidos. La negligencia de nuestra época ha hecho que tenga que exponer conjuntamente en esta recopilación lo que Catón el Censor, Cornelius Celsus, Frontino y Paternvs, autor versado en esta materia, escribieron sobre la disciplina militar; y lo que Augusto, Trajano y Adriano mandaron en sus reglamentos. Todo se ha sacado de estos autores, habiéndome limitado a resumirlo.

VIII ENTRENAMIENTO INICIAL: EL PASO MILITAR, LA CARRERA Y EL SALTO.

⁴ Esta marca se imprimía en las manos de los soldados, con un hierro candente o por otros métodos. Era indeleble. N. del A. de la traducción en inglés

Lo primero que se debe enseñar al soldado es el paso militar, que sólo se puede adquirir con la práctica constante de marchar rápido y juntos. Y es algo de la mayor importancia, tanto en la marcha como en el frente, que mantengan sus filas con la mayor exactitud. Las tropas que marchan de manera irregular y desordenada están siempre en peligro de ser derrotadas. Deben marchar con el paso normal militar veinte millas en cinco horas de verano, y a paso rápido, que es más rápido, veinticuatro millas en el mismo número de horas, si se supera esta velocidad ya no marchan sino que corren y no se puede precisar la cadencia.

Los jóvenes reclutas, en particular, deben ejercitarse en la carrera para poder cargar sobre el enemigo con gran vigor; ocupar, si hay ocasión, un lugar ventajoso con gran velocidad e impedir que el enemigo haga lo mismo; así, pueden, cuando se les manda de reconocimiento, avanzar con rapidez, volver velozmente y enfrenar al enemigo en una persecución.

El salto es otro ejercicio necesario, para permitirles pasar fosos u obstáculos molestos de cualquier clase sin dificultad. Hay también otra ventaja material derivada de tales ejercicios al llegar el combate; para un soldado que avanza con su jabalina, corriendo y saltando, deslumbrando los ojos de su adversario, le ataca con terror y le propina el golpe fatal antes de que haya tenido tiempo de alistar su defensa. Salustio, hablando de la excelencia de Pompeyo el Grande en este particular, nos dice que él disputaba la superioridad en el salto con los más activos, en la carrera con el más raudo y en los ejercicios de fuerza con los más robustos. No hubiera sido nunca capaz de haberse opuesto con éxito a Sertorio si no se hubiera preparado a sí mismo y a sus soldados para la acción con ejercicios continuos de esta clase.

X APRENDER A NADAR.

Cada joven soldado, sin excepción, debe aprender a nadar durante los meses de verano; pues a veces es imposible atravesar los ríos por puentes, y los ejércitos que huyen o persiguen están a menudo obligados a nadar por ellos. Una súbita fusión de las nieves o la caída de lluvia hacen a menudo que se desborden sus márgenes y, en tal situación, hay más peligro en no saber nadar que en el enemigo. Los antiguos romanos, pues, perfeccionados en cada aspecto del arte militar por las continuas guerras y peligros, eligieron el campo de Marte como el más a propósito para sus ejercicios por su vecindad al Tíber, pues los jóvenes podían lavarse el polvo y el sudor y refrescarse tras el cansancio con la natación. La caballería así como la infantería, e incluso los caballos y los sirvientes del ejército deben estar acostumbrados a este ejercicio pues todos están expuestos por igual a los mismos accidentes.

XI EJERCICIOS DE GUARNICIÓN: USO DEL ESCUDO Y DEL PALO.

Estamos informados por los escritos de los antiguos que entre sus otros ejercicios se contaban los de guarnición. Daban a sus reclutas escudos trenzados de sauce, el doble de pesados de los que solían emplear en el servicio real, y espadas de madera del doble de peso que las normales. Se ejercitaban con ellos en el palo tanto por la mañana como por la tarde.

Este es un invento de gran utilidad, no sólo para los soldados, sino para los gladiadores. Ningún hombre de tales profesiones se distinguió nunca en el circo o en el campo de batalla sin ser hábil en tal ejercicio. Cada soldado, pues, fijaba un poste firmemente en el suelo, de unos seis pies de altura. Contra ése, como contra un enemigo real, el recluta se ejercitaba con las armas arriba mencionadas, como si fueran los escudos y espadas normales, apuntando ora a la cabeza o cara, ora a los lados o tratando de atacar los piernas o muslos. Eran instruidos en el modo de avanzar y retirarse, como tomar ventaja en el cuerpo a cuerpo sobre su adversario; pero se les prevenía a todos particularmente para no abrir su guardia al enemigo mientras le apuntaban para atacarle.

XII NO CORTAR, SINO DAR ESTOCADAS CON LA ESPADA.

Se les enseñaba, igualmente, a no cortar, sino dar estocadas con sus espadas. Para los romanos, no sólo resultaba motivo de chanza quienes luchaban con el borde de tal arma, sino que constituían una fácil conquista. Un ataque con los filos, aún los hechos con mucha fuerza, raramente mata, pues las partes vitales del cuerpo están defendidas tanto por los huesos como por la armadura. Por el contrario, una estocada, con que penetre dos pulgadas, es generalmente fatal. Además, en la posición del ataque, es imposible evitar exponer el brazo derecho y el costado; de otra parte, el cuerpo está cubierto al dar una estocada, y el adversario recibe la punta antes de que vea la espada. Este fue el método de lucha usado principalmente por los romanos, y sus motivos para ejercitar a los reclutas al principio con armas de un tal peso era que cuando al fin llevaban las normales, mucho más ligeras, la gran diferencia de peso les permitía comportarse con gran seguridad y diligencia a la hora del combate.

XIII EL EJERCICIO LLAMADO ESGRIMA.

Las nuevas levadas deben también ser instruidas por los maestros de armas en el ejercicio llamado esgrima, que aún se conserva parcialmente entre los nuestros. La experiencia, aún en nuestros tiempos nos persuade de que a los soldados, experimentados en ella, les resulta del mayor valor en el combate. Y les proporciona pruebas ciertas de la importancia y efectos de la disciplina por la diferencia que vemos entre aquellos adecuadamente entrenados en esta instrucción y las demás tropas. Los antiguos romanos eran tan conscientes de su utilidad que recompensaban a los maestros de armas con doble ración. Los soldados que se quedaban atrás en la instrucción de este ejercicio eran castigados obteniendo su ración en cebada. Ni tampoco la recibían, como era normal, en trigo, hasta que habían demostrado, en presencia del prefecto, de los tribunos u otros oficiales superiores, suficientemente su conocimiento de cada parte de su instrucción.

Ningún Estado puede estar feliz ni seguro si es remiso y negligente con la disciplina de sus tropas. Pues no es la profusión de riquezas o el exceso de lujuria lo que pueda inducir a nuestros enemigos a juzgarnos o respetarnos. Esto sólo se conseguirá por el terror a nuestras armas. Es una observación de Catón el que se puede recuperar el mal comportamiento en asuntos comunes, pero resulta muy de otra manera en la guerra, donde los errores son fatales y no tienen remedio, siendo inmediatamente seguidos de castigo. A consecuencia de enfrentarse al enemigo sin valor o coraje, es esta parte del ejército abandonada en el campo de batalla, y aquellos que permanecen reciben tal impresión de su derrota que no osan luego mirar la cara del enemigo.

XIII EL USO DE ARMAS ARROJADIZAS.

Junto al antedicho ejercicio de los reclutas en el poste, se les proporciona jabalinas de más peso que las normales, con las que son enseñados a arrojarlas al mismo poste. Y los maestros de armas tenían mucho cuidado en instruirles en cómo lanzarlas con adecuada puntería y potencia. Esta práctica fortalece el brazo y convierte al soldado en un buen tirador.

XV EL USO DEL ARCO.

Un tercio o un cuarto de los soldados más jóvenes y capaces deben también ejercitarse en el poste con arcos y flechas contruidos expresamente con este propósito. Los instructores de este arma deben ser elegidos con cuidado y deben aplicarse diligentemente para enseñar a los hombres a agarrar el arco en la posición adecuada, a tensarlo con fuerza, a mantener la mano izquierda estable, a tirar acertadamente con la derecha, a dirigir su atención y su mirada al objetivo y a tomar puntería con igual precisión tanto a pie como a caballo. Pero esto no se adquiere sin gran dedicación, ni se conserva sin ejercicio diario y práctica.

La utilidad de los buenos arqueros en el combate es claramente demostrado por Catón en su tratado sobre la disciplina militar. A la constitución de un cuerpo de tropas de esta clase debió Claudio su victoria sobre un enemigo que, hasta ese momento, se había mostrado superior a él. Escipión el Africano, antes de su combate con los Numantinos, que habían hecho pasar al ejército romano bajo el yugo, consideró que no tendría ninguna posibilidad de éxito a no ser que incorporara cierto número de arqueros selectos con cada centuria.

XVI LA HONDA.

Se debe instruir a los reclutas en el arte del lanzamiento de piedras tanto a mano como con honda. Se dice que los habitantes de las islas Baleares han sido los inventores de la honda, y que su sorprendente destreza en el manejo la debían a la forma de enseñar a sus niños. Sus madres no les permitían coger su comida si antes no la habían derribado con sus hondas. Los soldados, a pesar de su armadura defensiva, quedan a menudo más vejados por los cantos rodados que por las flechas del enemigo. Las piedras matan sin lacerar el cuerpo y la contusión es mortal sin pérdida de sangre. Es universalmente sabido que los antiguos emplearon honderos en sus combates. Existe el mayor motivo para instruir a todas las tropas, sin excepción, en este ejercicio, pues la honda no suele considerarse de gran importancia y a menudo resulta del mayor servicio, especialmente cuando se está obligado a combatir en poblaciones de piedra, o a defender una montaña o promontorio, o al rechazar al enemigo que ataca una ciudad o castillo.

XVII LOS DARDOS PESADOS.

El ejercicio de los dardos pesados⁵, llamados *mattiobarbuli*⁶, no debe omitirse. Antiguamente teníamos dos legiones en Iliria, de seis mil hombres cada una, que por su extraordinaria destreza y habilidad en el uso de tales armas fueron distinguidas con el mismo nombre. Soportaron durante mucho tiempo el peso de todas las guerras y se distinguieron tan reseñablemente que los emperadores Diocleciano y Maximiano, en su acceso al trono, las honraron con los títulos de Joviana y Herculana y las prefirieron sobre las otras legiones. Cada soldado lleva cinco de tales jabalinas en el hueco de su escudo. Y así el legionario parece sustituir el lugar de los arqueros, pues hieren tanto a los hombres como a los caballos del enemigo antes de que entren al alcance de las armas arrojadas normales.

XVIII ENSEÑAR EQUITACION.

Los antiguos obligaban estrictamente, tanto a los veteranos como a los reclutas, a la práctica constante de la equitación. Ha llegado incluso a nuestros tiempos, aunque se le dedique hoy poca atención. Tienen caballos de madera, con este propósito, situados en invierno a cubierto y en verano al aire libre. A los jóvenes soldados se les enseñaba a saltar sobre ellos, al principio sin armas y luego completamente armados. Y era tal su atención hacia este ejercicio que estaban acostumbrados a montar y desmontar por cualquier lado, indistintamente, con las espadas empuñadas o con lanzas en las manos. Con la práctica continua en tiempos de paz, su caballería fue llevada a tal perfección de disciplina que montaban sus caballos en un instante incluso en la confusión de la sorpresa y de las alarmas inesperadas.

XVIII Y A LLEVAR CARGAS.

Acostumbrar a los soldados a llevar cargas es también parte esencial de la disciplina. A los reclutas, en particular, se les debe obligar frecuentemente a llevar un peso de no menos de sesenta libras⁷ (lo que pesan sus armas) y marchar con ellos en las filas. Esto se debe a que, en las expediciones difíciles, a menudo se hallaban en la necesidad de llevar sus provisiones y sus armas. No lo encontrarían problemático cuando lo tomaron por costumbre, lo que facilita todo. Nuestras tropas, en los tiempos antiguos, eran una prueba de esto, y Virgilio lo remarcó en los siguientes versos:

Los soldados romanos, criados en las alertas de la guerra,
encorvados con pesos injustos y armas pesadas,
alegres sobrellevaban sus penosas marchas,
y levantaban prestos sus campamentos ante el enemigo.

⁵ En el original latino: "*Plumbatarum quoque exercitatio*". Las *plumbatae* son dardos arrojados, y así lo refleja la traducción inglesa: "*loaded javelins*"; por su corta longitud, se ha preferido la palabra castellana "dardo" a la de "jabalina" o "venablo", más asociadas en la actualidad a armas de mayor longitud. (N. Del T.)

⁶ El término "*mattiobarbuli*" puede ser una corrupción de "*martiobarbulus*" cuya etimología sería: *Martius* (de Marte) y *barbulus* (pequeños pelos de la barba). Los soldados, así, arrojarían "pequeños pelos de la barba de Marte". El término podía haberse corrompido en época de Vegecio o haber éste malentendido el nombre del término. La traducción al castellano de Jaime de Viana (1764) emplea "*marciobarbulos*". También se las denomina *plumbatae*. (N. Del T.)

⁷ 1 libra romana: 0,32745 kgs. 60 libras = 19,647 kilogramos.

XX LAS ARMAS DE LOS ANTIGUOS.

Pondremos ahora a consideración el modo de armar las tropas. Pero ya no se sigue el método de los antiguos. Pues aunque tras el ejemplo de los Godos, los Alanos y los Hunos, hemos hecho algunas mejoras en las armas de la caballería, todavía es evidente que la infantería está totalmente indefensa. Desde la fundación de la ciudad hasta el reinado del emperador Graciano, los infantes llevaron corazas y cascos. Pero la negligencia y la pereza crecientes ha llevado, de hecho, a una total relajación de la disciplina, los soldados empezaron a pensar que sus armaduras eran demasiado pesadas y raramente se las colocaban. Primero pidieron permiso al emperador para dejar las corazas y después el casco. A consecuencia de esto nuestras tropas, en sus enfrentamientos con los Godos, a menudo resultaron desbaratados con sus lluvias de flechas. De ahí la necesidad de obligar a la infantería a recuperar sus corazas y cascos, pese a las repetidas derrotas, cuya ausencia llevó a la destrucción de tantas grandes ciudades.

Las tropas, indefensas y expuestas a todas las armas del enemigo, están más dispuestas a huir que a luchar. ¿Qué se puede esperar de un arquero de a pie, sin coraza o casco, que no puede empuñar enseguida su arco y escudo, o de los portaestandartes cuyos cuerpos están desnudos y que no pueden llevar a la vez un escudo y los colores?. El soldado de infantería encuentra el peso de una coraza, o incluso de un casco, intolerable. Ello es porque raramente se entrenan y se las ponen.

Pero el asunto podría ser muy distinto, aunque fueran más pesados de lo que son, si por la práctica constante estuvieran acostumbrados a llevarlas. Pero parece que muchos de tales hombres, que no pueden soportar el peso de la antigua armadura, no piensan que se exponen sin defensa a las heridas y la muerte ni, lo que es peor, a la vergüenza de ser hechos prisioneros o de traicionar a su patria con la huida; y así, para evitarse una incierta cantidad de ejercicio y fatiga, sufren la ignominia de ser hechos pedazos. ¿Por qué podrían llamar los antiguos muro a la infantería, sino porque en cierto modo lo recordaban la armadura completa del legionario, con escudos, cascos, corazas y grebas de hierro en la pierna derecha; y los arqueros que llevaban guanteletes en el brazo izquierdo?. Tales eran las armas defensivas de los soldados legionarios. Aquellos que luchaban en primera línea de sus respectivas legiones eran llamados principes, los que luchaban en segunda línea, hastati, y quienes en la tercera, triarii.

Los triarii, conforme a su sistema de disciplina, descansaban en momentos de acción sobre una rodilla, bajo la cubierta de sus escudos, pues en esta posición estaban menos expuestos a los dardos del enemigo que si permanecieran en pie; y además, cuando había necesidad de llevarles al frente, estaban frescos, con todo su vigor y cargaban con la mayor impetuosidad. Han dado muchos ejemplos de ganar una victoria tras la completa derrota de los príncipes y los hastati.

Los antiguos tenían así mismo un cuerpo de infantería ligera, honderos y ferentarii⁸, que se situaban normalmente en las alas y daban comienzo al combate. Los hombres más activos y más disciplinados se elegían para este servicio; y como su número no era muy grande, se retiraban fácilmente, si les rechazaban, entre los intervalos de la legion sin ocasionar el menor desorden en las líneas.

⁸ Soldado armado con arco y honda

Los gorros panónicos de piel que llevan nuestros soldados, fueron inicialmente introducidos con un diseño distinto. Los antiguos obligaban a los hombres a llevarlas siempre para que estuvieran constantemente acostumbrados a llevar la cabeza cubierta y que fueran menos sensibles al peso del casco.

Como armas arrojadizas de la infantería, llevaban jabalinas con una punta triangular de hierro, de once pulgadas o un pie de largo, que llamaban pilum. Una vez fijados en el escudo era imposible arrancarlos, y cuando se los lanzaba con fuerza y destreza, penetraban la coraza sin dificultad. En la actualidad son raramente empleados entre nosotros, pero son el arma principal de la infantería pesada bárbara. Ellos la llaman bebrae, y cada hombre lleva dos o tres de ellas en la batalla.

Ha de observarse que cuando los soldados emplean la jabalina, el pie izquierdo debe adelantarse pues, con esta postura, la potencia del lanzamiento se incrementa. Por el contrario, cuando están lo bastante cerca para usar sus pila y espadas, el pie derecho debe adelantarse para que el cuerpo presente menos blanco al enemigo y que el brazo derecho esté más cerca y en posición más ventajosa para atacar. De aquí aparece la necesidad de proporcionar a los soldados armas defensivas de cada clase y enseñarles el uso de las ofensivas. Pues es cierto que un hombre luchará con más valor y confianza cuando se encuentre adecuadamente armado para la defensa.

XXI CAMPAMENTOS ATRINCHERADOS.

Los reclutas deben ser instruidos en el modo de atrincherar campamentos, no habiendo parte de la disciplina tan útil y necesaria como ésta. Pues en un campamento, bien elegido y afosado, las tropas pueden descansar seguras tanto de día como de noche entre su obra, aún cuando estén a la vista del enemigo. Parece imitar una ciudad fortificada que ellos pueden construir para su seguridad donde quiera que les plazca. Pero este valioso arte está ahora totalmente perdido, pues ya hace mucho desde que nuestros campamentos fueran fortificados con foso o empalizadas. Por esta negligencia nuestras fuerzas han sido a menudo sorprendidas por el día y por la noche, por la caballería enemiga, sufriendo severas pérdidas. La importancia de esta costumbre se muestra no sólo por el peligro al que las tropas que acampan sin precauciones están constantemente expuestas sino por la desastrosa situación de un ejército que, tras recibir un castigo en el campo de batalla, se halla sin retaguardia y, consecuentemente, a merced del enemigo.

XXII DE LA ELECCIÓN DEL LUGAR DEL CAMPAMENTO.

Un campamento, especialmente en la cercanía del enemigo, debe elegirse con gran cuidado. Su situación debe ser fuerte por naturaleza y debe estar bien provisto de madera, forraje y agua. Si el ejército va a ocuparlo durante un tiempo considerable, se debe prestar atención a la salubridad del lugar. El campamento no debe estar dominado por terrenos más altos desde los que el enemigo les pueda insultar o vejar, ni estar expuesto a corrientes que pondrían en gran peligro al ejército. Las dimensiones de los campamentos han de estar determinadas por el número de tropas y la cantidad de bagajes, que un ejército pueda tener suficiente espacio y que uno pequeño no le obligue a extenderse fuera de su propia extensión.

XXIII DE LA FORMA DE LOS CAMPAMENTOS.

La forma del campamento debe estar determinada por la orografía del terreno y de acuerdo con ella será cuadrado, triangular u oval. La puerta pretoriana debe dar frente al este o al enemigo. En un campamento temporal, debe dar frente a la ruta por la que marcha el ejército. Dentro de esta puerta, se ponen las tiendas de las primeras centurias o cohortes y se plantan los dracos⁹ y otras insignias.

La puerta decumana está directamente opuesta a la pretoriana, en la parte de atrás del campamento, y por ella son llevados los soldados al lugar señalado para el castigo o la ejecución.

XXIII FORTIFICACION DE CAMPAMENTOS.

Hay tres formas de atrincherar un campamento. Cuando el peligro no es inminente, llevan una estrecha zanja alrededor de todo el perímetro, de sólo 2,66 metros de ancho y dos de hondo¹⁰. Con la turba que se ha sacado, se hace una especie de muro o terraplén de noventa centímetros¹¹ de alto en la cara interior del foso. Pero donde haya motivo para temer ataques del enemigo, el campamento de rodearse de un foso regular, de 3 metros y medio¹² de ancho y 2,66 metros¹³ de hondo, perpendicular a la superficie del terreno. Se eleva entonces un parapeto en el lado próximo al campo, de una altura de cuatro pies, con obstáculos y fajinas (haces de palos) adecuadamente cubiertas y aseguradas a la tierra sacada del foso. Con estas dimensiones, la altura interior del atrincheramiento alcanzará los 3,85 metros¹⁴ y la anchura del foso, 3,55 metros¹⁵. Encima de todo se situarán fuertes empalizadas que los soldados llevan constantemente con este propósito. Un número suficiente de azadas, zapapicos, canastas de mimbre y herramientas de toda clase han de proporcionarse para tales trabajos.

XXV FORTIFICACION DEL CAMPAMENTO EN PRESENCIA DEL ENEMIGO.

No hay dificultad en fortificar un campamento cuando no hay enemigo a la vista. Pero si el enemigo está próximo, toda la caballería y la mitad de la infantería deben formar en orden de batalla para cubrir al resto de las tropas que trabajan en el atrincheramiento y estar dispuestos a enfrentar al enemigo si se deciden a atacar. Las centurias se emplean por turnos en el trabajo y son llamados regularmente al relevo por un pregonero hasta que se completa el trabajo. Luego se inspecciona y mide por los centuriones, que castigan tanto a los indolentes como a los negligentes. Este es un punto muy importante en la disciplina de los jóvenes soldados quienes, cuando están adecuadamente entrenados en ello, son capaces en una emergencia de fortificar su campamento con habilidad y rapidez.

⁹ El draco (dragón) era la insignia particular de cada cohorte. N. del A. de la traducción del inglés.

¹⁰ 9 x 7 pies romanos, en el original. 1 pie romano: 0,2958 metros.

¹¹ 3 pies romanos, en el original.

¹² 12 pies romanos, en el original.

¹³ 9 pies romanos, en el original.

¹⁴ 13 pies romanos, en el original.

¹⁵ 12 pies romanos, en el original

XXVI MANIOBRAS.

Ninguna parte de la instrucción es más esencial en combate que los soldados mantengan sus filas con la mayor exactitud, sin abrirlas o cerrarlas demasiado. Las tropas demasiado cerradas nunca luchan como debieran, y sólo se molestan unas a otras. Si su orden es demasiado abierto y laxo, le dan al enemigo la oportunidad de penetrar. Siempre que ocurre esto y son atacados por la retaguardia, son inevitables la confusión y el desorden general. Los reclutas, así pues, deben estar constantemente en el terreno, formados según su rol y dispuestos en una sólo línea. Deben aprender a formar en línea recta y mantener la misma distancia entre hombre y hombre. Se les ordenará luego en doble fila, lo que ejecutarán rápidamente, cubriendo instantáneamente a sus guías de fila. A continuación doblarán otra vez y formarán en profundidad de a cuatro. Y después el triángulo o, como se le llama normalmente, la cuña, una formación muy útil en combate. Debe enseñárseles a formar el círculo u orbe; para tropas bien disciplinadas, tras haber sido rotas por el enemigo, haberse colocado en esta posición ha evitado la completa ruptura del ejército. Estas maniobras, practicadas a menudo en el terreno de ejercicios, se ejecutarán con facilidad en el servicio actual.

XXVII MARCHAS MENSUALES.

Era una costumbre constante entre los antiguos romanos, confirmada por las ordenanzas de Augusto y Adriano, ejercitarse tanto la caballería y la infantería tres veces al mes con marchas de cierta longitud. La infantería era obligada a marchar, completamente armada, la distancia de diez millas¹⁶ desde el campamento y regresar con el mayor orden y con el paso militar, que cambiaban y aceleraban en ciertos momentos de la marcha. Así mismo, su caballería, con tropas y apropiadamente armadas, ejecutaba las mismas marchas y se ejercitaban al mismo tiempo en sus movimientos y maniobras peculiares; a veces, como si persiguieran al enemigo, ora iban o volvían otra vez con gran impetuosidad a la carga. Hacían tales marchas no sólo en terrenos llanos o de tierra, sino que tanto la caballería como la infantería eran llevadas a terrenos difíciles y abruptos y a ascender o descender montañas, para prepararles a toda clase de accidentes y familiarizarlos con las distintas maniobras que las diferentes orografías de una país podían requerir.

XXVIII EXHORTACION SOBRE LAS VIRTUDES Y EL ARTE DE LA GUERRA.

Estas máximas militares e instrucciones, invencible Emperador, como prueba de mi devoción y celo en vuestro servicio, he reunido cuidadosamente a partir de los trabajos sobre el tema de los autores antiguos. Mi deseo aquí es apuntar el método cierto para formar buenos y útiles ejércitos, lo que sólo se puede alcanzar mediante la exacta imitación de los antiguos en su cuidado en la selección y disciplina de las nuevas levadas. Los hombres no han degenerado en su valor, ni están todavía exhaustos los países que produjeron a los lacedemonios, atenienses, marsianos, samnitas, pelignos e incluso a los propios romanos. ¿No alcanzaron los epirotas en tiempos anteriores gran reputación en la guerra?. ¿No penetraron los macedonios y tesalios, tras conquistar a los persas, hasta la misma India?. Y es bien conocido que la disposición a la guerra de dacios, moesios y tracios dio lugar a la leyenda de

¹⁶ 1 milla romana: 1.478,5 metros. 10 millas: 14.785 metros

que Marte nació entre ellos.

Pretender enumerar las diferentes naciones de los antiguos, tan formidables, que están ahora bajo el dominio de los romanos, sería tedioso. Pero la seguridad establecida por la larga paz ha alterado sus disposiciones, arrastrándolos fuera de la milicia a ocupaciones civiles e infundiéndoles amor la desidia y la comodidad. De aquí se sigue una relajación de la disciplina militar, luego la negligencia en ella, para hundirse después en un completo olvido. Ahora parecerá sorprendente que esta alteración pueda haber ocurrido en los últimos tiempos, si consideramos que la paz de unos veinte años o algo más tras las Primera Guerra Púnica, desmadejó a los romanos, antes por doquier victoriosos, por desidia y negligencia de la disciplina hasta tal punto, que en la Segunda Guerra Púnica no fueron capaces de mantener el campo frente a Aníbal. Al final, tras la derrota de muchos cónsules y la pérdida de muchos oficiales y ejércitos, se convencieron de que el resurgimiento de la disciplina era el único camino a la victoria y así recuperaron su superioridad. La necesidad de la disciplina, así pues, no puede a menudo inculcarse, así como el requisito de la estricta atención en la selección y entrenamiento de nuevas levás. Es también cierto que es mucho menos caro para un Estado entrenar a sus súbditos en las armas que pagar extranjeros.

LIBRO II

I	DE LAS DIVISIONES DE LA MILICIA.
II	DIFERENCIA ENTRE LAS LEGIONES Y LOS AUXILIARES.
III	CAUSAS DE LA DECADENCIA DE LA LEGIÓN.
IIII	DEL NÚMERO DE LAS LEGIONES.
V	DE CÓMO LEVANTAR UNA LEGIÓN.
VI	DE LA COHORTES EN UNA LEGION Y LOS SOLDADOS DE CADA COHORTE.
VII	NOMBRES Y GRADOS DE LOS OFICIALES DE LA LEGIÓN.
VIII	NOMBRES DE LOS MANDOS DE LOS ANTIGUOS.
VIII	DEL LAS OBLIGACIONES DEL PREFECTO DE LA LEGIÓN.
X	DE LAS OBLIGACIONES DEL PREFECTO DEL CAMPAMENTO.
XI	DE LAS OBLIGACIONES DEL PREFECTO DE LOS OBREROS.
XII	DE LAS OBLICACIONES DEL TRIBUNO MILITAR.
XIII	DE LAS CENTURIAS Y BANDERAS DE LA INFANTERÍA.
XIII	DE LAS TURMAS DE CABALLERÍA LEGIONARIA.
XV	DE LA FORMACIÓN DE BATALLA.
XVI	DEL ARMAMENTO DE TRIARIOS Y CENTURIONES.
XVII	EL COMIENZO DE LA BATALLA: UN MURO DE ARMADURAS PESADAS.

- XVIII EN NOMBRE Y EL GRADO DE LOS SOLDADOS ESCRITOS EN SUS
ESCUDOS.**
- XVIII ELEGIR RECLUTAS QUE SEPAN LEER Y ESCRIBIR, ADEMÁS
DE TENER UN CUERPO ROBUSTO.**
- XX LA MITAD DE LOS INGRESOS DEL SOLDADO SE DEBEN
DEPOSITAR EN EL SITIO DE LAS BANDERAS.**
- XXI DE LAS PROMOCIONES EN LA LEGIÓN Y ENTRE LAS COHORTES.**
- XXII DE LAS TROMPETAS, TROMPAS Y CUERNOS.**
- XXIII DE LOS EJERCICIOS DE LOS SOLDADOS.**
- XXIII EJEMPLOS EXTRAIDOS DE ALGUNAS ARTES, DONDE SE PRUEBA
LA NECESIDAD DEL ARTE MILITAR.**
- XXV ENUMERACIÓN DE MÁQUINAS Y PERTECHOS DE GUERRA DE LAS
LEGIONES.**

PREFACIO

Tal serie continuada de victorias y triunfos han probado incontestablemente el completo y perfecto conocimiento de Vuestra Majestad de la disciplina militar de los antiguos. El éxito en cualquier profesión es la muestra más cierta de la habilidad en ella. Por vuestra grandeza de mente, por encima de la comprensión humana, Vuestra Majestad consiente en buscar consejo de los antepasados, pese a que Vuestras recientes y propias hazañas sobrepasan las de la misma antigüedad. Al recibir órdenes de Vuestra Majestad para seguir con este breviario, no tanto para Vuestra instrucción como para Vuestro interés, no supe cómo conciliar mi devoción a Vuestras órdenes con el respeto debido a Vuestra Majestad. ¿No podría resultar la mayor de las presunciones, pretender mencionar el arte de la guerra al Señor y Maestro del mundo y al Conquistador de todas las naciones bárbaras, a menos que fuera describiendo sus propias acciones?. Pero la desobediencia al deseo de tan gran Príncipe resultaría tan grandemente criminal como peligrosa. Mi obediencia, por lo tanto, me hizo confiado de la aprehensión por parecerlo más que por lo contrario. Y en esto no fui poco osado, por la indulgencia, en última instancia, de Vuestra Majestad. Mi tratado sobre la selección y disciplina de nuevas levas encontró la favorable recepción de Vuestra Majestad, y ya de un trabajo con tanto éxito finalizado, compuesto a mi propio entender, no podía temer de uno emprendido por Vuestras expresas órdenes.

I DE LAS DIVISIONES DE LA MILICIA.

La institución militar (según un egregio autor latino atestigua en el comienzo de su poema, consta de las armas y los hombres¹⁷) se compone de tres partes: la caballería, la infantería y la marina. Las alas de la caballería se llaman así por su similitud con las alas que se extienden a ambos lados del cuerpo para su protección. Ahora se les llama vexillationes por la clase de estandartes peculiares a ellos. La caballería legionaria son cuerpos particularmente anexadas a cada legión y de una clase diferente; y sobre su modelo fue organizada la caballería llamada ocreati, por las botas ligeras que llevaban. La flota consiste en dos divisiones, la primera, llamada liburnia y la otra con balandros armados. La caballería está ideada para planicies. Los flotas se emplean en la protección de mares y ríos. La infantería es adecuada para la defensa de prominencias, para la guarnición de ciudades y son igualmente útiles en terrenos llanos como abruptos. La última es, por tanto, por su facilidad para actuar en cualquier lugar, ciertamente la más útil y necesaria pues a pesar de su mayor número puede ser mantenida con poco gasto. La infantería se divide en dos cuerpos: las legiones y los auxiliares, estando compuestos los últimos por aliados o confederados. La fortaleza peculiar de los romanos consistió siempre en la excelente organización de sus legiones. Se denominaron así como la expresión "ab eligendo", por el cuidado y exactitud puestos en la selección de los soldados. El número de tropas legionarias en un ejército es generalmente más considerable que el de los auxiliares.

II DIFERENCIA ENTRE LAS LEGIONES Y LOS AUXILIARES.

¹⁷ El texto entre paréntesis no aparece en el texto inglés. La traducción del latín ha sido efectuada por Alfonso Rodríguez Belmonte.

Los macedonios, los griegos y los dárdanos formaban sus fuerzas en falanges de ocho mil hombres cada una. Los galos, celtíberos y muchas otras naciones bárbaras dividían sus ejércitos en cuerpos de seis mil hombres cada uno. Los romanos tenían normalmente en sus legiones una fuerza de seis mil, a veces más.

Explicaremos ahora la diferencia entre las legiones y los auxiliares. Los últimos eran cuerpos de extranjeros a sueldo, de distintas partes del Imperio, compuestos de diferente número, sin conocimiento entre ellos o clase alguna de lazo de afecto. Cada nación posee su propia disciplina particular, costumbres y modos de luchar. Poco se puede esperar de fuerzas tan disimilares en todo aspecto, pues es uno de los más esenciales puntos del mando militar que todo el ejército debe poder ponerse en movimiento y gobernado por un único y mismo orden. Pero es casi imposible para los hombres actuar en concierto bajo tan variables e inusitadas circunstancias.

La legión estaba compuesta de cohortes en las que había infantería pesada como los príncipes, hastatii o lanceros, los triarii y los antesignarios; y otros armados a la ligera como los ferentarii, los arqueros, los honderos y los ballesteros. También había una sección de caballería, llamada legionaria. Y todas estas fuerzas estaban unidas por un mismo ánimo, obrando así juntos cuando había que establecer un campamento, formar para el combate o luchar; cada legión era una unidad perfecta que no necesitaba de ayuda extraña para vencer a cualquier número de enemigos. Y así lo prueban las numerosas victorias alcanzadas sobre los enemigos cuando fue menester, señalando la gloria romana.

III CAUSAS DE LA DECADENCIA DE LA LEGIÓN.

El nombre “legión” permanece hasta hoy en nuestros ejércitos pero su fuerza y esencia se fueron pues, a causa de la desidia de nuestros predecesores, los honores y ascensos, que habían sido antiguamente las recompensas por los largos servicios, pasaron a ser obtenidos solamente por interés y favor. Ya no se pone cuidado al sustituir los soldados, quienes tras servir su periodo completo han recibido sus licencias. Las bajas que se producen continuamente por enfermedad, permisos, desertión u otras causas, si no se cubren cada año o incluso cada mes, pueden con el tiempo deshacer los ejércitos más numerosos. Otra causa de la debilidad de nuestras legiones es que, en ellas, los soldados hallan el servicio penoso, las armas pesadas, las recompensas lejanas y la disciplina severa. Para evitar tales desventajas, los jóvenes se alistaban como auxiliares, donde el servicio es menos trabajoso y pueden esperar recompensas más rápidas.

Catón el Mayor, quien fue varias veces Cónsul y siempre victorioso a la cabeza de los ejércitos, creía que él prestaría a su país un servicio más acusado escribiendo de asuntos militares que con sus victorias en campaña. Pues las consecuencias de las acciones valerosas son solamente temporales, mientras que lo conseguido al escribir para el bien público era beneficioso a largo plazo. Algunos otros han seguido su ejemplo, particularmente Frontino, quien perfeccionó trabajos sobre este asunto que fueron bien recibidos por el divino Trajano. Éstos son los autores cuyas máximas e instituciones he tratado de resumir del modo más fiel y conciso.

El costo de mantener tropas buenas o malas es el mismo; pero depende completamente de Vos, muy Augusto Emperador, recuperar la excelente disciplina de los antiguos y corregir los abusos de los últimos tiempos. Es ésta una ventaja que se dejará sentir tanto en nosotros mismos como en nuestra posteridad.

IIII DEL NÚMERO DE LAS LEGIONES.

Todos nuestros escritores coinciden en que nunca más de dos legiones, junto a sus auxiliares, se debían poner al mando de cada cónsul para enfrentar a los ejércitos enemigos más numerosos. Tal era la confianza que tenían en su disciplina y resolución que este número se creyó suficiente para enfrentar cualquier guerra. Explicaré, por lo tanto, la organización de la antigua legión de acuerdo con la ordenanza militar. Pero si la descripción parece oscura o imperfecta no se me ha de imputar a mí, sino a la dificultad del asunto mismo, el cual será así examinado con la mayor atención. Un príncipe, habituado él mismo a los asuntos militares, tiene en su mano convertirse en invencible alistando el número de fuerzas bien disciplinadas que considere apropiadas.

V DE CÓMO LEVANTAR UNA LEGIÓN.

Los reclutas, tras haber sido así elegidos cuidadosamente, con la adecuada atención a sus personas y cualidades, habiendo sido entrenados diariamente durante al menos cuatro meses, forman la legión a las órdenes y bajo los auspicios del Emperador. La marca militar, que es indeleble, se imprime primero en las manos de los nuevos reclutas y cuando sus nombres son consignados en el libro de las legiones pronuncian el juramento habitual, llamado el juramento militar. Juran por Dios, por Cristo y por el Espíritu Santo; y por Su Majestad el Emperador quien, tras Dios, ha de ser principal objeto del amor y veneración de la Humanidad. Pues cuando él ha recibido el título de Augusto, sus súbditos están obligados a prestarle su más sincera devoción y homenaje, como representante de Dios en la tierra. Y todo hombre, tanto en un puesto civil como militar, sirve a Dios sirviéndole a él [*al Emperador. N. del T.*] con fidelidad, pues reina por Su Autoridad [*la de Dios. N. del T.*]. Los soldados, así pues, juran que obedecerán deseosos al Emperador y todas sus órdenes, que nunca desertarán y estarán siempre prestos a sacrificar sus vidas por el Imperio Romano.

VI DE LA COHORTES EN UNA LEGION Y LOS SOLDADOS DE CADA COHORTE.

La legión debe consistir en diez cohortes, la primera de las cuales excede a las otras tanto en el número como en la calidad de sus soldados, quienes son seleccionados para servir en ella como hombres de ciertas familias y educación. Esta cohorte tiene la custodia del Águila, la insignia principal de los ejércitos Romanos y común a toda la legión, así como las imágenes de los emperadores, que siempre se han considerado sagradas. Consta de mil ciento cinco infantes y ciento treinta y dos caballos acorazados¹⁸ y se distingue con el nombre de Cohorte Miliaria. Es la cabeza de la legión y forma siempre en primer lugar a la derecha de la primera línea, cuando la legión forma en orden de batalla.

La segunda cohorte consta de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos¹⁹, y es llamada Cohorte Quingentenaria. La tercera consta de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos, generalmente hombres escogidos, de acuerdo con su posición en el centro de la primera línea. La cuarta consta del mismo número de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta

¹⁸ Se infiere que son jinetes y caballos acorazados. (N. del T.)

¹⁹ Y sus jinetes respectivos, claro. (N. del T.)

y seis caballos. La quinta tiene, así mismo, quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos, y debieran ser algunos de los mejores hombres, siendo situados en el flanco izquierdo como la primera cohorte lo está en el derecho. Estas cinco cohortes componen la primera línea.

La sexta consta de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos, quienes serán la flor de los soldados jóvenes pues forman a retaguardia del Águila y las imágenes de los emperadores y a la derecha en la segunda línea. La séptima consta de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos. La octava consta de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos, todas tropas elegidas, pues ocupan el centro de la segunda línea. La novena tiene quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos. La décima consta del mismo número de quinientos cincuenta y cinco infantes y sesenta y seis caballos y necesita buenos hombres, pues cierra el flanco izquierdo de la segunda línea. Estas diez cohortes forman la legión completa, constando en total de seis mil cien infantes y setecientos veintiséis caballos. Una legión no debe constar jamás de un número menor de hombres, pero puede ser fortalecida por la adición de otra Cohorte Miliaria.

VII NOMBRES Y GRADOS DE LOS OFICIALES DE LA LEGIÓN.

Habiendo mostrado la antigua constitución de la legión, explicaremos ahora los nombres de sus principales soldados o, para usar el término apropiado, los oficiales, y sus rangos de acuerdo con la estructura actual de las legiones. El tribuno mayor es designado por elección y comisión expresa del Emperador. El tribuno menor alcanza ese rango por sus servicios. Los tribunos se llaman así porque manda sobre los soldados que fueron alistados al principio, por Rómulo, a partir de las distintas tribus. Los oficiales que mandan en acción los órdenes y divisiones se llaman Ordinarii. Los Augustales fueron añadidos por Augusto a los Ordinarii; y los Flaviales fueron designados por el divino Vespasiano para duplicar el número de los Augustales. Los Aquilifer y los Signifer son los que llevan el Águila y las imágenes del Emperador. Los Optiones son oficiales subalternos, así llamados por haber sido elegidos por sus oficiales superiores, para cumplir sus obligaciones y sustituirles en caso de enfermedad u otro accidente. Los signifer llevan las insignias y se les llama ahora Draconarii. Los Tesserarii llevan la palabra y órdenes del general a los distintos grupos de soldados. Los Campignei o Antesignani son aquellos cuya obligación es mantener la adecuada disciplina y adiestramiento entre las tropas.

Los Metatores están encargados de allanar el suelo para los campamentos. Los Beneficiarii se llaman así por haber obtenido su promoción por interés o conveniencia de los Tribunos. Los Librarii llevan la contabilidad legionaria. Los Tubicines, Cornicines y Buccinadores derivan sus nombres de que soplan la tuba, cornu y buccina. Aquellos que, hábiles en sus tareas, reciben doble ración de provisiones, son llamados Armaturae Duplares y los que reciben ración simple, Simples.

Los Mensores se encargan de medir y marcar el terreno para las tiendas en el campamento, y asignar a las tropas sus respectivos acuartelamientos en la guarnición. Los Torquati, así llamados por los collares de oro que se les han concedido en recompensa por su valor, tienen además de este honor otras ventajas. Aquellos que han recibido dos son llamados Torquati Duplares y quienes sólo uno, Simples.

Había, por el mismo motivo, Candidatii Duplares y Candidatii Simples. Estos

son los soldados principales u oficiales distinguidos por su rango y privilegios. El resto son llamados Munifices, o soldados trabajadores, ya que están obligados a todos los trabajos militares sin excepción.

VIII NOMBRES DE LOS MANDOS DE LOS ANTIGUOS.

Antiguamente, era norma que el primer Princeps de la legión fuera ascendido regularmente al empleo de Centurión de los Primipile. No sólo se le confiaba el Águila sino que mandaba cuatro centurias, o sea, cuatrocientos hombres en la primera línea. Como cabeza de la legión él tenía distinciones de gran honor y provecho. El primer Hastatus tenía el mando de dos centurias o doscientos hombres en la segunda línea y se le llama hoy Ducenarius. El Princeps de la primera cohorte mandaba una centuria y media, o sea, ciento cincuenta hombres y mantenía en gran medida el detalle general de la legión. El segundo Hastatus mandaba igualmente una centuria y media, o ciento cincuenta hombres. El primer Triarius tenía el mando de cien hombres. Así las diez centurias de la primera cohorte eran mandadas por cinco Ordinarii, que por las disposiciones de los antiguos disfrutaban de grandes honores y emolumentos que se añadían a su rango para inspirar a los soldados de las legiones por la emulación, para obtener tan grandes y considerables recompensas. Designaban también centuriones para cada centuria, que ahora se llaman Centenarii y Decani, que mandaban diez hombres, ahora llamados cabeza de contubernio. La segunda cohorte tenía cinco Centuriones; y todo el resto, el mismo número. Había cincuenta y cinco en toda la legión.

VIII DEL LAS OBLIGACIONES DEL PREFECTO DE LA LEGIÓN.

Los legados del emperador, de dignidad consular, eran enviados, antiguamente, para mandar en los ejércitos, y su autoridad se extendía tanto sobre las legiones como sobre los auxiliares en tiempo de paz como de guerra. En vez de tales oficiales, personas de alta alcurnia son ahora sustituidas con el título de Magistros Militum. No se limitan al mando de sólo dos legiones, sino que a menudo lo hacen sobre más. Pero el oficial propio de la legión es el Prefecto, quien siempre fue un conde de primer orden. En él recae el mando en ausencia del legado. Los tribunos, centuriones y todos los soldados en general están bajo sus órdenes: Da los comunicados y órdenes para la marcha y las guardias. Y si un soldado comete un crimen, bajo su autoridad es juzgado y castigado por el tribuno. Está a cargo de las armas, caballos, vestidos y provisiones. Es también su obligación el entrenamiento diario de la caballería legionaria y de la infantería y mantener la más estricta disciplina. Debe ser un oficial diligente y cuidadoso, pues la sola obligación de formar la legión con regularidad y obediencia depende de él y la excelencia de los soldados redundará enteramente en su honor y crédito.

X DE LAS OBLIGACIONES DEL PREFECTO DEL CAMPAMENTO.

El Praefectus Castrorum, aunque inferior en rango al anterior, tiene un puesto de no menor importancia. La ubicación del campamento, la dirección de los atrincheramientos, la inspección de las tiendas o cabañas de los soldados y la impedimenta están dentro de sus obligaciones. Su autoridad se extiende sobre el enfermo, y los médicos que cuidan de ellos; y controla los gastos. Está a cargo de suministrar carruajes, herraduras y herramientas adecuadas para serrar y cortar madera, hacer trincheras, aprestar parapetos, obtener bienes y llevar agua al

campamento. También está a su cargo suministrar a la tropa madera y paja, así como los arietes, onagros, balistas y otras las demás máquinas de guerra bajo su dirección. Su puesto se concede siempre a un oficial de gran competencia, experiencia y largo servicio, siendo por tanto capaz de instruir a otros en aquellos aspectos de la profesión en los que se ha distinguido él mismo.

XI DE LAS OBLIGACIONES DEL PREFECTO DE LOS OBREROS.

La legión tenía un tren de adjuntos, albañiles, carpinteros, herreros, pintores y trabajadores de toda clase para la construcción de barracones en los campamentos de invierno y para hacer o reparar la torres de madera, armas, carruajes y las distintas clases de máquinas e ingenios para el ataque y defensa de las plazas. Tenían también fábricas portátiles en la que construían escudos, corazas, cascos, arcos, flechas, favalinas y armas ofensivas y defensivas de todas clases. Los antiguos hicieron cuanto pudieron para tener todos los servicios del ejército dentro del campamento. Incluso tenían un cuerpo de mineros que, trabajando bajo tierra y horadando los cimientos de los muros, de acuerdo con las prácticas de los Bessos, penetraban en el interior de una plaza. Todos ellos estaban bajo la dirección de un oficial llamado Praefectus Fabrum.

XII DE LAS OBLIGACIONES DEL TRIBUNO MILITAR.

Ya dijimos que las legiones tenían diez cohortes, la primera de las cuales, llamada Cohorte Miliaria, estaba compuesta por hombres elegidos de acuerdo con sus circunstancias, nacimiento, educación, persona y valor. El tribuno que les mandaba se distinguía, así mismo, por su competencia en su profesión, por las virtudes de su persona y la integridad de sus costumbres. Las otras cohortes eran mandadas, de acuerdo con los deseos del Emperador, tanto por tribunos como por otros oficiales designados con tal propósito. En los primeros tiempos la disciplina era tan estricta que los tribunos u oficiales arriba mencionados no sólo obligaban a las tropas bajo su mando a entrenarse diariamente en su presencia, sino que ellos mismos eran tan diestros en su ejecución que les servían de ejemplo. Nada hace tanto honor a las habilidades o aplicación del tribuno como el aspecto y disciplina de los soldados, cuando su apariencia es limpia y clara, sus armas brillantes y en buen orden y cuando ejecutan sus ejercicios y evoluciones con destreza.

XIII DE LAS CENTURIAS Y BANDERAS DE LA INFANTERÍA.

La insignia principal de la legión es el Águila y es llevaba por el aquilifer. Cada cohorte tiene también su propia insignia, el Dragón, portada por el Draconarius. Los antiguos, sabedores de que las filas eran fácilmente desordenadas en la confusión del combate, dividieron las cohortes en centurias y dieron a cada centuria una enseña insrita con el número tanto de la cohorte como de la centuria, para que los hombres, teniéndola a la vista, evitaran separarse de sus camaradas en los mayores tumultos. Además, los centuriones, ahora llamados centenarii, se distinguían por diferentes cimeras atravesadas sobre sus cascos, para ser más fácilmente conocidos por los soldados de sus respectivas centurias. Tales precauciones evitaban cualquier error, pues cada centuria era guiada no sólo por sus propias insignias, sino así mismo por la forma peculiar del casco de sus oficiales al mando. Las centurias estaban además divididas en grupos de diez hombres que dormían en la misma tienda y estaban bajo las órdenes e inspección de un Decanus o caput contubernii [*cabeza de contubernio. N. del T.*]. A tales grupos se les llamaba

también Manípulos, por su constante costumbre de combatir juntos en la misma compañía o división.

XIII DE LAS TURMAS DE CABALLERÍA LEGIONARIA.

Así como las divisiones de la infantería son denominadas centurias, así aquellas de la caballería son llamadas turma. Una turma consiste en treinta y dos hombres y es mandada por un Decurión. Cada centuria tiene su insignia y cada turma un estandarte. El centurión en la infantería es elegido por su tamaño, fortaleza y destreza en lanzar sus armas arrojadizas y por su habilidad en el uso de su espada y escudo, así como por su experiencia en todos los ejercicios. Debe ser despierto, moderado, activo y presto a ejecutar las órdenes que recibe, en vez de discutirlos. Estricto en el ejercicio y en mantener la adecuada disciplina entre sus soldados, en obligarles a permanecer limpios y bien vestidos y en tener sus armas constantemente bruñidas y brillantes. Del mismo modo el Decurión es preferido para el mando de la turma por su actividad y habilidad en montar su caballo completamente armado, por su destreza al cablagar y en el uso de la lanza y el arco, por su atención al instruir a sus hombres en todas las evoluciones de la caballería, y por su cuidado al obligarles a mantener sus corazas, lanzas y cascos siempre brillantes y en buen estado. El esplendor de las armas no tiene una importancia menor en infundir terror al enemigo. ¿Pueden ser considerados buenos soldados quienes dejan, por negligencia, sus armas sucias y cubiertas de polvo?. En fin, es obligación del Decurión estar atento a cuanto concierne a la salud o disciplina de los hombres o caballos de su turma.

XV DE LA FORMACIÓN DE BATALLA.

Mostraremos el modo de formar un ejército en orden de batalla con el ejemplo de una legión, que puede servir para cualquier número de ellas. La caballería se sitúa en las alas. La infantería empieza a formar en una línea, con la primera cohorte a la derecha. La segunda cohorte se sitúa a la izquierda de la primera; la tercera ocupa el centro; la cuarta se coloca a continuación y la quinta cierra el flanco izquierdo. Los ordinarii, los demás oficiales y los soldados de la primera línea, extendidos delante y alrededor de las insignias, eran llamados Principes. Eran todos tropas pesadamente armadas y tenían cascos, corazas, grebas y escudos. Sus armas ofensivas eran espadas largas, llamadas *spathae*, y otras más pequeñas llamadas *semispathae*, así como cinco dardos pesados²⁰ en la concavidad del escudo, que arrojaban en la primera carga. Así mismo tenían otras dos jabalinas, la mayor de ellas compuesta por un hasta de cinco pies y medio de largo y una punta triangular de hierro de nueve pulgadas de largo. A ésta se la llamaba antiguamente *pilum* aunque ahora se la conoce como *spiculum*. Los soldados se entrenaban especialmente en el uso de esta arma porque, cuando se la arrojaba con fuerza y habilidad, a menudo penetraba los escudos de la infantería y las corazas de la caballería. La otra jabalina era más pequeña; su punta triangular tenía sólo cinco pulgadas de largo y el hasta tenía tres pies y medio. Antiguamente se le llamaba *vericulum*, pero ahora se le dice *verutum*.

La primera línea, como dijimos, estaba formada por los Principes; los *Hastati* formaban la segunda y estaban armados del mismo modo. En la segunda línea, la sexta cohorte estaba situada en el flanco derecho, con la séptima a su izquierda; la octava formaba en el centro; la novena estaba a continuación y la décima siempre

²⁰ *Martiobarbulos, plumbatas en el original latino. (N. del T.)*

cerraba el flanco izquierdo. A retaguardia de estas dos líneas estaban los ferentarii y la infantería ligera, a quienes ahora denominamos exculcatores et armaturas²¹ y las tropas armadas con escudos, plumbata, espadas y armas arrojadizas normales, a la manera de nuestros soldados de hoy. Este era también el lugar de los arqueros, que llevaban cascos, corazas, espadas, arcos y flechas; el de los honderos que arrojaban piedras con la honda normal o con el fustibalus²² y el de los tragularii, que fustigaban al enemigo con fechas desde las manubalistas y arcubalistas.

XVI DEL ARMAMENTO DE TRIARIOS Y CENTURIONES.

En la retaguardia de todas las líneas, formaban los triarii, completamente armados. Tenían escudos, corazas, cascos, grebas, espadas, puñales, plumbatas y dos armas arrojadizas comunes. Descansaban, durante la acción, sobre una rodilla, de manera que si las primeras líneas eran obligadas a retroceder, ellos permanecían frescos cuando se lanzaban a la carga y de tal modo se detenía la retirada y se alcanzaba la victoria. Todos los portaestandartes de la infantería llevaban corazas de menor tamaño y cubrían sus cascos con las pieles velludas de bestias para hacer su visión más terrible al enemigo. Los centuriones llevaban corazas completas, escudos, y cascos de hierro cuya cimera, situados transversalmente, ornamentaban con plata para poder ser más fácilmente distinguidos por sus soldados respectivos.

XVII EL COMIENZO DE LA BATALLA: UN MURO DE ARMADURAS PESADAS.

La siguiente disposición merece la mayor atención. Al empezar el enfrentamiento, la primera y segunda líneas permanecían inmutables en sus puestos y los triarii en su formación habitual. Las fuerzas ligeras, compuestas como se dijo arriba, avanzaban al frente de las líneas y atacaban al enemigo. Si les podían hacer huir, les perseguían; pero si eran rechazados por el número superior o por el valor, se retiraban tras su infantería pesada, la cual parecía un muro de hierro y renovaban el ataque, lanzando primero sus armas arrojadizas y luego con las espadas. Si rompían al enemigo nunca lo perseguían por sí, desordenadas sus filas, tomando ventaja de su desorden, volvía el enemigo al ataque y les destruían sin dificultad. La persecución, así pues, era dejada a las tropas ligeras y a la caballería. Con estas precauciones y disposiciones la legión obtenía la victoria sin peligro, o si sucedía lo contrario, se preservaba sin pérdidas considerables pues así como no estaba pensada para perseguir, del mismo modo no era fácilmente conducida al desorden.

XVIII EN NOMBRE Y EL GRADO DE LOS SOLDADOS ESCRITOS EN SUS ESCUDOS.

Para que los soldados, en la confusión de la batalla, no se separen de sus camaradas, cada cohorte tenía sus escudos pintados de un modo propio. El

²¹ *exculcatores et armaturas: estas palabras no aparecen, incomprensiblemente, en la traducción inglesa, aunque sí en el original latino. Hemos creído conveniente hacerlas constar para que no se perdiera en la traducción ninguna información valiosa del original. (N. del T.)*

²² *Honda con asta para aumentar el alcance del proyectil. (N. del T.)*

nombre de cada soldado se escribía, también, en su escudo, junto con el número de la cohorte y centuria a la que pertenecía. De esta descripción podemos comparar la legión, formada, con una ciudad bien fortificada que contenía en sí misma todo lo necesario para la guerra, donde quiera que fuese. Estaba asegurada contra cualquier intento repentino o por sorpresa del enemigo por su método expeditivo de atrincherar sus campamentos, incluso en terrenos abiertos, y estaba siempre provista de armas y tropas de toda clase. Para alcanzar, así pues, la victoria sobre nuestros enemigos en el campo de batalla, debemos suplicar sin desánimo al cielo para que el Emperador reforme los abusos al hacer levas y que reclute nuestras legiones siguiendo el método de los antiguos. El mismo cuidado al elegir e instruir a nuestros jóvenes soldados en todos los ejercicios militares y maniobras les hará pronto iguales a las antiguas tropas romanas que subyugaron el mundo entero. Que esta alteración y pérdida de la antigua disciplina no afecte en modo alguno a Vuestra Majestad, pues es una felicidad reservada únicamente a Vos el restaurar las antiguas ordenanzas y establecer otras nuevas para el bienestar público. Todo trabajo, antes de intentado, tiene apariencia de difícil; pero en este caso, si las levas se hacen por oficiales cuidadosos y experimentados, se puede levantar un ejército, disciplinarlo y prepararlo para el servicio en un corto tiempo, pues una vez dispuestos los necesarios gastos, la diligencia pronto surte efecto una vez acometidos aquéllos.

XVIII ELEGIR RECLUTAS QUE SEPAN LEER Y ESCRIBIR, ADEMÁS DE TENER UN CUERPO ROBUSTO.

Varios puestos en la legión precisan hombres de cierta educación, los superintendentes de las levas deben elegir algunos reclutas por su habilidad en escribir y llevar cuentas, además del resto de características necesarias en general como tamaño, fortaleza y adecuada disposición al servicio. Para el completo detalle de la legión, incluyendo las listas de los soldados exentos de servicio por asuntos particulares, la lista de sus turnos de servicios y las listas de pagos, se inscribirán diariamente en los libros legionarios y se guardará cuanto ya hemos dicho, con mayor exactitud que las regulaciones de las provisiones u otros asuntos civiles en los registros de policía. Las guardias de día en tiempo de paz, las guardias avanzadas y escuchas en tiempo de guerra, que se establecerán regularmente por centurias y contubernios, por su turno, se guardarán así mismo puntualmente en rollos con este propósito, con el nombre de cada soldado cuyo turno haya pasado, para que no se le haga injusticia o sea eximido, por favoritismo, de su obligación.

Serán, además, exactos al asentar el tiempo y límites de las licencias, que antiguamente no se solían conceder sino con gran dificultad y sólo por asuntos verdaderos y urgentes. Así no sufrirán los soldados por atender sólo a sus personas ni por ocuparse en negocios privados, pues es absurdo e impertinente pensar que los soldados del Emperador, vestidos y mantenidos a expensas públicas, siguieran cualquier otra profesión. Algunos soldados, sin embargo, eran destinados al servicio de los prefectos, tribunos e incluso los demás oficiales, llamados accensi o supernumerarios, o se incorporaban una vez completada la legión. Las tropas regulares estaban obligadas a llevar su madera, heno, agua y paja al campamento, por tal clase de servicio a sí mismos se les llamaba munifices.

XX LA MITAD DE LOS INGRESOS DEL SOLDADO SE DEBEN DEPOSITAR EN EL SITIO DE LAS BANDERAS.

Las disposiciones de los antiguos que obligaban a los soldados a depositar la mitad de los donativos que recibían bajo las enseñas era sabia y juiciosa; la intención era preservarlos para que no fueran gastados en lujos ni gastos semejantes. La mayoría de los hombres, particularmente los de la clase más pobre, pronto gastan todo cuanto obtienen. Una reserva de esta clase, así pues, resulta evidentemente del mayor servicio a los propios soldados; ya que son mantenidos a expensas públicas, su ahorro, por este método, se incrementará continuamente. El soldado que sabe que su fortuna está depositada bajo sus insignias no tiene pensamientos de desertar, concibe la mayor afición por ellas y lucha con la mayor intrepidez en su defensa. Se mantiene así, también, por su interés, que es lo que más cuidan los hombres. El dinero se depositaba en diez bolsas, una por cada cohorte. Había una undécima bolsa con las pequeñas contribuciones de toda la legión, como un fondo común para subvenir a los gastos de enterramiento de cualquiera de sus camaradas. Estos ahorros se guardaban en cestas bajo la custodia de los Signiferos, escogidos por su integridad y capacidad, para hacerles cargo de los depósitos y que dieran cuenta a cada uno de lo que le tocaba.

XXI DE LAS PROMOCIONES EN LA LEGIÓN Y ENTRE LAS COHORTES.

El Cielo inspiró, ciertamente, a los Romanos, con la organización de la legión, pues parece algo superior en vez de una invención humana. Así son el alineamiento y disposición de las diez cohortes que la componen, que semejan un cuerpo perfecto y componen un todo completo. Un soldado, al ascender, lo hacía por rotación entre los distintos grados de varias cohortes, de tal manera que quien era ascendido pasaba de la primera cohorte de la décima e iba pasando regularmente por todas las demás, incrementando su rango y paga, hasta llegar otra vez a la primera. Así el centurión primipilo, tras haber desempeñado el mando en las distintas filas de cada cohorte, llegaba a la mayor dignidad en la primera con infinitas ventajas sobre toda la legión. El prefecto principal de la Guardia Pretoriana ascendía por el mismo método de rotación hasta tan lucrativo y honorable puesto. Así la caballería legionaria contraía un sentido de afecto hacia la infantería de sus propias cohortes, a pesar de la natural antipatía existente entre ambos cuerpos. Y esta conexión establecía una unión y lazo recíprocos entre todas las cohortes y la caballería e infantería de la legión.

XXII DE LAS TROMPETAS, TROMPAS Y CUERNOS.

La música de la legión consiste en trompetas rectas, cuernos y trompetas curvas²³. El sonido de la tuba marca la carga y la retirada. Los cornu se usaban sólo para regular los movimientos de las insignias; las bucinæ sirven cuando los soldados están ordenados para hacer algo sin las enseñas; pero en el momento de la batalla las tuba y los cornu tocan juntos. El classicum, que es un sonido propio de la tuba o del cornu, es propio del comandante en jefe y se emplea en presencia del general o en la ejecución de un soldado, como señal de que se ejecuta por su autoridad. Las guardias ordinarias y puestos exteriores se montan y relevan con el toque de tuba, que además dirige los movimientos de los soldados en las partidas de trabajo o en días de maniobras. Los cornu tocan siempre que las insignias se izan o plantan. Tales reglas deben ser observadas puntualmente en todos los ejercicios y revistas,

²³ *Tubinices; tocadores de la tuba: Trompeta militar recta. Cornicines; tocadores del cornu: Cuerno. Bucinatores; tocadores de la bucina: Trompeta curva. En lo sucesivo, se emplearán las formas latinas de bucina, cornu y tuba por parecernos lo bastante familiares al oído castellano. (N. del T.)*

para que los soldados estén prontos a obedecerlas en acción sin titubeos, conforme a las órdenes del general de atacar o detenerse, de perseguir al enemigo o de retirarse. Por esta razón estamos convencidos de que lo que será necesario acometer en el calor del combate debe ser constantemente practicado en tiempo de paz.

XXIII DE LOS EJERCICIOS DE LOS SOLDADOS.

Habiendo así explicado la organización de la legión, volvamos a los ejercicios, de donde deriva el nombre ejército. Los soldados jóvenes y los reclutas efectuarán todas sus maniobras cada mañana y tarde y los veteranos y más expertos una vez al día. El tiempo de servicio o la edad, por sí solas, no formarán nunca un militar, pues tras servir muchos años, un soldado indisciplinado es todavía un novato en su profesión. No sólo aquéllos, bajo los maestros de armas, sino todos los soldados en general fueron antiguamente entrenados sin cesar en los ejercicios de esgrima, que ahora sólo se exhibe en paradas en el circo, en ciertas solemnidades. Sólo con la práctica se alcanza la agilidad de cuerpo y la habilidad precisa para enfrentarse a un enemigo con ventaja, especialmente en el combate cuerpo a cuerpo. Pero el punto más esencial de todos es enseñar a los soldados a mantener sus filas y no abandonar nunca sus insignias durante las evoluciones más difíciles. Los hombres así entrenados nunca se perderán entre la confusión de la muchedumbre.

Los reclutas, igualmente, deben ejercitarse con espadas de madera en el palo, para aprender a atacar a este enemigo imaginario en todas partes, apuntando a los costados, pies o cabeza, tanto con la punta como con el filo de la espada. Se les debe enseñar a herir y a saltar, a mirar por encima del escudo y luego volverse a cubrir tras él, así como a avanzar y retirarse. Deben también arrojar sus jabalinas al palo desde una distancia considerable para adquirir buena puntería y fortalecer los brazos.

Los arqueros y honderos ponían blancos de leña o paja y les lanzaban flechas o piedras con el fustibalus a una distancia de hasta seiscientos pies. Así se adiestraban y acostumbraban a hacer en la acción lo que habían perfeccionado en el campo de entrenamiento. Los soldados deben aprender a girar una sóla vez la honda sobre la cabeza antes de lanzar la piedra. Antiguamente todos los soldados se entrenaban lanzando piedras de una libra de peso con la mano, pues era un método más rápido al no requerir de una honda. El uso de las armas arrojadizas normales y de la plumbata era otra parte del entrenamiento a la que se atendía estrictamente.

Para seguir este entrenamiento sin interrupción durante el invierno, erigían, para la caballería, picaderos y soportales cubiertos con tejas o tablillas, o si no podían procurárselas, con cañas, hierbas o paja. Se construían también grandes soportales de la misma guisa para la infantería. De tal manera, las tropas tenían sitios donde entrenar a cubierto del mal tiempo. Pero incluso en invierno, si no llovía o nevaba, se les obligaba a ejecutar sus maniobras en el campo, para que la interrupción de la disciplina no afectara el valor y fortaleza del soldado. En resumen, tanto los legionarios como los auxiliares deben ejercitarse continuamente en cortar madera, llevar fardos, pasar zanjas, nadar en el mar o en los ríos, marchar a paso completo o incluso a correr con sus armas y equipajes de modo que, acostumbrados al trabajo en paz, no encuentren dificultad en la guerra. Pues, así como el soldado bien entrenado está presto a la acción, el que no lo está la teme. En la guerra es más importante la disciplina que la fuerza; pero si se omite la disciplina, no hay diferencia entre el soldado y el paisano.

XXIII EJEMPLOS EXTRAIDOS DE ALGUNAS ARTES, DONDE SE PRUEBA LA NECESIDAD DEL ARTE MILITAR.

Los atletas, los cazadores o los aurigas, por interés o por conseguir el favor del pueblo, se entrenan continuamente para mantener o aumentar su habilidad. Los soldados, que sirven al bien público, se deben entrenar diariamente, con mayor motivo, en todos los asuntos de la guerra. No solo la victoria premia su habilidad, también los botines, objetos y ascensos con que les premia el Emperador. Si un actor ensaya sin descanso para obtener el elogio del pueblo; ¿Qué no debe hacer el soldado, aunque sea veterano, juramentado y obligado a mantener su propia vida y la libertad pública?. Es cierta la vieja máxima de que la esencia de todo arte consiste en su práctica incesante.

XXV ENUMERACIÓN DE MÁQUINAS Y PERTECHOS DE GUERRA DE LAS LEGIONES.

La legión debe su éxito tanto a sus armas y máquinas como al número y valor de sus soldados. En primer lugar, cada centuria tiene una carrobalista montada en un carro tirado por mulas y servida por un contubernio, esto es, por diez hombres de la centuria a la que pertenecen. Cuanto mayor es la máquina, mayor es su alcance y su fuerza. Se emplea no solamente para defender los atrincheramientos de los campamentos, sino que se sitúan en el campo de batalla a retaguardia de la infantería pasada. Y es tal la violencia con que arroja los dardos que ni las corazas de la caballería ni los escudos de la infantería pueden resistir su impacto. El número de carrobalistae, en la legión, es de cincuenta y cinco. Junto a ellas hay diez onagros, uno por cada cohorte; son arrastradas en carros tirados por bueyes. En caso de ataque, defienden los muros del campamento arrojando piedras tal y como las balistas hacen con las fechas.

La legión lleva un cierto número de canoas, cada una ahuecada y con una pequeña pieza de madera, así como cables y cadenas de hierro, para unirlos con rapidez. Estos botes, unidos y cubiertos con tablas, sirven como puentes sobre ríos no vadeables sobre los que puede pasar la infantería y la caballería sin riesgo. La legión lleva ganchos de hierro, llamados lupos, y guadañas de hierro unidas a largas hastas; y con horcas, azadas, palas, zapapicos, carretillas y cestas para cavar y llevar tierra; junto con hachuelas, hachas y sierras para cortar madera. Además de esto, un tren de trabajadores diestros y provistos de todos los instrumentos necesarios para la construcción de tortugas, musculi, arietes, vineas, torres móviles y otras máquinas para el ataque de las plazas. Y como la enumeración de cada una de ellas sería demasiado tediosa, diré sólo que la legión las llevará consigo, donde quiera que vaya, todo lo necesario para el servicio y que los campamentos tengan la fortaleza y lo propio de una ciudad fortificada.

LIBRO III

- I LA DIMENSIÓN ADECUADA DE UN EJÉRCITO.**
- II MEDIOS PARA MANTENER LA SALUD.**
- III CUIDADOS PARA LA PROVISIÓN DE FORRAJE Y PROVISIONES.**
- IIII MÉTODOS PARA PREVENIR MOTINES EN UN EJÉRCITO.**
- V DE LAS SEÑALES MILITARES.**
- VI MARCHAS EN PROXIMIDAD DEL ENEMIGO.**
- VII CRUCES DE RÍOS.**
- VIII REGLAS PARA EL ACAMPAMIENTO DE UN EJÉRCITO.**
- VIIII DE LA ELECCION DEL MODO DE ATAQUE: EN EMBOSCADA O EN CAMPO ABIERTO.**
- X CÓMO MANEJAR TROPAS INDISCIPLINADAS Y NOVATAS.**
- XI DISPOSICIONES PARA EL DIA DE LA BATALLA.**
- XII INVESTIGAR LOS SENTIMIENTOS DE LAS TROPAS.**
- XIII ELECCIÓN DEL CAMPO DE BATALLA.**
- XIIII ORDEN DE BATALLA.**
- XV DISTANCIAS ADECUADAS E INTERVALOS ENTRE LOS SOLDADOS.**
- XVI DISPOSICIÓN DE LA CABALLERÍA.**
- XVII DE LAS RESERVAS.**
- XVIII EL LUGAR DEL GENERAL Y DEL SEGUNDO Y TERCERO AL MANDO.**
- XVIIIII CÓMO RESISTIR LOS ATAQUES ENEMIGOS.**
- XX CÓMO DAR BATALLA Y GANAR CON MENOS SOLDADOS Y MENOS FUERTES.**
- XXI LA HUÍDA DEL ENEMIGO NO DEBE SER IMPEDIDA, SINO FACILITADA.**
- XXII MODOS DE REHUSAR BATALLA, SI NO CONVIENE.**
- XXIII CAMELLOS Y CABALLERÍA PESADA.**
- XXIIII DEFENSA CONTRA CARROS CON GUADAÑAS Y ELEFANTES.**
- XXV RECURSOS EN CASO DE DERROTA.**
- XXVI MÁXIMAS GENERALES DE LA GUERRA.**

PREFACIO

Los atenienses y lacedemonios dominaron en Grecia antes de los macedonios, como nos informa la Historia. Los atenienses sobresalieron no solamente en la guerra sino en las demás artes y ciencias. Los lacedemonios hicieron de la guerra su estudio principal. Afirmaban ser los primeros que razonaron sobre los sucesos de las batallas y pusieron por escrito sus observaciones con tanto éxito que resumieron el arte militar, antes considerado como dependiente en todo del valor o la fortuna, en reglas determinadas y principios fijos. Como resultado, establecieron escuelas de táctica para la instrucción de la juventud en todas las maniobras de la guerra. ¡Cuán dignos de admiración son tales pueblos por aplicarse en el estudio de la guerra, sin el que no podría existir ningún otro!. Los romanos siguieron su ejemplo, tanto practicando cuando dispusieron como preservándolo mediante su escritura. Tales son las máximas e instrucciones dispersas por los trabajos de diferentes autores, que Vuestra Majestad me ha ordenado resumir, pues la lectura cuidadosa de todos ellos sería demasiado tediosa y la autoridad de sólo una parte insatisfactoria. El resultado de la propiedad de las disposiciones lacedemonias para la disciplina militar aparece evidentemente en el único ejemplo de Jántipo, que ayudó a los cartagineses. Su sólo habilidad y superior mando derrotó a Atio Régulo a la cabeza de un ejército romano, hasta aquel momento victorioso. Jántipo le hizo prisionero y así terminó la guerra, con una sola acción. Aníbal, además, antes de acometer su expedición a Italia, tomó el consejo de los lacedemonios en asuntos militares; y por su consejo, aunque inferior a los romanos tanto en número como en fortaleza, derrotó muchos cónsules y a tan poderosas legiones. El que desee la paz, así pues, ha de prepararse para la guerra. Quien aspire a la victoria, no reparará esfuerzos en entrenar a sus soldados. Y quien espere el éxito luchará según reglas, no según la fortuna. Nadie osa ofender o insultar a una potencia de reconocida superioridad en el combate.

I LA DIMENSIÓN ADECUADA DE UN EJÉRCITO.

El primer libro trata de la selección y entrenamiento de nuevas levass; el segundo explica la organización de la legión y el sistema de disciplina; y el tercero contiene las disposiciones para el combate. Con esta progresión metódica, las siguientes instrucciones sobre las acciones generales y la consecución de las victorias serán de mayor utilidad y mejor comprensión. Se llama ejército a una cantidad de tropas, legiones y auxiliares, caballería e infantería, destinados a hacer la guerra. Este número es limitado, según los jueces de la profesión. Las derrotas de Jerjes, Darío, Mitridates y otros monarcas que condujeron innumerables multitudes sobre el campo de batalla, muestran claramente que la destrucción de tan prodigiosos ejércitos se debió más a su propio número que al valor de sus enemigos. Un ejército demasiado numeroso está sujeto a muchos peligros y desventajas. Su volumen le hace lento al ejecutar sus maniobras; y está obligado a marchar en columnas de gran longitud, expuesto al riesgo de ser continuamente acosado y ofendido aun por escasos enemigos. La multitud de bagajes es a menudo motivo de ser sorprendido a su paso por lugares difíciles o incluso ríos. La dificultad de proveer de forraje para tantas caballerías y otras bestias de carga es muy grande. Además, la carestía de provisiones, contra la que hay que precaverse en todas las expediciones, de hecho arruina a tan grandes ejércitos, donde el consumo es tan alto, pues no obstante el cuidado puesto en proveer los almacenes, pronto comienzan a faltar. Y a veces no pueden evitar ser deshechos por la falta de agua. Pero, si desafortunadamente tales ejércitos son derrotados, el número de pérdidas es necesariamente muy grande y los que restan, salvándose mediante la lucha,

quedan demasiado desaminados para ir nuevamente al combate.

Los antiguos, enseñados por la experiencia, prefirieron la disciplina al número. En guerras de importancia menor consideraron que una legión con sus auxiliares, esto es, diez mil infantes y dos mil de caballería, eran suficientes. Y a menudo concedieron el mando a un pretor antes que a un general de segundo orden. Cuando los preparativos del enemigo eran formidables, enviaban a un general de dignidad consular con veinte mil infantes y cuatro mil de caballería. En nuestros días se da el mando a un conde de primer orden. Pero cuando se produce cualquier revuelta peligrosa apoyada por infinitas multitudes de fieras y bárbaras naciones, en tales emergencias salían en campaña con dos ejércitos bajo dos cónsules responsables, tanto individual como colectivamente, de preservar a la República del peligro. De esta manera, con tales disposiciones, los romanos, casi continuamente envueltos en guerras con diferentes naciones de distintas partes del mundo, se vieron capaces de oponérseles en cada ocasión. La excelencia de su disciplina bastó para que sus pequeños ejércitos enfrentaran a todos sus enemigos con éxito. Pero fue una regla invariable de sus ejércitos que el número de los aliados o auxiliares nunca excediera al de los ciudadanos romanos.

II MEDIOS PARA MANTENER LA SALUD.

El siguiente punto es de la mayor importancia: los medios para mantener la salud de las tropas. Esta depende de la elección del asentamiento y agua, de la estación del año, de los médicos y del ejercicio. En cuanto a la situación, el ejército no debe nunca permanecer por mucho tiempo en la vecindad de pantanos insalubres, o en planicies secas y prominencias sin alguna clase de sombra o techo. En verano, las tropas no deben acampar nunca sin tiendas. Y sus marchas, en esta época del año cuando el calor es excesivo, deben comenzar al romper el día para que lleguen al punto de destino con tiempo agradable. De otro modo, caerán enfermos por el calor y la fatiga de la marcha. En inviernos severos, no marcharán nunca por la noche, con hielo y nieve, ni se expondrán sin madera o abrigo. Un soldado aterido por el frío nunca estará saludable ni será adecuado para el servicio. El agua debe ser salubre y no estancada. El agua insalubre es una especie de veneno y la causa de enfermedades epidémicas.

Es obligación de los oficiales de la legión, de los tribunos y aún del propio comandante en jefe, procurar que a los soldados enfermos se les suministre una dieta adecuada y sean atendidos con diligencia por los médicos. Pues poco se puede esperar de hombres que han de combatir tanto con la enfermedad como con el enemigo. Sin embargo, los más expertos en la materia han sido siempre de la opinión de que la práctica diaria de los ejercicios militares es mucho más eficaz para la salud de un ejército que todo el arte de la medicina. Por este motivo, ejercitaban a su infantería sin cesar. Si llovía o nevaba, lo hacían a cubierto y, si el tiempo era bueno, en el campo. Solían también ejercitar a su caballería, no sólo en las llanuras, sino también en terreros quebrados y horadados por zanjas. Los caballos, igual que los hombres, estaban así entrenados del modo antes indicado y preparados para el combate. De aquí podemos percibir la importancia y necesidad de una estricta observancia de los ejercicios militares en un ejército, pues la salud en el campamento y la victoria en la batalla dependen de ellos. Si un ejército numeroso permanece largo tiempo en un lugar, en verano u otoño, las aguas se corrompen y el aire se infecta. Enfermedades malignas y fatales proceden de esto y se pueden evitar sólo mediante cambios frecuentes de asentamiento.

III CUIDADOS PARA LA PROVISIÓN DE FORRAJE Y PROVISIONES.

El hambre provoca más destrozos en un ejército que el enemigo y es más terrible que la espada. El tiempo y las ocasiones pueden ayudar a reparar otras desgracias, pero cuando no se proporcionan víveres y forrajes cuidadosamente, el hambre no tiene remedio. El mayor y principal punto en la guerra es asegurarse provisiones de sobra y destruir al enemigo por hambre. Un cálculo exacto, así pues, debe ser efectuado al comienzo de la guerra teniendo en cuenta el número de tropas y el gasto a realizar; para que las provincias puedan reunir y transportar en tiempo el forraje, grano y las demás clases de provisiones que se les requieran. Deben ser más que suficientes en cantidad y almacenadas en las ciudades más fuertes y convenientes antes de dar comienzo a la campaña. Si las provincias no pueden suministrar sus cuotas, se les permutará por dinero para comprar todas las cosas necesarias para el servicio. Pues las posesiones de los súbditos no se pueden asegurar más que con la defensa de las armas.

Tales precauciones a menudo resultan doblemente necesarias pues los sitios a menudo duran más de lo previsto y los sitiadores terminan por sufrir ellos mismos los inconvenientes de querer levantar pronto el asedio, si tienen esperanzas de rendir la plaza por hambre. Se deben dictar bandos para que los campesinos recojan su ganado, grano, vino y otras provisiones en guarniciones fortificadas o ciudades seguras, para que no sean de utilidad al enemigo. Y si no cumplen con tal orden, se destinarán oficiales para obligarles a hacerlo. Los habitantes de una provincia deben, así mismo, ser obligados a retirarse, con sus efectos, en algún lugar fortificado antes de la irrupción del enemigo. Las fortificaciones y todas las máquinas de diversa clase deben ser inspeccionadas y reparadas a tiempo. Pues una vez que resultas sorprendido por el enemigo antes de estar con la adecuada disposición defensiva, se te arroja en una confusión irrecuperable y no puedes esperar ningún apoyo de sitios vecinos, pues las comunicaciones habrán quedado cortadas. Sin embargo, una administración fiel de los almacenes y una distribución frugal de las provisiones, habiendo tomado al principio las adecuadas precauciones, asegurarán un abastecimiento suficiente. Una vez que empiezan a fallar los víveres, la parsimonia es inoportuna y llega demasiado tarde.

En las expediciones dificultosas, los antiguos distribuían las provisiones de un modo fijo a cada hombre, sin distinción de grado; y cuando la emergencia había pasado, la República proveía las proporciones completas según el grado de cada cual. A las tropas no les ha de faltar madera y forraje en invierno o agua en verano. Deben siempre tener grano, vino, vinagre y sal. Las ciudades y fortalezas guardadas por tales hombres han de ser provistas también para la batalla. Se les suministrará con toda clase de armas, flechas, fustibales, hondas, piedras, onagros y ballestas para su defensa. Se pondrá gran cuidado para que la sencillez de los habitantes no sea motivo de que el enemigo les engañe o hiera, pues las conferencias fingidas o las apariencias engañosas han sido con frecuencia más fatales que la fuerza. Observando las precauciones anteriores, el sitiado puede tener en su mano rendir al enemigo por hambre, si mantiene sus tropas juntas o si las divide, con salidas frecuentes y por sorpresa.

IIII MÉTODOS PARA PREVENIR MOTINES EN UN EJÉRCITO.

A veces, un ejército, disperso por diversos lugares, se amotina. Y las tropas, aunque no estén inclinadas a la lucha, fingen estar enfadadas porque no se conduzca contra el enemigo. Pero la disposición a la sedición se muestra mayormente en aquellos que viven acuartelados, ociosos y afeminados. Tales hombres, desacostumbrados a la necesaria fatiga de la campaña, se disgustan con

su severidad. Su ignorancia de la disciplina les hace temer la acción y les hace ser insolentes.

Hay varios remedios para este mal. Mientras las tropas estén aún separadas y cada cuerpo siga en sus respectivos cuarteles, mandaréis a los tribunos, sus lugartenientes y a los oficiales, en general, ocuparse de mantener una disciplina tan estricta que no se les de ocasión a albergar pensamientos que no sean los de sumisión y obediencia. Se les hará trabajar constantemente tanto en maniobras como inspeccionando sus armas. No se les permitirá ausentarse con permisos. Se pasará revista y se les impondrá en la observancia exacta de cada orden. Se les entrenará en el uso del arco, lanzando armas arrojadizas y piedras, tanto a mano como con la honda, así como con la espada en el palo; se les hará repetir todo esto continuamente y se les mantendrá bajo las armas hasta que estén cansados. Se les ejercitará en la carrera y el salto para facilitar el paso de zanjas. Y si sus cuarteles están cerca del mar o de ríos, se les hará a todos, sin excepción, practicar la natación. Se les acostumbrará a marchar por espesuras y terrenos estrechos y quebrados, a talar árboles y hacer tablones, a deshacer tierra y defender un puesto contra sus camaradas, a quienes se habrá dispuesto para desalojarles; y en el enfrentamiento, cada parte debe emplear sus escudos para desalojar y derribar a su antagonista. Todas las distintas tropas, así entrenadas y ejercitadas en sus cuarteles, se hallarán inspiradas por emulación para la gloria y prestos para la acción cuando vayan a la batalla. Un soldado que tenga confianza en su propia habilidad y fortaleza no guarda pensamientos de sedición.

Un general debe estar atento para descubrir a los soldados turbulentos y sediciosos en el ejército, legiones o auxiliares, caballería o infantería. Debe procurar obtener esa inteligencia no de informadores, sino de los tribunos, sus lugartenientes y los demás oficiales de indudable veracidad. Debe entonces ser prudente para separarles de los demás [*a los sediciosos. N. del T.*] fingiendo que les encarga servicios que les agraden o enviándoles de guarnición a ciudades o castillos, pero con tal discreción que piensen que los honra o que se crean tratados con preferencia y favor. Una multitud no entra nunca enseguida abiertamente en sedición sin unanimidad. Se les prepara y excita por unos pocos sediciosos, que esperan asegurarse la impunidad de sus crímenes por el número de sus cómplices. Pero si la gravedad del motín precisara remedios violentos, será más aconsejable, al modo de los antiguos, castigar a los cabecillas para que, con el sufrimiento de unos pocos, todos queden asustados con el ejemplo. Pero es más merecedor de crédito un general que induce a sus tropas a la sumisión y a la obediencia que el que se ve obligado a forzarlos a cumplir con su deber mediante el terror o el castigo.

V DE LAS SEÑALES MILITARES²⁴.

Muchas son sin duda las cosas que han de decirse y observarse por los que luchan, supuesto que no hay ninguna condescendencia a la negligencia, cuando por la salvación se lucha. Pero entre las restantes nada más hace avanzar hacia la victoria que someterse a los avisos de las señales. Pues como con la voz sola entre el tumulto de los combates no puede mandarse a la multitud, y como por necesidad muchas cosas han de mandarse y hacerse al tiempo, el uso antiguo de todos los pueblos inventó de qué manera lo que solo el jefe considerara útil por medio de señales lo percibiera y lo siguiera el ejército todo. Y así consta que existen tres clases de señales: vocales, semivocales y mudas. De ellas las vocales y

²⁴ Este capítulo no aparece en la traducción inglesa de John Clarke, existiendo en el original latino; sobre éste se ha efectuado la traducción al castellano por Alfonso Rodríguez Belmonte (N. del T.)

semivocales se perciben por los oídos, pero las mudas se emiten para los ojos. Vocales se llaman las que se pronuncian por la voz humana, como en las guardias y en el combate se dice por ejemplo “victoria”, “palma”, “valor”, “Dios con nosotros” “el triunfo del Emperador” y cualesquiera otras que quisiera dar el que en el ejército tiene la máxima potestad. Sin embargo, se debe saber que esos vocablos deben variarse diariamente, para que los enemigos no conozcan la señal con el uso ni sus exploradores se muevan entre los nuestros impunemente. Semivocales son las que se dan con la tuba, el cuerno o la bocina; tuba se llama la que es recta; bocina la que se dobla sobre sí en un círculo de aire; cuerno el que de uros salvajes, engastado en plata, templado con el arte y el aliento del que toca, emite un sonido conocido. En efecto, siendo indudables los sonidos de estos, el ejército sabe si conviene resistir o avanzar o bien retroceder (o si perseguir lejos a los que huyen o tocar a retirada). Las señales mudas son las águilas, los dragones, los estandartes, los banderines, los penachos, las plumas; en efecto, a donde quiera que el jefe mande que sean llevadas estas, allí es necesario que acompañando a su señal continúen los soldados. Hay también otras señales mudas que el jefe del combate manda que se guarden en los caballos o en las ropas y en las armas mismas, para que se distinga el enemigo; además hace alguna señal con la mano, o con un látigo, según la costumbre bárbara, o con un movimiento del vestido el que lo usa. Todas estas acostumbran a seguirlas y a entenderlas la totalidad de los soldados en los campamentos, en las marchas en cualquier ejercicio castrense. En la paz parece, pues, necesario el uso continuo de este asunto, para que sea observado en la confusión del combate. Así mismo, mudo y común signo es siempre que surge polvo que se levanta a semejanza de las nubes por una tropa que avanza, y muestra la llegada de los enemigos. De modo semejante, si las tropas están divididas, hacen señales que de otro modo no pueden comunicarse a sus aliados, con fuegos durante la noche, por el día con humo. No pocos cuelgan vigas en las torres de los castillos o de las ciudades, con las que, unas veces levantadas, otras depuestas, indican lo que pretenden.

VI MARCHAS EN PROXIMIDAD DEL ENEMIGO.

Está asegurado por aquellos que se han dedicado al estudio de su profesión que un ejército está expuesto a más peligro durante las marchas que durante las batallas. En un combate, los hombres están adecuadamente armados, ven a sus enemigos con anterioridad y se preparan para la lucha. Pero en una marcha el soldado está menos alerta, no tiene siempre dispuestas sus armas y se le lleva al desorden por un ataque sorpresa o una emboscada. Un general, así pues, debe ser muy cuidadoso y diligente al tomar las precauciones necesarias para prevenir una sorpresa sobre la marcha y en rechazar al enemigo, si tal sucede, sin pérdidas.

En primer lugar, debe tener una descripción exacta del país, o sea, el mapa de campaña, en el que las distancias de las plazas, especificadas por el número de pasos, la naturaleza de los caminos, las rutas más cortas por caminos, montañas y ríos, deben reflejarse correctamente. Se nos ha dicho que los más grandes generales han llevado sus prevenciones sobre este extremo tan lejos que, no satisfechos con la simple descripción del país donde están empeñados, ordenaron no sólo delinear, sino pintar planos para llevarlos en campaña y regular sus marchas con sus ojos con mayor seguridad. Un general debe también informarse por sí mismo de aquellos particulares sobre personas honradas y de buena reputación y conocimiento del país, examinando por separado sus descripciones y luego comparándolas para conocer la realidad con certeza.

Si surge cualquier dificultad sobre la elección de los caminos, debe procurar tener guías adecuados y hábiles. Debe ponerles bajo custodia y esperar que o las promesas o las amenazas les hagan mantener su fidelidad. Ellos mismos accederán de grado cuando se den cuenta de que les resulta imposible escapar y que serán recompensados por su fidelidad o castigados por su perfidia. Debe estar seguro de su capacidad y experiencia, y no se debe poner en peligro a todo el ejército por los errores de dos o tres personas. A veces, las gentes del común piensan que saben lo que realmente no saben, y, por su ignorancia, prometen más de lo que son capaces.

Pero de todas las precauciones la más importante es guardar completo secreto sobre cuál ruta o por cuál camino va a marchar el ejército. Pues la seguridad de una expedición depende de la ocultación de todos los movimientos al enemigo. Existía antiguamente entre las enseñas legionarias la del Minotauro, significando que este monstruo, según la fábula, estaba oculto en el mayor secreto en los huecos y alas del laberinto, justo como los deseos de un general debieran ser impenetrables. Cuando el enemigo no está al tanto de una marcha, ésta se hace con seguridad; pero como a veces los exploradores sospechan o descubren el levantamiento del campamento, o los desertores o traidores proporcionan informes de ello, será adecuado mencionar el modo de actuar en caso de un ataque sobre la columna en marcha.

El general, antes de poner sus tropas en movimiento, debe enviar destacamentos de soldados experimentados y de confianza en buenas monturas, para reconocer los lugares por los que se va a marchar, al frente, a la retaguardia y a la izquierda y la derecha, para no caer en emboscadas. La noche es más segura y ventajosa que el día para que nuestros exploradores hagan su trabajo, pues si se les toma prisioneros nosotros, si así fuere, nos traicionaríamos. Tras esto, la caballería debe salir primero y después la infantería; el equipaje, arqueros, sirvientes y carruajes siguen, en el centro, y parte de la mejor caballería e infantería irán a la retaguardia pues ésta parte es más a menudo atacada, durante las marchas, que la vanguardia. Los flancos de los equipajes, expuestos a frecuentes emboscadas, deben ser también cubiertos con guardia bastante que los asegure. Pero, sobre todo, la parte donde más se espere el ataque enemigo debe reforzarse con alguna de la mejor caballería, infantería ligera y arqueros de a pie.

Si se es rodeado por todas partes por el enemigo, deben tomarse disposiciones para afrontarles por donde quiera que ataquen, y los soldados se deben precaver de antemano para tener listas sus armas y estar prestos a prevenir los efectos indeseables de un ataque por sorpresa. Los hombres se atemorizan y caen en el desorden por accidentes repentinos y sorpresas, que no tienen consecuencias cuando se preveen. Los antiguos cuidaban mucho que los siervos y seguidores del ejército, si eran heridos o se atemorizaban con el ruido de la batalla, no pudieran inducir el desorden entre las tropas mientras combatían, y también para evitar que se extravíen o que en la multitud se alejen los unos de los otros y entorpezcan a sus propios hombres y den ventaja al enemigo. Alistaban los bagajes, así pues, del mismo modo que a las tropas, bajo sus propias enseñas. Elegían de entre los sirvientes y a los que llamaban galearios, pues llevaban las corazas de los soldados, a los más adecuados y experimentados y les daban el mando de cierto número de siervos y muchachos, sin exceder los doscientos, y sus enseñas les mostraban dónde dirigirse y congregarse. Se deben mantener los intervalos adecuados entre las tropas y los equipajes, para que los últimos no estorben cuando se refugian en caso de un ataque durante la marcha.

El modo y disposición de la defensa puede cambiar de acuerdo con la naturaleza

del terreno. En campo abierto estaréis más expuestos a ataques de caballería que de infantería. Pero en terrenos montañosos, boscosos o pantanosos, el peligro se debe esperar de la infantería. Algunas unidades, por descuido, se pueden mover demasiado rápidas y otras demasiado lentas; se debe tener mucho cuidado en que el ejército no sea roto ni de que se extienda con demasiada longitud, para que el enemigo no tome instantáneamente ventaja del descuido y penetre sin dificultad.

Los tribunos, sus lugartenientes o los maestros de armas de mayor experiencia, así pues, deben ser situados a distancias adecuadas para detener a aquellos que avancen demasiado rápidos y apremiar a quienes se marchan muy lentos. Los hombres a gran distancia del frente, al aparecer el enemigo, están más dispuestos a huir, no prestar ayuda, caer masacrados por el enemigo y a su propio sacrificio. El enemigo, se puede concluir, buscará tanto tender emboscadas o atacar abiertamente, de acuerdo con la naturaleza del terreno. El miramiento al examinar cada lugar será una seguridad contra peligros ocultos; y una emboscada, si se descubre y se rodea prestamente, se volverá en contra de quien la intenta.

Si el enemigo planea caer en masa sobre vosotros en un país montañoso, se deben enviar destacamentos en vanguardia para ocupar las prominencias, para que por su llegada no osen atacaros en terreno tan desventajoso, con vuestras tropas situadas a mayor altura y presentando un frente listo a recibirles. Es mejor enviar hombres por delante con hachuelas y otras herramientas para abrir caminos que sean estrechos pero seguros, sin obviar el trabajo, en vez de correr más riesgos por caminos mejores. Es necesario estar bien familiarizado sobre si el enemigo suele hacer sus ataques por la noche, al romper el día o en las horas de comida o descanso; y con este conocimiento de sus costumbres nos guardaremos de sus costumbres. Debemos también informarnos de si son fuertes en caballería o infantería; si su caballería está principalmente armada con lanzas o con arcos; o si su principal fortaleza consiste en su número o en la bondad de sus armas. Todo esto nos permitirá tomar las medidas más adecuadas para afligirles y para nuestra ventaja. Cuando tenemos un objetivo en proyecto, debemos considerar si es más aconsejable emprender la marcha por el día o por la noche; debemos calcular la distancia de los lugares a los que queremos llegar y tomar las disposiciones para que en verano las tropas no sufran de sed en sus marchas, ni sean estorbados en invierno por torrentes o cenagales que exponen al ejército a gran peligro antes de que puedan llegar al lugar de destino. Y nos importa mucho guardarnos contra tales inconvenientes con prudencia, pues es inexcusable no aprovecharnos de la ignorancia o descuido del enemigo para derrotarle. Debemos enviar espías constantemente, no tener miedo de atacar a sus hombres y dar facilitar sus desertores. Por tales medios procuraréis tener conocimiento de sus planes presentes o futuros. Y tendremos siempre dispuestos algunos destacamentos de caballería e infantería ligera, para caer sobre ellos cuando menos lo esperen, tanto durante la marcha como cuando estén forrajeando o merodeando.

VII CRUCES DE RÍOS.

El paso de ríos es muy peligroso si se hace sin gran cuidado. Al cruzar corrientes rápidas o anchas, los equipajes, sirvientes y a veces hasta los soldados más incautos están en riesgo de perderse. Habiendo primero sondeado el vado, se deben montar dos líneas de la mejor caballería, alineadas a una distancia adecuada hasta abarcar toda la anchura del río, para que la infantería y los equipajes pasen entre ellos. La línea superior del vado rompe la fuerza de la corriente y la línea inferior recupera y transporta a los hombres arrastrados por la corriente. Cuando el río es demasiado profundo para ser vadeado tanto por la caballería como por la

infantería, y corre por un lugar llano, se le puede desaguar con gran número de acequias, y pasarlo así con facilidad.

Los ríos navegables se pasan colocando pilones fijados al fondo y situando sobre ellos tablones; o si ocurre algún imprevisto, se juntan rápidamente cubas vacías y se las cubre con tablones. La caballería, quitándose su impedimenta, hace pequeños flotadores con ramas secas sobre las que pueden colocar sus armas y corazas para preservarlas de la humedad. Ellos mismos llevan a nado sus caballos para cruzar el río y arrastran los flotadores tras ellos con una correa de cuero.

Pero el invento más comodo es el de los pequeños botes hechos de una sola pieza y muy ligeras tanto por su construcción como por la calidad de la madera. El ejército siempre tiene cierto número de tales botes sobre carros, junto con una cantidad bastante de planchas y clavos de hierro. Así, con la ayuda de cables para atar los botes entre sí, se construye instantáneamente un puente, que temporalmente tiene la solidez de uno de piedra.

Como el enemigo generalmente se esfuerza en caer sobre un ejército cuando está pasando un río, por sorpresa o en emboscada, es necesario asegurar ambos flancos colocando destacamentos para que las tropas no sean atacadas y derrotadas mientras están separadas por la corriente del río. Pero es aún más seguro poner empalizadas en ambos extremos, pues os permitirán sostener cualquier ataque sin muchas pérdidas. Si se quiere mantener el puente, no sólo para este transporte sino para la vuelta y para las expediciones de avituallamiento, será conveniente excavar fosos para cubrir cada cabeza del puente, y guarnecerlas con un número suficiente de hombres que las defiendan tanto tiempo como lo requieran las circunstancias.

VIII REGLAS PARA EL ACAMPAMIENTO DE UN EJÉRCITO.

El ejército en marcha no puede siempre esperar hallar ciudades amuralladas en las que acuartelarse y es muy imprudente y peligroso acampar de cualquier manera, sin ningún atrincheramiento. Es fácil sorprender a las tropas cuando hacen la aguada o están diseminadas en sus diversas ocupaciones. La oscuridad de la noche, la necesidad de sueño y la dispersión de los caballos por los pastos ofrecen oportunidades para la sorpresa. Una buena situación del campamento no es suficiente; debemos escoger la mejor que podamos hallar, no sea que habiéndolo ocupado el enemigo, seamos grandemente perjudicados.

Un ejército no debe acampar, en verano, cerca de aguas malas o lejos de las buenas ni, en invierno, sin estar totalmente aprovisionados de forraje y madera. El campamento no debe estar expuesto a inundaciones repentinas. Las calles no deben ser muy empinadas ni estrechas para que, si se es invadido, las puedan encontrar sin dificultad las tropas al retirarse; ni debe estar el campamento dominado por alturas desde las cuales les puedan ofender las armas enemigas. Tras estas precauciones, el campamento tendrá forma rectangular, circular, triangular u oblonga, de acuerdo con la naturaleza del terreno. Pues su bondad no depende de la forma. Aquellos que se consideran mejores, sin embargo, son aquellos un tercio más de largo que de ancho. Las dimensiones han de medirse exactamente por los ingenieros para que el tamaño del campamento sea proporcional al número de tropas. Un campamento demasiado estrecho no permitirá que las tropas ejecuten sus movimientos con libertad y uno demasiado

extenso les separará demasiado. Hay tres métodos para fortificar un campamento. El primero es para cuando el ejército está marchando y permanecerá en el campamento sólo una noche. Harán un parapeto de turba y colocarán sobre ésta una fila de empalizadas o estacas de madera. Los terrones se cortarán con instrumentos de hierro. Si la tierra está apelmazada en torno a las raíces, se cortarán con forma de ladrillos de un pie y medio de alto, uno de ancho y uno y medio de largo. Si la tierra está demasiado suelta para que se hagan ladrillos, harán una pequeña trinchera alrededor del campo, de cinco pies de ancho y tres de profundidad. La tierra sacada de la trinchera formará un parapeto en la parte interior y asegurará al ejército del peligro. Este es el segundo método.

Pero los campamentos permanentes, tanto en verano como en invierno, en proximidad del enemigo, son fortificados con mayor cuidado y regularidad. Una vez que se señala el terreno por los oficiales competentes, se asigna a cada centuria una porción para atrincherar. Alinean entonces sus escudos y equipajes en un círculo en torno a sus propias insignias y, sin otras armas que sus espadas, abren una trinchera de nueve, once o trece pies de ancho. O, si están bajo gran acecho del enemigo, la ensanchan hasta diecisiete o diecinueve pies (es una regla general usar números impares). En el interior construyen un terraplén con haces o manojos de árboles bien asegurados con estacas, para que la tierra se aguante mejor. Sobre este terraplén elevan un parapeto almenado como en las fortificaciones de una ciudad. Los centuriones miden el trabajo con varas de diez pies de largo y comprueban que cada uno haya terminado la porción que se le asignó. Así mismo, los tribunos supervisarán el trabajo y no abandonarán el lugar hasta que no se haya terminado en su totalidad. Y para que los trabajadores no sean interrumpidos repentinamente por el enemigo, toda la caballería y parte de la infantería exentas, por el privilegio de su rango de tales trabajos, permanecerán en orden de batalla ante el atrincheramiento, listos para rechazar cualquier ataque.

Lo primero que hay que hacer tras atrincherar el campamento es plantar las insignias, llevadas por los soldados con la mayor veneración y respeto a sus lugares adecuados. Tras ello, el pretorio se prepara para el general y sus lugartenientes, y las tiendas dispuestas para los tribunos, quienes tienen soldados particularmente destinados a tal servicio y para buscar su agua, madera y forraje. Entonces las legiones y auxiliares, caballería e infantería, se distribuyen por el terreno para plantar sus tiendas de acuerdo con la clase de los distintos cuerpos. Cuatro infantes de cada centuria y cuatro soldados de cada tropa se designan para montar guardia cada noche. Como parece imposible que un centinela permanezca toda la noche en su puesto, las guardias se dividen en cuatro partes con un reloj de agua²⁵, para que cada soldado permanezca sólo tres horas. Todas las guardias se montaban con el sonido de una tuba y cambiadas con el del cornu. Los tribunos designarán hombres adecuados y de confianza para visitar los distintos puestos de guardia e informarles de cuanto no encuentren adecuado. Este es ahora un oficio militar y a las personas destinadas para ello se les llama circitores.

La caballería hace rondas por la noche y vigila los puestos exteriores por el día. Son relevados cada mañana y cada tarde por la fatiga de hombres y caballos. Es incumbencia, particularmente, del general mirar por la protección de los pastos y de las caravanas con grano y otras provisiones, tanto en campo abierto como en guarnición, y asegurar la madera, agua y forrajes contra las incursiones del enemigo. Esto sólo se puede hacer situando destacamentos ventajosamente en las cimas o torreones por donde la caravana avanza. Y si no se encuentran antiguas fortificaciones, se deben construir, en sitios a propósito, castillos, diminutivo del

²⁵ *Reloj de agua: clepsydra, en el original. (N. del T.)*

nombre castra, rodeados con anchos fosos, para alojar destacamentos de caballería e infantería y que las caravanas tengan la adecuada protección. Pues un enemigo difícilmente se aventura en un territorio donde sabe que las tropas enemigas están dispuestas para enfrentarse a él donde quiera que sea.

VIII DE LA ELECCION DEL MODO DE ATAQUE: EN EMBOSCADA O EN CAMPO ABIERTO.

Los que se dignen leer este breviario esperarán, quizás impacientes, instrucciones respecto a los enfrentamientos. Mas debieran considerar que una batalla se decide normalmente en dos o tres horas tras las que no suelen quedar esperanzas para el ejército derrotado. Cada plan, así pues, debe ser considerado, cada situación probada y cada método adoptado antes de llevar las cosas hasta su último extremo. Los buenos oficiales declinan los enfrentamientos generales, donde el peligro es general, y prefieren el empleo de las estratagemas y la inteligencia para destruir al enemigo tanto como puedan e intimidarle sin exponer las fuerzas propias.

Daré algunas instrucciones necesarias sobre este asunto, tomadas de los antiguos. Es deber e interés del general reunir frecuentemente a los oficiales más prudentes y experimentados, de los distintos cuerpos del ejército, y consultarles sobre el estado de sus propias fuerzas y de las del enemigo. Toda adulación, de la más funesta de las consecuencias, debe prohibirse en las deliberaciones. Ha de examinar quién tiene la superioridad numérica; qué tropas están mejor armadas, las propias o las enemigas, cuáles son más disciplinadas y más resolutivas ante una emergencia. Se debe averiguar el estado de la caballería de ambos ejércitos, pero muy especialmente el de la infantería, pues la mayor fortaleza de un ejército reside en ésta última. Con respecto a la caballería, debe insistir en cuál tiene el mayor número de arqueros o lanceros, cuál tiene más coraceros y mejores caballos. Por último, ha de considerar el campo de batalla y si el terreno le favorece a él o a su enemigo. Si es superior en caballería, preferirá terrenos llanos y abiertos; si es superior en infantería, elegirá lugares con estrechamientos, trincheras, cenagales o bosques e, incluso, a veces montañosos. La abundancia o escasez en ambos ejércitos se considerará de no poca importancia pues el hambre, según los antiguos proverbios, es un enemigo interior que provoca más bajas que la espada. Pero el asunto más principal es determinar si es más adecuado presentar batalla enseguida o retardarla. El enemigo a veces confía que una expedición se haga enseguida y, si la espera se dilata por algún tiempo, sus tropas se consumirán por la ansiedad, querrán volver a su hogar para ver a sus familias o, no habiendo hecho nada reseñable en el campo de batalla, se dispersarán por no haber tenido éxito. Tales números, cansados por la fatiga y disgustados por el servicio, desertan; otros les traicionan y muchos se rinden. Raramente se encuentra fidelidad en las tropas descorazonadas por el infortunio. Y en tal caso, un ejército que era numeroso sobre el campo de batalla, se diluye en nada poco a poco.

Es esencial conocer el carácter del enemigo y de sus principales jefes; si son impetuosos o prudentes, emprendedores o tímidos, si luchan por principios o como mercenarios y si las naciones a las que se han enfrentado antes eran valerosas o cobardes.

Hemos de conocer cuánto podemos confiar en la fidelidad y fortaleza de nuestros auxiliares, la confiabilidad de nuestras tropas y las del enemigo y cuáles están más seguras de la victoria, lo que es del mayor valor para estimar el valor de un ejército. Un arenga del general, especialmente si él mismo no parece atemorizado, puede animar a sus soldados si están decaídos. Sus espíritus reviven si se obtiene

cualquier ventaja considerable, tanto por una estratagema como por otro método, si empieza a cambiar la fortuna del enemigo o si logramos golpear algunos de sus destacamentos más débiles o pobremente armados.

Pero bajo ningún concepto se debe guiar un ejército irresoluto o de poco fiar a la batalla. La diferencia es grande, tanto si las tropas son novatas o veteranas, o si están habituadas a la guerra por servicios recientes como si llevan varios años sin ser empleadas. Pues a los soldados que llevan largo tiempo desacostumbrados a la guerra se les deberá mirar del mismo modo que a los reclutas. Tan pronto como las legiones, auxiliares y caballería estén asentados en sus distintos acuartelamientos, es obligación de un buen general que cada parte del ejército sea entrenado en sus propios ejercicios por tribunos, designados para esto, de reconocida capacidad. Tras esto, deberá formarles en un cuerpo y entrenarles en todas las maniobras que se dan en el frente durante una batalla campal. Debe entrenarles él mismo frecuentemente para comprobar su habilidad y fortaleza y para ver si ejecutan las maniobras con la regularidad precisa y si están suficientemente atentos al sonido de las tubas, el movimiento de las insignias y a sus propias órdenes y señales. Si hay deficiencias en cualquiera de tales particulares, se les debe instruir y ejercitar hasta que lo hagan a la perfección.

Pero aunque estén totalmente disciplinados y hayan completado sus ejercicios de campaña, los del uso del arco y la jabalina, y las evoluciones en línea, no es aconsejable llevarles inmediatamente a la batalla. Se debe esperar una oportunidad favorable y se les ha de preparar con escaramuzas frecuentes y encuentros ligeros. Así, un general prudente y avezado pesará cuidadosamente con su Consejo el estado de sus propias fuerzas y las del enemigo, como un magistrado civil juzga entre dos partes litigantes. Si se considera superior en muchos aspectos a su enemigo, no debe, de ninguna manera, diferir el enfrentamiento; pero si se sabe inferior, debe evitar batallas campales y procurar la victoria mediante sorpresas, emboscadas y engaños. Éstas, cuando son manejadas con habilidad por los buenos generales, a menudo reportan la victoria sobre enemigos superiores en número y fortaleza.

X CÓMO MANEJAR TROPAS INDISCIPLINADAS Y NOVATAS.

Todas las artes y obras han sido siempre llevadas a la perfección por la práctica continua. ¡Cuánto consideraremos esta máxima, cierta en asuntos menores, para ser observada en asuntos de importancia!. Y cuán superior a todas las demás es el arte de la guerra, por el que son preservadas nuestras libertades, perpetuadas nuestras dignidades y existen las provincias del mismo Imperio. Los lacedemonios, y tras ellos los romanos, eran tan conscientes de esta verdad que a esta ciencia superditaron las demás. Y hasta las naciones bárbaras, en nuestros días, piensan que sólo este arte merece atención, pues creen que incluye o confiere todas las demás. En resumen, es totalmente necesario para quienes se ven envueltos en la guerra que se instruyan no sólo en los métodos para proteger sus vidas, sino en cómo ganar la victoria sobre sus enemigos.

Un general, así pues, cuyo poder y dignidad son tan grandes, y a quien se le confían los compatriotas que le honran con fidelidad y valor, la defensa de sus ciudades, las vidas de sus soldados y la gloria del Estado, no debe solamente buscar el provecho del ejército en general, sino extender su cuidado a cada soldado

particular. Pues cuando ocurra alguna desgracia a alguno bajo su mando, se considerará una pérdida para la república y se achacará enteramente a su responsabilidad. Si, de este modo, encontrara su ejército compuesto por tropas novicias y si llevaran mucho tiempo desacostumbradas de la lucha, deberá estudiar cuidadosamente la fortaleza, el espíritu, las costumbres de cada legión en particular, de cada cuerpo de auxiliares, caballería e infantería. Debe conocer, si es posible, el nombre y capacidad de cada conde, tribuno, subalternos y soldado. Ha de asumir la más respetable autoridad y mantenerla con severidad. Debe castigar todos los crímenes militares con el mayor rigor de las leyes. Debe ser inexorable hacia los ofensores y procurar dar ejemplo público en distintos sitios y ocasiones.

Una vez establecidas tales normas firmemente, debe buscar la oportunidad en que el enemigo, disperso en busca de botín, se crea seguro, y le atacará con destacamentos de caballería probada o infantería, mezclados con soldados jóvenes y los que estén por debajo de la edad militar. Los veteranos refrescarán su experiencia y los demás se inspirarán, por el coraje, de las grandes ventajas que les ofrecen tales oportunidades. Deberán montar emboscadas con el mayor secreto, para sorprender al enemigo en el pasaje de ríos, en los escabrosos pasos de montañas, en desfiladeros en bosques y cuando esté entorpecido por cenagales o caminos difíciles. Deben regular su marcha para caer sobre ellos mientras comen o duermen, están desarmados y sus caballos sin aprestar. El general seguirá con tal clase de enfrentamientos hasta que sus soldados tengan la necesaria confianza en ellos mismos. Pues las tropas que nunca han entrado en acción o que llevan cierto tiempo sin hacerlo, suelen impresionarse grandemente a la vista de los heridos y moribundos y el miedo que perciben les dispone más a huir que a luchar.

Si el enemigo efectuara salidas o correrías, el general las atacará tras la fatiga de una larga marcha, cayendo sobre ellos por sorpresa, acosando su retaguardia. Debe destacar partidas para tratar de alcanzar por sorpresa los cuarteles establecidos a distancia del ejército enemigo para el almacenamiento de forrajes y provisiones. Tales medidas se acometerán en primer lugar, pues si fracasan no llevarán a malas consecuencias y si tienen éxito supondrán una gran ventaja. Un general prudente tratará de sembrar la discordia entre sus adversarios, pues no hay nación, aún débil, que pueda resultar completamente arruinada por sus enemigos a no ser que ella misma lo facilite con su desidia. En las discordias civiles los hombres están más interesados en la destrucción de sus enemigos particulares que en el cuidado de la seguridad pública.

Una máxima se ha de recordar en estos menesteres: que nadie debe desesperar de realizar lo que ya antes se llevó a cabo. Se puede decir que, durante muchos de los años anteriores, nuestras tropas ni siquiera han fortificado sus campamentos permanentes con trincheras, terraplenes o empalizadas. La respuesta es clara. Si se hubiesen tomado tales precauciones, nuestros ejércitos nunca habrían sufrido las sorpresas del enemigo, de día y de noche. Los persas, siguiendo el ejemplo de los antiguos romanos, rodeaban sus campamentos con fosos y, como la tierra de su país es normalmente arenosa, siempre llevaban consigo sacos vacíos para llenarlos con la arena sacada de los fosos y elevar con ellos un parapeto, apilándolos los unos sobre los otros. Todas las naciones bárbaras alinean sus carros alrededor de ellos, en círculo, un sistema que guarda cierta similitud con un campamento fortificado. Así, pasan las noches seguros contra las sorpresas.

¿Temeremos no poder aprender de otros lo que ellos antes aprendieron de nosotros?. En la actualidad, todo esto sólo se puede hallar en los libros aunque antiguamente se practicaba de continuo. Nadie se pregunta ahora sobre las costumbres que hace tanto fueron abandonadas, porque en medio de la paz la

guerra es mirada como un asunto demasiado distante para tenerlo en consideración. Pero ejemplos pasados nos convencerán de que el restablecimiento de la antigua disciplina no es, en absoluto, imposible, aunque ahora se haya perdido del todo.

En tiempos antiguos, el arte de la guerra, a menudo olvidado y dejado, fue recuperado con frecuencia a partir de los libros y restablecido por la autoridad y atención de nuestros generales. Nuestros ejércitos en España, cuando Escipión el Africano tomó el mando, estaban deshechos y con frecuencia vencidos bajo los generales anteriores. Él pronto los reformó con una disciplina severa y les obligó a sobrellevar la mayor fatiga en todos los trabajos militares reprochándoles que, ya que no podían manchar sus manos con la sangre del enemigo, habrían de hacerlo con el barro de las trincheras. En resumen, con tales tropas, después de todo, tomó la ciudad de Numancia y la quemó hasta los cimientos con tal destrucción que no escapó ninguno de sus habitantes. En África, un ejército que bajo el mando de Albinus fue forzado a pasar bajo el yugo, fue puesto por Metello en tal orden y disciplina, según el modelo de los antiguos, que después vencieron a los mismos enemigos que los vejaron con tan ignominioso tratamiento. Los cimbrios derrotaron a las legiones de Caepio, Manilus y Silanus en la Galia, pero Mario reunió los pedazos dispersos y los disciplinó con tanta efectividad que destruyó una innumerable multitud de los Cimbrios, Teutones y Ambrones en una batalla campal. No obstante, es más fácil formar jóvenes soldados e inspirarles con ideales de honor que reanimar tropa que ya han sido derrotadas alguna vez.

XI DISPOSICIONES PARA EL DIA DE LA BATALLA.

Tras haber explicado los aspectos menos importantes del arte de la guerra, el orden de los asuntos militares nos lleva naturalmente a la batalla campal. Esta es una circunstancia llena de incertidumbre y funesta para reinos y naciones, pues de la resolución de una batalla depende enteramente la victoria. Este momento, por encima de los demás, precisa de todas las habilidades de un general y su buena conducción en tales ocasiones le ganará la mayor de las glorias, aunque sus peligros le expondrán al mayor riesgo y desgracia. Este es el instante en que su talento, habilidad y experiencia se mostrarán en toda su extensión.

Antiguamente, para que los soldados cargaran con mayor vigor, era costumbre suministrarles un refrigerio moderado antes del combate, para que su fortaleza se mantuviera durante un largo conflicto. Cuando el ejército va a marchar fuera del campamento o ciudad, en presencia del enemigo formado y listo para la acción, se han de observar grandes precauciones para que no sean atacados mientras desfilan por las puertas y que no sean hechos pedazos. Así pues, se han de tomar las medidas adecuadas para que todo el ejército pueda salir por las puertas y formar en orden de batalla antes de que se aproxime el enemigo. Si el enemigo está dispuesto antes de que hayáis dejado el lugar, deberéis retardar vuestra decisión de marchar en espera de otra oportunidad o disimularla al menos para que, cuando empiecen a insultaros suponiendo que no queréis comparecer y se desmanden para dedicarse al pillaje o para regresar, entonces salgáis y caigáis sobre ellos de improviso. Nunca se emplearán las tropas en una batalla campal inmediatamente después de una larga marcha, cuando los hombres están fatigados y los caballos cansados. La fuerza necesaria para el combate es gastada en la faena de la marcha. ¿Qué puede hacer un soldado que carga cuando está sin aliento?. Los antiguos evitaron cuidadosamente tal inconveniente, pero en los últimos tiempos algunos de nuestros generales romanos por ignorancia, para no decir más, perdieron sus ejércitos por olvidar imprudentemente tal precaución. No contendrán

en igualdad de condiciones dos ejércitos: uno cansado y desgastado y el otro fresco y con todo su vigor.

XII INVESTIGAR LOS SENTIMIENTOS DE LAS TROPAS.

Es necesario conocer los sentimientos de los soldados el día de la batalla. Su confianza o miedos se descubren fácilmente por sus aspectos, sus palabras, sus acciones y sus movimientos. No se ha de confiar en la ansiedad de los jóvenes soldados por la batalla, pues ésta es deseada por aquellos que no la han conocido. Por otra parte, será malo arriesgar un combate si los soldados veteranos muestran poca inclinación a la lucha. Un general, sin embargo, puede animarles y subir el valor de sus tropas con arengas y exhortaciones apropiadas, especialmente si su descripción de la batalla próxima les lleva a la creencia en una fácil victoria. En este punto, puede persuadirles de la cobardía e inutilidad de sus enemigos y recordarles todas las ventajas que antes hubieran adquirido sobre ellos. Debe emplear cualquier argumento capaz de excitar los ánimos, elevar el odio y la indignación contra los adversarios en las mentes de los soldados.

Es natural que los hombres se vean afectados por el miedo al principio de un combate, pero hay, sin duda, algunos de más temerosa disposición que se inquietan a la menor visión del enemigo. Para disminuir tales apreensiones antes de entrar en acción, llevaréis vuestro ejército frecuentemente, en orden de batalla y en situación segura, para que vuestros hombres se acostumbren a la visión y apariencia del enemigo. Cuando se ofrezca la oportunidad, se les hará caer sobre ellos y se tratará de ponerlos en huida o matarles algunos hombres. Así se acostumbrarán a ellos, sus armas y caballos. Y los sujetos con los que estamos familiarizados ya no serán capaces de inspirarnos terror.

XIII ELECCIÓN DEL CAMPO DE BATALLA.

Los buenos generales saben bien que la victoria depende mucho de la naturaleza del campo de batalla. Cuando intentes, así pues, entablar combate, trata de tomar ventaja de tu situación. Los terrenos altos son tenidos por mejores. Las armas arrojadas desde la altura impactan con mayor fuerza; y la tropa que está sobre sus antagonistas los puede rechazar y derrotar con mayor impetuosidad, mientras que los que atacan cuesta arriba han de luchar con el terreno y con el enemigo. Hay, sin embargo, esta diferencia con respecto al lugar: Si dependes de la infantería contra la caballería enemiga, debes elegir un lugar montañoso, desigual y quebrado. Pero si, por el contrario, esperas que sea tu caballería la que actúe con ventaja contra la infantería enemiga, tu terreno debe ser más alto, pero llano y abierto, sin obstáculos de árboles o cenagales.

XIII ORDEN DE BATALLA.

Al formar un ejército en orden de batalla, tres cosas se han de considerar: el sol, el polvo y el viento. El sol en vuestras caras deslumbra los ojos; si el viento está en vuestra contra, desviará y debilitará la fuerza de vuestras armas mientras ayudará a las del adversario; y el polvo dándoos de frente enturbiará los ojos de vuestros hombres y les cegará. Hasta los más incompetentes tratan de evitar tales inconvenientes en el momento de tomar sus disposiciones; pero un general prudente debe anticiparse a lo que pueda suceder; tomará las medidas necesarias para no ser incomodado en el transcurso del día por los movimientos del sol o por

vientos contrarios que a veces se levantan a ciertas horas y pueden ser inconvenientes durante la acción. Nuestras tropas deben disponerse para tener estos elementos a sus espaldas, dando por el frente a sus enemigos.

Se llama *Acies* al ejército formado y frente a la parte de enfrente al enemigo. En la batalla, si se sabe disponer la formación correcta, se vence y si la formación no es adecuada, por buenas que sean las tropas, se es derrotado. Se han de poner en primera línea a los soldados veteranos y más hábiles, llamados antiguamente *principes*. En la segunda, a los que están armados de corazas, lanzas, espículos y dardos, que se llamaban *hastatos*. Cada soldado ocupa tres pies de terreno; o sea, en una línea de mil pasos se forman mil seiscientos sesenta y seis infantes, teniendo bastante espacio para ellos y para mover sus armas. Entre fila y fila se dejan seis pies para que al luchar con la espada puedan avanzar y retroceder pues los dardos que se arrojan al correr o saltar le impulsan con más fuerza. En estas dos filas se forman los soldados de más edad, más expertos y con armadura pesada. Se mantienen firmes sin mandárseles avanzar o retroceder, para que mantengan el orden de la línea y rechacen al enemigo y le hagan huir. La tercera línea está compuesta de luchadores muy rápidos, arqueros jóvenes y lanzadores de jabalina, antes llamados *ferentarios*. La cuarta fila se compone de soldados muy ágiles armados con escudos, los arqueros más jóvenes y los que llevan *verutis* y *mattiobarbulis*, antes llamados *plumbatas*, conocidos por *levis* armaduras.

Al principio, las dos primeras filas se mantienen quietas y la tercera y la cuarta provocan al enemigo lanzándoles sus armas arrojadizas y flechas. Si el enemigo se da a la fuga, se les persigue con la caballería; si el enemigo les rechaza se retiran entre la primera y segunda línea. La primera y segunda filas, con las espadas y las pila, así pues, sostienen el combate.

A veces se formaba una quinta línea, con *carroballesteros*, *manuballesteros*, *fustibalaris* y *honderos*²⁶. Los *fustibalaris* son los que lanzan piedras con el *fustibalus*, que es un palo de cuatro pies a cuya mitad se ata una honda de cuero y que, manejada con las dos manos, dispara las piedras como un onagro. Los *honderos* llevan la honda, hecha de lino o de cerda, que son las mejores, y lanzan el tiro con dándoles una vuelta sobre la cabeza. Los que no poseían escudo se ponían en esta fila y lanzaban piedras u otras armas arrojadizas con las manos.

En la sexta línea se colocaban los hombres aguerridos y diestros, armados con todas las armas, que los antiguos llamaban *triarios*. Para poder atacar al enemigo con más vigor, reposaban sentados tras las demás líneas. Si el resto de las líneas eran derrotadas, sólo quedaba la esperanza de los *triarios*.

XV DISTANCIAS ADECUADAS E INTERVALOS ENTRE LOS SOLDADOS.

Habiendo explicado la disposición general de las líneas, trataremos ahora de las distancias y dimensiones. Mil pasos comprende una sola fila de mil seiscientos cincuenta y seis infantes, con tres pies por cada hombre. Seis filas formadas en la misma extensión de terreno necesitan nueve mil novecientos noventa y seis hombres. Para formar sólo tres filas con el mismo número se necesitan dos mil pasos, pero es mucho mejor incrementar el número de filas que hacer el frente demasiado extenso. Hemos antes observado que la distancia entre cada fila debe ser seis pies, y el siguiente de los cuales es ocupado por los hombres. Así, si formas un cuerpo de diez mil hombres en seis filas, ocuparán cuarenta y dos pies de

²⁶ *carroballistae et manuballistarii fundibulatores funditores, en el original. (N. del T.)*

profundidad y mil pasos de frente. Por este cálculo es fácil calcular la extensión de terreno necesaria para formar veinte o treinta mil hombres. Tampoco se puede equivocar un general cuando sabe, así, la cantidad de terreno precisa para cierto número dado de hombres.

Pero si el campo de batalla no tiene espacio suficiente o vuestras tropas son muy numerosas, podéis formarlas en nueve líneas o incluso más, pues es más ventajoso enfrentarse en orden cerrado que extender demasiado vuestra línea. Un ejército que se extiende por un frente demasiado grande y con poca profundidad, puede ser rápidamente penetrado por la primera oleada enemiga. Tras esto no hay remedio. Y por lo que hace al puesto de los distintos cuerpos en el ala derecha, izquierda o en el centro, es norma general formarlas de acuerdo con sus rangos respectivos o distribuirlos según las circunstancias o disposiciones del enemigo.

XVI DISPOSICIÓN DE LA CABALLERÍA.

Una vez formada la infantería en línea, la caballería forma en las alas. La caballería pesada, o sea, los coraceros y tropas armadas con lanzas se unirán a la infantería. La caballería ligera, compuesta por los arqueros y los que no llevan corazas, se situarán a mayor distancia. Los caballos más pesados y mejores son para cubrir los flancos de la infantería y los ligeros se sitúan en el lugar arriba mencionado para rodear y desordenar las alas enemigas. Un general debe saber qué parte de su propia caballería es más adecuada para enfrentarse a cualquier escuadrón de infantería o caballería enemiga. Por ciertos motivos que no vienen al caso, algunas unidades concretas luchan mejor contra otras, y aquellas que han derrotado a enemigos superiores a menudo son derrotadas por una fuerza inferior.

Si vuestra caballería no es igual a la del enemigo, lo adecuado, según la antigua costumbre, es mezclarla con infantería armada a la ligera con pequeños escudos, llamados velites, y entrenarlos en esta clase de lucha. Guardando este sistema, aún cuando la flor de la caballería enemiga os ataque, nunca podrán copar esta disposición mixta. Éste era el único método de los antiguos generales para suplir los defectos de su caballería, y mezclaban los hombres entre la caballería, armados para que pudieran correr con escudos ligeros, espadas y jabalinas.

XVII DE LAS RESERVAS.

El método de tener cuerpos de reserva en la retaguardia del ejército, compuestos de infantería y caballería escogida, al mando de lugartenientes del general, condes y tribunos, es muy juicioso y de gran utilidad para vencer en la batalla. Algunos se deben situar en la retaguardia de las alas y algunos cerca del centro, para estar prestos a acudir inmediatamente en ayuda de cualquier parte de la línea que esté en dificultades, para evitar que sean penetrados, para reponer las bajas durante el combate y, por tanto, para sostener el valor de sus camaradas y detener la impetuosidad del enemigo. Esto fue una invención de los lacedemonios, en lo que fueron imitados por los cartagineses. Los romanos desde entonces lo observaron y no se ha podido encontrar mejor disposición.

La línea está pensada únicamente para rechazar o, si es posible, romper al enemigo. Si es necesario formar la cuña o la pinza, debe hacerse con las tropas sobrantes estacionadas en la retaguardia con tal propósito. Si se va a formar la sierra, también se hará con las reservas, pues si comenzáis a quitar hombres del frente los llevaréis a todos a la confusión. Si cualquier pelotón del enemigo cae

sobre vuestro flanco o cualquier otra parte de vuestro ejército, y no tenéis tropas sobrantes para oponérseles o si pretendéis destacar caballería o infantería de vuestro frente para tal servicio, por tratar de defender una parte expondréis a la otra a un peligro mayor. En ejércitos no muy numerosos, es mucho mejor acortar el frente y tener reservas fuertes. En resumen, debéis tener una reserva de buena infantería, bien armada, cerca del centro para formar la cuña y penetrar así la línea enemiga; y también cuerpos de caballería armadas con lanzas y corazas, junto a infantería ligera, cerca de las alas, para rodear los flancos del enemigo.

XVIII EL LUGAR DEL GENERAL Y DEL SEGUNDO Y TERCERO AL MANDO.

El lugar del comandante en jefe está, generalmente, a la derecha, entre la caballería y la infantería. Desde este lugar puede dirigir mejor los movimientos de todo el ejército y mover las unidades con la mayor facilidad a donde lo considere necesario. Es también el sitio más conveniente para dar sus órdenes tanto a la caballería como a la infantería y para animarles por igual con su presencia. Es su obligación rodear el ala izquierda enemiga, que se le opone, con sus reservas de caballería e infantería ligera y atacarles por su flanco y retaguardia. El segundo al mando se sitúa en el centro de la infantería para enardecerles y darles apoyo. Una reserva de buena infantería, bien armada, está cercana a él y bajo sus órdenes. Con esta reserva puede tanto formar la cuña para penetrar la línea enemiga como, si ésta forma antes la cuña, disponer la pinza para recibirles. El puesto del tercero al mando está a la izquierda. Debe ser un oficial prudente e intrépido; esta parte del ejército es difícil de manejar e imperfecta por su ubicación en el frente. Así pues, ha de disponer una reserva de buena caballería y rápidos infantes que le permitan siempre extender su flanco izquierdo de tal manera que no pueda ser rodeado.

No se debe lanzar el grito de guerra hasta que hayan chocado ambos ejércitos, pues es señal de ignorancia y cobardía lanzarlo a distancia. Es mucho mayor el efecto sobre el enemigo cuando son alcanzados al mismo tiempo por el terror que produce el grito de guerra y las puntas de las armas.

Debéis tratar siempre de formar vuestro ejército antes que el enemigo, pues así podréis tomar vuestras propias disposiciones sin obstrucción. Esto incrementará el valor de vuestras propias tropas e intimidará a las de vuestro adversario. Pues la superioridad en el valor parece estar implícita en aquel ejército que ofrece batalla, mientras que las fuerzas que ven atacar primero al enemigo se vuelven temerosas. Os habréis de asegurar de otra gran ventaja, que es marchar en orden y caer sobre ellos mientras están formando y aún en confusión. Parte de la victoria consiste en poner desorden en el enemigo antes de enfrentaros a él.

XVIII CÓMO RESISTIR LOS ATAQUES ENEMIGOS.

Un general capaz nunca pierde una oportunidad favorable de sorprender al enemigo, sea cuando está cansado por la marcha, dividido al cruzar un río, entorpecido por cenagales, estrechado por desfiladeros de montaña, dispersos sobre el terreno al creerse seguros o durmiendo en sus cuarteles. En todos estos casos, los adversarios resultan sorprendidos y destruidos antes de que tengan tiempo de ponerse en guardia. Pero si son demasiado precavidos como para ofreceros la oportunidad de sorprenderlos, estaréis obligados entonces a enfrentaros en campo abierto y en igualdad. Ahora esto es ajeno al asunto que nos ocupa. Sin embargo, la habilidad militar es tan necesaria en las batallas campales

como en la guerra mediante subterfugios y estratagemas.

Vuestro primer cuidado es asegurar que el enemigo no rodee el ala izquierda o derecha, aunque esto sucede menos, para que no lo rodee ni lo ataque de flanco o por la retaguardia con unidades volantes llamadas drungos, una desgracia que a veces sucede. Sólo hay un remedio para esto: rotar hacia atrás vuestro flanco. Con esta maniobra, vuestros soldados darán frente al enemigo y protegerán la espalda de sus camaradas. Y vuestros mejores hombres se han de colocar en los ángulos de los flancos, pues contra tal lugar hace el enemigo sus mayores esfuerzos.

Hay también un método para resistir la cuña, cuando la forme el enemigo. La cuña es una disposición de un cuerpo de infantería que se ensancha gradualmente hacia atrás en la base y termina en punta hacia el frente. Penetra la línea enemiga con una multitud de armas arrojadas lanzadas hacia el mismo punto. Los soldados la llaman *caput porcinum*²⁷. Para oponerse a esta maniobra, se ha inventado otra llamada la pinza, que semeja la letra V, compuesta de un cuerpo de hombres en orden cerrado. Recibe la cuña, la encierra por ambos lados y así evita que el frente propio sea penetrado.

La sierra es otra disposición, formada por soldados decididos, que se envía a reparar una línea rota y desordenada por el enemigo. El pelotón, o globus, es un cuerpo de hombres separados del frente para rondar por ambos flancos y atacar al enemigo cuando encuentren la ocasión. Contra éste, hay que destacar un globus más numeroso y fuerte.

Por encima de todo, un general nunca debe intentar alterar sus formaciones o deshacer su orden de batalla durante el combate, pues tal alteración producirá desorden y confusión de inmediato y el enemigo no dejará de aprovecharse de ello.

XX CÓMO DAR BATALLA Y GANAR CON MENOS SOLDADOS Y MENOS FUERTES.

Un ejército puede adoptar siete formaciones distintas para la batalla: La primera formación es un rectángulo de amplio frente, de uso común tanto en tiempos antiguos como modernos, aunque no se la considera como la mejor por varios expertos, pues no siempre se puede encontrar un terreno lo bastante llano para adoptarlo y si se produce cualquier irregularidad o hueco en la línea resulta a menudo penetrado por tal parte. Además, un enemigo superior en número puede rodear su ala derecha o izquierda, la consecuencia de lo cual es muy peligrosa a menos que tengáis un cuerpo de reserva listo para avanzar y sostener su ataque. Un general debe emplear esta disposición sólo cuando sus fuerzas sean mejores y más numerosas que las del enemigo, estando por lo tanto en su voluntad atacar tanto los flancos y rodearlos por cada lado.

La segunda y mejor disposición es la oblicua. Aunque vuestro ejército no tenga muchas fuerzas, si se las sitúa bien y con ventaja, esta disposición puede permitirlos obtener la victoria, no obstante el número y valor del enemigo. Es como sigue: Conforme los ejércitos marchan para el ataque, vuestra ala izquierda se debe mantener retrasada a cierta distancia de la derecha enemiga para quedar fuera del alcance de sus dardos y flechas. Vuestra ala derecha avanzará oblicuamente sobre la izquierda enemiga y comenzará el combate. Y debéis tratar, con vuestra mejor

²⁷ *caput porcinum*: cabeza de cerdo (N. del T.)

caballería e infantería, de rodear el ala con la que lucháis, hacerla huir y caer sobre el enemigo por la retaguardia. Una vez que huyen, si el ataque es adecuadamente secundado, sin duda obtendréis la victoria mientras vuestro flanco izquierdo, que seguirá a distancia, permanecerá indemne. Un ejército formado de tal manera, guarda cierta semejanza con la letra A o una escuadra de albañil. Si el enemigo se os adelanta a esta maniobra, se recurrirá a la caballería e infantería situadas en reserva, a retaguardia, como ya dije. Debe ordenárseles apoyar vuestro flanco izquierdo. Esto os permitirá oponer una vigorosa resistencia contra el artificio del enemigo.

La tercera formación es como la segunda, pero no tan buena, pues os obliga a comenzar el ataque con vuestra ala izquierda sobre la derecha enemiga. Los esfuerzos de los soldados de la izquierda son más débiles e imperfectos por su situación expuesta y difícil en la línea. Expondré esta formación con más claridad. Aunque vuestra ala izquierda pueda ser mucho mejor que la derecha, debe ser todavía reforzada con alguna de la mejor caballería e infantería y ordenársele comenzar el combate con la derecha enemiga para desordenarla y rodearla tan rápidamente como se pueda. Y la otra parte de vuestro ejército, compuesta por tropas peores, debe quedar a tal distancia de la izquierda enemiga que no pueda ser herida por sus dardos o en peligro de ser atacada cuerpo a cuerpo. En esta formación oblicua, se ha de poner cuidado de que la línea no sea penetrada por las cuñas del enemigo y sólo se debe emplear cuando el ala derecha enemiga es débil y vuestra mayor fortaleza resida en el ala izquierda.

La cuarta formación es ésta: Conforme vuestro ejército está marchando para atacar en orden de batalla y llegáis a cuatrocientos o quinientos pasos del enemigo, debéis ordenar de repente a vuestras alas que aceleren el paso y avancen con rapidez. Cuando se vean atacados por ambas alas al mismo tiempo, la sorpresa les desconcertará tanto que os dará una fácil victoria. Pero aunque este método, si vuestras fuerzas son expertas y resolutivas, puede destruir en seguida al enemigo, es todavía peligrosa. El general que la intenta está obligado a abandonar y exponer su centro y a dividir su ejército en tres partes. Si el enemigo no es obligado a huir con la primera carga, tendrá una clara oportunidad de atacar las alas que están separadas entre sí y el centro, que no tendrá ayuda.

La quinta formación es parecida a la cuarta pero con este añadido: La infantería ligera y los arqueros se forman delante del centro para cubrirlos de los intentos del enemigo. Con esta precaución el general puede seguir con seguridad el método arriba mencionado y atacar la izquierda enemiga con su ala derecha y su izquierda con el flanco derecho. Si les hace huir, obtiene una victoria inmediata y si fracasa su centro no queda en peligro, estando protegido por la infantería ligera y los arqueros.

La sexta formación es muy buena y casi tanto como la segunda. Se emplea cuando el general no puede confiar en el número o valor de sus tropas. Si se hace con juicio, no obstante su inferioridad, tiene a menudo una buena ocasión para vencer. Conforme vuestra línea se aproxima al enemigo, avanzaréis vuestra ala derecha contra su izquierda y comenzaréis el ataque con vuestra mejor caballería e infantería. Al mismo tiempo mantendréis el resto del ejército a gran distancia de la derecha enemiga, extendida en una línea recta como una jabalina. Así, si podéis rodear su izquierda y atacarles de flanco y por la retaguardia, inevitablemente les derrotaréis. Es imposible para el enemigo retirar refuerzos de su derecha o de su centro para sostener a su izquierda en esta emergencia, pues la parte restante de vuestro ejército está extendida y a gran distancia de ellos, con forma de letra I. Es una formación empleada a menudo en combates sobre la marcha.

La séptima formación obtiene su ventaja de la naturaleza del terreno y os permitirá enfrentar un enemigo con un ejército inferior tanto en número como en fortaleza, apoyado uno de vuestros flancos en una altura, el mar, un río, un lago, una ciudad, un pantano o terreno quebrado inaccesible al enemigo. El resto del ejército debe formarse, como siempre, en una línea recta y el flanco no asegurado debe estar protegido por vuestras tropas ligeras y toda vuestra caballería. Defendido suficientemente por un lado por la naturaleza del terreno y por el otro por el doble apoyo de la caballería, podréis aventuraros al combate con seguridad.

Se debe observar una regla general y excelente. Si tratáis de combatir sólo son vuestra ala derecha, ésta debe estar compuesta por vuestras mejores tropas. E igual vale para la izquierda. O si tratáis de penetrar la línea enemiga, las cuñas que forméis con éste propósito delante de vuestro centro han de estar compuestas por los soldados más disciplinados. La victoria, en general, es obtenida por un pequeño número de hombres. Así pues, la sabiduría de un general se muestra solamente con la disposición y elección de tales hombres, como los más adecuados con la razón de su empleo.

XXI LA HUIDA DEL ENEMIGO NO DEBE SER IMPEDIDA, SINO FACILITADA.

Los generales poco avezados en la guerra creen una victoria incompleta a menos que el enemigo esté tan encerrado en su terreno o tan rodeado por el número que no tenga posibilidad de escapar. Pero en tal situación, donde no queda esperanza, el propio miedo armará al enemigo y la desesperación le inspirará valor. Cuando los hombres se encuentran inevitablemente perdidos, resuelven morir con sus camaradas y con las armas en las manos. La máxima de Escipión, que se debe tender un puente de oro al enemigo que huye²⁸, debe ser muy encarecida. Pues cuando tienen una vía de escape no piensan en otra cosa más que en salvarse huyendo y la confusión se generaliza, haciéndose gran carnicería de ellos. Los perseguidores no estarán en peligro al desprenderse los vencidos de sus armas para huir mejor. En tal caso, cuanto mayor sea el número del ejército que huye, mayor será la matanza. La cantidad no tiene importancia cuando las tropas han caído en la desmoralización y están igualmente aterrorizadas por la visión del enemigo y la de sus armas. Por el contrario, los hombres encerrados, por débiles que estén o pocos que sean, se vuelven un problema para su enemigo al entender que no tienen más recurso que la desesperación. Así, según la máxima de Virgilio, "La seguridad del vencido es la esperanza de no haberla".

XXII MODOS DE REHUSAR BATALLA, SI NO CONVIENE.

Habiendo repasado algunos de los particulares referidos a las batallas campales, queda ahora explicar la manera de retirarse en presencia del enemigo. Ésta es una operación que, a juicio de hombres de gran capacidad y experiencia, ha de atenderse con gran cuidado. Un general verdaderamente desmoraliza a sus propias tropas y anima a sus enemigos si retira sus fuerzas del campo de batalla sin luchar. Pero si esto debe hacerse algunas veces, será adecuado considerar cómo ejecutarlo con seguridad.

En primer lugar, vuestros hombres no han de pensar que os retiráis o que rehusáis

²⁸ La sentencia, en castellano, es casi idéntica: "A enemigo que huye, puente de plata" (N. del T.)

el combate, sino creer que vuestra retirada es un engaño para tender una emboscada al enemigo, o para llevarle a una posición ventajosa donde podáis derrotarle más fácilmente si os sigue. Las tropas que perciben que su general no confía en el éxito están prontas a huir. Debéis ser cuidadoso para que el enemigo no descubra que os retiráis y caiga sobre vosotros. Para evitar este peligro, la caballería se sitúa delante de la infantería para encubrir sus movimientos y retrasar los del enemigo. Las primeras divisiones se retiran en primer lugar, las otras les siguen por turnos. La última mantiene el terreno hasta que el resto se ha marchado y después rompen filas y se juntan con ellos pausada y regularmente. Algunos generales han juzgado mejor ejecutar su retirada durante la noche, tras reconocer sus rutas, y así ganar tanto terreno al enemigo que, al no descubrir éste su retirada hasta el romper del día, no les puede seguir de cerca. La infantería ligera, además, se envía por delante para ocupar las alturas bajo las que el ejército se retirará con seguridad; y el enemigo, en el caso de que nos persiga, estará expuesto a la infantería ligera, dueños de las alturas y secundada por la caballería.

Una huida repentina y poco meditada expone a un ejército al mayor riesgo posible, como caer en emboscadas a manos de tropas dispuestas para ello. Pues la temeridad de un ejército se incrementa y su precaución disminuye al perseguir a un enemigo que huye; ésta es la oportunidad más favorable para tales artimañas. Cuanto mayor sea la seguridad sentida, mayor será el peligro. Las tropas, cuando no están dispuestas, cuando están comiendo, cansadas tras una marcha, cuando sus caballos están pastando y, en resumen, cuando se creen más seguros, pueden sufrir más fácilmente una sorpresa. Todos los peligros de esta clase deben ser cuidadosamente evitados y todas las oportunidades de destrozar al enemigo con tales métodos, aprovechadas. Ni el número ni el valor sirven en tales infortunios.

Un general que ha sido derrotado en una batalla campal, aunque la habilidad y la conducta tengan la mayor parte de la importancia, puede en su defensa apelar a la mala fortuna. Pero si ha sido sorprendido, o conducido a tales trampas por el enemigo, no tiene excusa alguna, pues debía haber tomado las prevenciones adecuadas o haber usado espías de cuyos informes pudiera fiarse.

Cuando el enemigo persigue a un adversario que se retira, se suele emplear el siguiente truco: Se ordena a un pequeño cuerpo de caballería que le persiga a descubierto. Al mismo tiempo, se manda secretamente un destacamento más fuerte por otra ruta para ocultarse en el camino. Cuando la caballería ha alcanzado al enemigo, lanza ataques de distracción y se retira. El enemigo, creyendo que el peligro ha pasado y que ha escapado de la trampa, descuida su orden y marcha sin regularidad. Entonces, el destacamento enviado a interceptarle, aprovechando la oportunidad, cae sobre ellos de improviso y les destruye con facilidad.

Muchos generales, al verse obligados a retirarse por bosques, envían por delante partidas para tomar los desfiladeros y pasos difíciles, para evitar emboscadas y bloquear los caminos con barricadas de árboles cortados para impedir ser perseguidos y atacados por la retaguardia. En resumen, ambas partes tienen posibilidades de tender emboscadas al adversario durante su marcha. El ejército que se retira deja tropas tras él con tal propósito, situadas en valles convenientes o montañas cubiertas de bosques; y si el enemigo cae en la trampa, vuelve de inmediato en su ayuda. El ejército que persigue destaca varios grupos de infantería ligera para ir por delante y, por otros caminos, interceptar al enemigo quien así se ve sorprendido y atacado tanto al frente como a la retaguardia. El ejército que huye puede volverse y caer sobre el enemigo mientras duerme por la noche. Y el ejército perseguidor puede, aunque la distancia sea grande, sorprender a su adversario con marchas forzadas. El primero intento puede darse al cruzar un río, para destruir a la

parte del ejército enemigo que ya ha cruzado. Los perseguidores pueden apresurar su marcha para caer sobre las unidades del enemigo que aún no hayan cruzado.

XXIII CAMELLOS Y CABALLERÍA PESADA²⁹.

No pocas naciones entre las antiguas llevaron en formación camellos, y los urcilianos en África o los demás maziques hoy los llevan. Con todo se recuerda que esa raza de animales, apta para las arenas y para soportar la sed, encuentra incluso los caminos confundidos por el viento entre el polvo y sin errores. Por lo demás, excepto por su novedad, si no se está acostumbrado a verlos, son ineficaces para la guerra. Los catafracti³⁰, a salvo de las heridas por las protecciones que llevan, pero fáciles de capturar y expuestos frecuentemente a las emboscadas por causa de la impedimenta y del peso de las armas, mejores en la lucha contra la infantería dispersa que contra la caballería, sin embargo rompen la formación de los enemigos, o puestos delante de las legiones o mezclados con los legionarios, cuando se lucha de cerca, esto es mano a mano.

XXIII DEFENSA CONTRA CARROS CON GUADAÑAS Y ELEFANTES.

Los carros armados de guadañas fueron empleados en la guerra por Antíoco y Mitrídates y aterrorizaron al principio a los romanos, pero después éstos los tomaron a broma. Como un carro de este tipo no siempre encuentra un terreno llano y nivelado, la menor obstrucción los detiene. Y si uno de los caballos resulta herido o muerto, cae en manos enemigas. Los soldados romanos los volvieron inútiles por medio de la siguiente contramedida: en el momento de empezar el combate, esparcían por el campo de batalla abrojos, y los caballos que tiraban de los carros, corriendo a toda velocidad sobre ellos, resultaban infaliblemente heridos. Un abrojo es una máquina compuesta por cuatro pinchos dispuestos de manera que, al ser arrojados, descansaban sobre tres de ellos y presentaba el cuarto hacia arriba.

Los elefantes, por su gran tamaño, horrible bramido y la novedad de su forma, resultaron al principio muy terribles contra los romanos en Lucania, llevados por Pirro. Y después Aníbal los llevó con él a la batalla en África. Antíoco en el oriente y Yugurta en Numidia tenían gran número de ellos. Muchos artificios se han usado contra ellos. En Lucania, un centurión cortó la trompa de uno con su espada. Dos soldados armados de pies a cabeza en un carro tirado por dos caballos, también cubiertos por armadura, atacaron tales bestias con lanzas de gran longitud³¹. Habían cubierto, con sus armaduras, de los arqueros de los elefantes y evitaron la furia de los animales por la agilidad de sus caballos. Soldados de infantería, con armaduras completas y largos pinchos de hierro fijados a sus brazos, hombros y escudos para precaverse de la trompa de los elefantes, se emplearon también contra ellos.

Pero fueron los vélites, entre los antiguos, quienes generalmente se enfrentaban a ellos. Eran soldados jóvenes, armados ligeramente, rápidos y muy expertos en arrojar sus armas desde las ancas de los caballos. Tales tropas se mantenían rondando los elefantes continuamente y matándoles con lanzas largas y jabalinas. Después, los soldados, al disminuir la aprehensión, les atacaban en el cuerpo y,

²⁹ Este capítulo no aparece en la traducción inglesa de John Clarke, existiendo en el original latino; sobre éste se ha efectuado la traducción al castellano por Alfonso Rodríguez Belmonte (N. del T.)

³⁰ Jinetes acorazados (N. del T.)

³¹ sarisas, en el original latino. (N. del T.)

arrojando juntos sus jabalinas, les destruían por la multitud de heridas. Honderos con piedras redondas, disparadas con hondas y fustibalis, mataban tanto a los hombres que los guiaban como a los soldados que luchaban desde las torres sitas en sus espaldas. La experiencia mostró que éste era el mejor y más seguro sistema. Otras veces, al aproximarse tales bestias, los soldados abrían sus filas y les dejaban pasar a través de ellas. Cuando estaban en medio de las tropas, que les rodeaban por todas partes, eran capturados con sus guardias indemnes.

Grandes balistas, sobre carros tirados por dos caballos o mulas, se colocaban a retaguardia del frente, de modo que cuando los elefantes se ponían a tiro podían ser traspasados con dardos. La balista debía ser más grande, y las cabezas de los dardos más fuertes y anchas de lo normal, para que los dardos alcanzaran más lejos, con más fuerza y que las heridas fueran proporcionales al tamaño de las bestias. Era necesario describir tales métodos para enfrentarse a los elefantes, para que sea conocido si se da la ocasión de tener que enfrentarse a tan prodigiosos animales.

XXV RECURSOS EN CASO DE DERROTA.

Si mientras una parte de vuestro ejército vence, la otra es derrotada, no debéis desesperar pues aún en tal extremo la constancia y resolución de un general pueden lograr una victoria completa. Hay muchos ejemplos en que la parte que no desesperó consiguió vencer. Donde las pérdidas y ganancias son más o menos iguales, venció quien luchó contra sus desventajas con mayor resolución. Habéis de ser, pues, el primero en tomar el botín de los muertos y lanzar gritos de victoria. Tales signos de confianza desmoralizan al enemigo y redoblan el valor de los vuestros.

No obstante, aún en caso de una completa derrota, se han de intentar todos los remedios, pues muchos generales han sido lo bastante afortunados como para reparar tal pérdida. Un oficial prudente nunca arriesgará una batalla campal sin tomar aquellas precauciones que le prevengan contra pérdidas considerables en caso de derrota, pues la incertidumbre de la guerra y la naturaleza de las cosas pueden hacer tal desgracia inevitable. La proximidad de una montaña, un puesto fortificado en la retaguardia o una resistencia decidida a cargo de un buen cuerpo de tropas que cubran la retirada pueden significar la salvación del ejército.

Un ejército, tras ser derrotado, a veces se ha recuperado, vuelto sobre el enemigo y lo ha derrotado persiguiéndolo con orden y destruyéndolo sin dificultad. No pueden estar los hombres en mayor peligro que cuando, en medio de la alegría de la victoria, su exultación se ha convertido de repente en terror. Como quiera que suceda, los restos del ejército han de ser inmediatamente reagrupados, reanimados por exhortaciones convenientes y provistos con nuevas remesas de armas. Se han de hacer inmediatamente nuevas reclutas y proveer nuevos reemplazos. Y es de la mayor conveniencia aprovechar toda oportunidad de sorprender a los enemigos victoriosos, llevarles a trampas y emboscadas para, de esta manera, recuperar los ánimos decaídos de vuestros hombres. No han de ser difíciles de hallar tales oportunidades, pues está en la naturaleza humana el actuar con poca precaución y regocijo en la prosperidad. Si alguno cree que no queda recurso alguno tras la pérdida de una batalla, que reflexione sobre lo ocurrido en casos similares y verá que los que resultaron victoriosos al final fueron, a menudo, los que al principio parecían perdedores.

XXVI MÁXIMAS GENERALES DE LA GUERRA.

Es la naturaleza de la guerra que lo que os resulta beneficioso va en desventaja del enemigo y que, lo que a él sirve, a vosotros os daña. Es, pues, una máxima, no nacer nunca, u omitir hacer, algo que le sirva sino atender siempre a vuestro propio interés. Os perjudicaréis si hacéis lo mismo que él hace en su propio beneficio. Por el mismo motivo, será malo para él imitaros en lo que ejecutáis en vuestro provecho.

Cuanto más acostumbradas estén vuestras tropas a las guardias del campamento en lugares de frontera y cuanto más disciplinadas sean, a menos riesgos estarán expuestas en el campo de batalla.

Los hombres han de estar suficientemente entrenados antes de llevarlos frente al enemigo.

Es mucho mejor derrotar al enemigo por hambre, sorpresa o terror que en batallas campales pues, en última instancia, la fortuna ha tenido a menudo más cuenta que el valor. Tales empeños resultan mejores cuando el enemigo los ignora completamente hasta el instante en que se ejecutan. En la guerra, se depende más a menudo de la casualidad que del valor.

Es de mucha utilidad atraerse a los soldados enemigos y estimularles cuando son sinceros en su rendición, pues un adversario resulta más debilitado por la deserción que por la muerte.

Es mejor tener varios cuerpos en reserva que extender demasiado vuestro frente.

Un general no será fácilmente derrotado si tiene una idea clara de sus fuerzas y de las del enemigo.

El valor es superior al número.

A menudo, vale más la elección del terreno que el valor.

Pocos hombres nacen valerosos; muchos lo son por la fuerza de la disciplina.

Un ejército se fortalece con el trabajo y se debilita con la inacción.

No se han de conducir al combate las tropas sin confianza en la victoria.

Lo novedoso y la sorpresa llevan al enemigo al temor, pero lo conocido no le afecta.

Quienes persiguen desordenadamente a un enemigo que huye, parece rehusar la victoria que antes había ganado.

Un ejército sin suministros de grano y otras provisiones necesarias será vencido sin lucha.

Un general cuyas tropas sean superiores tanto en número como en valor, luchará en formación de rectángulo oblongo, que es la primera formación.

Quien se juzgue inferior debe avanzar su ala derecha oblicuamente contra la

izquierda enemiga. Ésta es la segunda formación.

Si vuestra ala izquierda es más fuerte, debéis atacar la derecha enemiga conforme a la tercera formación.

El general que pueda confiar en la disciplina de sus hombres debe empezar el combate atacando enseguida los flancos enemigos; ésta es la cuarta formación.

El que tenga buenas tropas de infantería ligera, la formará delante de su centro y cargará sobre los flancos enemigos enseguida. Ésta es la quinta formación.

Quien no pueda fiar en el valor o número de sus tropas, si está obligado a combatir, debe empezar la lucha con su ala derecha y tratar de romper la izquierda enemiga; el resto del ejército permanecerá formada en una línea perpendicular al frente y extendido hacia la retaguardia, como una jabalina. Esta es la sexta formación.

Si vuestras fuerzas son pocas y débiles en comparación con el enemigo, debéis usar la séptima formación y cubrir uno de vuestros flancos por una altura, una ciudad, el mar, un río o alguna protección de tal índole.

Un general que tiene buena caballería debe elegir el terreno adecuado a ella y emplearla principalmente en el combate.

Quien tenga una buena infantería debe escoger la situación más adecuada a ella para servirse de todas sus ventajas.

Si en el campamento se introduce algún espía, ordenad a todos vuestros soldados que se introduzcan en sus tiendas y lo aprehenderéis de inmediato.

Si véis que el enemigo conoce vuestros planes, cambiadlos inmediatamente.

Consultad con muchos las medidas que se hayan de tomar, pero comunicad a pocos los planes que queréis ejecutar y que éstos sean de la mayor fidelidad o, aún mejor, no lo digáis a nadie.

El castigo y el miedo son necesarios para mantener el orden de los soldados en el cuartel; pero en el campo de batalla se les estimula más con la esperanza y la recompensa.

Los buenos oficiales nunca combaten en batallas campales a menos que se les presente una oportunidad o les obligue la necesidad.

Derrotar al enemigo por hambre antes que por la espada es una muestra de habilidad excelente.

Muchas normas se pueden dar respecto a la caballería. Pero, pues que esta arma ha crecido en perfección desde los antiguos escritos y se han hecho considerables mejoras en sus formaciones y maniobras, en sus armas y en la calidad y manejo de sus caballos, nada se puede obtener de sus escritos. Nunca disciplina actual es bastante.

El orden de combate debe ser cuidadosamente oculto al enemigo, para que no pueda precaverse contra aquél y tomar sus propias medidas.

Este compendio de los más eminentes escritores militares, Invencible Emperador, contiene las máximas e instrucciones que nos han dejado los autores antiguos, probados en varias épocas y confirmados en repetidas experiencias. Los persas admiran vuestra habilidad como arquero, los hunos y alanos tratan en vano de imitar vuestra destreza como jinete, los sarracenos e indios no pueden igualar vuestra rapidez en la carrera, y aún los maestros de armas tratan de aprehender alguna parte de vuestra sabiduría y experiencia, de las que habéis dado tantos ejemplos con Vuestra propia actividad. ¡Qué glorioso, así pues, resulta Vuestra Majestad, con tantas virtudes unidas al conocimiento del arte de la guerra y de la conquista, y que maravilla al Imperio con su conducta y valor tanto ejecutando los deberes del soldado como los del general!.

Libro IV

- I De la fortificación natural y artificial de las plazas.**
- II De la necesidad de construir las murallas con ángulos y no en línea recta.**
- III De cómo se debe usar en la muralla la tierra extraída del foso.**
- IIII De rejas y puertas y de cómo protegerlas del fuego.**
- V De los fosos**
- VI De cómo protegerse de la flechas de los asediadores.**
- VII De los medios por los que los asediados pueden evitar el hambre.**
- VIII Del aprovisionamiento de municiones para la defensa de las plazas.**
- VIIII De lo que se debe hacer cuando fallan las cuerdas de las máquinas.**
- X De las maneras de impedir la falta de agua en la plaza.**
- XI De cómo solucionar la falta de sal**
- XII De cómo rechazar un primer asalto.**
- XIII De las máquinas para atacar las plazas.**
- XIIII Del carnero, la guadaña y la tortuga.**
- XV De las vineas, el mantelete y el caballero.**
- XVI Del musculus.**
- XVII De las torres de asalto.**
- XVIII De cómo prender fuego a una torre de asalto.**
- XVIIII De cómo aumentar la altura de las murallas.**
- XX Del uso de minas para defenderse de las torres de asalto.**
- XXI De las escalas, arpa, exostra y tollenon.**
- XXII De las Balistas, Onagros, Escorprios, Ballestas, Fustibales, Hondas, etc. Para defender la plaza.**
- XXIII De los colchones, nudos corredizos, lobos y columnas pesadas contra el ariete.**
- XXIIII De las minas, sean para derruir las murallas, sean para penetrar la plaza.**
- XXV Último recurso de una plaza forzada.**
- XXVI De las precauciones a tomar para evitar que el enemigo tome furtivamente los muros.**
- XXVII De los engaños de los asaltantes.**
- XXVIII De cómo los asaltantes pueden protegerse de los engaños de los asediados.**
- XXVIIII De las máquinas que sirven para la defensa de las plazas.**
- XXX De cómo saber la altura de las murallas.**
- XXXI De cómo los Romanos siempre tuvieron una flota presta.**
- XXXII *De los oficiales de las flotas navales.***
- XXXIII *Del origen de las galeras (liburnae).***
- XXXIIII *Del cuidado con que son construidos los navíos de Liburnia.***
- XXXV *De las reglas a seguir para cortar las maderas.***
- XXXVI *Del mes en que se deben cortar las maderas.***
- XXXVII *Del tamaño de las galeras.***
- XXXVIII *Del nombre y número de los vientos.***
- XXXVIIII *De los meses más seguros para la navegación.***
- XL *De los signos para reconocer la proximidad de una tormenta.***
- XLI *De los pronósticos del buen y el mal tiempo.***
- XLII *Del flujo y el reflujo.***
- XLIII *Del conocimiento de los lugares, o de la maniobra.***
- XLIIII *De las armas y máquinas navales.***

XLV De los engaños que se practican en el mar. De lo que sucede en las batallas navales en mar abierto. Enumeración de las armas que son necesarias. De los postes herrados, de las hoces, y de las hachas de doble hoja.

XLVI ¿Qué hacer cuando se emprende una batalla naval en un combate abierto?

Prólogo

Es gracias al establecimiento de pueblos y ciudades que el hombre grosero y salvaje de los orígenes del mundo se distinguió de las bestias salvajes y de los animales en general. El bien común hizo nacer el nombre de república. Es por esto que las naciones más poderosas y los príncipes que reciben su título del mismo Dios, no han podido imaginar mayor gloria que fundar ciudades o dar su propio nombre a otras ya fundadas, a la vez que las engrandecen. Es en esto en lo que Vuestra Serenidad se lleva la palma. Otros príncipes han trabajado con pocas ciudades o incluso en una sola; vuestra Piedad, por sus continuos trabajos, ha llevado a un número inmenso a un punto tal de perfección que menos parecen erigidas por la mano de los hombres que por la voluntad del cielo.

Vuestra felicidad, vuestra moderación, la pureza de vuestras costumbres, vuestra ejemplar clemencia, vuestro amor por las cosas del espíritu, os colocan por encima de todos los emperadores. Contemplamos los bienes que nos vienen de vuestra virtud y vuestro reino; poseemos lo que era deseado en los siglos precedentes y lo que la posteridad querría ver durar para siempre. Nos felicitamos, con todo el universo, de haber recibido todo lo que los deseos humanos pueden pedir y todo lo que la bondad divina les puede conceder. Nada demuestra mejor la utilidad de las fortificaciones, y la sabiduría de las ideas de vuestra Majestad en las grandes obras que ha encargado, que el ejemplo de Roma misma, que en otros tiempos debió la salud de sus ciudadanos a la defensa del Capitolio: un solo fuerte salvó a esta ciudad, destinada al imperio de todo el mundo. El ataque y la defensa de las plazas son pues un tema muy importante, que entra necesariamente en la obra que he empezado por orden de vuestra Majestad. Voy a tratarlo metódicamente, según los diferentes autores que han escrito sobre el mismo; no me quejaré por hacer un trabajo que puede contribuir tanto a la utilidad pública.

I De la fortificación natural y artificial de las plazas.

Las plazas y castillos son fuertes bien por la naturaleza, bien por el arte, y mejor aún cuando lo son por la una y por el otro: por la naturaleza, cuando se asientan sobre lugar elevado o escarpado, rodeado de mar, de marismas o de ríos; por el arte cuando se los rodea de murallas y de fosos. Es mejor y más seguro aprovechar las ventajas naturales del lugar cuando se trata de construir una plaza, pues si se las olvida, todo se ha de basar en la industria y el trabajo. Sin embargo se encuentran antiguas plazas dispuestas en llanuras abiertas, que a pesar de ello se han convertido en inexpugnables a fuerza de trabajos y arte.

II De la necesidad de construir las murallas con ángulos y no en línea recta.

Nuestros antepasados ya vieron que no se debía hacer el cercado de una plaza en una línea continua, a causa de los arietes que abrían brechas con toda facilidad; pero por medio de torres erigidas en las murallas, muy cercanas entre sí, las murallas presentaban salientes y entrantes. Si los enemigos querían colocar escalas o acercar máquinas contra una muralla de esa construcción, se les veía de frente, de lado y casi que por detrás; así se encontraban como rodeados en medio de las baterías de la plaza, que les fulminaban.

III De cómo se debe usar en la muralla la tierra extraída del foso.

Esta es la manera de construir la muralla para dotarla de la máxima fuerza: Se construyen dos muros paralelos a veinte pies de distancia uno del otro; en este espacio, que será el espesor de la muralla, se tira la tierra que se extraiga del foso, y se compacta a fuerza de golpes. Los dos muros no se elevan a la misma altura: el que mira hacia el interior de la plaza debe ser mucho más bajo que el otro, a fin de poder construir una pendiente suave y cómoda para subir desde el pueblo a sus defensas.

Es difícil para un ariete derribar un muro que está sostenido por tierras; y si por azar derriban las piedras de la muralla, esta masa de tierras compactas aún resistirá sus golpes como si de una verdadera muralla se tratara.

IIII De rejas y puertas y de cómo protegerlas del fuego.

Se trata de cómo proteger las puertas del fuego que se les pueda lanzar. Para conseguirlo, se deben cubrir de pieles frescas o de planchas de hierro; pero estas soluciones no son tan buenas como la de nuestros antepasados, que consistía en añadir delante de la puerta un espacio, en la entrada del cual se coloca una reja colgada de sogas o cadenas de hierro: si los enemigos intentan entrar, la reja cae sobre ellos, los encierra y los libra a los asediados. Es necesario, sin embargo, construir la muralla sobre la puerta con matacanes, para poder lanzar agua sobre ella si el enemigo consigue prenderle fuego.

V De los fosos

Es necesario construir fosos delante de las plazas, muy anchos y profundos, para que los asediadores no puedan llenarlos fácilmente, y para que las aguas de los mismos, filtrándose en sus minas, les impidan continuarlas. La profundidad de los fosos y sus aguas son los mayores obstáculos para esos trabajos subterráneos.

VI De cómo protegerse de la flechas de los asediadores.

Es muy de temer que la gran cantidad de flechas que los asaltantes pueden lanzar haga abandonar las murallas y les facilite escalar hasta la plaza, así que la mayoría de la guarnición debe tener grandes escudos y armaduras completas; y para protegerlos aún mejor, se deben tender sobre las murallas lienzos de tela y mantas de crin. Esta doble protección flotante amortigua el impacto de las flechas, y difícilmente las deja pasar.

Se ha de añadir a todo esto la invención de las *metellas*, que son cajas de madera llenas de piedras; se colocan a lo largo de los parapetos con un arte tal que los asaltantes, al subir por las escalas, no pueden tocarlas sin producir una lluvia de piedras sobre sus cabezas.

VII De los medios por los que los asediados pueden evitar el hambre.

En su momento hablaremos de los diferentes métodos de ataque y defensa; pero antes es necesario saber que hay dos maneras, en general, de atacar una plaza: la primera, tomándola por la fuerza, por medio de asaltos; la segunda cuando, después de haber sitiado la plaza, se desvían las fuentes de agua de los sitiados, y se les corta la provisión de víveres, para conseguir su rendición por el hambre; y es la manera más fácil de desmoralizar a los sitiados, sin correr riesgo alguno. Para no correr este riesgo, es necesario a la más mínima sospecha de las intenciones de enemigo, transportar a la plaza todos los víveres que se puedan encontrar en el campo a fin de que los sitiados puedan tener más incluso de lo necesario, y que la escasez obligue a los enemigos a retirarse. Es adecuado salar no solamente los cerdos sino también todos los animales que no puedan mantenerse vivos en un espacio cerrado, para proporcionar carne a los sitiados. La volatería es necesaria para los enfermos y se alimenta con poco gasto en la plaza. Es imprescindible reunir todo el forraje posible y quemar todo lo que no se pueda llevar. Se deben hacer también grandes provisiones de vino, vinagre, de frutas y legumbres de todos los tipos, y no dejar nada que pueda ser de utilidad para el enemigo. Se debe tener gran cuidado de los jardines públicos y particulares, pues son muy útiles en esas circunstancias.

Pero de nada sirve reunir gran cantidad de alimentos si la distribución de los mismos no se hace desde el principio con sabiduría. Aquellos que han vivido en una economía de la abundancia nunca han estado expuestos al hambre. A menudo se ha hecho salir de una plaza sitiada a las mujeres, los niños y los ancianos por temor a que la escasez de víveres forzara a la guarnición a rendirse.

VIII Del aprovisionamiento de municiones para la defensa de las plazas.

Se debe hacer provisión de betún, azufre, pez líquida, y ese aceite al que llaman incendiario para quemar las máquinas del enemigo. Se debe guardar en los almacenes suficiente hierro y acero, junto con carbón, para fabricar armas, y madera preparada para fabricar astas de todo tipo y manera. Se deben recoger de las riveras todo tipo de piedras redondas, pues son más pesadas y se lanzan mejor. Estos cantos se amontonan en las torres y murallas, los más pequeños para ser lanzados a mano o con la honda o el fustibal (honda con asta), los medianos para ser lanzados con los onagros (catapultas); y se colocan los mayores y más redondos a lo largo de los parapetos, para aplastar a los asaltantes y destrozar sus máquinas. También se construyen grandes ruedas de madera verde, o bien se cortan grandes cilindros de los troncos de los árboles más gruesos, pulidos para que puedan rodar bien. Estas masas, dejadas caer por su propio peso sobre los escombros de las brechas de las murallas, derriban a los enemigos y producen temor por doquier. También es necesario tener en el almacén postes, maderos y clavos de todos los tamaños; pues la única manera de enfrentarse a las máquinas de los asaltantes es con otras máquinas, sobre todo cuando se trata de aumentar rápidamente la altura de murallas y parapetos para no ser dominados por las torres

móviles de los asediantes.

VIII De lo que se debe hacer cuando fallan las cuerdas de las máquinas.

Es necesario prestar una atención particular a dotarse de cuerdas de nervios (tendones): Los onagros, las balistas y las otras máquinas no sirven para nada si no son armadas con cuerdas de este tipo. Algunos aseguran sin embargo que las cuerdas de crin de caballo sirven igualmente; y está fuera de toda duda, sobre todo por la experiencia práctica que tuvieron los romanos en un caso de urgencia, que los cabellos de mujer no tienen menor fuerza. En el sitio del Capitolio, las máquinas estaban desarmadas a fuerza de usarlas, y carecían totalmente de cuerdas de nervios, las damas hicieron donación de sus cabellos a los maridos, que rearmaron las máquinas y rechazaron vigorosamente a los enemigos: loable sacrificio, que preservó la libertad de esas damas virtuosas y la de sus esposos. También es necesario hacer acopio de mantas de pelo y pieles crudas, para cubrir las balistas y las otras máquinas.

X De las maneras de impedir la falta de agua en la plaza.

Es una gran ventaja para una plaza estar surtida en el interior de su cercado de fuentes que no se agoten. Cuando no se dispone de ellas, es necesario excavar pozos profundos y extraer el agua con cubos. Pero si el asedio se da en una fortaleza erigida en terreno montañoso, o en terreno seco o rocoso como suele ocurrir, se deben buscar vías de agua más bajas, fuera del cerco de la plaza, y se las protege con las baterías de las murallas y de las torres para asegurar la comunicación. Y si la fuente está fuera del alcance de nuestras armas, pero a nivel inferior y del lado de la plaza, es necesario construir entre la plaza y la fuente un pequeño fuerte, que se suele llamar burgo, en el que se colocan balistas y arqueros para alejar a los enemigos y defender a las gentes enviadas para acarrear el agua. También se deben excavar grandes cisternas en todos los edificios públicos, y en gran parte de las casas particulares, para recoger las aguas de lluvia. Por lo demás, la sed raramente ha hecho caer una plaza, por poca agua que haya disponible, siempre que los asediados solo la usen para beber.

XI De cómo solucionar la falta de sal

Si se está asediado en una villa costera, y se agota la sal, se debe desviar el agua del mar por canales hasta estanques llanos, donde el calor del sol la reducirá a sal. Pero si el enemigo os impide recoger el agua, como puede llegar a pasar, se recogen las arenas que la tormenta haya acercado, y se lavan en agua dulce que la acción del sol convertirá también en sal.

XII De cómo rechazar un primer asalto.

Cuando se atacan plazas por la fuerza, el peligro es recíproco: sin embargo cuesta más sangre a los asediadores por los asaltos sangrientos que realizan, aunque los asediados sienten más el efecto del miedo. La violencia de los asaltantes amenazando con tomar la plaza, el aspecto aterrador de las tropas luchando bajo las murallas, el sonido de las trompetas, los gritos de los hombres,

aterrozan más cuanto menos acostumbrado se esté a ello. Entonces, si los asediados no están acostumbrados a los peligros, y se dejan sorprender por el primer asalto, se colocan las escalas y la villa puede darse por tomada. Pero si este primer asalto es soportado de forma rigurosa por gente aguerrida, el valor se crece también entre los asediados; el miedo desaparece y las dos partes acaban usando solamente la fuerza y el arte.

XIII De las máquinas para atacar las plazas.

Para tomar una plaza se puede usar: tortugas (testudos), carneros (arietes), guadañas, vineas (galerías cubiertas), manteletes, musculus (otro tipo de galerías) y torres. Voy a mostrar la forma de construir estas máquinas, junto con la manera de usarlas en el ataque y de resistirse a ellas en la defensa.

XIII Del carnero, la guadaña y la tortuga.

Se construye la tortuga con un armazón de tablones, y se la protege del fuego cubriéndola de cueros crudos, mantas de pelo o piezas de lana: la tortuga protege una viga armada en uno de sus extremos de un hierro ganchudo usado para arrancar las piedras de las murallas: entonces se llama guadaña a dicha viga, debido a la forma del hierro; o bien se la arma de una gran pieza de hierro, a la que se llama carnero, ya sea porque derriba las murallas por la dureza de su frente, o bien porque recula, a la manera de los carneros, para volver a golpear enseguida con más fuerza. La tortuga es llamada así también por su parecido al animal del mismo nombre. De la misma manera que la tortuga esconde la cabeza o la saca, esta máquina retira y vuelve a sacar la viga para golpear con más fuerza.

XV De las vineas, el mantelete y el caballero.

Antiguamente se llamaba Vineas a las galerías de aproximación, a las que los soldados dan hoy en día un nombre bárbaro (causias). Esta máquina se construye con una estructura de carpintería ligera, de siete pies de alto, ocho pies de ancho y dieciséis pies de largo, con un doble techo de tablas y planchas. Sus lados se cubren con un tejido de mimbres impenetrable a piedras y proyectiles; y por temor al fuego se cubre todo su exterior con cueros frescos o mantas de lana; se colocan varias de estas máquinas, unidas por el extremo, de forma que los asaltantes pueden avanzar a cubierto hasta el pie de las murallas, para minarlas. Los manteletes están hechos de carpintería ajustada y recubiertos de un tejido de mimbres, guarnecido de pieles frescas o piezas de lana. Se las colocan a placer, como carretas, por medio de tres pequeñas ruedas colocadas, una en el centro de la parte delantera, y las otras dos en los dos extremos traseros. Los asediadores acercan estos manteletes a las murallas; y desde esa protección desalojan a los defensores de las murallas a base de flechas, con las hondas y con proyectiles de todo tipo, para facilitar la escalada. El caballero es una plataforma que se va elevando por medio de maderas y tierra contra las murallas, para lanzar proyectiles hacia la plaza.

XVI Del musculus.

Llamamos *musculus* a unas pequeñas máquinas bajo las que los asaltantes rellenan el foso de la plaza con piedras, tierras y manojos que acercan hasta el mismo.; consolidan y aplanan el terreno para que las torres de asalto puedan acercarse a las murallas sin obstáculo alguno. Se les llama *musculus* por el nombre de un animal marino. Al igual que dicho pez sirve de guía a las ballenas, y les es de gran utilidad, a pesar de su diminuto tamaño, de la misma manera estas pequeñas máquinas destinadas al servicio de las grandes torres, caminan delante de ellas abriéndoles paso y franqueándoles el camino.

XVII De las torres de asalto.

Las torres son grandes construcciones de vigas y maderos, revestidas con cuidado de cueros crudos o mantas de lana para protegerlas del fuego del enemigo. Su anchura es proporcional a la altura, a veces tienen treinta pies en cuadrado, a veces cuarenta o cincuenta: pero su altura excede la de las murallas o las torres de piedra más altas. Están construidas con destreza sobre numerosas ruedas, que permiten mover estas masas prodigiosas. La plaza está en claro peligro cuando una de estas torres logra unirse a las murallas; sus pisos se comunican interiormente por escalas, y contiene en su interior diferentes máquinas para conquistar la villa. En el piso inferior hay un carnero (*ariete*) para abrir brecha en las murallas; el piso central tiene un puente hecho con dos armazones y rodeado de un parapeto. Este puente puede ser lanzado y colocado entre la torre y lo alto de la muralla y crea un pasillo por el que los soldados pueden penetrar en la plaza. La parte superior de la torre está ocupada por combatientes armados de lanzas, arcos y piedras para limpiar de defensores las murallas. Desde el momento en que llegamos a esta situación, la villa es tomada en poco tiempo. ¿Qué recurso les queda a los que se confían a la altura de sus murallas cuando de pronto ven una más alta sobre su cabeza...?

XVIII De cómo prender fuego a una torre de asalto.

Hay varias maneras de defenderse de estas temibles máquinas. Si los asediados tienen el coraje y la seguridad suficiente, pueden hacer una salida con tropas de élite; y después de rechazar al enemigo, pueden arrancar los cueros que cubren la torre y prenderle fuego: pero si la guarnición no osa arriesgarse a una salida, se pueden lanzar con grandes balistas unos proyectiles llamados *malleolus* u otros llamados *falaricas* que atraviesan los cueros y las coberturas, y llevan el fuego hasta las maderas. Los *malleolus* (*martillitos*) son una especie de flechas ardientes, que prenden fuego en todas las partes donde se clavan. La *falarica* es una especie de lanza armada con una gran punta, entre la cual y el asta se atan unas estopas empapadas de azufre, betún, resina y aceite incendiario. Este proyectil, lanzado por las balistas, atraviesa las coberturas de la torre, se clava en el cuerpo de la máquina y normalmente le prende fuego. Si se escoge un momento en que los asaltantes tengan la guardia baja, por medio de cuerdas se hace descender las murallas a unos cuantos hombres con linternas encendidas, y se les vuelve a subir después de que hayan prendido fuego a las máquinas.

XVIII De cómo aumentar la altura de las murallas.

Los asediados, para no ser dominados y atacados por una máquina más alta que sus defensas, remontan la parte de muralla por donde la torre intenta acercarse; y

eso se consigue con una construcción de piedra y cemento, de tierra o de ladrillo, o incluso de carpintería. Esas torres temibles dejan de serlo en cuanto se ven inferiores a las defensas que se les oponen. Pero los atacantes suelen emplear una treta para esto.

La máquina aparece de menor altura que las murallas de la plaza; y de hecho lo es, pero encierra en su interior una pequeña torreta invisible para los asediados, y que se hace subir por medio de cuerdas y poleas en el momento adecuado; de pronto se eleva por encima de las defensas de la plaza y los soldados que hay en ella penetran en la villa.

XX Del uso de minas para defenderse de las torres de asalto.

A veces se colocan largas vigas revestidas de acero en el camino de las torres de asalto para alejarlas de las murallas. En el sitio de Rodas los asediadores habían construido una torre de asalto, muy superior en altura a las murallas y torres de la villa, pero un ingeniero imaginó un sistema para inutilizarla. Durante la noche excavó una galería subterránea que pasaba por debajo de las murallas de la plaza, llegando hasta un lugar por donde la torre debía pasar al día siguiente, en su camino hacia las murallas. Los enemigo, sin sospechar ningún artificio, condujeron la torre hasta el lugar minado. La galería no pudo soportar el peso enorme de la torre, y se hundió de manera que no fue posible retirar la torre del lugar. Tuvieron que dejarla allá, lo que salvó la plaza.

XXI De las escalas, arpa, exostra y tollenon.

En cuanto la torre de asalto llegaba a las murallas, los honderos con piedras, los arqueros, los manubalistarios y ballesteros con flechas y en general todos los hombres con armas arrojadas, desalojaban a los asediados de los contrafuertes; y acto seguido se alzan las escalas: pero generalmente se está expuesto a la suerte de Capaneo, a quien se atribuye la invención de la escalada, y a quien los tebanos precipitaron tan violentamente que los poetas temieron que hubiese sido alcanzado por un rayo. Los asaltantes se sirven de otros medios para tomar la plaza, como por ejemplo el Arpa o puente colgante, la Exostra o pasarela extensible y el Tollenon o báscula. El Arpa es una especie de puente levadizo, llamado así por su parecido con el instrumento musical del mismo nombre: es un puente de estructura ligera, unido perpendicularmente a la torre, y es bajado por medio de cuerdas y poleas hasta alcanzar la muralla; e inmediatamente los soldados saliendo de la torre, y se lanzan sobre las murallas atravesando el pasadizo. La Exostra es el mismo puente que hemos descrito antes, y que se extiende desde la torre hasta la muralla. El Tollenon es una báscula hecha con dos grandes trozos de madera, la una bien plantada en tierra y la otra, mucho más larga, bien asentada al través en la punta de la primera, y en equilibrio de manera que cuando se baja uno de los extremos, el otro se eleva. En ese extremo se ata una caja de mimbre o madera con un puñado de soldados en su interior; y bajando el otro extremo, se les hace alcanzar la altura de las murallas.

XXII De las Balistas, Onagros, Escorprios, Ballestas, Fustibales, Hondas, etc. Para defender la plaza.

Los asediados oponen a las máquinas de asalto que acabamos de nombrar otras llamadas balistas, onagros, escorpios, ballestas, fustibales, hondas y flechas. La balista se monta con cuerdas de tendones; y dispara más lejos cuanto mayor es la longitud de sus brazos; siempre que haya sido construida según las proporciones dictadas por el arte, y servida por personal preparado que haya estudiado su alcance, puede atravesar todo lo que golpea. El onagro se usa para lanzar piedras; y según su tamaño y el grosor de las cuerdas de tendones, puede lanzar cuerpos más o menos pesados, con una violencia comparable al rayo. Estas dos máquinas son las más terribles de todas. Lo que hoy es llamado manubalista, era llamado antiguamente escorpio, porque esta máquina mata con dardos finos y delgados. Me parece superfluo describir el fustibal, la ballesta o la honda, armas suficientemente conocidas por el uso que se hace de ellas en la actualidad. Añado que en lo referente al onagro, las masas que lanza son de un peso suficiente para destrozar no solo a hombres y caballos sino también a las máquinas del enemigo.

XXIII De los colchones, nudos corredizos, lobos y columnas pesadas contra el ariete.

Hay varios medios de resistir el ataque de los arietes y hoces. Algunos bajan por medio de cuerdas unos colchones y mantas de lana, a lo largo de la muralla, por delante del lugar donde golpea el ariete, para amortiguar la violencia de los golpes. Otros enlazan la cabeza del ariete con nudos corredizos, tiran de ellos a fuerza de brazos desde lo alto de las murallas y consiguen volcar ariete y tortuga. Muchos cuelgan de cuerdas unos hierros dentados, a manera de pinzas, que se llama lobo, con el que agarran el ariete y lo levantan de manera que no pueda seguir su labor. Otras veces se tiran de lo alto de las murallas columnas y masas de piedras o mármol sobre los arietes para destrozarlos. Si a pesar de todo esto el ariete perfora la muralla, cosa que ocurre a menudo, la única solución posible es derruir las viviendas y construir otro muro interior, combatiendo a los enemigos sobre las murallas si intentan forzarlas.

XXIII De las minas, sean para derruir las murallas, sean para penetrar la plaza.

Hay otra manera, silenciosa y traicionera, de tomar las plazas: son las minas o conejeras, porque se parece a las galerías de los conejos. Se emplea un gran número de trabajadores para abrir la tierra, como hacen los mineros para sacar la plata y el oro de la tierra de los Besas³², pueblos industrioses en la excavación de minas de oro y plata, y se dirige hacia la villa una galería subterránea. Esta obra tiene dos usos posibles: o bien los asaltantes la hacen llegar hasta el interior de la plaza, se introducen de noche, sin que los asediados se aperciban, abran las puertas de la plaza a sus gentes y degüellen a los habitantes en el interior de sus casas; o bien cuando los mineros llegan a los cimientos de las murallas, los excavan a lo largo, por gran extensión, y los apuntalan con maderos secos, que rodean de sarmientos y diferentes materiales combustibles. Después de haber dispuesto las tropas para el asalto, se prende fuego al apuntalamiento y la muralla, hundiéndose de golpe, abre una larga brecha que permite el asalto.

XXV Último recurso de una plaza forzada.

³² Tribu Tracia.

Hay multitud de ejemplos de villas forzadas y tomadas por sorpresa, que han logrado hacer perecer a todos los enemigos que habían entrado en ellas. En realidad la villa no se puede considerar perdida si los asediados siguen siendo dueños de las murallas, las torres y los lugares altos de la plaza. Desde la altura, la guarnición puede rodear a los infiltrados y atacarlos por todos lados, en las calles y las plazas, mientras que desde las ventanas y los tejados de las casas, la burguesía de todo sexo y edad hace llover sobre ellos piedras y dardos. Para no correr este riesgo, normalmente se abren las puertas a los asediados para evitar la decisión de una defensa obstinada, producida por la desesperación.

XXVI De las precauciones a tomar para evitar que el enemigo tome furtivamente los muros.

A menudo los asaltantes usan del engaño, simulan retirarse y levantar el asedio; pero en cuanto la guarnición, creyéndose segura, abandona la guardia de las murallas, aprovechando la oscuridad de la noche vuelven sobre sus pasos y escalan los muros. Por esto es imprescindible hacer una guardia más estricta cuando el enemigo se retira que antes. Por la misma razón, las murallas y las torres deben estar dotadas de garitas donde los centinelas estén a cubierto del frío y la lluvia durante el invierno, y del ardor del sol durante el verano. En ocasiones se alojan en las torres perros feroces, de buena nariz, para olfatear de lejos a los enemigos que se aproximan; y se cuenta que las ocas tienen similar sagacidad para alertar con sus gritos los ataques nocturnos. Roma no hubiese subsistido al ataque de los galos, que ya entraban en el Capitolio, si Manlio, alertado por los gritos de las ocas, no hubiese salvado la ciudadela con su valor. Así, estos hombres que iban a ser sojuzgados, conservaron la libertad gracias a la vigilancia de un ave, o una suerte increíble.

XXVII De los engaños de los asaltantes.

No solo en los asedios sino que en todo lo que concierne a los asuntos de la guerra, es imprescindible estudiar y conocer a fondo las costumbres de los enemigos. Solo se encontrará la ocasión apropiada para tenderle trampas si se conocen los momentos en que relaja la guardia, que presta menos atención: si es a mediodía, por la tarde o por la noche cuando sus soldados comen o reposan. En cuanto son conocidas estas costumbres de los asediados por los asaltantes, se suspenden los ataques a esas horas para fomentar la negligencia; y cuando se han confiado lo suficiente, debido a la falta de ataques en esos momentos, se acercan las máquinas rápidamente, se levantan las escalas y se toma la plaza. Por esto es necesario disponer en las murallas montones de piedras y máquinas siempre preparadas, para que si se produce un ataque sorpresa, los soldados que acuden a la primera señal de alarma tengan siempre a mano proyectiles para usar contra los enemigos.

XXVIII De cómo los asaltantes pueden protegerse de los engaños de los asediados.

La negligencia expone a los asaltantes, al igual que a los asediados, al peligro de los ataques por sorpresa. Pues si la guarnición sabe aprovechar los momentos adecuados, puede hacer una salida, matar fácilmente a los que coja desprevenidos,

quemar los arietes, las máquinas y plataformas y destruir todas las obras de asedio. Pero los asaltantes deben excavar alrededor de la plaza, fuera del alcance de los proyectiles, un gran foso, rodeado con una empalizada de tierra y madera, flanqueada por pequeñas torres para impedir las salidas de los asediados. Esta obra se llama contravallado y suele encontrarse citado en las crónicas, en la descripción de los asedios, que tal o cual villa ha sido rodeada por una construcción similar.

XXVIII De las máquinas que sirven para la defensa de las plazas.

Las mismas máquinas sirven para el ataque y para la defensa de las plazas, con la diferencia de que las armas arrojadizas, ya sean dardos arrojadizos³³, picas, lanzas o jabalinas golpean más duramente cuando son lanzadas desde arriba. De la misma manera, las flechas disparadas por los arcos, y las piedras lanzadas con la mano, la honda o el fustibal, alcanzan mayor distancia cuanto mayor es la altura desde la que son lanzadas. En cuanto a las balistas y onagros, si son servidos por gentes hábiles, sobrepasan a todas las otras máquinas y no hay valor ni armadura que protejan de sus golpes: como el rayo, rompen y destruyen todo lo que alcanzan.

XXX De cómo saber la altura de las murallas.

Para que las escalas y máquinas cumplan con la función que se espera de ellas, es necesario construirlas con una altura superior a la de las murallas. Hay dos métodos para encontrar esa medida. El primero consiste en atar una cinta delgada y ligera a la punta de una flecha que se lanza contra la muralla; y cuando llega a la parte superior de la misma, se estima la altura de la muralla según la longitud conocida de la cinta: o si se prefiere, se puede medir esa altura gracias a la sombra de las murallas y torres, sin que los asediados se den cuenta. Se planta en tierra un poste de diez pies de altura, y se mide la longitud de la sombra que proyecte. Entonces se puede calcular la altura de las murallas por la proporción entre las longitudes de las dos sombras, al saber lo que mide la sombra del poste.

A mi parecer, he redactado por el bien público todo lo que los autores militares nos han legado desde la antigüedad y las novedades que la experiencia nos ha enseñado en los últimos tiempos sobre el ataque y la defensa de las plazas. Y repito una vez más que es imprescindible tomar las mayores precauciones para evitar la falta de víveres o de agua, pues es mal sin remedio. Se tienen que almacenar más provisiones de las necesarias para subsistir el máximo tiempo que el enemigo pueda tener la plaza asediada.

Aquí comienza el Libro V de la traducción francesa.

XXXI³⁴ De cómo los Romanos siempre tuvieron una flota presta.

³³ En el original latino "plumbatae": especie de dardos con plumas en la parte trasera y un gran peso de plomo en el centro; se arrojaban con la mano. Ver nota 7 (N. Del T.)

³⁴ Da aquí comienzo el Libro V, tanto en la traducción francesa como en la de Jaime de Viana, aunque el texto latino original lo engloba en el Libro IV. Como se cambiaba totalmente de tema (de poliorcética a guerra naval) y existía un primer párrafo a modo de prefacio, ambos traductores decidieron iniciar aquí la cuenta de un nuevo libro. Nosotros hemos preferido mantener la estructura y numeración del original latino. (N. de los Traductores)

Después de haber tratado, por orden de vuestra Majestad, de la guerra que se desarrolla en tierra, solo queda, a mi parecer, hablar de la marina ; y no hay mucho que decir sobre este aspecto de la milicia, pues estando la mar en paz desde hace tanto tiempo, solo tenemos pependencias con las naciones bárbaras en tierra.

El pueblo romano, desde el principio de su historia, siempre había tenido una flota equipada para la grandeza y el bien del estado; no por una necesidad bélica concreta, sino por la posibilidad de dicha necesidad, dicha flota siempre estaba presta a zarpar. Nadie osa insultar fácilmente a una potencia preparada para resistir y tomar cumplida venganza. Siempre se disponía de dos flotas preparadas en Misena y Rávena compuestas por una legión cada una. Estos puertos fueron designados por su cercanía a Roma y para velar por su seguridad, y a la vez para poder salir sin retrasos ni rodeos en dirección a cualquier parte del mundo. La flota de Misena estaba próxima a las Galias, las Españas, la Mauritania, Africa y Egipto, Cerdeña y Sicilia ; y la flota de Rávena tenía ruta directa hacia el Epiro, la Macedonia, la Propóntide, el Ponto, Oriente, las islas de Creta y de Chipre. Esta situación era muy ventajosa, pues en las expediciones, a menudo la velocidad es más importante que la fuerza o el valor.

XXXII *De los oficiales de las flotas navales.*

El prefecto de la flota de Misena estaba al mando de las galeras (*liburnae*) de los mares de la Campania, y el de la flota de Rávena de los mares Jonios. Diez tribunos, comandando otras tantas cohortes, obedecían a cada uno de estos oficiales. Cada galera tenía su capitán, que, a excepción de algunas partidas del servicio de marineros, estaba al cargo de controlar las funciones cotidianas de timoneles, remeros y soldados.

XXXIII *Del origen de las galeras (liburnae).*

A lo largo del tiempo, diversas provincias han sido muy poderosas en el mar, lo que les ha hecho imaginar diferentes tipos de navíos. Pero debido a la gran victoria que Augusto obtuvo en Actium, debido principalmente a sus galeras de Liburnia, hizo que se les diera preferencia sobre todas las demás; y los emperadores romanos han compuesto desde entonces sus flotas con navíos similares. En el presente, todos los navíos de guerra se construyen sobre el mismo modelo, y se llaman liburnas, por el nombre de Liburnia. Esta provincia formaba parte de la Dalmacia, y su capital era la ciudad de Jadere.

XXXIII *Del cuidado con que son contruidos los navíos de Liburnia.*

Si para construir una casa se debe escoger con gran cuidado la calidad de la arena y las piedras, con más razón deben ser escogidos con cuidado los materiales para la construcción de las galeras, pues es mucho mayor el riesgo de navegar un mal navío que el de habitar una casa mal contruida. Se construyen principalmente con ciprés, pino cultivado o salvaje, alerce y abeto ; y es preferible usar clavos de cobre para unir las piezas que clavos de hierro. Por grande que parezca el gasto, todo eso se gana sin embargo en duración del barco. Los clavos de hierro, expuestos al aire y a la humedad, son rápidamente destruidos por el óxido; en vez de los de cobre, que se mantienen enteros incluso en el agua.

XXXV De las reglas a seguir para cortar las maderas.

Los árboles para la construcción de las galeras, deben cortarse entre el quince y el veintitrés de la luna; la madera cortada en este intervalo de ocho días se conserva perfectamente ; si se corta en cualquier otro momento, se corre el riesgo de que sea comido por los gusanos y se pudra en el mismo año: esto dicen los conocimientos del arte, es confirmado por la práctica constante de todos los arquitectos y consagrado por la religión, verdad eterna, pues las fiestas siempre se celebran en estos días.

XXXVI Del mes en que se deben cortar las maderas.

Las maderas para construcción de barcos deben cortarse después del solsticio de verano, es decir en los meses de Julio y Agosto, y después del equinoccio de otoño, hasta el primero de Enero: en esos meses la savia no circula y la madera está más seca y dura; sin embargo no se debe trabajar la madera en cuanto se abate el árbol, ni usarlo en la construcción de barcos en cuanto es aserrado. Los árboles cortados deben reposar cierto tiempo en tierra, sin tocarlos; y los tablones que se sacan también necesitan reposo. Si no se secan completamente, la savia que no ha salido les hace germinar: así se producen las vías de agua tan peligrosas en el mar.

XXXVII Del tamaño de las galeras.

En cuanto al tamaño de la construcción, las galeras más pequeñas tienen una sola fila de remos, las medianas dos, y las de tamaño apropiado tienen tres, cuatro y algunas veces hasta cinco filas de remos. Y no nos ha de parecer muy grande, pues se cuenta que en la batalla de Actium había navíos aún más grandes, de seis filas de remos, e incluso más. A estas grandes galeras se les unen unos barcos dotados de unos veinte remeros por borda: los bretones los llaman barcos pintados. Están destinados a tender emboscadas y para interceptar los barcos de carga y provisiones del enemigo, para observar sus movimientos y descubrir sus designios. Pero como que el color blanco les haría muy visible en el mar, se tiñen las velas y los cordajes de un color verde agua que imita el color del mar, todas las partes son pintadas de ese color: incluso los marineros y los soldados se visten de ese color, para ser menos visibles de noche y de día, mientras navegan a la descubierta.

XXXVIII Del nombre y número de los vientos.

Todo hombre que esté al mando de un ejército en el mar debe conocer el pronóstico de las tempestades ; pues muchos más navíos han sido hundidos por las tormentas y las olas que por los enemigos. Gracias al estudio de esta parte de la filosofía natural, aprenderá la naturaleza de los vientos y los fenómenos del cielo que producen las tempestades. El mar es un elemento muy difícil para los hombres prudentes y mortal para los que carecen de previsión. Por esto, la primera regla en el arte de la navegación es conocer el número y el nombre de los diferentes vientos. Antiguamente se creía que, según la posición de los puntos cardinales, solo existían cuatro vientos, que soplaban desde las cuatro partes del mundo : pero por la experiencia que hemos adquirido desde entonces, ahora sabemos que existen

doce. Para eliminar la más mínima duda, hemos dado a estos vientos, no solo los nombres latinos, sino también los que tienen en lengua griega; de forma que después de conocer los cuatro vientos principales, indicamos todos los que soplan a derecha e izquierda de las cuatro direcciones principales.

Empecemos por el solsticio de primavera u oriente, de donde viene el viento del este (*ααπηλιωτης*), que mira al sol levante. A su derecha tiene el viento del noreste (*καικιας*), a la izquierda el eurus (*ευρος*), o vulturno. A mediodía está el viento del sur, el auster (*νοτος*). Tiene a su derecha el notus blanco (*λευκονοτος*), a su izquierda el corus (*λιβονοτος*). A poniente sopla el zéfiro (*ζεφυρος*) o viento de poniente; tiene a su derecha el africanus (*λιψ*); a la izquierda el iapix (*ιαπυξ*) o favonius. A septentrión está el viento del norte (*απαρκτιας*), que tiene a su derecha el circius (*θρασκιας*), y a la izquierda el bóreas (*βορεας*), o aquilon.

Estos vientos soplan a menudo solos, a veces dos a la vez, incluso tres en las grandes tempestades. Por su violencia, los mares, que son de natural tranquilo, se vuelven furiosos, y sus soplos caprichosos cambian según las estaciones y las costas, la calma en tempestad o la tempestad en calma. Un viento favorable lleva a una flota al puerto deseado, mientras que el viento contrario la para, la obliga a recular y a afrontar los peligros del mar: pero no se ha visto naufragar a los que han conseguido un perfecto conocimiento de los vientos.

XXXVIII De los meses más seguros para la navegación.

El rigor y la inconstancia de las estaciones no permite navegar todo el año. Hay meses apropiados para la navegación; los hay dudosos y otros en los que la mar es absolutamente impracticable. Después de la aparición de las Pléyades, desde el 27 de mayo hasta la aparición de Arturo, es decir, hasta el 14 de septiembre, la navegación se considera segura, porque la dulzura del verano calma la furia de los vientos. Desde ese momento hasta el 11 de noviembre, empieza a ser peligrosa; pues la violenta constelación de Arturo aparece a partir del 13 de septiembre; el 24 del mismo mes llega el molesto tiempo del equinoccio; los lluviosos Cabritillos aparecen sobre el 7 de octubre y el Toro el 11 del mismo mes: pero es en noviembre cuando la desaparición de las Vergilias (Pléyades) empieza a producir frecuentes tempestades. Así, desde el 11 de noviembre hasta el 10 de marzo, los mares están cerrados. En ese tiempo los días son cortos y las noches largas: las nubes espesas, las nieblas, el complejo rigor de los vientos, de la lluvia y de la nieve, impiden el viaje no solo de las naves de la mar sino también de los viajeros por tierra. Sin embargo, después de la abertura de la navegación, que se celebra con solemnes juegos, a la vista del pueblo y de muchas naciones extranjeras, aún hay peligro en la navegación marítima hasta el 15 de mayo, a causa de muchos astros peligrosos y de la estación misma. No digo que la laboriosa industria de los mercaderes deba quedar parada, pero hay muchas otras consideraciones, para una armada naval, que no debe exponerse en el mar como si se tratase de particulares, a quien el deseo de beneficios hace afrontar el peligro.

XL De los signos para reconocer la proximidad de una tormenta.

La salida y la puesta de algunos astros producen violentas tormentas. Aunque algunos autores les han asignado fechas fijas, a menudo varían por causas diversas; aunque hemos de confesar que el conocimiento perfecto del cielo está

vedado al espíritu humano. Por eso, el arte náutico ha establecido tres órdenes de observación que deben hacerse. Hay que notar que las tempestades llegan, o bien el día marcado, o la víspera o al día siguiente; de ahí la distinción que hacían los griegos entre las que precedían (*proceimasin*), las que llegaban el día marcado (*επιχειμασιν*), y las que venían después (*μεταχειμασιν*). Pero este detalle sería inútil sin las observaciones circunstanciales, no sólo de los meses sino incluso de los días, que tantos autores nos han dado. Los cambios de planeta causan también mal tiempo, cuando entran o salen de ciertos signos. Las razones de los sabios, así como la experiencia del vulgo nos informan también que los días interlunares son extremadamente tempestuosos.

XL I De los pronósticos del buen y el mal tiempo.

La luna es una especie de espejo donde se pueden ver reflejados muchos signos de tempestades o de buen tiempo. El color rojo anuncia vientos; el azulado la lluvia; y cuando se mezclan, anuncian grandes lluvias y furiosas tempestades. La luna brillante y serena promete a los navíos la serenidad que refleja su pálida faz, sobre todo si al cuarto día los cuernos del creciente no son romos, ni el disco está enrojecido u ofuscado por vapores. También deben tenerse en cuenta las salidas y puestas de sol. Si ilumina de forma pareja todo el horizonte, o si las nubes lo tapan por momentos; si es brillante o si la fuerza de los vientos hace que parezca un incendio; si se ve pálido y manchado por la amenaza de lluvia, todos estos son otros tantos pronósticos conocidos. El aire, el mismo mar, el tamaño y color de las nubes instruyen a los marineros atentos sobre lo que pueden esperar. Los pájaros y los peces también les ofrecen signos. El genio divino de Virgilio los ha reunido en sus *Geórgicas* y Varrón los ha descrito en sus libros sobre la navegación. Los pilotos hacen profesión de saber todas esas cosas, pero la costumbre y el uso participan más de sus conocimientos que la reflexión sobre sus observaciones.

XL II Del flujo y el reflujo.

El mar es la tercera parte del mundo. Aparte del soplo de los vientos que lo agitan, está animado por un movimiento y una respiración propias. A ciertas horas del día y de la noche, va y viene debido a una agitación llamada flujo y reflujo. En un caso, como un torrente se desborda hacia tierra, y en el otro retrae sus aguas hacia el lecho. Este movimiento recíproco ayuda o retarda a los navíos, según sea favorable o contrario; y por eso es importante tomar medidas cuando se quiere entrar en combate. La violencia de la marea no se puede vencer por la fuerza de los remos, pues hasta el mismo viento cede ante ella; y dado que varía según la diversidad de las costas y de las fases de la luna, es necesario, antes de enzarzarse en un combate naval, conocer las horas de la marea para las costas en las que se esté en ese momento.

XL III Del conocimiento de los lugares, o de la maniobra.

La habilidad del piloto consiste en conocer bien los mares que navega, para poder evitar los arrecifes, los bancos de arena, los bajíos y otro peligros. Cuanto más profunda es la mar, más seguro se está. Si se pide vigilancia al capitán y sabiduría al piloto, los remeros necesitan fuerza, porque las batallas navales ocurren en tiempo de calma, cuando no se dispone del soplo de los vientos para mover las grandes masas de las galeras. Necesitan de toda la fuerza de los remos para

golpear violentamente con los espolones contra los barcos enemigos, o para evitar que los enemigos choquen contra ellas. En estas maniobras, la victoria depende en gran parte del brazo de los remeros y de la destreza del timonel.

XLIII *De las armas y máquinas navales.*

En una batalla marítima se usan, además de todos los tipos de armas que usan en batalla los ejércitos en tierra, algunas de las máquinas e instrumentos que se usan para atacar o defender las plazas. Nada es tan cruel como una batalla naval, donde los hombres mueren por el fuego o por el agua. Por esto, la primera precaución debe ser dotar a los soldados de protección suficiente, armaduras completas o medias corazas, con cascos y grebas, más si tenemos en cuenta que no pueden quejarse por el peso de las armas dado que el combate se realiza en los navíos, sin moverse del lugar. También se les dan escudos más duros, para soportar los impactos de piedras, y más amplios por las guadañas y los "colmillos" y demás armas usadas en las batallas navales. Desde las dos bandas se lanzan piedras, flechas, dardos, *plumbatas*, por medio de hondas, fustibales, onagros, balistas y escorpiones: pero el abordaje es terrible. Los más atrevidos juntan sus galeras de las del enemigo, lanzan unos puentes por la borda para pasar; y entonces es cuando se inicia el combate cercano con espadas, cuerpo a cuerpo como se suele decir. En las galeras grandes se suelen levantar castillos y torres, a fin de poder, como desde lo alto de una muralla, hostigar al enemigo y llegar a matarlo. Por fin, las balistas lanzan a los navíos enemigos flechas rodeadas de estopa embebida de aceite incendiario, azufre y asfalto, las cuales incendian rápidamente las planchas de madera tratadas con cera, brea y resina. En estos combates algunos perecen por el hierro, otros aplastados por las piedras; otros son consumidos por las llamas, en medio de las olas; y entre todas las muertes diferentes, lo más cruel es que los cuerpos sin sepultura sirven de pasto a los peces.

XLV *De los engaños que se practican en el mar. De lo que sucede en las batallas navales en mar abierto. Enumeración de las armas que son necesarias. De los postes herrados, de las hoces, y de las hachas de doble hoja.*

Los engaños se dan de la misma manera en el mar que en tierra. Se tienden emboscadas en las zonas más favorables de las islas, para vencer fácilmente a un enemigo que no está en guardia. Si sus marineros están cansados por haber remado demasiado tiempo; si tienen el viento o la marea en contra; si están en una rada sin salida; en fin, siempre que la situación de combate se presente como la hemos deseado, hay que aceptar los dones de la fortuna, y entrar en combate con las ventajas que nos ha ofrecido. Pero si, al estar vigilantes, los enemigos no caen en las trampas que les hemos tendido, y nos fuerzan a entrar en combate, entonces debemos colocar nuestras galeras en orden de batalla, no en línea recta, como se colocan los ejércitos en tierra, sino en una línea curva en forma de creciente. Vuestro centro será cóncavo, y las alas se adelantarán, curvándose hacia el interior, de manera que si el enemigo quiere atravesar el centro, se encontrará rodeado por la misma disposición de vuestras alas. Por la misma razón, se deben colocar las mejores tropas en las alas, y las galeras más fuertes de la flota.

XLVI *¿Qué hacer cuando se emprende una batalla naval en un combate abierto?*

Hay que tratar de tener el viento favorable para vuestra flota y empujar la del enemigo contra la costa, porque los navíos que son empujados hacia tierra pierden el empuje necesario para la maniobra que piden las acciones navales. En estos combates se consiguen grandes ventajas del uso de tres tipos de armas, que son los postes herrados, las hoces y las hachas de dos filos. Los postes herrados por los dos extremos son largos y finos, y están colgados del mástil a manera de verga. Cuando los navíos llegan a abordarse por la derecha o la izquierda, se ponen en funcionamiento estas especies de arietes que derriban y matan a los marineros y a los soldados, y a menudo perforan las bordas de los navíos. Las hoces son hierros curvos y afilados unidos a una larga pértiga: sirven para cortar de un solo golpe todos los cordajes de las vergas y las velas, para inutilizar el barco enemigo. Las hachas de doble filo es un hacha doble, hecha a partir de un hierro grande y acerado, y que corta por los dos lados. La usan los marineros o los soldados más osados, que, en el calor del combate y usando pequeñas canoas, disimuladamente cortan con ellas el cordaje del timón de los navíos enemigos: lo que vuelve inevitable la toma del barco, ya que queda totalmente fuera de combate. ¿Qué defensa puede tener una vez perdido el timón?. Creo necesario no comentar nada sobre los barcos de crucero, que se usan para las guardias diurnas y nocturnas en el Danubio: dado el gran uso que se hace de ellos en la actualidad, ha llevado estos navíos a un punto de perfección tal que no se encontraría nada parecido en los libros de nuestros ancestros.

GLOSARIO.-

Además de las descripciones que el propio Vegecio hace en su obra sobre las armas y elementos militares que menciona, hemos decidido insertar el siguiente glosario de términos militares; para su confección nos hemos basado en el publicado en <http://antalya.uab.es/pcano/aulatin/lilibrell/cultura.asp>

ACIES

Línea de soldados dispuestos para la batalla, y por tanto, ejército formado en batalla; a veces significa la batalla misma. Distingase de agmen, "ejército en marcha". Locuciones: acies triplex: disposición de las tropas en tres líneas, con intervalos entre las cohortes y éstas puestas al tresbolillo: - - - - prima acies - - - - secunda acies - - - - tertia acies aciem instruere, formar las tropas en orden de batalla; in aciem exire, salir al combate; aciem loco movere, hacer retroceder al ejército; acies integra, tropas frescas, que todavía no han entrado en combate; in aversam aciem incurrere, coger de revés al ejército enemigo.

AGGER

Terraplén que rodeaba el campamento; se formaba con la tierra excavada para hacer la fossa y se coronaba con una empalizada (vallum); ésta era la fortificación usual del campamento romano. En los sitios se levantaba un agger con materiales de toda especie, de la misma altura que las murallas de la plaza sitiada, para facilitar el asalto de ésta.

AGMEN

Ejército en marcha, columna. Cuando la marcha se hacía por un país amigo, en el que no era de temer ningún ataque, las legiones marchaban en una sola columna, cada una seguida de sus bagajes; entonces se decía de ellas que marchaban impeditae. Cuando se contaba con la posibilidad de un ataque, iban en cabeza de la columna las tres cuartas partes de la tropa, prestas a combatir (expeditae); seguían los bagajes (impedimenta). y el resto de las tropas cerrando la marcha. Locuciones: primum agmen , vanguardia de la columna; medium agmen, el centro o el grueso de la columna novissimum o extremum agmen (extrema agminis), la retaguardia de la columna; quadratum agmen, formación de marcha en cuadro, con los bagajes en el centro, orden que se adoptaba cuando se temía una emboscada; citatum agmen, marcha forzada ; composito agmine, conservando un buen orden de marcha.

ANTESIGNANI

Antesignanos: soldados escogidos que protegían las enseñas (signa) y combatían delante de ellas en primera fila; en cada legión los antesignani representaban los efectivos de una cohorte y a ellos se encargaba la ejecución de golpes de mano y empresas audaces.

ARIES

Ariete: larga viga de madera, en uno de cuyos extremos se encastaba un pesado bloque de hierro, generalmente en forma de cabeza de carnero; servía para abrir

brecha en un muro, golpeándolo con fuerza por medio de un sistema de cuerdas; solía ir protegido por una barraca de madera (vinea).

ARMA

El armamento del soldado romano constaba de: arma (armas defensivas y ofensivas) y tela (armas ofensivas, en especial las arrojadizas). Arma eran: casco (galea), coraza (lorica), escudo (sculea), espada (gladius). Arma expedire es aprestar las armas para el combate: se coge el escudo (que en la marcha se lleva colgado del hombro izquierdo) y se le saca de su funda; se ajusta el casco (que se lleva colgado del hombro derecho) y se comprueba si las armas ofensivas están en las condiciones debidas.

ARMATURA LEVIS

Armatura levis. Tropas armadas a la ligera, que luchaban fuera de las legiones y eran generalmente auxiliares reclutados entre los pueblos aliados y extranjeros; sus armas eran un casco ligero, escudo redondo, espada y varias jabalinas. Entre ellos se contaban los honderos, que sólo llevaban sus hondas, y los arqueros con sus arcos y saetas.

ARMIGER

Escudero: esclavo que llevaba las armas de los oficiales y jefes, y les servía de asistente.

ARX

Ciudadela: último reducto fortificado de la ciudad, generalmente en lugar elevado, preparado para una defensa desesperada caso de que el enemigo forzara el recinto de murallas exteriores; en ella solía haber el templo principal de la ciudad. La arx de Roma era el Capitolium (véase esta palabra).

AUXILIA ; auxiliares

Tropas auxiliares, reclutadas en las provincias o proporcionadas por los pueblos aliados; combatían agrupados en cohortes pero sin constituir legiones; a veces formaban cuerpos especiales que usaban las armas propias de su país, así los honderos baleares (funditores), los saeteros nómadas (sagittarii), los cetrati (armados con la cetra o escudo ligero) de la Celtiberia. La caballería solía estar formada en gran parte por tropas auxiliares.

BARBARI

Bárbaros: palabra griega con que se designaba a los pueblos extranjeros que hablaban en lengua ininteligible. Paulatinamente fue tomando un sentido despreciativo, significando pueblos no civilizados, rudos, toscos. Para los romanos, los bárbaros eran los pueblos que vivían fuera de las fronteras del Imperio, sin participar de la civilización grecolatina.

CAMPUS (MARTIUS)

Campo de Marte: explanada de Roma, situada entre el Tíber y las murallas, detrás del Capitolio, fuera del pomerium o recinto sagrado de la ciudad. En el Campo de Marte se hacían los ejercicios militares y se celebraban los comicios electorales. El Senado se reunía en alguno de sus templos cuando debía dar audiencia a un general con imperium o a parlamentarios enemigos, que no podían entrar en la ciudad. La frase in campum descendere significa acudir el pueblo a los comicios centuriados, para proceder a unas elecciones.

CAPITOLIUM

Capitolio: la ciudadela de Roma, último reducto fortificado de la ciudad. Era una colina con dos cumbres; una constituía la ciudadela propiamente dicha (arx), en la otra se alzaba el templo de Júpiter Capitolino (construido el 508 a. C.), el dios supremo de los romanos.

CASTRA

Campamento: el campamento romano tenía forma cuadrangular y estaba rodeado por un terraplén (agger), defendido por un foso (fossa) y coronado por una estacada (vallum). En el interior, las tiendas se disponían en cuadros, dejando entre sí calles que se cortaban en ángulo recto; en la intersección de las dos calles principales se encontraba el praetorium, con la tienda del general, el altar para los sacrificios y el espacio para arengar a los soldados. El campamento romano era una verdadera fortaleza móvil, muy difícil de tomar por asalto; amparado por sus defensas, el general quedaba en libertad de aceptar o no batalla, esperar circunstancias favorables, fatigar al enemigo, etc. El ejército en marcha construía un campamento al final de cada etapa. Locuciones: castra facere, ponere o locare , construir un camp., acampar; locum castris deligere o capere, elegir emplazamiento para el camp.; castra metari, trazar el plano de un camp.; castra munire, fortificar un camp.; castra movere, levantar el camp.; (castra) stativa , campo permanente; (castra) navalia , campo naval; hiberna , campamento de invierno.

CENTURIA

Centuria: agrupación de ciudadanos establecida por la constitución del rey Servio Tulio en vistas a las elecciones y distribución de impuestos. Era también una unidad militar, la menor de las subdivisiones de la legión (véase legio).

COHORS

Cohorte: décima parte de la legión; comprendía tres manípulos de dos centurias cada uno. Teóricamente tenía 600 hombres, pero su efectivo normal era de 300 a 360. Cohortes legionariae eran las cohortes de infantería legionaria, por oposición a las cohortes de tropas auxiliares o de caballería (llamadas cohortes alarias porque su puesto de combate estaba en las alas). Cohors praetoria era la guardia personal del general en jefe, formada por hijos de familias notables que hacían su aprendizaje militar.

CORONA

Recompensa concedida a los soldados que se habían distinguido por alguna hazaña. Había diversas clases de coronas: la corona muralis se concedía al primero que escalaba una muralla; la corona vallaris, al primero que forzaba la entrada de un campamento; la corona civica, al que salvaba la vida de un ciudadano a punto de perecer a manos de los enemigos, etc. La corona tenía una forma alusiva a la hazaña cumplida.

ESSEDARIUS

Combatiente en un essedum (véase esta palabra).

ESSEDUM

Carro de guerra usado por los britanos, de dos ruedas y tirado por dos caballos; iba montado por dos hombres, un cocher (auriga) y un combatiente armado con dardos.

EXPEDITUS

Expedito: adjetivo aplicado al soldado que ha dejado su equipaje y está en disposición de combatir; legiones expeditae son las que marchan sin sus bagajes. A

veces se aplica a las tropas armadas a la ligera.

FABRI

Artesanos: en el ejército se daba este nombre a las tropas de ingenieros y zapadores, que no formaban un cuerpo especial, sino que, llegado el caso, se reclutaban entre los soldados de las legiones más aptos para este cometido. En el estado mayor del general existía un jefe de ingenieros que recibía el nombre de praefectus fabrum.

FOEDERATI

Pueblo unido a Roma por un pacto o tratado recíproco (foedus); las civitates foederatae conservaban su autonomía administrativa, acuñaban moneda y estaban exentas del servicio militar en las legiones, aunque debían proporcionar un contingente de tropas auxiliares.

FOEDUS

Tratado: para sancionar un tratado los sacerdotes feciales sacrificaban un cerdo, degollándolo con un sílex consagrado. De aquí la expresión foedus percutere, icere o ferire (literal., "herir un tratado") .

FOSSA

Foso o zanja que en los campamentos y obras de fortificación se excavaba delante del agger o terraplén.

GLADIATOR

Gladiador; los gladiadores eran esclavos, generalmente prisioneros de guerra, que se entrenaban para luchar en los espectáculos del circo o en los funerales solemnes. Combatían por parejas y la lucha era a muerte, a menos que el público perdonara al vencido. Muchos romanos tenían tropas de gladiadores (familiae) organizadas militarmente y sometidas a un severo régimen de entrenamiento y disciplina, dirigido por un lanista (gladiador retirado), con el objeto de alquilarlos en los juegos o servirse de ellos como escolta; tropas de gladiadores intervinieron con frecuencia en los tumultos políticos del siglo I a. de C.

HASTA

Lanza, que podía servir como jabalina para arrojar o como pica. La extremidad superior (cuspis) era de hierro, el asta de madera y en el extremo inferior se fijaba una punta de hierro (spiculum) para poder clavarla en el suelo; en el centro podía llevar un anillo o asa (ansa, hasta ansata) o una correa (amentum, hasta amentata) para cogerla o blandirla mejor. Una hasta sin hierro se concedía a los soldados como recompensa militar (hasta pura). Cuando se vendía un botín de guerra se clavaba en el suelo una lanza, de donde las expresiones hastam ponere, literalmente, "clavar una lanza ", o sea, vender en subasta; sub hasta vendere, subastar".

HASTATI

Hastados: combatientes de primera línea; véase manipulus.

HIBERNA

Cuarteles de invierno : campamento permanente que se establecía para acantonar las tropas durante el invierno, estación impropia para las operaciones militares.

IMPEDIMENTA

Impedimenta: bagajes pesados de una tropa, llevados por acémilas y caballos: tiendas, máquinas de guerra, material de fortificación, armas de repuesto, etc.; cada

acémila iba conducida por un mulatero o calo; una legión tenía unas 520 bestias de carga. Debe distinguirse la impedimenta de las sarcinae, o bagajes individuales de los soldados.

IMPERATOR

Título que, después de una victoria de cierta importancia, los soldados conferían por aclamación a su general; este título podía conservarse aún después de haber cesado en el cargo. César lo adoptó como denominación permanente, uso que siguió Augusto, gracias a lo cual imperator vino a significar "emperador" en el sentido que nosotros damos a esta palabra. Aplicado a personajes no romanos, significa simplemente "general en jefe".

IMPERIUM

Poder militar supremo, reservado a ciertas magistraturas (dictadores, cónsules, pretores), en contraposición a la potestas, poder administrativo. Comprende el mando de tropas, con poder de vida o muerte sobre los soldados, facultad de hacer levás, nombrar oficiales, concluir tratados, imponer tributos, administrar justicia, acuñar moneda. El imperium no puede conservarse dentro del recinto sagrado (pomoerium) de la ciudad de Roma.

IUGUM

Yugo: especie de puerta formada por dos lanzas clavadas verticalmente en el suelo y unidas transversalmente por una tercera. El mayor oprobio para un ejército vencido era que sus hombres se vieran obligados a pasar bajo el yugo (sub iugum mittere).

LEGATUS

Legado: oficial superior de la legión, ayudante y lugarteniente del general en jefe. Pertenecían al orden senatorial y podían recibir mandos importantes por delegación de su jefe.

LEGIO

Legión: es la unidad táctica del ejército romano, adaptación de la falange macedónica. Constaba teóricamente de 6.000 hombres de infantería, aunque en la práctica su efectivo medio era de 3.500. Se dividía en 10 cohortes, la cohorte en 3 manípulos, el manípulo en 2 centurias. Hablando de pueblos extranjeros, significa simplemente "tropas", "unidad militar".

MANIPULUS

Manípulo: subdivisión de la legión cuya composición era la siguiente: la centuria= 100 pedites; el manipulus= 200 pedites; la cohors=600 pedites= 3 manipuli. Antes de reforma militar llevada a cabo por Mario (s. I. a.C.) el manípulo era la unidad táctica militar. En formación de batalla (acies) se disponían en tres líneas: la primera la formaban diez manípulos de hastati, la segunda diez de principes, la tercera diez de triarii; los hombres de las dos primeras líneas iban armados con el pilum, y los de la tercera con el hasta. Estas distinciones desaparecieron en la reforma introducida por Mario.

MISSIO

Licenciamiento: liberación del servicio militar; podía ser de tres clases: honesta, la que se obtenía después de cumplido el tiempo reglamentario de servicio (emeritis stipendiis) o como recompensa por algún mérito especial; causaria, provocada por una imposibilidad física, heridas o enfermedad; ignominiosa, la que seguía a una degradación o castigo militar.

MUNITIO

Fortificación o trabajos de fortificación; la normal de un campamento consistía en una trinchera (fossa) y un terraplén (agger) coronado por una empalizada (vallum).

NAVIS ACTUARIA

Nave ligera, con una sola fila de remeros.

NAVIS LONGA

Nave de guerra, larga y estrecha, construida para alcanzar grandes velocidades y provista de un espolón (rostrum) para atacar al abordaje las embarcaciones enemigas. Se movían a vela y a remo.

OBSES

Rehén: persona que un pueblo sometido o aliado entregaba a otro para responder de su fidelidad y del respeto a los tratados. Los obsides solían ser hijos o parientes próximos de las personas notables del pueblo.

ORDO

Orden: esta palabra se usa con dos sentidos principales: 1.º, el de "clase" social o política; así en Roma había tres ordines, el de los senadores (ordo senatorius, llamado ordo amplissimus), el de los caballeros (ordo equester, llamado ordo splendidissimus) y el de la plebe. 2.º: en el ejército ordo significa fila o formación; así ordines servare es guardar cada soldado su puesto en la formación. Se usa también (sobre todo en César) en el sentido de "cohorte".

PILUM

Lanza que se podía arrojar como una jabalina o emplear como arma de mano en el combate a corta distancia. Tenía una asta de madera de 1,30 m. con una punta de hierro de la misma longitud, encajada en aquella hasta su mitad. Los legionarios llevaban dos pila, uno pesado y otro más ligero (llamado también verutum) que se disparaba antes de echar mano del primero.

PRAEFECTUS

Prefecto: en principio se da este nombre a todo aquel a quien se confía un cargo civil o militar; así praefectus classis o navium es el almirante de la escuadra; praefectus fabrum, el jefe de las tropas de ingenieros; praefectus aerarii, el encargado del tesoro público, etc.

PRAETOR

Pretor: magistrado romano encargado de administrar justicia. Terminado el año de su magistratura, el pretor recibía el gobierno de una provincia con plenos poderes militares y civiles.

Hablando de pueblos extranjeros, praetor significa general.

PRAETORIUM

Pretorio: residencia del gobernador en una provincia. En el campamento, tienda del general, ante la cual daba sus órdenes y administraba justicia.

PRAETORIUS

Praetorius, ex pretor: personaje que ha ejercido el cargo de pretor. Domus praetoria se dice de la residencia del pretor y equivale a praetorium.

PRAETURA

Pretura: cargo y dignidad de pretor; véase praetor.

PRÍNCIPE / PRINCIPADO

Augusto inaugura un sistema personal de gobierno que pretende continuista con la república, pero supone de hecho una monarquía maquillada: para sí mismo toma el nombre de "príncipe" ("principal", "primer ministro") y el sistema se denomina "principado". El sistema, de hecho, consistía en poner los diferentes poderes, que tradicionalmente ocupaban diversas personas y por diversos sistemas de representación, en manos del príncipe, que representaba el poder civil, como tribuno, el legal y religioso, como pontífice máximo, y el coercitivo, al ser también imperator, general en jefe de todos los ejércitos.

PRINCIPES

Combatientes de 2ª línea en la organización antigua del ejército romano; véase manipulus.

PROVINCIA

Provincia: país conquistado por Roma y sometido a la administración romana. La reducción de un país a provincia era una medida de precaución contra las naciones vencidas; algunas de sus ciudades recibían privilegios especiales que las ponían en una situación jurídica más favorable. Bajo la república las provincias estaban gobernadas por ex cónsules y ex pretores (proconsules y propraetores) asistidos por cuestores. En el Imperio se dividieron en senatoriales, gobernadas por el sistema antiguo, e imperiales, dependiendo directamente del Emperador. En un sentido más general, se da el nombre de provincia al círculo de atribuciones de un magistrado, aun sin aludir a una circunscripción territorial.

SAGULUM

Capote de los soldados, largo hasta las rodillas, abierto por delante y abrochado sobre el hombro derecho, de modo que dejaba libre el brazo de este lado. El paludamentum de los generales era un sagulum más largo y adornado.

SARCINA

Bagaje individual del soldado, distinto de la impedimenta, bagajes pesados de la legión; durante la marcha cada soldado llevaba su sarcina.

SCUTUM

Escudo: arma defensiva. El escudo romano tenía forma cilíndrica u oval, aproximadamente de 1,20 m. de alto y 0,80 de ancho; estaba formado de planchas de madera recubiertas de cuero, con rebordes y bandas de metal. En su centro tenía un saliente (umbo) para hacer resbalar los proyectiles.

SIGNUM

Enseña militar: la enseña de la legión era un águila de oro, plata o bronce fijada al extremo de una lanza; las cohortes, manipulos y centurias tenían sus enseñas particulares, que consistían generalmente en un vexillum o estandarte. Signa se emplea, a veces, en el sentido de "filas" o "unidades"; así ab signis discedere, "salir de filas".

SOCIUS

Aliado del pueblo romano; pueblo sometido a Roma, cuyos derechos y deberes estaban regulados por un tratado; los socii estaban obligados a facilitar un contingente militar que combatía al lado de las legiones en calidad de tropas auxiliares.

STADIUM

Estadio: medida de longitud griega, equivalente a 184,84 metros; la milla romana (mille passus) tenía 8 estadios.

STATIVA (CASTRA)

Campamento permanente, destinado a albergar las tropas durante algún tiempo; sus fortificaciones estaban más reforzadas que las del campamento corriente.

STIPENDIUM

Estipendio: sueldo militar, que recibía el soldado durante su permanencia en filas. stipendia facere, merere, literalmente, "ganar el sueldo militar", significa "servir en filas", "hacer el servicio militar".

SUDES

Estacas, agudas y endurecidas al fuego, que podían servir como una especie de arma ofensiva grosera.

TABERNACULUM

Tienda de campaña, de cuero, formando como una pequeña cabaña capaz de albergar diez hombres; en invierno se recubría de pieles.

TESTUDO

Tortuga: 1.º Maniobra que consiste en hacer avanzar un destacamento de soldados que se cubren la cabeza con los escudos, formando techo; los de delante se cubren asimismo el pecho con sus propios escudos, de modo que el conjunto presenta el aspecto de un caparazón de tortuga 2.º Máquina de guerra usada en los sitios; era una galería blindada y sobre ruedas que permitía el acceso a las murallas enemigas.

TORQUIS

Collar pesado de metal precioso, signo distintivo de ciertas naciones bárbaras, especialmente los galos y otros pueblos de raza céltica. En Roma se usaba como recompensa militar.

TRIARII

Triarios, combatientes de la tercera línea en la organización antigua de la legión; véase manipulus.

TRIBUNICIA

Tribunicia potestas: Autoridad de los tribunos de la plebe; véase tribunus.

TRIBUNUS

Tribuno: 1.º Tribunus plebis: magistrados elegidos por la plebe para defender sus derechos contra los patricios. Son los jefes naturales del partido democrático, y entre sus atribuciones y privilegios figuran: sacrosanta potestas, o inviolabilidad; auxilium, derecho a defender a todos los ciudadanos romanos contra los abusos de cualquier magistrado; intercessio, derecho de veto a cualquier resolución del Senado; prehensio, derecho de arrestar o hacer comparecer ante el pueblo a cualquier ciudadano. 2.º Tribunus militum: tribuno militar, oficial superior de la legión, sin mando definido; formaban el estado mayor de los generales y podían recibir el mando delegado de una legión o de un cuerpo de tropas. En principio había seis tribunos por legión.

TRIUMPHUS

Triunfo: solemne procesión militar con la que los generales victoriosos hacían su

entrada en Roma al frente de sus tropas. Encabezando la procesión iba el Senado, seguían unas carrozas llevando el botín, los prisioneros, el general sobre una cuádriga, sus oficiales y las tropas. El cortejo, siguiendo un itinerario fijo, se dirigía al Capitolio para ofrecer un sacrificio a Júpiter.

UMBO

Saliente de metal en el centro del escudo; véase scutum.

VALLUM

Empalizada que defendía el campamento; se construía sobre el terraplén (agger) y detrás de la trinchera (fossa)

VECTIGAL

Tributo que las provincias y pueblos sometidos pagaban al Estado romano; la percepción de estos tributos se arrendaba a sociedades de recaudadores o publicanos.

VELITES

Vélites: tropas ligeras adscritas a las legiones, encargadas de misiones de exploración y hostigamiento que combatían fuera de la formación en cohortes y centurias.

VIGILES

Guardias o centinelas que prestaban su servicio durante la noche.

VIGILIA

Vigilia: turno de guardia durante la noche; había cuatro vigiliass, desde la puesta a la salida del sol y servían para contar el tiempo nocturno; la tertia vigilia empezaba a media noche.

VILEA

Barraca de madera, sobre ruedas, que permitía el acceso hasta los muros enemigos; ejercía una función parecida a la de las trincheras modernas.